

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro

**ASSASSINOS SERIAIS: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA SOBRE
O SUPEREGO ARCAICO E OS EFEITOS DA SIDERAÇÃO**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro

**ASSASSINOS SERIAIS: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA SOBRE
O SUPEREGO ARCAICO E OS EFEITOS DA SIDERAÇÃO**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a orientação do Profº. Doutor Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.

**SÃO PAULO
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro

**ASSASSINOS SERIAIS: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA SOBRE
O SUPEREGO ARCAICO E OS EFEITOS DA SIDERAÇÃO**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Banca Examinadora:

Profº. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo
(Orientador/Presidente)

Profª. Drª Eliane Michelini Marraccini

Profª. Drª Isabel Da Silva Kahn Marin

Profª. Drª. Maria Helena Pereira Franco

Profª. Drª. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

*Dedico esse estudo às vítimas dos assassinos
seriais, desejando, humildemente, que ele contribua
à compreensão das forças que motivam esses
inomináveis atos. Quiçá chegará o dia em que
dedicatórias dessa jaez não serão mais escritas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, pela oportunidade da vida.

Agradeço aos meus zelosos pais, **Luiz** e **Socorro**, pelo amor, apoio, afeto e ensinamentos de toda uma vida.

Agradeço ao meu irmão **Klay**, nos últimos tempos aprendi com ele que não há dificuldades na vida que não possamos superar com fé e esperança.

Agradeço à minha querida irmã **Kellen**, amiga e companheira de todas as horas, pelo amor de sempre e pelo auxílio jornalístico no resgate de material de pesquisa.

Agradeço ao meu amado **Marcelo**, pelo amor e companheirismo nos momentos da vida e dos estudos, revisões dos conteúdos, elaboração dos resumos em língua inglesa e principalmente, pela tranquilidade nos momentos mais difíceis dessa jornada.

Agradeço ao Professor **Luís Cláudio**, pelo acolhimento num dos momentos mais difíceis desta caminhada, pela orientação, dedicação, incentivo e paciência com que ouviu e leu palavras, frases, parágrafos e capítulos deste trabalho.

Agradeço ao *Herr Professor* **Zeferino**, sempre disposto a ajudar, sempre preocupado comigo. Com ele aprendi algo mais que conceitos psicanalíticos, aprendi que a maior e verdadeira conquista de um professor é a humildade com que expõe e divide seu saber.

Agradeço à querida amiga **Gina**, que teve papel importante na finalização deste trabalho, me apoiando sempre. Também aos **colegas do grupo de orientação**, que me ajudaram na evolução dos escritos, com críticas sempre construtivas.

Agradeço ao Professor **Miguel Chalub**, seu auxílio foi fundamental para a realização da entrevista com Marcelo.

Agradeço aos **diretores e demais membros das equipes das unidades prisionais** visitadas, que permitiram a realização das entrevistas e me receberam tão bem.

Agradeço às Professoras **Eliane, Isabel, Maria Helena e Marina**, pela disponibilidade para participação na banca examinadora.

Agradeço a todos os que foram ou são meus **pacientes**, que confiaram a mim suas histórias de vida, e principalmente, me levam, continuamente, a realizar indagações para as quais nem sempre tenho respostas.

Agradeço aos meus **alunos**, com cada um deles compreendi que sempre é necessário aprender ainda mais, todos os dias.

Então, talvez, aquela atitude hostil que nasce do medo e da desconfiança, que está latente com maior ou menor força dentro de cada ser humano e que intensifica milhares de vezes seus impulsos destrutivos dará lugar a sentimentos mais bondosos e confiantes para seus semelhantes. As pessoas então poderão habitar o mundo juntas, com mais paz e boa vontade do que hoje. (KLEIN, 1933, p. 295).

RESUMO

O presente estudo objetivou, de modo geral, investigar, sob um enfoque psicanalítico, os principais processos que caracterizam a constituição da subjetividade dos assassinos seriais, relacionando-os ao papel que neles têm o superego arcaico e os efeitos da sideração. Como primeiro objetivo específico, foram apresentados, a partir dos dados colhidos nas entrevistas, os elementos relacionados à posição esquizo-paranóide¹ e suas repercussões no agir dos assassinos em série, neste sentido, investigando o papel das fantasias destrutivas, das defesas, além das questões referentes às vítimas-objeto, passando pelo tema do ódio. O segundo objetivo específico foi estudar, a partir dos dados colhidos nas entrevistas, o superego arcaico e seus modos de atuação, naquilo que se relacionam ao sadismo, à tendência criminosa e implicações do superego arcaico no psiquismo dos assassinos em série, além da compulsão à repetição no agir compulsivo dos homicidas seriais. O último dos objetivos, foi o desenvolvimento de uma interrelação entre os dados colhidos na entrevista e o papel da sideração no psiquismo diante das demandas do superego arcaico. A relevância da pesquisa justifica-se, entre outras razões, pelo fato de ainda não existirem, no Brasil, investigações psicanalíticas sobre este tema, apesar do número crescente de homicídios seriais e da necessidade de aperfeiçoamento dos métodos clínicos de abordagem precoce a crianças e adolescentes que apresentam quadros de característica antissocial. Tais estudos foram balizados, especialmente, pelo arcabouço teórico kleiniano e pós-kleiniano. Observou-se que a configuração psíquica dos homicidas em série, embasada sob os moldes do superego arcaico, leva-os aos comportamentos destrutivos apresentados diante das vítimas, em especial, à capacidade de sideração. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas com assassinos seriais reclusos em unidades prisionais dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

PALAVRAS CHAVE: Assassinos seriais, Psicanálise, Sideração, Superego arcaico.

¹ Em respeito à originalidade do termo, decidimos não modificá-lo diante da nova ortografia.

ABSTRACT

The present study aimed, in general, to investigate, under a psychoanalytic approach, the main processes that characterize the constitution of subjectivity of serial killers, linking them to the role that they play the ancient super-ego and the effects of stunning. As the first specific objective, there were submitted, from data collected in interviews, the aspects of the schizo-paranoid position and their repercussions in the manner that act serial killers, in this way, investigating the role of destructive fantasies, of defenses, besides the questions about the object-victims, passing by the theme of hate. The second specific objective was to study, from data collected in interviews, the ancient super-ego and its modes of action in those points related to sadism, to the criminal tendency, and the implications of the ancient super-ego on the psyche of the serial killers, besides the compulsion to repetition in the compulsive act of serial killers. The last of the objectives was the development of an interrelation between the data collected in the interview and the role of stunning in the psyche on the ancient superego demands. Search relevancy is justified, among other reasons, by the fact that it does not exist yet, in Brazil, psychoanalytic readings on this theme, in despite of the growing number of serial homicides and the need for improvement of clinical methods of early approach to children and adolescents who exhibit cases antisocial features. Such studies were marked out especially by kleinian and post-kleinian theoretical structure. It was noted that the psychic configuration of the serial killers, based on the model of ancient super-ego, takes them to destructive behaviors displayed in front of the victims, in particular, the ability to stunning. The data were obtained through interviews with serial killers prisoners in penitentiary units of the States of Rio de Janeiro and São Paulo.

KEY WORDS: Ancient super-ego, Psychoanalysis, Serial killers, Stunning .

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	p.11
-----------------	------

1. O MÉTODO PSICANALÍTICO E A ENTREVISTA EM PSICANÁLISE: IMPLICAÇÕES DE UM LUGAR DIFERENTE	p.19
---	-------------

2.OS RELATOS DOS CASOS DE ASSASSINATOS EM SÉRIE: CONHECENDO NOSSOS ENTREVISTADOS.....	p. 24
--	--------------

2.1. O caso de Marcelo da Costa Andrade: <i>O Vampiro de Niterói</i>	p. 25
--	-------

2.2. O caso de Francisco da Costa Rocha: <i>Chico Picadinho</i>	p. 34
---	-------

3. A POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE E SUAS REPERCUSSÕES NO AGIR DOS ASSASSINOS EM SÉRIE: ENVEREDANDO NOS CAMINHOS KLEINIANOS E PÓS-KLEINIANOS.....	p.51
--	-------------

3.1. As defesas e o papel da identificação projetiva: Klein e os mecanismos esquizo-paranóides	p.52
---	------

3.1.1.Rosenfeld e a identificação projetiva nos estados psicóticos.....	p.60
---	------

3.1.2.Steiner e a identificação projetiva nas organizações patológicas de personalidade.....	p. 63
---	-------

3.2. Sobre o narcisismo destrutivo - da voracidade à sideração: Klein, a inveja e a voracidade.....	p.66
--	------

3.2.1.Kernberg e a síndrome do narcisismo maligno	p.71
---	------

3.2.2.Steiner e os refúgios psíquicos.....	p.72
--	------

3.2.3. Rosenfeld e Meltzer: narcisismo destrutivo, terror, tirania e sideração.....	p.75
--	------

3.3. As vítimas-objeto e algumas questões sobre a psicopatologia do ódio.....	p.82
---	------

4. O SUPEREGO ARCAICO E SEUS MODOS DE FUNCIONAMENTO.....p.87

4.1. O sadismo e suas relações com os modos de atuação do superego arcaico.....p. 90

4.1.1. Rosenfeld e algumas considerações sobre o superego arcaico.....p.118

4.2. A tendência criminosa: implicações do superego arcaico no psiquismo dos assassinos em série.....p. 122

4.3. O agir compulsivo dos assassinos seriais: algumas questões importantes sobre a compulsão à repetição, o *overkill* e a assinatura.....p.131

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ASSASSINOS SERIAIS E O PAPEL DA SIDERAÇÃO NO PSIQUISMO DIANTE DAS DEMANDAS DO SUPEREGO ARCAICO.....p.137

5.1. Pensando sobre o caso Marcelo: São Jorge entre a Medusa, o vampiro e o dragão.....p.140

5.2 Pensando sobre o caso Francisco: Chico e Francisco entre Raskólnikov, o lobo e o cordeiro.....p.149

5.3. Entre *Marcelos* e *Franciscos*: considerações finais e algumas indagações aos campos da clínica e da sociedade.....p.159

REFERÊNCIAS.....p.166

ANEXOS.....p.171

INTRODUÇÃO

Não se pode negar que é difícil saber se as tendências da criança irão dar num indivíduo normal, neurótico, psicótico, pervertido ou criminoso. Mas justamente porque não sabemos é preciso tentar descobrir. A psicanálise nos oferece o meio para fazer isso. (KLEIN, 1927b, p.213).

Os assassinos seriais, bastante conhecidos pela expressão da língua inglesa, *serial killers*¹ e as intrigantes tramas de sua constituição psíquica, é um tema de pesquisa que nos acompanha desde há muito tempo. Na adolescência, os casos reais, filmes e livros nos deixavam sempre a mesma indagação: como é possível alguém cometer atos de tamanha crueldade, sem apresentar sentimentos de remorso ou de culpa?

A coleta de dados, desde então iniciada, foi retomada, de modo acadêmico, depois, em uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, defendida em 2005, na Universidade Católica de Pernambuco. Agora, o propósito foi o de aprofundar a pesquisa em uma Tese de Doutorado, a partir das questões que ficaram abertas no estudo anterior.

Inúmeros foram os questionamentos que nos surgiram desde o início do trabalho clínico de base psicanalítica, ao entrar em contato com casos relacionados ao campo dos transtornos de personalidade antissociais (como se denomina na nomenclatura psiquiátrica) e perversões, além, das hoje denominadas, patologias-limite ou estados-limite.

A prática profissional, de quase quinze anos, me manteve por oito desses anos, no trabalho junto à pacientes psiquiátricos, alguns deles eram provenientes do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (H.C.T.P.). Tratavam-se, portanto, de pessoas que praticaram atos delituosos graves, na maioria dos casos, homicídios bastante agressivos em seu *modus operandi*².

Na Dissertação de Mestrado, o propósito foi investigar, a partir de um enfoque psicanalítico, as relações existentes entre o ato homicida repetido de modo serial e a distorção das manifestações afetivas daqueles que o praticam, a partir do modo como se organiza a personalidade dos assassinos seriais.

¹ Desde já esclarecemos que, em nossos estudos, este termo foi substituído pela tradução literal da língua portuguesa, a qual nos parece ser adequada e satisfatória. Utilizaremos, em vez de *serial killer(s)*, os termos: assassino (s) serial (is), assassino (s) em série, homicida (s) serial (is) ou homicida (s) em série.

² Por *modus operandi*, podemos compreender: “(...) técnicas que o criminoso emprega para cometer o crime (...)”. (DOUGLAS & OLSHAKER, 2002, p. 57).

Foram utilizadas ilustrações de alguns casos, especialmente do caso do “Maníaco do Parque” – o *motoboy*, Francisco de Assis Pereira. Os eventos criminosos ocorreram na cidade de São Paulo, no fim da década de 90. Tivemos acesso ao laudo pericial, contato com profissionais de diversas áreas envolvidos no processo e a duas publicações referentes ao caso, uma de cunho jornalístico e outra na área do Direito Penal, além de entrevistas jornalísticas realizadas com o mesmo.

Francisco de Assis Pereira foi capturado em 1998 e hoje cumpre pena no Presídio de Taubaté (SP). Foram comprovados os assassinatos de sete vítimas, todas mortas no Parque do Estado (SP), apesar de o número estimado ser maior que dez homicídios.

Com base neste material, foi possível conhecer alguns dados do histórico de vida de Francisco, desde as primeiras tendências agressivas, passando por dificuldades relacionais na escola, até as primeiras ações agressivas e passagem aos atos homicidas seriais. Este material foi submetido a uma leitura psicanalítica.

O trabalho da Dissertação foi precioso à construção de um arcabouço teórico e metapsicológico inicial sobre o tema. Até o momento, não havia publicações científicas no Brasil sobre o assunto, no campo da psicanálise, apesar do número crescente de casos a cada ano.

Com aquela pesquisa, entretanto, percebemos como ocorre com toda pesquisa no campo do humano, que ainda existiam muitas lacunas e muitas indagações surgiam. As observações sobre os casos de assassinatos em série e os mecanismos que parecem compor a intrincada rede de processos na organização psíquica dos homicidas seriais, indicaram a possibilidade de pensar que esse fenômeno estaria para além do próprio conceito de perversões.

Este ponto de vista surgiu com o comentário feito pelo Prof. Mário Eduardo Costa Pereira, no parecer da Banca Prévia, ao levantar a possibilidade da constituição, nestes casos, de um superego arcaico, movido pela tirania pulsional.

Assim, sentimos a necessidade de aprofundar essa perspectiva, especialmente levando em consideração a questão da possível atuação de um superego arcaico (KLEIN, 1926) e de seu papel numa constituição psíquica embasada nestes moldes.

A trama sintomatológica, nesses casos, parece transcender quaisquer outros quadros de patologias narcísicas e/ou ligadas ao campo da agressividade. O caráter excessivo dos métodos sádicos, comparado aos atos perversos, apresentados pelos assassinos seriais e ao seu *modus operandi*, nos leva, neste momento, a pensar que se trata de um processo psíquico com características específicas.

A posição subjetiva assumida pela psicanálise, como método de investigação e obtenção de conhecimento, tornar-se-á um ponto fundamental de apoio a esse estudo. O campo da clínica possibilita isto. A pretensão neste momento, visou, em primeiro plano, à escuta dos assassinos seriais, naquilo que poderiam dizer sobre suas vivências para, a partir deste ponto a metapsicologia poder se constituir. Foi a seguinte a conclusão de nossa Dissertação de Mestrado:

E assim chegamos ao fim de nossa pesquisa, que, no entanto, verdadeiramente não terminou, pois queremos que ela continue aberta a uma ulterior investigação, para dar continuidade ao presente trabalho, interrogando, desta feita, não o que a Psicanálise tem a dizer sobre os assassinos seriais, mas o que estes teriam a dizer à Psicanálise. (MONTEIRO, K. 2005, p.135).

Desde há algum tempo, a experiência clínica tem nos levado a esta necessidade de aprofundamento das questões relacionadas ao campo dos comportamentos homicidas – principalmente visando, quiçá, atuação precoce, nos casos de crianças que apresentam tendências antissociais. Ouvi de alguns pacientes, relatos dos mais impressionantes, sobre assassinatos praticados com absoluta distorção afetiva e de uma mãe, em específico, preocupações com os atos de destruição e agressividade praticados por seu filho, de apenas nove anos de idade.

Estudar a dimensão dos processos psíquicos propriamente ditos, de organizações de personalidade peculiares como estas, é tarefa árdua, mas também recompensadora, especialmente quando é exatamente pela intersecção dos campos do saber, que se formam novas visões.

Assim, surgiu ao fim da Dissertação, a indagação que seria reservada a um próximo estudo: esses indivíduos estariam submetidos, de uma forma profundamente alienada e inconsciente, a um superego implacável, sádico e autodestrutivo?

Seriam estas constituições psíquicas possivelmente fundadas diante de um objeto incapaz de dar suporte necessário, levando a posições de fixação de um superego arcaico e tirânico que produziria sintomas como a compulsão à repetição - em termos do ato aniquilatório - ilusões de onipotência narcísica, comportamentos movidos por um narcisismo destrutivo, distorção da afetividade, incapacidade representacional, passagem ao ato, dentre outros?

Por isso, nossa Tese é a de que: *os assassinos seriais são movidos por este superego primitivo, que, sádico, cruel e tirânico, imprime às suas fantasias o mais poderoso e danoso arsenal de armas de destruição contra os objetos, objetos agora reeditados em suas vítimas e por isso, de modo serial – aniquiladas.*

Em realidade, somente a partir do discurso dos assassinos seriais, estas questões poderiam ser elaboradas, no sentido de que, é na narrativa de suas experiências, e especialmente na suspensão dessas questões por nossa parte, enquanto pesquisadora, que seria possibilitada a abertura de um espaço no qual, uma escuta flutuante estivesse destinada à tentativa de compreensão deste fenômeno.

É no sentido da violência como comportamento tirânico e de subjugação, que entendemos os atos praticados pelos assassinos seriais, homens e mulheres que apresentam comportamentos homicidas que se repetem em termos de ação, a cada nova vítima. Engrenam, em série, a violência, constituída em atos de puro sadismo.

Vejamos o exemplo de José Cícero de Lima Ferreira, o *Serial killer de Itamaracá* – como foi denominado pela mídia - preso em março de 2006, em Recife (PE), após confessar a prática de “uns dez homicídios”³, referiu não ter certeza sobre o número exato. Do que se recordava, em realidade, era do prazer proporcionado pela prática da violência e controle sádico do outro. José Cícero descreve, com detalhes, as formas de coação que utilizou contra suas vítimas e de como elas imploraram, inutilmente, por suas vidas.

Casos como esses ou ainda mais aterrorizantes têm, com maior constância do que se imagina, sido apresentados à sociedade brasileira, destruindo a falsa suposição de que homicidas em série são personagens de filmes ou realidades únicas de países desenvolvidos como E.U.A. ou os europeus.

Dados obtidos nos meios midiáticos nos apontam que apenas no ano de 2004, um impressionante número de cinco assassinos seriais foram capturados no Brasil. Em 2005, destacamos os crimes ocorridos em Araguari (MG), com um número de cinco vítimas, mortas por Eurípedes Martins, 39 anos, após a prática de sevícias sexuais, dentre outros.

Em 2007, os dados permanecem presentes, apenas no mês de fevereiro, dois foram aprisionados: Antônio Carlos da Silva, 25 anos, preso no Ceará, após a morte de cinco pessoas, num período de oito meses e Lourival Donizete da Silva, 40 anos, acusado de matar três ex-mulheres.

³ Depoimento ao jornal Folha de Pernambuco em 15 de março de 2006.

Em 31 de março de 2008, foi presa uma dupla de homicidas seriais adolescentes no Rio Grande do Sul (RS), com doze vítimas. Há ainda, os fatos que envolvem o denominado *Monstro do Ceasa* (PA), assassino localizado em fevereiro último, que fez três vítimas. A polícia do Pará ganhou uma premiação do FBI, fato inédito no Brasil, pela investigação dos crimes em série.

No mês de agosto daquele ano, foi detido Leandro Basílio Rodrigues, o *Maníaco de Guarulhos*, com cinco vítimas confirmadas, tendo confessado a prática de dezenove crimes, os quais permanecem sob investigação.

Em outubro, mais dois indivíduos foram capturados: o *Maníaco da Cruz*, jovem de dezesesseis anos, que matou três pessoas - as asfixiou e pôs seus corpos em forma de cruxificação - “como forma de penitência a seus pecados”, afirmou. Um aspecto interessante deste caso, é que o jovem apresenta forte identificação com Francisco de Assis Pereira, o *Maníaco do Parque*. Ele relatou que Francisco era seu ídolo. Em seu quarto, disposta na parede, foi encontrada uma enorme foto daquele criminoso.

O outro assassino em série, trata-se de César Gilnei Dalavalle, que confessou ter assassinado quatro pessoas no estado do Paraná, todos com tiros na cabeça. Apesar de ter sido detido em setembro, após meses de investigação, César encontra-se foragido, após fuga da carceragem em 14 de outubro.

Em 2009, Sérgio Alexander Dias Casadio, 35 anos, foi preso no DF, após confessar a morte de três mulheres, ele as dopava, asfixiava, praticava sevícias, para então somente pôr fim às suas vidas. Ele disse: “Doutor, depois que a gente faz a primeira vez, a gente toma gosto. Aí não para mais. Foi esse termo que ele usou”, disse o delegado Erik Seba⁴.

O início do ano de 2010 foi marcado pela detenção em Minas Gerais, de Marcos Antunes Trigueiro, um pintor de 32 anos, casado, pai de cinco filhos, que assassinou três mulheres, as violentando e estrangulando. Outros dois casos estão sob investigação como possivelmente tendo sido por ele perpetrados.

O ano de 2011 foi marcado por alguns casos solucionados. Em junho, foi detido, em Goiás, o assassino do *Vale do Jaruá*, Adroaldo de Oliveira Souza, de 32 anos, estava foragido desde fuga em 2008. Adroaldo cometeu vários crimes de forma fria e sádica, segundo relatos dos policiais envolvidos no caso, com histórico de esquartejamento dos corpos das vítimas.

⁴ Disponível em: Jornal Correio Brasiliense *on line*:

<<http://www.emtemporeal.com.br/index.asp?area=2&dia=01&mes=04&ano=2009&idnoticia=73285>>. Acesso em 02.04.09

Em setembro, foi capturado Mauro José Ribeiro, 32 anos, que praticou uma chacina, matando três trabalhadores rurais na região de Itacaré (BA), os assassinou a golpes de facão, atacando-os no pescoço.

Neste mesmo mês, por conta de um mandato de prisão anterior, voltou à carceragem, após cumprir os trinta anos de sua pena de 128 anos, o conhecido assassino serial Pedro Rodrigues Filho, 57 anos, que recebeu a alcunha de *Pedrinho Matador*. Pedro cometeu mais de setenta e um assassinatos, podendo ser maior que cem, o real número de vítimas. Na cadeia, matava outros criminosos, como assassinos e estupradores, revela que mata por prazer e não possui remorso⁵. Seu primeiro crime foi contra seu próprio pai, tendo realizado prática canibalística e comido um pedaço de seu coração.

Além de todas essas descrições, há casos que correm em sigilo, para proteção do inquérito policial.

Esse estudo se faz relevante, diante dessas inegáveis estatísticas e da necessidade, pela via do conhecimento do funcionamento destas configurações subjetivas, se tornar um dia possível o aperfeiçoamento dos métodos clínicos de abordagem a estes quadros, uma vez que, normalmente, nota-se a presença de comportamentos distintos desde a infância.

A relevância social se estabelece, como mecanismo de desenvolvimento de conhecimentos que tornem possível uma melhor fundamentação dos procedimentos investigativo-policiais. Podendo levar as investigações a uma captura mais rápida de tais indivíduos antes da execução de novos homicídios.

Diante de tantos episódios homicidas seriais, percebemos a crucial importância da abertura de espaços de questionamento sobre esse fenômeno. Uma pesquisa dessa jaez, poderia possibilitar um processo de descortinamento desse nebuloso tema.

Na Psicanálise brasileira, encontramos apenas um breve artigo de Durval Filho (1998) sobre o caso do *Maníaco do Parque*, escrito à época da captura de Francisco de Assis Pereira; e o nosso, publicado em co-autoria com Zeferino Rocha, pela Revista Pulsional em março de 2007- produto das pesquisas realizadas no Mestrado.

Atualmente, em nosso país, encontramos menos de uma dezena de artigos científicos sobre os assassinos seriais, contudo, no campo da Psiquiatria ou da esfera Forense, o mais conhecido é o de Hilda Morana (2006), renomada psiquiatra forense, que realizou um estudo voltado aos transtornos de personalidade antissocial. Há, ainda, material com relatos de

⁵ Vídeo de entrevista coletiva à imprensa catarinense disponível em: < <http://oaprendizverde.com.br/?p=2880> >. Acesso em 16.09.11.

casos, porém, com uma abordagem leiga ou jornalística. Não há publicações de Dissertações ou Teses com tal temática em nossa área, nos vários bancos de dados que investigamos.

Os acontecimentos da atualidade mostram, a cada dia, a necessidade de investigação destas configurações psíquicas, uma vez que, nesses casos, pulsões de destruição sugerem ser plenamente satisfeitas, sem limites, sem empecilhos, apenas sendo praticadas, a partir de atos violentos. Atos estes que se expandem aos próprios laços sociais.

Há de se considerar um espaço investigativo junto a estes quadros, pois apenas dessa forma é possível avançar na direção da compreensão dos psiquismos constituídos nestes episódios, que, sobretudo, trazem danos a terceiros, vítimas inocentes de uma possível fúria pulsional.

Questões e sinais que parecem se encontrar para além do representável, emergem na clínica, situações que nos transportam ao campo da transgressão pulsional, do excedente e da violência em todas as suas formas de atingir o humano.

A propósito dos limites a serem enfrentados, há, sem dúvidas, várias dificuldades que permearam o trabalho de pesquisa, dois dos quais sugerem exigir maior atenção.

O primeiro é referente à completa ausência de estudos teórico-clínicos sobre o tema em nosso país, o que dificulta o processo de investigação, pois a literatura concernente, em sua grande maioria, provém dos E. U. A. e da Europa, especialmente da Inglaterra, estão relacionadas ao campo da denominada Psicologia Criminal. Mesmo assim, nos deparamos com a raridade de títulos de inspiração psicanalítica. Mesmo nestes, há uma tendência à compreensão do fenômeno sob a ótica das perversões.

O segundo, é de uma outra ordem, e concerne ao contato pessoal com os assassinos seriais, durante as entrevistas. Afinal, trabalhar um tema desta natureza exige do pesquisador uma certa dose de ousadia, vale dizer, lidar com o lado mais destrutivo do comportamento humano e com a capacidade de matar. Os casos encontram-se relatados no capítulo dois.

Esta Tese teve como objetivo geral, investigar, sob um enfoque psicanalítico (vide capítulo um), os principais processos que caracterizam a constituição da subjetividade dos assassinos seriais, relacionando-os ao papel que neles pode ter o superego arcaico e seus modos de funcionamento.

Como objetivos específicos, num primeiro momento, foram analisados, a partir dos dados colhidos nas entrevistas, os elementos relacionados à posição esquizo-paranóide e suas repercussões no agir dos assassinos em série, neste sentido, investigando o papel das defesas, em especial, da identificação projetiva, o narcisismo destrutivo, além das questões referentes às vítimas-objeto, passando pelo tema do ódio. Aspectos presentes no capítulo três.

Num segundo, foram estudados, a partir dos dados colhidos nas entrevistas, o superego arcaico e seus modos de atuação, naquilo que se relacionam ao sadismo, à tendência criminosa e implicações do superego arcaico no psiquismo dos assassinos em série, além da compulsão à repetição no agir compulsivo dos homicidas seriais. Temas trabalhados no capítulo quatro.

O último dos objetivos foi desenvolver uma interrelação entre análise dos dados colhidos na entrevista e o papel da sideração no psiquismo diante das demandas do superego arcaico, aspectos discutidos no capítulo cinco.

Esta pesquisa abre, ainda, novos horizontes para nosso estudo, uma vez que intencionamos pesquisar, futuramente, talvez num Pós-Doutorado, as cenas dos crimes, pois, nelas, muito dos aspectos relacionados aos processos psíquicos destes indivíduos podem ser analisados.

Este estudo futuro objetivará, igualmente, a sustentação do processo investigativo-criminal, propriamente dito. O estabelecimento dos perfis criminais é de indescritível auxílio ao processo de localização e captura dos homicidas, ainda em seus passos iniciais. Todavia, um estudo dessa natureza tornar-se-ia limitado diante da necessidade emergente, de uma melhor compreensão do fenômeno, o que pretendemos fazer a partir desta Tese de Doutorado.

No capítulo um, a seguir, tratamos da temática: *O método psicanalítico e a entrevista em psicanálise: implicações de um lugar diferente*. A intenção destes escritos é retratar de que lugar partimos como pesquisadores do campo psicanalítico. Tendo em vista que fizemos uso de estudos de caso a partir de uma outra configuração, ou construídos por uma outra via, uma vez que nossa coleta de dados surgiu a partir do uso de entrevistas junto aos assassinos seriais. Naquele capítulo, tentaremos abordar este lugar diferente que ocupamos, não apenas como demanda, tendo em vista que nós fomos em busca de nossos sujeitos de pesquisa, mas de como foi possível lidar com tais implicações.

CAPÍTULO 1

O MÉTODO PSICANALÍTICO E A ENTREVISTA EM PSICANÁLISE: IMPLICAÇÕES DE UM LUGAR DIFERENTE

Desde Freud, a psicanálise é sinônimo de três diferentes, porém complementares, campos do saber: um método de investigação, um modo de tratamento e um corpo teórico. Assim, interconectados, esses três espaços nos levam diretamente à única forma possível de fazer pesquisa em Psicanálise, o método clínico. Da clínica, emergem as interrogações que afetam o pesquisador (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006).

A pesquisa com o método psicanalítico possui suas especificidades. Antes de mais nada, há nela a necessidade do ir a campo. A investigação em Psicanálise não visa demonstrar resultados, ela é fruto de uma construção de percurso - percurso este em que os conceitos se aproximam do campo interpretativo e não de postulados. Desta forma, a Psicanálise não se põe como corpo conceitual para a compreensão de um fenômeno, mas instrumental-metodológico para a construção de um conhecimento.

Assim, a “empíria psicanalítica”, colocando este termo entre aspas, é a clínica, num exercício que se constrói a partir do que propõe o funcionamento psíquico. Seu campo é o da experiência transferencial, seja no microcosmo terapêutico, seja na ampliação do funcionamento psíquico no meio familiar, ou sócio-cultural, em suas implicações e repercussões, numa clínica, que Herrmann & Lowenkron (2004) propõe, poder ser definida como extensa.

A Psicanálise nos fala de objetos em constante transformação, por isso, os estudos de caso, em seus modelos literários, se colocam como uma construção metafórica, na medida em que o objeto possui uma densidade ontológica que, em momento algum, pode correr o risco de desvitalizar-se.

Nele, se dá a articulação das implicações da relação transferencial na construção da narrativa, bem como na escrita dos casos. A relação transferencial compreende uma dimensão de singularidade e uma atitude de desvelamento, na qual o clínico, enquanto investigador do psiquismo é, ao mesmo tempo, um sujeito implicado no processo.

Explorar mais a singularidade de cada caso é o ponto de partida para a construção da teoria clínica. Desse modo, a narrativa coloca-se como uma ferramenta da produção teórica da

psicanálise, melhor dizendo, da produção metapsicológica, pois ela objetiva, prioritariamente, a compreensão do caso.

Num processo de apreensão a dois, típico da situação clínica, a narrativa nos permite, quando nos inclinamos sobre a demanda do sujeito que apela pela nossa escuta, comportarmos-nos de modo semelhante ao “bloco mágico” descrito por Freud em 1925.

Com a analogia ao bloco mágico, queremos demonstrar que o clínico é marcado pelos afetos em jogo na dinâmica desta relação, todavia essas marcas ficam impressas numa outra instância, na qual elas não produzem efeitos permanentes.

Destarte, o clínico-pesquisador, deve desenvolver a capacidade de descolar-se, como a folha de cera, ficando disponível para ser marcado pelo outro, em seus sofrimentos, angústias, em sua existência. Entretanto, “reescrever” essas marcas, significa submetê-las a uma ressignificação interpretativa, tanto pela via da relação transferencial, quanto, posteriormente, pela via da supervisão e da escrita dos casos.

A escrita do caso clínico, não nos fala apenas de uma dimensão descritiva do pensamento, mas de um processo vivo, o próprio pensamento em construção. Essa é a postura do pesquisador em psicanálise. Neste sentido, tal qual observa Figueiredo (1996, p.85):

(...) a fala em psicanálise não tem essencialmente uma função realizadora, que interpretar em psicanálise não é essencialmente fazer ou refazer ligações e que o ver e o escutar em análise não são meramente acessórios da tarefa principal de dar, esperar ou procurar razões.

A pesquisa com utilização do método psicanalítico, espera a interpelação, não parte de teorias, mas as convoca apenas quando a afetação se dá, é preciso deixar surgir o ser da experiência. Apenas *a posteriori*, o pesquisador leva a teoria em consideração. A atenção flutuante parte deste princípio, o da apreensão de um sentido. Para que o trabalho de reflexão se dê, é preciso interiorizar a experiência.

Por este motivo, Figueiredo (1996), ressalta que as teorias psicanalíticas possuem um estatuto cognitivo distinto de outras teorias científicas, pois permitem ver e escutar, de certa forma, para além do princípio da razão. Para tanto, nos reporta aos escritos freudianos *Construções em análise* (1937), em que Freud faz alusão ao trabalho do analista ao do arqueólogo. Assim, sempre faltarão peças, pedaços, partes para integrar as narrativas, no entanto, novas construções surgem destes materiais.

Deste mesmo cais partem os conceitos em psicanálise, na medida em que eles precisam ser tomados por uma certa evanescência de seu estado teórico, para que possa ser assimilado à experiência daquele a que o método psicanalítico se propõe a estudar. É a riqueza heurística que imprime valor à pesquisa em psicanálise.

Assim, a entrevista em psicanálise pode ser compreendida como parte do método, uma vez que são assim denominadas os primeiros encontros entre paciente e terapeuta. Em seu uso como método de pesquisa, como enfoca Rea (2004), a transcrição das fitas dos relatos colhidos ou mesmo anotações sobre este momento, passam a ser documentos escritos, por ela denominado de *texto-fala* do entrevistado.

Numa relação que se trava entre entrevistado e pesquisador, o que se instala é a encarnação do pesquisador, como, ele mesmo, instrumento para a pesquisa. Nela se destaca a atenção flutuante, à maneira do analista - no momento em que se põe a escutar o entrevistado e, mais tarde, a ler o *texto-fala*, numa leitura, também flutuante. Destarte assumindo, como nos ensina Minerbo (2004), uma postura psicanalítica diante deste encontro e do texto por ele produzido no ambiente intersubjetivo entrevistado-pesquisador.

Aos entrevistados, cabe a associação livre. O jogo de significações presente neste contexto é fruto desta relação dual que se estabelece, dela surgindo novas significações do material colhido a partir do exercício da interpretação. Então, pode-se chamar de clínico este material, pois, antes de mais nada, ele guarda, em seu corpo, as referências necessárias à construção de uma narrativa, na qual a entrevista, em certo ponto, se transmuta em estudo de caso.

Figueiredo & Minerbo (2006), destacam que as pesquisas com o método psicanalítico podem ter como objetivo processos socioculturais e mesmo fenômenos psíquicos: “(...) contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito [embora também aí se constate uma dimensão clínica e se observem efeitos terapêuticos...]” (p.259).

Desta forma, o que os autores nos apresentam é a possibilidade do papel das entrevistas como instrumento de pesquisa em psicanálise. No momento em que as “histórias” dos entrevistados são ouvidas, mesmo que num contexto diferente daquele da psicanálise clínica, é possível desenvolver os processos de escuta e interpretação, movimentos típicos da pesquisa neste campo do saber. Além disto, marcadamente presentes, também se encontram os processos transferenciais e contratransferenciais, que devem ser levados em consideração, especialmente em suas formas de ação junto ao entrevistador:

De todo modo, em termos de pesquisa psicanalítica, convém que o investigador não pretenda mais do que sua investigação permite. Quando investiga na clínica, suas conclusões valem para a clínica. Quando investiga um fragmento da realidade, suas conclusões valem para o fragmento estudado. E isto já é o bastante para tornar a atividade de pesquisa em psicanálise perfeitamente respeitável. (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006).

Realizamos uma pesquisa com o método psicanalítico, a partir de entrevistas embasadas na livre associação, a assassinos em série reclusos em Unidades Prisionais dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. As entrevistas tiveram como base o livre discurso dos entrevistados. O propósito foi o de que eles comunicassem suas experiências de vida, representações e análises de seus atos, nos contextos em que foram realizados, levando-se em consideração os elementos essenciais do fazer psicanalítico, quais sejam, os processos transferenciais e contratransferenciais, além da escuta flutuante, livre associação e do método interpretativo.

Inicialmente solicitamos autorização das respectivas Coordenadorias Prisionais, para, em seguida, contatar estes indivíduos sobre suas disponibilidades em participar da pesquisa, sempre, preferencialmente, com intermediação do setor de Psicologia da Unidade Prisional em questão.

Após algumas análises e contatos, delimitamos o número de participantes da pesquisa, em dois casos, o de Marcelo da Costa Andrade e o de Francisco Costa Rocha⁶, pois, ao fim da coleta de dados, os dois casos nos pareceram, possuir bastante material para discussão e análise interpretativa. As entrevistas foram gravadas em áudio, depois de devidamente autorizadas pelas Instituições em questão e pelos participantes, a partir de assinatura de consentimento livre informado (vide anexo 3). Estas foram, ainda, transcritas integralmente (vide anexo 1- Entrevista com Marcelo e anexo 2 – Entrevista com Francisco).

A partir dos relatos da experiência de vida dos homicidas em série, desde a reconstituição de suas histórias de vida, até a execução dos atos homicidas e suas repercussões, realizamos uma interrelação entre os dados colhidos na entrevista e o papel da sideração no psiquismo diante das demandas do superego arcaico, aspectos presentes no último dos capítulos (vide capítulo cinco).

⁶ Não fizemos alterações nos nomes reais dos indivíduos da pesquisa, pois em orientação, após algumas discussões, percebemos que seria inviável usar codinomes, uma vez que suas histórias são muito conhecidas (inclusive já publicadas em livro e veiculados em documentários para TV) e não haveria possibilidade de utilizar meios de “encobrir” dados de suas histórias de vidas ou atos, pois todos seriam importantes para os relatos e compreensão dos casos ou de certa forma levariam às suas identidades reais.

Obviamente a primeira das implicações em questão se direcionou quanto à demanda, esta era do pesquisador e não dos entrevistados. Até que ponto seria possível manter nosso propósito anteriormente descrito, compatível com os elementos essenciais do fazer psicanalítico? Simplesmente a resposta surgiu quando nos deparamos com Marcelo e Francisco, ali, nos instantes dos encontros.

Assim, num primeiro momento, abordamos o que poderiam ser suas fantasias sobre nossa presença e em seguida os esclarecendo sobre ela, pois os aspectos formais da pesquisa também estavam em jogo, desta forma, a seguir, com o apoio do método da livre associação, as entrevistas transcorreram.

Ainda sobre a temática do método, nos próximos capítulos, pensamos que, para viabilizar esse objetivo de estudo sobre o corpo teórico que esperamos construir junto a esta temática, o referencial psicanalítico nos serviria como norte, em todas as suas possibilidades, como a perspectiva de Melanie Klein (1926) do papel do outro do superego arcaico na constituição psíquica e do uso de defesas primitivas e da articulação da posição esquizo-paranóide no contexto destes quadros que estudamos.

Autores pós-kleinianos também se fazem presentes, como Steiner (1997) e os conceitos sobre refúgios psíquicos, Rosenfeld (1971), com as idéias acerca do narcisismo destrutivo e explanações sobre o papel das identificações projetivas, Kernberg (1995), com suas apreciações sobre o narcisismo maligno, Meltzer (1979) e a questão dos estados sexuais da mente, Figueiredo (2004), com importantes esclarecimentos sobre os pensamentos kleinianos e pós-kleinianos.

Enfim, remeto o leitor ao próximo capítulo, composto essencialmente pelo relato dos casos, pois suas análises interpretativas serão realizadas apenas no último dos capítulos, como frisado anteriormente. No próximo capítulo, dividimos com o leitor alguns dos sentimentos vivenciados como entrevistadora diante de ambos, nossas sensações e percepções iniciais. Naqueles escritos que antevêm suas histórias de vida, relatamos um pouco de como a experiência transferencial e contratransferencial nos impactou, entendendo exatamente que as entrevistas funcionaram como um dos instrumentos para a construção dos casos que apresentamos a seguir.

CAPÍTULO 2

O RELATO DOS CASOS DE ASSASSINATOS EM SÉRIE: CONHECENDO NOSSOS ENTREVISTADOS

Neste capítulo tratamos do relato dos dois casos presentes neste estudo, o primeiro, de Marcelo da Costa Andrade e o segundo de Francisco Costa Rocha. O objetivo foi o de que o leitor se aproprie, a partir da narrativa colhida nas entrevistas, do histórico de vida dos entrevistados e suas experiências relacionadas aos crimes cometidos.

Tentamos construir estes relatos de modo a descrever a trajetória das passagens de suas vidas, tais como nos foi por eles relatadas, porém, obviamente não necessariamente na mesma ordem cronológica de suas narrativas, pois para isto utilizamos o método da livre associação. Mas buscando, na construção dos casos, uma certa ordem cronológica e acrescentado, por algumas vezes, dados colhidos nas documentações presentes nas Instituições em que se encontram, para complementar algumas lacunas, tentando, assim, torná-los os mais claros possíveis ao leitor. Para tanto, em determinadas passagens que consideramos mais significativas, expusemos algumas falas isoladas (respostas) dos entrevistados ou de pequenos recortes da própria entrevista⁷. As análises, propriamente ditas, de ambos os casos, encontram-se no último capítulo, momento em que os dados da entrevista foram retomados.

No início de cada um destes, acrescentamos como referimos ao finalizarmos o capítulo anterior, algumas considerações que achamos pertinentes sobre nosso lugar, que entendemos como uma posição diferenciada, enquanto entrevistadora. E de como estas implicações causaram impactos transferenciais ou contratransferências na dinâmica destes encontros com Marcelo e Francisco.

⁷ O conteúdo transcrito, na íntegra, encontra-se no anexo 1 (Entrevista Marcelo) e anexo 2 (Entrevista Francisco), respectivamente.

2.1 O caso de Marcelo da Costa Andrade: O Vampiro de Niterói

Foi uma longa jornada, de quase um ano, até conseguir⁸ a primeira entrevista com os indivíduos de nosso estudo. No caso de Marcelo, havia solicitado auxílio ao Profº. Miguel Chalub, renomado psiquiatra forense, pois ele era o médico responsável pela renovação dos laudos periciais de Marcelo. Estava em casa, à noite, quando recebi o telefonema do Profº., me informando que conseguira uma autorização de vinte e quatro horas para que eu finalmente entrevistasse o Marcelo da Costa Andrade, mais conhecido como o *Vampiro de Niterói*.

Precisaria embarcar para o Rio de Janeiro naquela manhã seguinte. Pois Marcelo havia sido temporariamente transferido do Manicômio de Niterói, onde é interno, para o Rio de Janeiro para renovação de seus laudos, ele passaria, portanto, apenas mais algumas horas naquela cidade, tempo suficiente somente para que eu o entrevistasse, devendo retornar em seguida para sua Instituição de origem.

Eu estava procurando aquela oportunidade há tanto tempo, mas quando ela me apareceu, ali, real, eu entrei num estado de confusão e surpresa, por algum tempo. Depois, passei a organizar as coisas práticas, passagens, bagagem, hospedagem, recados para os professores do doutorado, pois naquela época ainda estava no segundo semestre do curso, de que faltaria algumas aulas.

Durante aquela noite, senti como as noites podem ser longas e ao mesmo tempo curtas demais, não consegui dormir um só instante, pensando como seria aquele encontro, como eu conseguiria ficar “cara-a-cara” com um assassino confesso de treze crianças. Consequiria fazer as perguntas? Consequiria estabelecer a transferência necessária para a coleta dos dados para a minha pesquisa? E ele, aceitaria falar comigo? Sobre o quealaria?

Ainda bem que a noite foi longa o suficiente para eu perceber que a hora, que tanto aguardai, havia chegado e rápida demais para criar mais expectativas, além das que já povoavam minha mente.

⁸ A partir deste ponto fizemos uma opção que, apesar de estarmos conscientes do desacordo com relação às normas da ABNT, nos parecia estranho, transcrever sensações, percepções e sentimentos de ordem tão internas na terceira pessoa e neste capítulo utilizamos a primeira pessoa. Tendo em vista a concordância da Banca de Qualificação a respeito, mantivemos a postura e a repetimos no último capítulo.

Cheguei ao Rio numa linda manhã, segui diretamente para o Manicômio Judiciário Heitor Carrilho, o motorista do táxi, incansavelmente, me perguntava se eu tinha certeza que queria ir para lá. Enquanto não descobriu o motivo de minha ida até aquele local incomum em suas “corridas” cotidianas, suas perguntas não cessavam. Estava, de verdade, preocupado com o que eu faria num lugar como aquele. Eu também estava!

Ao desembarcar, mas uma vez ouvi: “a senhora tem certeza”? “Tenho sim, pode ficar tranquilo, está tudo bem”, retruquei. Mas estava tensa e preocupada. Não sabia o taxista que o local em si, o Manicômio, em nada me preocupava, já havia trabalhado tanto tempo com pacientes provenientes de locais como aquele, durante o tempo de atuação profissional em psiquiatria. Minhas indagações giravam em torno de meu encontro com um ser humano, que matara treze outros pequenos seres humanos e de forma tão brutal. Muito eu já havia estudado sobre o tema, mas nada se igualava aquela sensação de estar tão perto, de sentir, ouvir, ver, viver, entrevistar um assassino serial. Ainda não sabia se conseguiria, mesmo já tendo trabalhado tantas questões internas a respeito deste encontro.

Ao cruzar a porta de entrada, de imediato me foi solicitado desligar o celular e deixá-lo ali mesmo, assim como um documento de identificação. Eram normas de uma instituição de segurança. Fui prontamente bem recebida pela gerente administrativa, logo mais, conheci a enfermeira chefe e a psicóloga, o diretor não havia chegado, nem o Prof. Chalub. Precisaria aguardá-los para ter a autorização para entrevistar o paciente, bem como utilizar o equipamento de áudio.

Neste longo tempo, que durou até quase meio-dia, tive acesso ao prontuário de Marcelo, com todo seu processo e muitas informações de anamneses realizadas, utilizei estas informações, no relato deste caso, a seguir. Ali também havia laudos e uma infinidade de documentos jurídicos, preferi não ler e não me apropriar daquelas informações antes da entrevista, o fiz num momento posterior.

Naquela ocasião, intencionava ir o mais livre possível de informações para aquele encontro, que por si só, já fugia completamente das regras psicanalíticas, afinal, eu já conhecia o caso, mas nada como falar pessoalmente com Marcelo sobre todos aqueles momentos de sua vida.

Depois daquelas horas, chegou o Prof. Chalub e, em poucos minutos, já me chamava para irmos ao encontro de Marcelo, descemos algumas escadas e passamos por corredores e muitas portas, eu pensava, a hora chegou.

Entramos numa sala minúscula, com um velho armário de ferro e um pequeno *bureau* com um ventilador por trás da cadeira. Sentado numa das cadeiras, já estava Marcelo, me aguardando. Prof. Chalub nos apresentou: “Marcelo, como te disse, esta é Dr^a. Marcela, ela veio fazer umas perguntas para você. “Pronto Marcela fique a vontade, agora vou indo”, e assim, com estas palavras lá se foi o Prof. Chalub.

De repente, em segundos, depois de tanta ansiedade, estávamos ali apenas eu e Marcelo. Tentei demonstrar tranqüilidade, o que confesso, não precisei disfarçar por muito tempo, pois depois dos cinco primeiros minutos me sentia tranqüila e a sensação de apreensão nem mesmo parecia ter sido algo tão presente nas últimas horas⁹.

Início a entrevista tentando explorar quais suas fantasias com relação à minha presença, ele pergunta se sou perita, se sou psicóloga, pois esta é uma experiência à qual está acostumado, tendo em vista sua internação no Manicômio, há muitos anos. Não observo qualquer sinal de resistência, Marcelo apresenta-se muito à vontade com o procedimento, já está acostumado a relatar a história de sua vida e de seus crimes.

Seu tom de voz é manso e pausado, permanece na mesma posição durante todo o tempo da entrevista. Seu corpo parece feito de cera e também não apresenta sinais de afeto relacionado aos relatos daqueles fatos. Sua aparência é boa. Ele se mostra solícito ao meu contato e logo se estabelece a entrevista, tendo me autorizado a gravar em áudio.

Marcelo foi menino pobre, nascido no Rio de Janeiro, ali morou na favela da Rocinha, depois se mudando para Niterói. Passou toda a infância sendo desprezado pelos pais e demais parentes, literalmente “jogado” de uma casa para outra. Presenciou muitas brigas dos pais, a separação, os novos casamentos de ambos e a indisponibilidade destes em oferecer-lhe apoio, orientação, carinho.

Por muitas vezes fugiu e passou dias morando nas ruas, por outras, buscou apoio na casa do pai, por alguns outros anos viveu em um internato para meninos, chamado *Casa dos*

⁹ Hoje vejo como isto foi estranho e ao mesmo tempo reflexo da impressionante capacidade de Marcelo de fazer sua presença e seu discurso algo muito tranqüilo, em realidade, hipnótico. Movimento que a seguir, explanarei ao leitor suas relações com as questões da metapsicologia e do conceito de sideração.

Meninos. Depois, fugiu de lá e passou a morar nas ruas. Dos dez aos dezoito anos, essa foi sua realidade. Vivia na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro, conhecido reduto de permanência de crianças em situação de risco, prostituição e drogas.

Ali sofreu abusos sexuais. Nos documentos pesquisados, há referências, que na primeira vez em que isso ocorreu, foi vítima de um homem muito mais velho, este o estuprou, fato que o fez à época, pensar em suicídio. Depois passou a se prostituir para conseguir a sobrevivência, logo conheceu a realidade das ruas. Ao fugir da casa do pai e passar a morar nas ruas, Marcelo relata que, aos poucos, conforme cresce percebe que, tal qual seus “clientes”, também começava a se sentir atraído por meninos.

Interessante notar que a primeira vez que Marcelo procura um menino para relações sexuais, trata-se de um travesti que aparentava ser bem jovem. Naquele dia algo diferente se estabelecia, o que o atraiu foi o corpo de menino, com “pernas lisinhas”¹⁰.

Em seguida, já fala sobre sua excitação ao ver os meninos. Num discurso, por vezes despedaçado, fragmentado, fala das partes dos corpos dos meninos, o que o deixava excitado:

É porque tem muita gente que gosta de garoto novo, né? Bonito, né? Fazendo sexo, né? E tem as pernas bonitas, né? Lisinhas, né? Rosto bonito, as nádegas bonitas, né? Ai tem muita gente que gosta de sexo com garotos por causa disso. (Entrevista Marcelo, p. 172).

Com o dinheiro da prostituição, comprava alimentação e garantia a dormida nos motéis, mais tarde, surgiu um *hobbie*, viajar. Pegava ônibus e caronas, chegou a conhecer outros estados, como Minas e São Paulo. Seu desejo de conhecer outros lugares permanece vivo até hoje em seu discurso. Quando viajava parecia não ser o mesmo Marcelo assassino, conseguia controlar aquele desejo predatório.

Em determinado momento da entrevista, Marcelo, ao relatar o início de sua excitação dirigida aos garotos, cola seu discurso com a história de abandono sofrido. Lembremo-nos que Marcelo se sentia atraído apenas por meninos pré-púberes, idade em que ele mesmo se

¹⁰ Marcelo, durante a entrevista, fala muito sobre a beleza das pernas lisinhas dos meninos. Foi necessário um tempo para poder perceber que quando falava de pernas lisinhas, falava da condição de meninos pré-púberes. Todas as suas vítimas foram crianças pré-púberes, não se sentia excitado por adolescentes.

tornou, como suas vítimas: “menino de rua” e sofreu abusos. Quando pergunto o que ele achava bonito e o que chamava sua atenção nos meninos, responde:

É porque o rosto é bonito, né? Aí quando o meu pai se separou da minha mãe, né? Quando eu tinha cinco anos de idade, porque antes eles moravam na Rocinha, né? Aí meu pai me mandou para casa dos meus avós, lá no Ceará, né? Minha avó me levou para a casa dela, né? Lá no Ceará. (Entrevista Marcelo, p. 174).

Aos poucos, a prática da pedofilia, evoluiu para uma conduta, sobretudo, violenta, Marcelo só se excitava praticando o sexo a força. Este é um aspecto comum na dinâmica dos relatos de casos de assassinos em série, a prática dos atos, que se tornam, com o passar do tempo, mais cruéis e destrutivos. Notem este trecho da entrevista:

E¹¹- Você disse que já tinha 20 anos, como foi que você percebeu que gostava dos garotos novos?

M- Fazer sexo mesmo.

E- Como assim?

M- Alguns eu paguei, agora tem outros que eu não paguei não.

E- Como aconteceu?

M- Aí eu fiz sexo a força mesmo, aí eu convidava eles para acender velas num lugar deserto, né? Para São Jorge, né? Isso foi dentro de um ano, né? (Entrevista Marcelo, p.175).

Essa saga de crimes aconteceu, segundo ele, no período de um ano. Neste tempo, matou os treze garotos. Quando o indago sobre como foi para ele esta experiência, refere:

Mas eu não matei os garotos assim por ódio nem vingança não, entendeu? Foi mais para eles irem para o céu, entendeu? E também sentindo prazer sexual, né? (Entrevista Marcelo, p.175).

“Inocentes vão para o céu”, conclui Marcelo, e por isso, “os enviou”, mas depois refere não ter sentido pena ou remorso das vítimas, pois haveria escutado na missa o padre¹² falar que crianças, seriam seres inocentes, e assim sendo, ao morrerem, iriam para o céu, desta

¹¹ Legenda: E=Entrevistadora; M=Marcelo

¹² Nos documentos pesquisados, há referências a este episódio ter acontecido durante um culto evangélico, pois Marcelo seria praticante desta religião. Tendo sido, certa feita o Pastor daquela Igreja investigado a respeito da questão e esclarecido sobre sua pregação, explicitando que teria falado sobre a passagem da Bíblia que trata a respeito do tema: “Vinde a mim as crianças, pois delas é o reino dos céus”. No entanto, diante da narrativa de Marcelo, obviamente preferimos respeitá-la tal qual ela nos foi apresentada.

forma, Marcelo é categórico em afirmar, que por este motivo, não possui qualquer sentimento de arrependimento, diante de seus atos:

O padre falou que criança inocente quando morre vai para o céu, né? (Onde escutou isso?). Na missa. É... Aí não senti pena de matar eles não. (Entrevista Marcelo, p.175-176).

Com relação ao primeiro dos crimes, Marcelo descreve, que a excitação sexual se iniciou ao avistar o menino na rodoviária, o observou por um momento até o abordar, foi quando, pela primeira vez utilizou o que seria seu *modus operandi* definitivo com relação a abordagem e convencimento de todas as vítimas para que o acompanhassem. Assim, oferecia uma pequena quantia em dinheiro, com a desculpa de que iriam acender uma vela para São Jorge. Sobre a morte da criança afirma:

Foi com um garoto lá em Niterói. Eu vi ele ali na parada da rodoviária de Niterói, né? Ele tinha mais ou menos uns treze anos. Doze ou treze anos, né? Aí convidei ele para acender umas velas para São Jorge, né? Vi que ele era bonito, né? Aí lá num lugar deserto, eu agarrei ele a força, né? Aí tirei a bermuda dele, aí meti meu pênis bem duro dentro das nádegas dele, né? Até eu gozar lá dentro dele, meu esperma, né? Aí depois quando eu gozei, matei ele enforcado, com a camisa dele. (Entrevista Marcelo, p. 176).

Aos vinte anos, Marcelo começa sua história de crimes, estuprando os meninos que avistava na Cinelândia, os atraía com promessas de acender velas para São Jorge, depois passa a matá-los. Foram treze suas vítimas, meninos de cinco a treze anos, todos com um mesmo perfil. Eles viviam nas ruas, em situação de risco, sem acompanhamento dos pais, entregues à própria sorte, tal como um dia viveu o próprio Marcelo.

Em dezembro de 1991, os corpos começaram a ser localizados pela polícia, a investigação foi iniciada, pois os crimes possuíam relação entre si pelas características apresentadas, havendo muitas semelhanças. Padrões em relação às cenas dos crimes, e às situações em que se encontravam os corpos das vítimas. Estes eram claros, as crianças eram estupradas e mortas por estrangulamento, algumas tiveram as gargantas cortadas. No último dos casos, Marcelo fraturou o crânio da vítima batendo sua cabeça numa pedra.

Marcelo relata um misto de prazer sexual e de prazer em matar aquelas crianças. A justificativa de que iam para o céu servia como uma desculpa para os atos brutais que praticava contra cada uma das vítimas, mas aos poucos este prazer foi, de certa forma acrescido a um estranho desejo, ao de beber o sangue dos meninos. Para isto se municiou de um canivete e certo dia, após matar um dos garotos, deu vazão à sua fantasia, assim, como o fez com alguns outros. Segue um importante trecho da entrevista em que relata o fato:

E- Por que só de alguns você bebeu o sangue?

M- Por que não tinha passado na minha cabeça ainda. Ai o sangue caia dentro da vasilha, e eu bebia o sangue deles.

E- Até então você tinha bebido o sangue?

M- Não.

E- Como você fazia isso?

M- Eu cortava com um canivete. Ai aparava na vasilha e bebia o sangue.

E- Como você se sentia quando bebia o sangue?

M- Eu não tinha nojo não, porque era de garoto novo, né? Eu achava que ficava bem alimentado. Eu achava bom beber, ia ficar novo também (silêncio).

E- Por que você achava isso?

M- Por que eu ia ficar bem alimentado (silêncio). Eu matei treze, é por isso que tô preso aqui. Eu achava que sangue alimentava ... Eu tava endemoniado mesmo. Eu sentia prazer também, sexual, né? Também tinha prazer de matar ele, também, eu não me importava porque eles iam para o céu. Ai depois eu ia embora, deixava eles lá. Ai teve alguns que eu até bebi o sangue deles também (...). (Entrevista Marcelo, p.176).

Em sua narrativa é claro que seus atos eram movidos pela forte excitação sexual que sentia, pelo desejo da prática das fantasias sádico-orais e sádico-anais e um forte e incontrolável impulso homicida, que o tomava de tal forma que seria impossível para aqueles meninos se libertarem. Marcelo deixa isso muito claro em seu discurso, quando refere que eles não tinham escapatória, haja vista que ele era muito mais forte que os meninos e o que desejava era fazer sexo à força e matá-los.

Refere-se ainda ao fato de que seus atos eram realizados no mais absoluto segredo, e nos diz que sua mãe de nada sabia, tinha consciência que se alguém soubesse seria denunciado para a polícia, seria preso e passaria muito tempo sob esta condição.

Mantêm um discurso religioso de cunho evangélico, por vezes contraditório, mas quando indagado sobre a relação destes pensamentos sobre a salvação da alma, pecados e obediência às palavras de Deus, em relação aos crimes praticados, Marcelo expõe seu raciocínio da seguinte forma:

E- Você pensa nos garotos que você matou?

M- De vez em quando eu penso.

E- O que você pensa?

M- Que fiz sexo com eles, né? Ai ... ai... as delegacias, penitenciária do Rio tão lotadas de presos, de gente presa. Muitos matadores cruéis. Eles matam pessoas para roubar, qualquer coisinha quer matar os outros, né?

E- Quando você pensa nessas pessoas, pensa em você também?

M- Eu vi que errei também, que fiz essas coisas erradas. Por exemplo, a Bíblia Sagrada, a palavra de Deus, fala muito sobre os homens maus, né? Os homens maus, os arrogantes, os matadores, então eles são presos nas cadeias, né? A palavra de Deus fala sobre essas pessoas. Os incrédulos são aquelas pessoas que não acreditam na palavra de Deus, eles vão direto para o inferno. Aí do inferno as pessoas vão passar pelo julgamento, aí de lá vão ser lançados no lago de fogo e enxofre. Aí lá, eles vão ficar sofrendo atormentados para sempre. Aí não tem mais volta não. Aí aquelas pessoas que na terra obedeceram a palavra de Deus, ao Evangelho, ao Nosso Senhor Jesus Cristo, aí quando morre vai para o paraíso de Deus. O paraíso é um lugar de descanso, aí lá no paraíso, no grande dia do julgamento de Deus, né? No trono branco de Deus, né? Essas pessoas vão morar no novo céu, na nova terra. Lugar onde vão viver felizes para sempre, né?

E- E quando você pensa sobre você?

M- A Bíblia diz que se a pessoa se arrepender do que fez de errado, né? Não importa o que a pessoa fez, né? Se obedecer a Deus, aí morrendo consegue a salvação eterna.

E- Você se arrepende?

M- Se eu me tornasse um homem santo, né? Como Deus quer, de obedecer a palavra de Deus, né? Até o fim de coração, aí ainda tem a salvação eterna para mim. Essas coisas ruins ‘acontece’, o mundo é ‘os diabos’, os demônios ruins, as pessoas que não obedecem as palavras de Deus. As pessoas incrédulas, que não tem parte com Deus. Por exemplo os desastres, né? Os terremotos, maremotos, doenças, pessoas assassinadas.

E- O que tem elas?

M- É as pessoas que não tem parte com Deus. Aí, às vezes, os que matam também não tem parte com Deus também não.

E- Por quê?

M- Porque não obedece a palavra de Deus, para Deus dar livramento, né?

E- E as pessoas assassinadas?

M- As pessoas que foram assassinadas, se tivessem com Deus, vivendo como Deus quer, agradando a Deus, indo na Igreja Evangélica, lendo a Bíblia Sagrada, né? Sendo santo, aí Deus dá o livramento a essas pessoas, né? Para não ser assassinada por gente ruim, entendeu?

E- As pessoas foram assassinadas por que não estão com Deus?

M- É. Porque, são vítimas de pessoas ruins, porque não estão com Deus, né? Ai as pessoas que cometem assassinatos, às vezes é o diabo usando as pessoas, né?

E- E no seu caso?

M- O diabo usava minha mente.

E- De que jeito?

M- Fazendo eu gostar de fazer essas coisas erradas, né? (silêncio).
(Entrevista Marcelo, p. 177-178).

Com relação ao sentimento de medo, Marcelo relata que no ano em que matou as treze crianças tinha medo apenas de ser preso e não poder mais matar. A sensação para ele de matar aquelas crianças foi de tal forma se tornando excitante, segundo seu relato, que ele não mais conseguia parar. O sexo à força se tornava cada vez mais uma necessidade para ele, atrelado às fantasias homicidas e depois à prática do vampirismo. Narra que aos poucos passou a espancar os meninos e depois que os estuprava e os matava de forma cada vez mais violenta, cortava ou nas suas nádegas ou no pescoço (sendo nesta região na maioria das vezes), para numa vasilha que já levava em sua mochila, coletar o sangue que beberia.

Quando pergunto a ele do que mais se recorda, após um momento de silêncio, ele toca no tema dos *souvenirs*¹³, pois Marcelo, após alguns crimes, começou a levar as bermudas de suas vítimas, as utilizando com fins de práticas masturbatórias, rememorando as sevícias praticadas contra os meninos.

Neste ponto da entrevista, também nos relata sobre a prática da necrofilia que cometeu com o passar do tempo e o quanto isto o deixou excitado, quando após matar um dos garotos, voltou à cena do crime três dias depois e novamente reviveu a cena anterior.

Ao relatar o último dos homicídios, antes de sua prisão, Marcelo descreve que neste dia conseguiu que dois irmãos o acompanhassem, um de cinco anos e outro de doze. Matou o menor, batendo sua cabeça numa grande pedra na praia, refere não ter violentado a criança. Como já estava no horário do trabalho, ele era entregador de panfletos, estuprou o maior e pensou que poderia matá-lo à noite. Levou-o consigo, mas o menino fugiu¹⁴ e buscou ajuda da polícia. Quando o indago a respeito ele responde:

¹³ O *souvenir* ou troféu normalmente é uma prática apresentada pelos homicidas seriais, em que estes coletam peças de roupas, objetos ou mesmo partes dos corpos das vítimas os levando da cena do crime e os guardando consigo em locais que considera seguros. Utiliza-os normalmente com finalidades de gratificação sexual e como rememoração da prática criminosa, nos intervalos dos crimes.

¹⁴ Segundo nossas pesquisas, muitos dias de investigações foram necessários para que Marcelo fosse localizado pois de início o garoto não contou à mãe o ocorrido e depois foi preciso refazer todos os passos daquele dia em que os três estiveram juntos. Quando Marcelo foi localizado, nada negou sobre os crimes e seu comportamento era estranho, apresentava risos sem sentido, mas sua mãe corroborou que vinha apresentando comportamento alterado nos últimos meses.

Por que deu na cabeça de pegar ele de novo depois do trabalho. Eu pensava que ele ia me obedecer, de não fugir, né? Eu ia fazer mais e depois matar ele, de noite. Eu deixei para matar ele de noite, porque tinha que ir para o trabalho. Ai ele fugiu, né? Acabou que ele levou a polícia aonde eu tava, disse que eu tinha matado o irmão dele. Ai a polícia me prendeu. (Entrevista Marcelo, p. 181).

Sua agressividade ganhou contornos mais drásticos com o passar do tempo, torturava as crianças, as obrigava à prática de sevícias sexuais, as enforcava, matava, bebia seu sangue, voltava ao local do crime passados alguns dias e praticava a necrofilia, não sentia asco nem remorso, apenas uma excitação sexual de tal ordem que o fez repetir suas fantasias por treze vezes, até o dia em que foi capturado.

Daquele dia em diante Marcelo está sob os cuidados da Justiça; segundo ele, ainda responde processo e ainda está sendo julgado por alguns dos crimes. Ele diz que quando chega no fórum fica lá só ouvindo o juiz o condenar, é indiferente à situação. Cumpre pena sob medida de segurança no Manicômio Henrique Roxo, de Niterói. Chegou a fugir uma vez em 1997, mas logo foi recapturado.

2.2 O caso de Francisco da Costa Rocha: *Chico Picadinho*

Francisco da Costa Rocha recebeu a alcunha de Chico Picadinho quando matou pela segunda vez e se tornou conhecido em todo o país. Encontra-se sob medida de segurança, na Casa de Saúde de Taubaté, Estado de São Paulo, local em que realizei a entrevista. Hoje tem 69 anos.

Este encontro aconteceu após mais de um ano aguardando autorização da Secretaria de Segurança de São Paulo. Ele está sob custódia há mais de trinta anos. No momento, a Justiça entende, que apesar de ter cumprido pena máxima, apresenta grande periculosidade à sociedade. Assim, permanece no Manicômio Judiciário desde 2004 e não mais na Casa de Detenção. Atualmente, apenas uma medida na justiça civil, de interdição, o mantém recluso.

No dia da entrevista com Francisco, me encontrava calma, diferentemente do dia que antecedeu a entrevista com Marcelo. Talvez já estivesse mais preparada, ou quem sabe o caso de Francisco não me amedrontasse. Sabia que se tratava de uma situação bastante diferente da de Marcelo. De toda forma também muito tempo se passara, havia certa apreensão, obviamente, mas não a inquietação que se apossara de mim naquele primeiro encontro.

A chegada à Instituição foi tranqüila, sem muitas formalidades na entrada, como acontecera no Rio de Janeiro, logo a entrada foi autorizada e em seguida me encaminhei para sala da diretoria. O diretor já me aguardava em companhia da psicóloga. Como já havíamos feito alguns contatos telefônicos e a entrevista já estava agendada para aquele dia, em poucos minutos já me encontraria com Francisco.

Me dirigi para um local próximo dali, Francisco já me aguardava, sentado em uma das muitas cadeiras de uma grande mesa de reuniões. Fomos apresentados pela psicóloga, que depois se retirou, nos deixando a sós, em uma ampla e ensolarada sala.

Num primeiro momento, ele se mostrou um tanto irritado, bastante irônico e pouco receptivo, monossilábico mesmo. Aos poucos, revelou que havia ficado muito irritado com uma pessoa que o procurou para realização de uma entrevista e segundo relatou, não haveria pedido autorização para publicação desta em um livro. Ele chegou inclusive a fazer uma ameaça a essa pessoa em seu discurso: “Ela não perde por esperar” (sic).

Estas partes iniciais da entrevista ainda não haviam sido gravadas, pois ele pediu para pensar um pouco a respeito do fato, depois se tornou um tanto mais solícito quando percebeu a intenção científica de minha proposta. Autorizou o uso do gravador e paulatinamente se tornou mais acessível, ficando a vontade com o processo da entrevista.

O que passarei agora a relatar é produto da entrevista realizada com Francisco, alguns dados complementares de seu histórico de vida foram aqui acrescentados para construção deste histórico, tomando por base seu discurso, mas também os dados presentes nos documentos estudados em seu prontuário. Aos quais, preferi apenas ter acesso somente após o encontro. Esta foi uma escolha, como já referido anteriormente, no sentido de não haver uma "contaminação" destas informações com aquelas que nos depararíamos a partir do próprio discurso de Francisco.

Em algumas passagens da entrevista, Francisco chorou, parecia mesmo emocionado, mas, interessante, não conseguia me comover, pois em momentos outros, em relatos de

fatos muito mais marcantes era muito frio. Ele mesmo chegou a fazer esta observação, sobre este "estranhamento" quanto as suas próprias emoções - tema que pretendo aprofundar no capítulo cinco. Esta frieza, ou melhor explicitando, distorção da afetividade se expressa, quando relatava sobre seu comportamento quanto ao esquartejamento dos corpos de suas vítimas, por exemplo.

Durante a entrevista, muitos momentos de silêncio ocorreram. Nestes, Francisco me olhava firmemente e eu a ele, normalmente aconteceram estes momentos em situações que aprofundavam um pouco mais o tema, em muitas destas, não foi possível retornar ao assunto, pois Francisco não falava mais sobre ele. A sensação que tive foi que tentava impor uma espécie de jogo de presa e caçador, em que atirava uma isca e observava se eu correria em busca dela.

Nestes momentos, para mim ficava claro tratar-se de um movimento intencional de Francisco em não revelar tudo, sentia prazer em me ver tentar buscar as informações, pois parecia saber exatamente que tipo de informações eu buscava. Em outros, quando não compreendia onde eu queria chegar, ficava intrigado, perguntava o que deveria estar pensando sobre ele.

Em realidade, nestes instantes, não esperava mesmo que o discurso de Francisco revelasse mais, afinal este era apenas um primeiro contato e além do mais não estávamos numa situação terapêutica. No entanto, mesmo assim, sua narrativa, para mim foi reveladora, muito mais do que eu esperava enquanto pesquisadora, inclusive gerando novas indagações, esta é, sem dúvidas, a maior beleza e a maior riqueza do trabalho científico.

Em comparação com a entrevista anterior, a de Marcelo, a transcrição desta entrevista me cansou muito mais, apesar dos conteúdos terem sido bem diferentes daquela outra situação. Havia trechos que não compreendia, mesmo após escutar algumas vezes. Decidi que mais adiante voltaria para eles. Depois de tê-los repassado algumas vezes, de repente, quando voltava àquele ponto, subitamente entendia o que era dito. Talvez precisasse de um tempo para conseguir elaborar algo a respeito destes conteúdos, o necessário tempo de assimilá-los. Eram conteúdos de difícil processo de representação.

Francisco cometeu um assassinato, com esquartejamento do corpo, na década de sessenta, foi preso e após cumprir uma parte da pena, seu pedido de liberdade condicional foi acatado. Ele voltou a cometer novo crime, com o mesmo padrão do anterior, dois anos após

sair do presídio, novamente tendo sido preso. Em breve, retratarei com mais detalhes estes acontecimentos.

Dos crimes, em si, pouco falou em nosso encontro, tratou muito mais, por exemplo, da discussão referente ao fato de ser ou não ser um *serial killer*, fato que pretendo abordar na análise destes conteúdos, pois parecem guardar mesmo muita relação com seu caso. Ou mesmo da sensação de cisão entre as figuras de Francisco e Chico, quando fala sentir-se como no romance do médico e o monstro (*Dr Jekyll and Mr Hyde*), em que em determinado momento de sua vida, sentia-se transformar-se, em um outro:

(...) eu me transformava, negócios já era! (Ele dá uma gargalhada). Pasta já era, compromisso já era, eu agora vou me divertir, ia para farra, que tanto podia terminar naquela noite como podia terminar depois de dois ou três dias, isso aí, enquanto tivesse dinheiro para gastar, enquanto eu tivesse oportunidade, na hora que tivesse estourado fisicamente ou financeiramente, aí sim nesse momento, esquecia meus problemas, o álcool leva a pessoa, ah pelo menos naquele momento, a pessoa sai fora, faz aquela amizade, fica no ah, ah, ah, mas é tudo falso. Eu me sentia feliz só naquele momento, eu era infeliz. (Entrevista Francisco, p. 191).

Assim, voltemos ao relato do caso propriamente dito. Francisco herdou o nome de seu pai, mas apenas o primeiro nome, o sobrenome não carrega, assim como uma mágoa por não ter sido desejado. Segundo relata, este era um grande exportador de café, que possuía, em outro estado, família constituída, com esposa e seis filhos. Sobre seu pai, nos diz:

Lembranças de papai eu tenho poucas, até os quatro anos e meio era mais próximo, depois eu estive com ele uma vez... umas... três, quatro vezes, muito pouco. A vida dele desandou, ele não tinha mais posses, para custear, para bancar, enfim, ele sofreu um impacto, né? Então ele abandonou inclusive o Espírito Santo, foi para Rio de Janeiro, aonde tava a primeira família, mas também não ficou com a primeira família, ficou sozinho. Eu tive no apartamento dele uma vez e... se bem que ele dizia que era pobre mas tava morando em Ipanema, não era tão pobre assim! Eu morava com minha mãe, agora sim, com a minha mãe eu morava na pobreza, na porca miséria, ele já é falecida. Sabe como é uma porca miséria? (...) Tem alguma coisa que possa ser mais ... do que uma porca miséria (ele ri)? Do que uma porcária? Minha mãe buscou me dar uma educação brilhante, só que ela não tinha condições de bancar de uma forma sistemática, e até porque também eu já era uma criança endiabrada. (Entrevista Francisco, p.193).

Antes da gestação de Francisco, sua mãe, que mantinha um caso amoroso, e segundo o entrevistado, uma “queda por homens casados”, já havia ficado grávida outras duas vezes, seu amante a obrigou a realizar abortos, mas na terceira vez, ela resolveu que não se submeteria aos desejos deste.

Nasceu no dia 27 de abril de 1942, sua infância foi marcada pelo sentimento de abandono do pai, figura ausente e também pelo abandono de sua mãe, pois esta apresentou grave afecção pulmonar quando ele contava com apenas quatro anos de idade. Assim, Francisco foi levado para morar com um casal de empregados do pai, num sítio distante, permanecendo ali por aproximadamente dois anos. Sobre estas experiências ele expõe:

E então eu passei a um outro tipo de vida completamente oposto, minha mãe teve que ser internada em hospital especializado em Minas Gerais, aí eu já fiquei por conta de terceiros, não recebi um tratamento, faltou a parte afetiva, né? A pessoa pega uma criança para cuidar simplesmente para ganhar um trocado é bem diferente da pessoa que pega uma criança para cuidar, eu sofri... de afeto, de troca de calor humano, tal, a diferença é muito grande. Esse foi um dos primeiros choques, assim (silêncio). (Entrevista Francisco, p.186).

Sua mãe, segundo relata Francisco, nunca lhe prestou a devida atenção, pois sua preocupação estava voltada para os homens com os quais mantinha casos amorosos, um deles era seu pai. No momento do adoecimento de sua mãe, este sentimento de abandono se tornou mais forte, principalmente porque Francisco passou a morar com aquele casal de estranhos, que não tinham afetividade por ele. Passou a sentir-se sozinho e isolado afetivamente, desconhece o que é este lado do convívio humano e sobre o relacionamento humano nada conhece a não ser os abusos físicos. Diz que esta é uma época “sinistra” de sua vida.

Preferia, então, passar mais tempo nas matas junto a cobras, porcos, galinhas e gatos, que de outras crianças ou adultos. Nestas incursões nas matas, como refere, testava a "tese das sete vidas dos gatos" (sic), praticando atos sádicos. Há relatos também de ter sofrido de enurese e pavor noturnos, além de crises de asma, durante a fase entre os cinco e seis anos. Sobre esta fase, descreve-a como formadora de uma neurose, pela dificuldade dos relacionamentos e pela falta de afeto:

Dizer um monte de coisa, né? Sobre a vida, sobre relacionamento humano, sobre o ser humano, sobre mim mesmo... sobre aquele mito... neurótico, vamos dizer assim, né? Aquela oscilação. A neurose é mais ou menos isso, né? Aquelas guinadas entre uma coisa e outra, né? Ou não? (Entrevista Francisco, p.187).

Desde sua infância já demonstrava comportamentos de isolamento social e dificuldade de lidar com normas ou figuras de autoridade, fosse na escola ou no lar. Em seguida a esta época, começou seus estudos numa escola católica e ali teria presenciado um suposto caso de pedofilia, pois assim o relatou, de um padre contra um de seus colegas.

A partir deste dia passou a apresentar comportamentos ainda mais dispersivos, indisciplinados, intolerantes e pouco afetos às autoridades, reprovou no quarto ano. Foi convidado a se retirar da escola neste mesmo ano, depois largou os estudos. Desde então apresentava crescentes dificuldades de relacionamento e comportamento hiperativo. Preferia viver solitariamente, nesta fase infantil.

Na adolescência, se integrou a um grupo que se dedicava a realizar arruaças e furtos de carros para ir a festas como penstras, eles se autodenominavam de grupo *senta pua*. Neste grupo, sofreu abusos sexuais, sendo subjugado com pedradas e pauladas. Aos poucos, refere ter se acostumado a este tipo de “sexo violento”. Desde então, as experiências homossexuais se tornaram freqüentes, normalmente associadas a trocas, espécie de favores sexuais e sociais.

Aos 18 anos Francisco se alistou na Aeronáutica após tentativa frustrada de engajar-se na Marinha, pois quando contava com 16 anos, sua mãe não permitira a viagem para Santa Catarina, onde a Escola Naval seria cursada. Após um tempo na Aeronáutica, também pela dificuldade em lidar com figuras de autoridade, se desligou desta. Posteriormente ainda tentou entrar para a academia da Polícia Militar, mas não obteve êxito.

Em seguida, conseguiu emprego como representante de vendas em uma multinacional no ramo de produtos de higiene pessoal, logo depois se tornou corretor de imóveis, ganhava bem e tinha um horário de trabalho maleável, o que o permitia levar uma vida bastante boêmia em São Paulo, inclusive freqüentando tanto a denominada "boca do lixo", zona de prostituição, boemia e uso de drogas, como as altas rodas da sociedade.

Manteve alguns relacionamentos homossexuais. Estes parceiros eram pessoas influentes em setores culturais e sociais do meio boêmio. Frequentava bons restaurantes,

espetáculos teatrais e outras atrações da vida cultural da cidade. Achava estes “favores sexuais” interessantes pelos benefícios deles advindos, sobre isto relata:

Eu tô falando da vida noturna, o ambiente que eu freqüentava, a bebida, as companhias, a pessoa perde sua posição social, os lugares, eu freqüentava um círculo boêmio, eu não tinha um bom relacionamento, embora em termos de educação, de cultura eu não tivesse a altura deles, mas talvez por uma questão de sorte nos negócios eu saia para gastar, para comprar, não tinha sentido assim de ter filhos, escrever livros, entende? Convivíamos na noite, numa loucura. Você sabe um bancário pode ficar até x horas porque não vai trabalhar às oito horas da manhã, vai trabalhar de meio dia, uma hora da tarde, outro era advogado. Naquela época eu era corretor de imóveis, e eu tinha sorte, hein? Se eu tivesse assim um sonho, um objetivo e tal, eu certamente teria me tornado outro homem. (Entrevista Francisco, p.191-192).

Nesta fase de sua vida, dividia um apartamento com um colega que conheceu na aeronáutica. Pedro¹⁵ era médico cirurgião e utilizava o apartamento esporadicamente, para se encontrar com mulheres com as quais mantinha casos extraconjugais. Ambos não se ligavam às mulheres com as quais se relacionavam, especialmente se estas desejassem aprofundar a relação.

Em 1966, em agosto, Francisco conheceu sua primeira vítima, Madalena¹⁶, ela era uma bailarina, de naturalidade austríaca, frequentadora da noite boemia paulistana e de seu círculo de amizades.

Foram apresentados, conversaram um pouco, beberam e depois se dirigiram ao apartamento de Francisco. Francisco refere lembrar-se muito pouco dos fatos que ali aconteceram, apenas em espécies de *flashbacks*.

Os relatos a seguir, em sua maioria sobre os momentos do crime, foram retirados das informações em seu prontuário, pois em nossa entrevista Francisco pouco se aprofundou neste tema, sempre referindo não lembrar muito sobre ele.

De acordo com as análises periciais, muitas horas se passaram antes do crime ser cometido, fato curioso é que muitas pontas de cigarro foram localizadas no apartamento, com

¹⁵ Nome fictício, em respeito à identidade deste.

¹⁶ Apesar de se tratar de um caso público e muito conhecido, os nomes das vítimas foram trocados por nomes fictícios por respeito às suas memórias.

marcas de ambos. O que se passou o que conversaram ou faziam enquanto fumavam aqueles cigarros ali encontrados? Francisco diz não saber responder. Destes momentos, o primeiro que se dá conta é de ter Madalena em suas mãos, no momento exato em que a estrangulou e a jogou contra o chão, no qual ela já caiu desmaiada. Com o cinto, que não lembra como conseguiu, acabou de enforcá-la.

Após o fato, Francisco relata ter se sentido preso, como também um sentimento de atordoamento o invadiu, não sabia onde encontrar a chave do quarto, pois sempre que se encontrava com mulheres em seu apartamento, costumava esconder a chave, tinha medo de ser roubado por elas. Narra ter passado horas procurando-a sem sucesso, por fim arrobou a porta. Quando indagado sobre suas lembranças daquele dia, descreve com frieza:

Olha, eu nem sei exatamente (silêncio). Olha, nem sei exatamente, era uma companhia, nem sabia o que ela fazia, só vim saber depois. Era uma mulher com a qual eu fiquei no meu apartamento, só que ela era uma mulher conhecida do pessoal com o qual eu estava, fiquei por ali trocando umas idéias aquela coisa toda, de um quarto fomos para outro, depois para outro, beber, comer, aquela coisa toda e até que (...) Morreu de tal jeito que ficou aquela interrogação, morreu de que? Podia ser estrangulamento, podia ser esganadura, ninguém nunca chegou a uma conclusão sobre a causa da morte, ficou em tal estado, que nem a chave eu sabia onde estava, a chave do quarto. Era uma sala, quarto, banheiro, nem a chave do quarto eu sabia onde estava, eu abri a porta pela dobradiça, por ali que eu abri a porta, para sair de dentro do quarto, por aí a Sr^a vê como eu estava. (Entrevista Francisco, p.190-191).

Após o estrangulamento, Francisco atacou Madalena com uma tesoura, ainda no quarto, mas apenas se lembra de ter levado o corpo para o banheiro e o disposto na banheira, lembra-se que tinha em mente que precisava se livrar do corpo.

Num primeiro momento, retirou os mamilos da vítima com o uso de uma gilete, em seguida os seios, depois, removeu a pélvis. Em seguida, realizou todo um procedimento que muito se assemelhou a uma dissecação do corpo, com retirada de vísceras, musculatura e tecido, continuando com este ritual de despedaçamento e destruição do corpo de Madalena. Recolheu partes do corpo em baldes e outras tentou jogar no vaso sanitário, descartando-os, como se faz com dejetos.

Algumas horas depois, exausto, Francisco se acordou no sofá da sala, momentos depois saiu do apartamento, resolveu procurar e contar ao amigo Pedro que havia se envolvido num problema. Fugiu para o Rio de Janeiro, não sem antes pedir ao amigo que nada falasse a polícia, que ele iria se entregar, mas que ele lhe desse um tempo para contar o ocorrido para a família.

Pedro logo procurou a polícia e um delegado encontrou e prendeu Francisco três dias depois, ele nada contou para sua mãe sobre o ocorrido, não pretendia se entregar, mas também não resistiu à prisão.

Segundo os primeiros depoimentos de Francisco, constantes nos autos dos processos, o que motivou o crime, foi a semelhança da situação da vítima com a de sua mãe, que se relacionava com homens em troca de dinheiro ou de *status* social. Na atualidade, Francisco relata que estes depoimentos foram dados em momentos em que fora compelido, por força e tortura e que não exprimem a realidade de seus pensamentos, sentimentos e atitudes. Da motivação referente ao crime, de modo bastante metafórico, tenta fugir de uma explicação, ou simplesmente talvez seja incapaz de proferir uma.

Com relação ao primeiro crime, mesmo tendo sido condenado há mais de vinte anos de reclusão, Francisco recebeu comutação de pena e por ter sido considerado preso de boa conduta. Cumpriu oito anos de reclusão e foi liberto em 1974. Durante este tempo, fez muitas leituras, sobre os mais variados temas, estudou e chegou a finalizar o segundo grau. Casou-se ainda durante a prisão. Sobre este crime revela:

(...) O crime foi um ponto culminante a Sr^a entende? Aquilo foi enchendo, enchendo, enchendo, uma gotinha é suficiente para transbordar, certo, mas precisa ver tudo isso aqui, para então chegar a essa gotinha. Não é só despejar uma gotinha aqui (aponta para o copo de água sobre a mesa) que vai fazer transbordar, é um somatório dessas coisas todas, então analisar essa gotinha e dizer foi isso, foi aquilo, sim e o que levou essa gotinha a cair? Foi essa água toda que está aqui! (Entrevista Francisco, p.192).

Tornou-se vendedor de livros, mas logo retornou à vida boêmia, o casamento não suportou as noites fora de casa e o álcool em excesso. Deste relacionamento, teve uma filha, que nasceu em 1975, dela muito se orgulha, segundo relata:

Ela se formou em jornalismo. Fez estágio numa ‘multinternacional’ (sic), ganhou bolsa de estudo em inglês, já conhece a Europa. Que eu saiba ela já teve lá duas vezes, talvez já tenha ido mais vezes. É inteligente, inteligente. Minha filha é... (chora). (Entrevista Francisco, p.197).

Logo conheceu e casou-se com outra pessoa, com a qual teve um filho. No ano seguinte se separou. Sobre seu filho, um fato curioso se põe em sua história de vida. Durante algum tempo, ele e o filho permaneceram reclusos na mesma Instituição, pois seu filho foi recolhido ao Manicômio Judiciário para tratamento e custódia, após envolvimento em crimes de roubos e furtos em decorrência de problemas psiquiátricos e uso de substâncias.

Sobre ele, Francisco acredita que o fato de seu envolvimento com estas situações se deveram à família de sua ex-mulher demonstrar-se contrária à opinião de seu filho ter contato mais próximo com o pai. Ele nos diz que seu filho enlouqueceu e que a falta de contato com a presença paterna motivou seus comportamentos, a este respeito relata:

Pirou. Ta lá em Franco da Rocha. Foi para as drogas e infelizmente conheceu o *crack* e estourou a moringa (no sentido de enlouquecer). Faz um tempinho. Já teve na detenção, já teve na Penitenciária, passou por aqui só ficou 45 dias e mandaram ele para lá. (...) Agiram de um modo que deram tudo para ele, menos um pai (silêncio). Vê só como são as coisas. Sempre ouvi dizer que criança em cadeia isso aí não eram bom, não sei o quê... Eu tenho dois exemplos: o da minha filha, outro do meu filho. Minha filha sempre me visitou. A partir de determinada idade a mãe levou, tal e logicamente ia na Penitenciária, na Detenção ela continuou indo, outra penitenciária continuou indo, vim para cá e ela continuou vindo. (Entrevista Francisco, p.197).

Indago Francisco sobre esta comparação que ele faz entre o papel exercido como pai para o filho, o qual acabou no mundo das drogas e em um presídio e o da filha, que estudou e se tornou uma profissional.

Seu papel de pai, para Francisco teria se estabelecido com a filha, mas não com o filho, já que este não pôde ser por ele reconhecido e ter recebido seu afeto, já que ele alega ter sido “impedido” de realizar esta tarefa. Até que ponto Francisco se reconhece na situação de seu filho? Ele não conseguiu responder esta indagação, chorou. A história do abandono se repete, como se repete também, nas palavras de Francisco que a ausência da figura paterna levou seu filho a trilhar um caminho parecido com o seu:

Conclusão: o menino se tornou rebelde, a certidão de nascimento, onde é para constar o nome do pai dele, tá lá pai ignorado (silêncio). E foi crescendo com esse juízo, aí foi para as drogas, nessa de droga, tal, acabou indo para o furto. Furtou, cadeia. Aí foi indo, foi indo. Tá preso por causa de um toca-fitas de carro, vê só?! Por causa das drogas, por causa do *crack* (silêncio). Viu a diferença? A menina foi na cadeia e... O menino não, não vai... coisa e tal. (Silêncio) nem só de pão vive o homem, né? (Entrevista Francisco, p.197).

À época do nascimento do seu filho, Francisco passou novamente a frequentar a “boca do lixo”. Sem ter onde morar pediu a um conhecido para passar uns dias em seu apartamento, este foi o local do segundo crime. Assim, se passaram dois anos e cinco meses entre ele sair da prisão e cometer o segundo crime, o que marca um certo período de controle interno até a prática do segundo ato homicida.

Aos poucos, com o passar do tempo, refere ter sentido que seu comportamento o levava a um crescente nível excitação e falta de controle, que começava com os excessos na vida boêmia, passavam para a sexualidade sádica, em que o sexo se tornava cada vez mais agressivo, com práticas de hipoxifilia¹⁷ e mordeduras contra suas companheiras sexuais, cada vez mais frequentes e que findaram com o homicídio da segunda vítima.

Sobre estes fatos, ele descreve no decorrer da entrevista, inclusive retratando a questão da compulsão sexual, em que a sexualidade era sentida como um tormento, movimento típico dos quadros compulsivos:

Era uma vida boemia, noturna, com muitas amizades, amizades noturnas, era uma vida assim, louca, neurótica, sexo por compulsão. O sexo para mim não era bem um prazer, era um tormento, era algo assim dissociado, então eu tinha uma busca, neste sentido, como qualquer outro relacionamento assim normal, tinha facilidade por um motivo ou por outro, porque era um negócio ... muito louco, então eu usava bebidas, usava drogas, tinha uma vida noturna, vamos dizer como uma forma de escape, como forma de fuga, fuga no caso de mim mesmo, mas para onde a gente vai a cabeça vai junto. (Entrevista Francisco, p.190).

¹⁷ Prática sexual sado-masoquista, que envolve a excitação sexual pela privação de oxigênio. No caso em questão, pelo exercício do estrangulamento.

Francisco conheceu Sônia¹⁸, sua segunda vítima, em uma lanchonete que freqüentava, apresentou-se como Suely, mas utilizava sete diferentes nomes, uma vez que era supostamente envolvida com alguns furtos. Em meio a tantos codinomes, destaca-se o de Sônia, como no romance “Crime e Castigo”, de Dostoiévsky, aliás, romance preferido de Francisco.

Ela fazia programas naquela região, Francisco a convidou para ir para o apartamento, para um programa. Esperou o amigo sair para trabalhar pela manhã, para então permanecer à vontade no apartamento. Neste intervalo, beberam em diferentes lugares.

Durante o ato sexual, Francisco estrangulou Sônia, ela desmaiou, então ele a arrastou para o banheiro, porém neste meio tempo a campainha do apartamento tocou, com medo que ela gritasse e o denunciasse, Francisco a estrangulou com mais força, a matando. Sua preocupação, neste instante, era livrar-se do corpo de Sônia. Levou-a para o banheiro, e assim como no primeiro homicídio, procedeu da mesma forma, a colocou na banheira e deu início ao processo de esquarteramento.

O *modus operandi* se repetiu, extirpou os seios, as vísceras, a pélvis, tentou descartar no vaso sanitário, algumas das partes do corpo, mas não deu certo. Retirou os olhos e a boca da vítima, assim como seus membros, lavou-as sob o chuveiro e recortou o máximo que pode os tecidos, colocando todo o conteúdo em duas malas, as levou para a varanda do apartamento.

Saiu em busca da ajuda de um antigo colega de prisão para conseguir uma arma, desovar o corpo no rio Tietê e elaborar um plano de fuga. No entanto, ao chegar em casa, seu amigo percebeu o piso do banheiro molhado, assim como o feltro da enceradeira, resolveu colocá-lo para secar na varanda e se deparou com as malas. Ao abri-las foi tomado por um sentimento de irrealidade¹⁹, pensou tratar-se de um manequim, mas de imediato, soube o que se passava, pois sabia da história pregressa de Francisco, chamou então a polícia.

¹⁸ No caso da segunda vítima, como este já se tratava de um codinome, permanecemos a utilizá-lo, neste caso específico o de Sônia. Inclui-se por sua simbologia no contexto da narrativa do entrevistado em relação ao romance “Crime e castigo”.

¹⁹ As fotos dos corpos mutilados, nos autos dos processos, são chocantes e ao mesmo tempo nos remetem a uma esfera do irreal mesmo, de modo que parecem tratar-se de bonecos inanimados. Tal qual o discurso de Francisco e de Marcelo, talvez a sideração trace este caminho, talvez a nossa incapacidade de atingir o irrepresentável destes conteúdos, torne impossível representar esta possibilidade de que ali são corpos reais, de pessoas que outrora estiveram vivas e que agora estão ali, naquelas fotos, com seus corpos despedaçados.

Francisco, ao voltar para o apartamento para dar continuidade a seu plano, se deparou com os policiais, fugiu novamente para o Rio de Janeiro lá permanecendo foragido por alguns dias, quando foi reconhecido e denunciado. Tendo sido novamente preso e condenado. Desta vez foi condenado há mais de vinte e dois anos de reclusão, estando preso até o momento.

Salienta que até cometer o segundo homicídio não tinha consciência do que se passara, do que havia acontecido para levá-lo até aquele ato, mas no segundo, tudo se tornou, para ele, mais claro. Até então percebia que mesmo tendo consciência do que ocorria não podia dominar seus impulsos, por isso ele narra:

Bem, há certas coincidências entre o primeiro e o segundo e também muitas diferenças, então, por exemplo, no primeiro crime, no primeiro delito foi de tal jeito, em tais circunstâncias que eu não tinha, posteriormente, após a prática, entendimento do que havia acontecido, porque havia acontecido, era uma interrogação muito grande que me acompanhou até eu cometer o segundo crime, aí clareou (...) Por aí eu tive consciência, de mim, do que eu tava fazendo, só que eu não tinha domínio (silêncio). (Entrevista Francisco, p.190).

Francisco relaciona sua história de vida com os crimes praticados, ligando-os pela via do aspecto emocional, como se uma descarga ocorresse no momento do ato homicida, descarga essa, que ele muitas vezes pontuou, como uma espécie de saturação ou de veículo descontrolado, sem freio. Ao citar um provérbio chinês, esclarece esta sensação:

É, tudo isso faz parte, disso eu não tenho a menor dúvida quanto a isso. A mente é... tem um provérbio chinês que diz assim: a mente tem um passo ligeiro, mas o coração segue adiante. Então ... depende de ser racional em determinado plano e de emoção, sentimento em outro. (Entrevista Francisco, p.187).

Para ele, os atos homicidas praticados representam sacrifícios. Em algumas passagens da entrevista dizia: “Era ela ou eu”. As pessoas que foram assassinadas são vítimas, de um sacrifício, sacrifício este embasado numa fantasia inconsciente de ostentação, segundo Francisco:

Oh! Era eu ou era ela um dos dois tinha que ir (...). Sacrifício ... foi assim uma espécie de holocausto, parecia fantasia minha, assim, minha, mas é...(Entrevista Francisco, p.4) (...) Aí é que tá! Falar de sacrifício é uma coisa meio assim ... meio cartesiana, talvez tenha um pouco de fantasia, poesia, né?

Ostentação, sei lá, não sei mesmo, com certeza é brutal, animal, não resta a menor dúvida, agora porque se deu desse jeito, brutal. Aí é que tá. (Entrevista Francisco, p.187).

Quando ele questiona sobre o ser ou não ser assassino em série, esta foi uma parte bastante rica da entrevista e que gerou uma série de discussões internas para a minha pesquisa, não no sentido de duvidar do fato de Francisco cometer assassinatos em série, mas, sobretudo em relação à forma como praticou tais crimes. De tal sorte que isto me levou a algumas considerações bem interessantes que pretendo aprofundar quando da comparação entre os dois casos de Francisco e Marcelo, que entre si guardam diferenças e semelhanças. Quando Francisco aborda o tema, questiona, penso, diretamente, o conceito da psicologia criminal, conceito este que não está sendo o foco desta pesquisa. Porém, sobre o *serial killer*, Francisco expõe:

Olha, se eu fosse um *serial killer*, eu não teria assassinado duas mulheres, duas pessoas. Eu teria assassinado umas trinta, cinquenta, umas cem mulheres. Se eu fosse realmente um assassino em série, eu não teria assassinado a minha vítima dentro do meu apartamento. Eu não teria feito isso. Então essa rotulação de assassino em série, de *serial killer*, isso então, essa rotulação eu acho que é uma rotulação abominável!. Eu não aceito isso. Eu matei duas mulheres. Assim como uma pessoa pode sair e matar cinco, seis pessoas, dez e ninguém chamar de *serial killer*, por que eu sou chamado de *serial killer*? (Entrevista Francisco, p. 188).

Francisco retrata, ainda o fato de que meu olhar o teria atingido, *um olhar firme*, segundo ele. Mais adiante, ao fim da entrevista, ao identificar que meu sotaque era do Recife, Francisco constrói uma história (fantasiosa?) não saberia dizer até que ponto, pois descreve dados de realidade da cultura do local e da época da região, relacionadas à construção de uma história de amor mal findada. De que olhar falaria Francisco, daquele do qual se tira um afeto? Uma história? Algo a representar? De ver além? Como ele mesmo ressaltou:

F²⁰ - Um olhar firme!

E- Eu tenho um olhar firme?

F- É ... um olhar profissional , né? Então ... De querer ver além. A boca tá falando, mas será que lá por dentro também tá falando a mesma coisa? Ou lá por dentro é outra coisa?

E- O Sr está falando sobre seus sentimentos?

²⁰ Legenda: E=Entrevistadora; F=Francisco.

F- É... essa parte emotiva é que, a Sr^a entende? Esse impulso assim, até hoje, eu vejo que não é uma coisa permanente. É uma coisa que eu estou sujeito, como um curto-circuito, não há uma programação, a Sr^a entende? Daí porque essa parte de *serial killer* não ser bem visto devido a isso. Eu sou capaz de dar a vida para salvar uma pessoa, mas também, sou capaz de tirar a vida de uma pessoa. Só que do jeito que eu fiz, eu dou como encerrado, o problema é que os outros não dão como encerrado.

E- O Sr me fala de duas possibilidades, o que fez o Sr ser capaz de matar?

F- Aí eu tô me referindo no aspecto potencial, mas isso, no meu caso, representa uma anormalidade, lógico, eu não posso me considerar uma pessoa normal. Seria absurdo demais, né? Se eu me achasse uma pessoa normal. Eu considero anormalidade a minha vida pregressa, boa parte dela, né? A Sr^a veja bem, com relação ao segundo delito, sabe quem deveria estar em cana no meu lugar? Deveria ser o psicólogo, o psiquiatra, eles é que deveriam estar no meu lugar! (Ele foi liberto após cumprir a pena referente ao primeiro delito e depois cometeu o segundo, sendo preso pela segunda vez). (Entrevista Francisco, p.194).

Francisco é movido por uma inteligência, que num primeiro momento parece bastante desenvolvida, para de certa forma dar conta de uma distorção afetiva. No entanto, mesmo o uso do mecanismo da racionalização é importante ser questionado. Pois em muitas passagens, seu discurso nos pareceu uma montagem, ele afirma que estudou autores russos e conhece obras importantes da filosofia. Além disso, leu *Crime e Castigo* em apenas uma noite! Em realidade, vale salientar, que tem um discurso envolvente e centrado. Sobre sua situação, nos diz que consegue conviver:

Convivo! Até porque venho me dedicando ao estudo do taoísmo, da filosofia taoista. Tem sempre ... ele diz que o ser humano tem o lobo e o cordeiro, mas seria que o bom ou a sabedoria seria a não permitir que o lobo devore o cordeiro e que o cordeiro não amanse o lobo, certo? Nada disso, simplesmente um homem é capaz de coisas boas, mas conforme as circunstâncias, conforme o momento, qualquer momento, mas cheguei a estas conclusões e absolvi o ser humano. (Entrevista Francisco, p.189).

Voltando a Dostoiévski e Raskólnikov, diz que se identifica muito com aquela personagem, sobre a natureza de tal identificação, vejamos esta pequena passagem da entrevista:

F- Não sei, vou lá saber porque, eu sentia o que sentia, a natureza do ódio do Raskólnikov e tal, da irmã dele que ia casar, mas não ia casar por amor, da mãe, da velha judia, usurária, que vivia de juros, tal da filosofia em si de

Napoleão, ousar ou não ousar, quantos homens Napoleão levou a morte? Quantas famílias destruiu? Quantas vidas ele tirou? (Silêncio) Por que ele não podia tirar uma vida se ele não tinha um objetivo nobre (silêncio) A Sr^a leu não precisa eu entrar em detalhes, né? E a Sônia que era a mulher mais pura que ele encontrou (chora), era uma prostituta. Não tive a sorte de encontrar uma Sônia.

E- Como seria se tivesse encontrado?

F- Eu estaria salvo (sussurra), não estaria assim. Foi amor que faltou, (chora) vê como sou emotivo? É um problema sério.

E - Faltou amor?

F- Ah! Certamente, sem dúvida, desde o começo faltou, principalmente saber o que é o amor, que até hoje eu não sei... eu sei o que não é, mas o que é eu não sei (chora). Mas isso não me incomoda mais hoje em dia. (Entrevista Francisco, p.192).

Fala da impossibilidade de conhecer o amor e efetivamente de amar, tanto através da personagem de Sônia, ou de encontrar alguém para amar na vida real, quanto das histórias afetivas de sua mãe e de sua avó, a qual diz ter relação: “É onde começa minha história” (sic) [sua voz ganha tom agressivo], pois acredita que o que chama de “estilo de vida”, de sua avó influenciou no estilo de vida de sua mãe e conseqüentemente no seu, ou seja, na sua incapacidade de amar. Quando indagado sobre esta questão, nos diz:

Minha mãe sempre teve aversão pelo casamento, tanto que ela não casou, teve um companheiro dela, por mais de trinta e cinco anos, nunca se casou, com meu pai também não, com outros que ela conheceu também não. É um trauma, alguma coisa que tem a ver com a vida da minha avó. Foi, a minha avó, ela se casou com treze anos, só que ela se casou, na verdade ela foi comprada, depois ela ficou viúva, pelo menos dois ela conseguiu levar pro brejo, né? (dá uma gargalhada), ficou viúva duas vezes, o homem era muito bem de vida, era governador, sabe como é que é, desgraçou com a minha avó, ela tinha treze anos, se casaram, tiveram cinco filhos, aí ele faleceu. Minha avó ficou bem, só que depois ela se casou com um que era o contrário do primeiro. Então minha mãe não via com bons olhos o casamento, mas também, sei lá, não posso dizer muita coisa, porque não conheci a minha avó direito. Lembro dela de uma forma assim... só sei que ela se casou com quem ela não queria se casar. A minha mãe, não sei exatamente porque, no caso, mas ela tinha aversão a casamento, não sei se ela queria manter a independência, sei lá. Oportunidades ela teve, várias só que ela nunca quis. Então também para mim, incluía isso, uma noção negativa sobre casamento, nunca vi com bons olhos o casamento (...) Aliás nem hoje, independente de ter papel assinado, independente de bênção do padre, é lógico que os papéis são necessários, para se ter direitos, uma série de coisas, mas assim mesmo eu casei, eu tive uma filhinha. Onde estávamos? Ah! sim, eu tava falando sobre o livro, o atendimento no Instituto de Psicologia Criminal, o

casamento eu não vou entrar em detalhes, senão a Sr^a vai passar um mês aqui! (sorri). O que aconteceu? Não deu certo, né? Ai eu tropecei num mesmo caminho, na mesma pedra, algo estúpido né? Eu, anormal, queria me tornar uma pessoa normal. Então eu casei. Aí conheci outra menina. Eu tenho um filho também. Tenho uma menina... (chora e silencia). (Entrevista Francisco, p.196).

Francisco absorve a si mesmo, como ser humano, que é. Por isso justifica seus atos, por meio de um sacrifício necessário, imposto às suas vítimas para que ele mesmo não fosse destruído, assim figura suas fantasias com romances russos. E, sobretudo nos descreve sua incapacidade de amar, de olhar o outro, de sentir remorso ou culpa pelos atos praticados. Seduz e sidera pelo discurso, aquele que o ouve e pôs em ação, por duas vezes sua capacidade de matar, do modo mais cruel. Finaliza a entrevista nos dizendo:

Aí como diria o Cristo, né? Mais coisas vos diria se as suportasse. Tá escrito isso, né? (Entrevista Francisco, p. 200)

Assim, a justiça entendeu que permanecerá sob custódia do Estado e em 21 de setembro deste ano, o parecer do juiz Jorge Alberto Passos Rodrigues, do Fórum Cível de Taubaté (SP), indeferiu seu pedido de suspensão da interdição. O magistrado se baseou na constatação dos peritos do Instituto de Medicina Social, bem como nos laudos do Instituto de Criminologia de São Paulo, que apontaram para a possibilidade de Francisco voltar a matar, caso retorne ao convívio em sociedade.

CAPÍTULO 3

A POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE E SUAS REPERCUSSÕES NO AGIR DOS ASSASSINOS EM SÉRIE

A capacidade de dar e preservar a vida é sentida como o dom máximo e, portanto, a criatividade torna-se a causa mais profunda de inveja. (KLEIN, 1957, p.233).

Neste capítulo pretendemos dar início ao estudo dos aspectos teóricos desta Tese, partindo das considerações referentes ao papel da posição esquizo-paranóide na constituição de subjetividade e suas repercussões no agir dos assassinos em série, naquilo em que se relacionam às ansiedades persecutórias, ao papel das defesas, como a idealização ou cisão, por exemplo. Além de lançar um olhar especial às questões da identificação projetiva e todo o processo de excisão do sadismo para o meio externo.

Desta forma, são abordadas as vivências das fantasias sádico-orais e sádico-anais e uretrais, a questão do narcisismo destrutivo, bem como o ódio voltado às vítimas, as quais denominamos de *vítimas-objeto* – por acreditarmos serem reedições dos objetos persecutórios, ou das partes más excindidas dos seus próprios *selves*. Os elementos da voracidade e sideração, também são conceitos tratados neste capítulo, de modo a traçar, brevemente, pontos de conexão com as tramas vivenciais de nossos entrevistados e suas repercussões em seus comportamentos homicidas seriais. Considerando, ainda que tais fantasias e o exercício do narcisismo destrutivo, bem como os elementos da sideração, são partes importantes de seu *modus operandi*, não apenas no processo de “sedução” da vítima, mas, sobretudo nos passos que se seguem quais sejam, os de tortura e assassinato destas, em que as fantasias de destruição são atuadas e efetivamente postas em prática.

No entanto, cabe salientar, que ainda não realizaremos uma análise das narrativas dos entrevistados, mas apenas brevíssimas ligações que nos possibilitarão, mais adiante, fazer esta interconexão. Buscando, no apoio dos autores estudados, elementos que nos guiem, agora, com os casos já relatados, ao caminho da construção das análises do material, seguindo, desta forma, o fazer psicanalítico, momento que efetivamente ocorrerá apenas no último dos capítulos.

3.1. As defesas e o papel da identificação projetiva: Klein e os mecanismos esquizo-paranóides

Em Notas sobre alguns mecanismos esquizóides (1946), Klein introduz a questão do ego arcaico e suas relações de objetos e ansiedades, demonstrando o modo de funcionamento dos estados esquizóides, como denominou inicialmente e das questões referentes aos mecanismos de idealização, desintegração e cisão – estes descritos, a partir dos processos psíquicos ocorridos nos três primeiros meses de vida. A posição até então denominada como paranóide, passa a ser concebida como esquizo-paranóide *a posteriori*.

Ainda nestes escritos, o conceito chave de cisão passa por importante evolução conceitual, especialmente no que se refere à cisão primária, mecanismo fundamental da posição esquizo-paranóide, uma vez que diz respeito, não apenas à cisão entre amor e ódio, mas às próprias relações de objeto, cindidas entre boas e más. Neste sentido, surge o fenômeno da excisão, em que partes más do *self* são expulsas para preservar partes boas, movendo e gradualmente permitindo a elaboração para a posição depressiva. Este processo de expulsão seria, segundo Klein, a primeira defesa do ego contra a ansiedade.

Desta feita, se dá a expulsão do sadismo de forma violenta com o objetivo de aliviar o ego e atacar os objetos persecutórios, de sorte que a autora chama atenção, àquelas especialmente dirigidas à intrusão no corpo materno²¹. Por isso, na posição esquizo-paranóide, Klein opera a concepção de que a angústia predominante é a do medo se ser aniquilado e devorado, desta forma, a principal intenção é o da preservação do ego.

Na dimensão destrutiva da voracidade, mecanismos de defesas radicais são empregados pelo uso da cisão (em objetos bons e maus), da identificação projetiva e da negação da realidade. Pelo uso da excisão, posteriormente denominada de identificação projetiva, se expulsa o sadismo, e partes do próprio *self*²², que são também expulsas para o meio externo.

Por sua vez, o conceito de identificação projetiva se torna um conjunto de processos relacionados e interligados aos mecanismos de cisão e projeção, de modo a funcionar como defesa contra as ansiedades típicas da posição esquizo-paranóide. Ela está calcada em relações de objeto narcisistas, em que estes são “formados” por partes excindidas e projetadas do *self*.

²¹ No capítulo 4, quando abordarmos as questões referentes ao superego arcaico, há um tópico específico sobre as fantasias sádicas.

²² Klein compreende o *self* como um conglomerado primitivo composto de partes do ego e do id.

Estados de desintegração são relatados nos textos kleinianos e pós-kleinianos, especialmente os de tom esquizofrênico, em que o ego chega ao ponto de cindir-se em minúsculas partes - movimento gerador de um ciclo vicioso, pois o ego, diante do pavor da aniquilação, passará por novo ciclo de cisão, de modo a gerar um contínuo estado de desintegração. O que acreditamos possuir forte conexão com as características seriais destes tipos de crimes aqui estudados.

Em 1958, no artigo *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental* Klein desenvolve uma nova e diferente concepção. A idéia de uma espécie de cisão estrutural do psiquismo, neste contexto, haveria uma área excindida específica no mais recôndito e profundo inconsciente, na qual habitariam as figuras terroríficas²³.

Ao tratar das ansiedades e mecanismos mais arcaicos presentes no psiquismo, Klein nos apresenta os mecanismos de defesa característicos das psicoses, em que estes pontos de fixação geram conseqüências importantes diante do desenvolvimento, não apenas do ego, mas do superego e das próprias relações de objeto. Passa então a entender que a primeira relação de objeto se constitui entre a criança e o seio materno, o qual sofre processo de cisão entre seio bom e seio mau, portanto, gratificador e frustrador, conseqüentemente. Tais relações de objeto findam por serem marcadas pela divisão entre amor e ódio.

Ainda esta relação é marcada pelo jogo da interação entre a introjeção e a projeção. Neste interjogo, as fantasias de ataques sádico-orais ao seio materno, gradualmente se estendem para violentos ataques ao corpo materno como um todo, através das formas mais cruéis. Estes ataques, surgidos em decorrência dos medos persecutórios, agora visam:

(...) assaltar o corpo materno e retirar os conteúdos bons, bem como dos impulsos sádico-orais de pôr dentro da mãe os próprios excrementos (inclusive o desejo de introduzir-se em seu corpo, para de dentro controlá-la), são de grande importância para o desenvolvimento da paranóia e da esquizofrenia. (KLEIN, 1946, p.21).

Assim, o ego arcaico apresenta inúmeras defesas para dar conta desses aportes insuportáveis, lançando mão não apenas da cisão, mas ainda da idealização e da negação da realidade, nos lembra Klein, tanto da interna, como externa, além do abafamento das emoções. O medo de ser devorado ou envenenado são sentimentos comuns nos quadros paranóides.

²³ Discutimos um pouco mais este texto e esta idéia no capítulo 4, ao abordarmos as questões referentes ao superego arcaico.

Klein demonstra que o ego arcaico, em si mesmo apresenta uma tendência a estados de não-integração. Complementando o pensamento, ela sugere que falta ao ego arcaico a coesão necessária para que uma tendência à integração se estabeleça, de tal sorte que insistentemente há uma alternância com estados de desintegração, em que o despedaçamento se torna uma ameaça, pela incapacidade de lidar com as ansiedades decorrentes da força da pulsão de morte, que toma forma no medo do aniquilamento.

As ansiedades persecutórias dão vazão aos impulsos destrutivos contra os objetos, que são percebidos como controladores. Por isso retrata Klein: “O impulso destrutivo é parcialmente projetado para fora (deflexão da pulsão de morte), e acredito, prende-se ao primeiro objeto externo, o seio da mãe” (1946, p.24).

Desta forma, a cisão do ego se opera, bem como a cisão do objeto e da própria relação, no objetivo de que o impulso destrutivo se disperse. Estas fantasias sádico-orais e canibalescas são cada vez mais reforçadas; as fantasias de destruição do seio frustrador giram em torno do despedaçamento deste. O que se estabelece nesta situação em que o sadismo prevalece no processo de incorporação do objeto, destaca Klein, é que quanto mais fragmentado e despedaçado o objeto se torna, mais o ego passa pelo processo de cisão, concomitantemente. Por sua vez, o seio bom, se torna o ponto de partida para os processos de coesão do ego.

No que concerne ao papel da projeção esta, desde os escritos freudianos, nos recorda Klein, provem da deflexão da pulsão de morte, na tentativa de aliviar o ego da ansiedade. Contudo, importante é salientar que o objeto bom, por sua vez passa pelo processo de introjeção, uma defesa utilizada pelo ego contra a ansiedade. Assim sendo, sentimentos amorosos se conectam ao seio bom e sentimentos de frustração, ansiedade persecutória e ódio ao seio mau.

Por isso a autora destaca que o mecanismo da idealização está ligado de forma profunda à cisão do objeto, uma vez que seus aspectos positivos são, em certa medida exagerados, para que sua imagem de gratificador e inexaurível seja preservada a todo custo diante dos aportes destrutivos e de gratificação ilimitada. A imagem de um seio sempre generoso se torna uma imago ideal.

Desta forma, o objeto frustrador e perseguidor se mantém cindido do objeto idealizado, mas ele não apenas permanece separado e sim negado, sendo negada toda dor e, portanto a própria realidade psíquica, por isso a conexão entre os mecanismos da cisão, da negação e da idealização. Este movimento da negação da realidade psíquica se torna, pois, a mola propulsora dos sentimentos de onipotência típicos dos artifícios psíquicos arcaicos –

neste sentido, afirma a autora: “(...) *é uma relação de objeto* que sofre esse destino, e, portanto uma parte do ego, da qual emanam sentimentos pelo objeto, é negada e aniquilada também”. (KLEIN, 1946, p.26).

No contexto dos mecanismos esquizóides, o medo persecutório, no predomínio da libido oral, gera fantasias tanto libidinais como agressivas ocasionando ataques ao seio materno e, como já referimos, perpassam estes ataques ao corpo materno como uma extensão do primeiro objeto. Estes seguem duas linhas principais de atuação. Numa primeira, surgem os impulsos de tom oral de sucção, dos quais derivam as fantasias de morder, escavar, sugar até exaurir o corpo materno de seus conteúdos bons. Num segundo momento, brotam os ataques por meio dos impulsos anais e uretrais, em que partes do *self* são excindidas para dentro da mãe, juntamente com substâncias nocivas, como excrementos, que são expelidos, portanto, projetados, com ódio sobre o corpo materno, ou melhor dizendo, para seu interior, no objetivo não só de danificá-lo, mas de tomar-lhe posse. Lembremo-nos dos ataques aos corpos das vítimas realizados tanto por Marcelo, quanto por Francisco, em que estes corpos foram sodomizados, vampirizados, escavados e esquartejados.

Assim, na posição esquizo-paranóide, os objetos são descartáveis e só interessam na medida em que geram satisfação, caso contrário, podem ser ejetados, como fezes. A realidade psíquica aqui posta é repleta de objetos despedaçados e odiosos. Objetos que precisam ser atacados e mortos, a fim de não mais perseguirem.

Neste contexto, Klein (1946) sugere o uso do termo identificação projetiva, pela primeira vez, para salientar o mecanismo da projeção derivada da necessidade de controle e dano ao objeto. Sobre o termo, ela explicita:

Nos distúrbios psicóticos, essa identificação de um objeto com as partes odiadas do *self* contribui com a intensidade do ódio dirigido contra outras pessoas. No que diz respeito ao ego, a excessiva expulsão de partes suas para o mundo externo debilitam consideravelmente o ego. Isso porque o componente agressivo dos sentimentos e da personalidade está intimamente ligado na mente com poder, potência, força, conhecimento, e muitas outras qualidades desejadas. (KLEIN, 1946. p.27).

Percebe-se, pois, que o ego agora enfraquecido pelos processos de cisão e excessos da identificação projetiva, torna-se inábil para lidar com os objetos internos. O medo de perder as partes projetadas no meio externo, o faz também incapaz de lidar com este objeto que agora considera poderoso demais, uma vez que o controla. Os mecanismos de projeção e introjeção

se lançam numa interface sem fim, em que as ansiedades persecutórias o atormentam, mesmo porque, os aspectos perigosos do *self* agora, na “lógica ansiosa” estão contidos no objeto.

Este violento processo de cisão do *self* gera outro traço importante para as relações de objeto esquizóides – uma natureza narcísica. Klein salienta, que atrelado a isto, encontra-se o comprometimento de toda a personalidade e da vida emocional, em que as relações apresentam-se superficiais e que, marcadamente visível é a falta de espontaneidade. A autora nos fala de uma perturbação grave no “sentimento do *self*”, no sentido de que se encontram profundamente perturbadas, as relações psíquicas com as realidades tanto interna como externa.

Em situações desta natureza, os elementos agressivos predominam na dinâmica psíquica, os subsídios excindidos do *self*, projetados para o interior do objeto passam a dominá-lo de forma agressiva e destrutiva. Este movimento pode se tornar uma constante:

Se o desenvolvimento durante a posição esquizo-paranóide não progrediu normalmente e o bebê não pode, por motivos internos ou externos, fazer face ao impacto das ansiedades depressivas, cria-se um ciclo vicioso. Pois o medo persecutório e os correspondentes mecanismos esquizóides são muito fortes, o ego não é capaz de elaborar a posição depressiva. Isso força o ego a regredir para a posição esquizo-paranóide e reforça os medos persecutórios mais anteriores. (KLEIN, 1946, p. 34).

As defesas presentes nos quadros esquizo-paranóides, articulados pelos aspectos das relações narcisistas, dos mecanismos das cisões, projeções e introjeções, bem como da própria identificação projetiva, leva a excisão de partes das emoções e das personalidades. Klein, ao acompanhar seus pacientes, muitas vezes observou a dificuldade destes em lidar com os aspectos destas dissociações, em que as vivências de desintegração são tão terríveis e os impulsos destrutivos tão ameaçadores, diante da excisão das partes do *self*, que o resultado, é que “temporariamente partes de seu ego deixaram de existir”. (KLEIN, 1946, p.38).

Outros mecanismos importantes são a excisão e a destruição violentas de uma parte da personalidade, processos derivados da ansiedade e da culpa – que guarda muitas relações com os objetivos dos pontos que pretendemos enfocar em nossa pesquisa, qual seja, a significação das vítimas como espécie de reedições dos objetos persecutórios ou mesmo de partes más excindidas do próprio *self*. Interessante, pois a autora relata o caso de uma paciente em que num sonho, pendura uma criança numa corda para amedrontá-la, ao ponto de puxar a corda e matar a criança, a paciente acorda. A analista estava presente no sonho da paciente, mas nada fazia para impedir a ação.

A seguir, Klein parte para a análise desta narrativa, entendendo que o sonho demonstra o processo de cisão do *self* daquela paciente, a partir da face da criança má e impulsiva e da face da pessoa que tenta controlar a situação. Também compreendeu que a analista seria a pessoa a ser morta, mas em parte também tinha o papel de impedir o assassinato, e nos diz: “Matar a criança, recurso de que a paciente tinha de se valer, representava o aniquilamento de uma parte de sua personalidade”. (KLEIN, 1946, p.39).

Klein ainda chama nossa atenção para a falta de emoção presente nestes casos, mas descreve este estado como um estado latente em que a ansiedade assim se mantém como um método particular de tentativa de dispersão. O sentimento de desintegração é o responsável por esta sensação, aliada a um outro sentimento, o da perda do objeto. A autora retrata haver mudanças “anormais” no ego, no momento em que o processo desfusional leva o ego a aniquilar partes de si mesmo.

Neste instante em que os impulsos destrutivos se tornam preponderantes aos libidinais, as dinâmicas psíquicas parecem traduzir-se naquilo que Klein pontua como uma “catástrofe interna”, ela nos diz: “Se o ego e os objetos internalizados são sentidos como estando em pedaços, o bebê vivencia uma catástrofe interna que simultaneamente se estende ao mundo externo e é projetada nele” (1946, p.43). Os estados de desintegração promovem esta ansiedade latente, apontada pela autora, em que certa frieza e falta de empatia se apresentam. Por este motivo, pretendemos salientar, quando considerarmos, mais adiante, as questões referentes à sideração, como esta que denominamos de *distorção da afetividade*, presente nos quadros de assassinos em série, representada por esta frieza emocional e falta de empatia, geram comportamentos extremamente cruéis e voltados unicamente à destruição de suas vítimas.

Nos escritos *Sobre a identificação*, Klein (1955) nos brinda com a análise do romance *If I were you*, publicado em 1947, do escritor francês Julien Green. Através da história do personagem central, Fabian. O cerne da trama se estabelece diante do poder mágico de Fabian em se transformar em outras pessoas, se apossando de seus corpos. Este evento é possível a partir de um pacto feito com o Diabo, em que este seduz Fabian com promessas de felicidade e o ensina uma fórmula para tal fim, em que seu próprio nome precisa ser conjurado.

Assim, Klein nos leva em busca de compreensões mais efetivas sobre os mecanismos projetivos e introjetivos e sua importância no desenvolvimento do ego. Novos aspectos sobre as questões da identificação projetiva são aqui retratados e por isso importantes no contexto desta Tese.

Segundo a autora, o foco se volta para as mudanças produzidas na identidade do sujeito quando a identificação projetiva se torna maciçamente presente em seu psiquismo. A partir da história de Fabian, trata sobre as questões de uma pseudoidentidade, adquirida pela via das fantasias de intrusão nos corpos dos objetos, reeditados, no romance, através das personagens Poujars, Esmeráld, Camille e Fruges, dos quais Fabian toma os corpos e suas personalidades, tornando-se, inclusive um assassino - quando suas fantasias de aniquilamento o impelem a matar a jovem Berthe. Todo o romance é permeado pelas relações travadas, ainda, entre Fabian e o Diabo, que figura como representante cruel e vingativo das partes más excindidas.

Klein (1955) nos demonstra o quanto o processo da identificação projetiva faz parte do desenvolvimento do psiquismo, especialmente numa época em que o ego imaturo, apresenta-se pouco integrado. Enfoca a ideia da introjeção por projeção, sendo esta a essência da situação de excisão de partes do *self* e consequente projeção destas em outros objetos. Com isso, a proposta central do artigo é vislumbrar que a condição para o estabelecimento de boas relações de objeto, que promovem a integração do ego é exatamente a internalização do seio bom, contrapondo-se aos processos de cisão e dispersão. Há de se destacar a estreita relação entre os processos de integração e a capacidade de estabelecer relações objetais saudáveis.

A cisão esclarece Klein, é acompanhada por um sentimento de caos, equivalente ao sentimento de morte, em que a força destruidora das pulsões de morte causa o mais profundo medo de todos – o medo da aniquilação, pois quando as fantasias destrutivas predominam: (...) produtos do corpo e partes do *self* são sentidos como tendo sido excindidos, projetados para dentro da mãe, e continuando sua existência dentro dela. Essas fantasias logo se estendem para o pai e para outras pessoas. (KLEIN, 1955, p.171). Pensamos ser esta a essência da relação que os homicidas em série estabelecem com suas vítimas.

Quando o seio é internalizado com ódio, passa a ser percebido como danoso e destrutivo e figura, então, como protótipo dos demais objetos internos maus – movimento que instaura no ego profundas cisões e o torna representante interno das pulsões de morte. Por sua vez, o objeto amado se estabelece como uma extensão do *self*, por conter suas partes excindidas amadas e valorizadas, perpetua sua existência dentro dele.

Na saga de buscar novos corpos para “ocupar”, Fabian evade de um corpo para outro. Sobre isso descreve Klein (1955): “E, no entanto, ele saboreia o pensamento não só de sua própria evasão, mas também daquilo que sua vítima sofrerá em seu lugar” (p.177). Fabian siderava suas vítimas, as paralisava e deixando-as inconscientes, se apossava – penetrava – seus corpos tomando conta de seus *selves*. Aos poucos, sentindo-se perdido, já não dava conta

mais de seu próprio *self*, vítima de inúmeros processos de cisão, desejava agora voltar a ser “ele mesmo”.

Os objetos maus internalizados passam a fazer exigências incompatíveis com a capacidade do ego de suportar tais aportes. O ódio aos perseguidores externos se processa e ao mesmo tempo o indivíduo se sente desvalorizado por conter tais objetos em seu próprio *self*. Sobre isto destaca:

Voracidade, inveja e ódio, os motores básicos das fantasias agressivas, são traços dominantes no caráter de Fabian, e o autor nos mostra que essas emoções impulsionam Fabian a se apoderar das posses de outras pessoas, tanto materiais como espirituais; elas impulsionam, irresistivelmente, para aquilo que eu descrevi como identificações projetivas. (KLEIN, 1955, p. 183).

A identificação projetiva é então pensada por Klein a partir de três pontos. No primeiro, trata da relação das partes excindidas do *self*, que por fim o esvaziam e da projeção dessas mesmas partes nos objetos. Num segundo ponto, descreve os comportamentos sádicos, em que a crueldade se põe como central na dinâmica de comportamentos de Fabian diante de suas vítimas, momento em que Fabian sucumbe aos perigos do seu próprio psiquismo e se torna um assassino. Por fim, Klein salienta que Fabian, sucumbindo às ordens do Diabo, representante da voracidade e sadismo das partes más do seu *self*, apresenta-se incapaz de amar. Por isso, refere a autora:

De modo geral, sustento que quando o indivíduo sente que seu ego está submerso nos objetos com os quais ele (o ego) está identificado, por introjeção ou projeção, é da maior importância para o desenvolvimento das relações de objeto e também determina a força e fraqueza do ego. (KLEIN, 1955, p. 200).

Percebe-se, pois que a pré-condição para a integração do ego é a capacidade de amar, que diminui os sentimentos de perseguição, voracidade e inveja. O ódio que Fabian passou a sentir dele mesmo o levava a “força-se para dentro” daqueles objetos – suas vítimas, à procura do que Klein (1955) denominou de seu *self ideal perdido*, concepção muito próxima ao ideal do ego freudiano. Felizmente, ao fim do romance Fabian encontra formas de integração e constitui boas relações de objeto.

3.1.1. Rosenfeld e a identificação projetiva nos estados psicóticos

Continuando a tratar do tema das defesas referentes à posição esquizo-paranóide e em especial à identificação projetiva, no artigo *Uma Contribuição à psicopatologia dos estados psicóticos: a importância da identificação projetiva na estrutura do ego e nas relações de objeto do paciente psicótico* (1971b), Rosenfeld discute a importância dos mecanismos da identificação projetiva e da cisão do ego na psicopatologia dos pacientes psicóticos.

Em sua concepção, a identificação projetiva é um processo pelo qual há uma cisão do ego arcaico em que partes boas ou más do *self* são cindidas e projetadas para os objetos externos sob a égide dos sentimentos amorosos ou odiosos. Desta forma, todo o processo permanece envolto por ansiedades paranóides. As partes destrutivas do *self* tornam-se os objetos persecutórios, em represália.

Retomando os escritos de Klein de 1946, concorda com ela ao observar que o que se põe em jogo é uma confluência não apenas de mecanismos de cisão, negação e onipotência, mas de impulsos orais, uretrais e anais tanto libidinais como agressivos, sendo mesmo a identificação projetiva o protótipo das relações de objeto agressivas. Para Klein (1946), nos diz Rosenfeld, a identificação projetiva abarcará os processos de cisão do ego e as relações de objeto denominadas de narcísicas – surgidas da projeção das partes do *self* para o interior dos objetos.

Ao tratar sobre o trabalho de Edith Jacobson (1967), Rosenfeld nos aponta para a importante questão de que a regressão psicótica consiste – em um nível narcísico – na inexistência de limites entre o *self* e as imagens de objetos, de tal forma que as fantasias se baseiam em experiências de incorporação, que incidem por devoramento ou invasão - por meio de forçar-se, para dentro do corpo do objeto. Essas fantasias, destacadas por Jacobson, são oriundas de estágios iniciais do desenvolvimento, por isso mantêm características narcísicas. Contudo, diferentemente de Klein, e do próprio Rosenfeld, Jacobson, não acredita que esses processos arcaicos podem ser observados na transferência.

Rosenfeld parte para o exame da identificação projetiva, em algumas situações especiais de relações de objeto, mas duas, são de nosso especial interesse. A primeira, seria uma forma de comunicação, através dos métodos projetivos, nestes casos, o paciente psicótico, tal como o bebê, projeta seus impulsos – partes do seu *self* e ansiedades para dentro do corpo materno. Se a mãe é capaz de contê-los, todo este estado de coisas se torna menos aterradora. Na segunda possibilidade, a identificação projetiva, a partir da excisão das partes

do *self*, bem como das ansiedades e impulsos, visa à negação da realidade psíquica, de modo a evacuar este conteúdo para dentro do objeto, dele esvaziando-se.

Percebe-se, pois, que o uso excessivo da identificação projetiva marca no indivíduo o prejuízo dos processos de simbolização, sobre isso, nos diz o autor:

É a excessiva identificação projetiva no processo psicótico que oblitera a diferenciação entre *self* e objetos, que causa confusão entre realidade e fantasia e uma regressão ao pensamento concreto devido à perda da capacidade de simbolização e de pensamento simbólico. (ROSENFELD, 1971b, p.131).

Outro aspecto salientado por Rosenfeld é sobre a importância da inveja na psicopatologia destes quadros, em que se constrói uma relação direta com aspectos da agressividade primitiva, diante do narcisismo onipotente vivenciado por estes indivíduos. O autor frisa sua concordância com Klein, que a identificação projetiva visa, nestes termos, funcionar como uma defesa contra os excessos da inveja.

Ainda no contexto das relações de objeto envoltas pelas identificações projetivas, destaca dois tipos específicos que denomina de relações de objeto parasitárias e delirantes. Nas primeiras, o paciente desenvolveria uma crença de que vive dentro do objeto, funcionando a partir de seu ego. Para Rosenfeld, esta se caracteriza por um estado de total imersão na identificação projetiva, uma alta experiência de agressividade – de inveja.

Esta seria, neste sentido, uma defesa contra qualquer emoção que possa ser sentida como dolorosa, contra a própria ansiedade de separação. O autor descreve o parasitismo extremo como uma hostilidade insidiosa. Para Bion (1965), destaca Rosenfeld, a única forma de lidar com um quadro desse porte é lidar com a efetividade da destrutividade do paciente: “(...) o paciente suga o amor ou a benevolência do hospedeiro para extrair conhecimento e poder que o habilitem a envenenar a associação e destruir a indulgência da qual ele depende para sua existência”. (ROSENFELD, 1971b, p.134).

No que concerne à relação de objeto de tipo delirante, ocorre em pacientes gravemente comprometidos, estes projetam experiências alucinatórias e delirantes sobre o objeto. Este mundo sugere representar o interior materno. O mundo interno gradualmente se tornará incompatível com o viver no interior deste objeto delirante, o qual permanece dominado por uma parte onipotente do *self*. Importante salientar que o *self*, ao exercer seu poder no interior do objeto delirante, influencia partes sadias da personalidade a se retirarem da realidade:

Este mundo ou objeto delirante parece ser dominado por uma parte onipotente e, algumas vezes, onisciente do *self*, que cria a noção de que, dentro do objeto delirante, há completa ausência de dor e liberdade para entregar-se a qualquer capricho. (ROSENFELD, 1971b, p.134).

Nos escritos sobre a *Identificação projetiva na prática clínica* (1988), Rosenfeld chama atenção para o fato de que é importante considerar a identificação projetiva a partir de duas vertentes simultâneas, não apenas pela sua característica expulsiva, em que o indivíduo busca, de variadas formas, inclusive bastante violentas por vezes, livrar-se de conteúdos extremamente insuportáveis, a partir do controle e domínio de outras pessoas – objetos. Entretanto, a identificação projetiva também pode ser compreendida como uma tentativa de comunicação, na medida em que ao projetar impulsos e partes do *self* para dentro do analista, há a possibilidade deste sentir e compreender suas experiências, desde que seja capaz de contê-las. Apenas desta forma, estas experiências perderiam suas características aterradoras.

Nestes termos, a contenção significaria uma atitude de passividade, silêncio e inatividade, suportando inclusive as atuações, tanto de acontecimentos reais quanto fantasiados, a fim de estabelecer a tradução de tais experiências. O autor ressalta que esta atitude de continência vai muito além de uma simples passividade, mas alcança o patamar de uma relação simbiótica, que paulatinamente se torna individuada e ressalta:

A maioria dos pacientes, principalmente os pacientes psicóticos e fronteirços, em geral exige muito pensamento ativo por parte do analista, porque eles mesmos não possuem a capacidade de pensar. O analista tem de reunir em sua própria mente os aspectos difusos, confusos ou cindidos dos processos de pré-pensamento do paciente, para que gradativamente eles sejam entendidos e façam sentido. Isso envolve a necessidade de uma atividade integrada e organizadora por parte do analista. (ROSENFELD, 1988, p. 194).

Um ponto de fundamental relevância para nossa Tese, evocado por Rosenfeld é sobre o aspecto da identificação projetiva enquanto agente de transformação do *self* e do objeto, ele nos revela que seu uso maciço acarreta inclusive ao objeto que se encontra sob sua influência: “(...) confusão, despersonalização, vazio, fraqueza e vulnerabilidade à influência, a qual pode chegar ao ponto do indivíduo ser hipnotizado (...)” (1988, p.204). Esta seria a essência da capacidade de siderar o outro. A influência dos conteúdos excindidos por este mecanismo tornam as relações objetais envoltas em uma névoa de manipulação, controle, engodo e

invasão, mecanismos, tipicamente presentes nas organizações patológicas de personalidade, por isso, vejamos o que diz Steiner sobre o tema.

3.1.2. Steiner e a identificação projetiva nas organizações patológicas de personalidade

Steiner (1997), em seu livro *Refúgios psíquicos*, nos assinala diferentes formas de conceituar os refúgios psíquicos, seja como uma área de segurança para onde o indivíduo se retira, seja como uma forma de alívio temporário da ansiedade - a esta primeira forma, ele se refere como algo espacial.

Um outro viés, de compreensão seria o refúgio psíquico como uma área dependente do funcionamento de uma organização patológica de personalidade, um conglomerado de defesas, ansiedades e relações objetais, esta é a compreensão do refúgio como uma terceira posição diante da qual o paciente “escapa”, como refere Steiner, das posições esquizo-paranóide ou depressiva (KLEIN, 1952) – uma espécie de posição fronteira.

Por fim, o conceito pode ser ainda entendido do ponto de vista de sua natureza perversa, em que relações objetais sadomasoquistas são travadas, o que corrobora a estrutura imóvel deste tipo de organização patológica. Steiner descreve que o que se observa é uma pseudo-aceitação perversa da realidade, o que afasta o indivíduo dos aspectos dolorosos desta.

O autor salienta que nesta organização, a qual denomina patológica, o sujeito lida com o custo de um estado angustiante, em que o isolamento, a estagnação e o retraimento se tornam marcas presentes do quadro, por outro lado permite ser: (...) uma área da mente onde a realidade não precisa ser encarada, onde a fantasia e a onipotência podem existir sem restrições e onde tudo é permitido (...). (STEINER, 1997, p.19).

Tais organizações estariam vinculadas à internalizações de objetos violentos. Em casos específicos, Steiner expõe que este tipo de organização da psique chega a dominar o indivíduo de forma que este apresenta problemas especificamente voltados à questão da destrutividade. Seriam estes poderosos sistemas de organizações defensivas, movidas na intenção de: “(...) conter, neutralizar e controlar a destrutividade primitiva” (1997, p.20). Assim sendo, o contato com a realidade se torna comprometido pelo mundo da vivência das

fantasias destrutivas, pois as organizações patológicas embrutececem, nas palavras do autor, a personalidade, perturbando seu desenvolvimento.

Em acordo com os demais autores neste capítulo citados, Steiner, propõe que algumas organizações patológicas, pela forma como se estruturam, chegam a desenvolver relações objetais cruéis e tirânicas, o *self* dependente é dominado pela organização e assim ela própria, se apresenta como um objeto bom que ilusoriamente “protege” contra os ataques destrutivos. Nas organizações patológicas de personalidade, a identificação projetiva, por sua vez, atinge a grupos de objetos que se relacionam entre si, objetos que em realidade são parciais.

Os objetos parciais, segundo o autor, podem ter relações com figuras fantasiadas ou mesmo experiências traumáticas e privações, presentes na história do paciente. O que os liga são seus objetivos defensivos e os efeitos destrutivos diante da personalidade, em que apenas o aniquilamento dos bons objetos garante a sobrevivência destas organizações.

Steiner propõe que há uma espécie de seleção de objetos destrutivos para que projeções destrutivas do *self* possam ser operadas. O que percebeu em sua prática clínica, corroborado por outros autores, é que as experiências se configuram como a reunião da organização criminosa – que nas fantasias e em sonhos dos pacientes - surgem como lugares seguros promovidos por estes grupos que oferecem proteção, desde que não seja ameaçada sua autoridade.

Costumeiramente os relatos dos pacientes são os de se refugiar no interior do útero, do ânus ou do seio maternos. A criação desse refúgio é possível graças a um complexo circuito de relações objetais, com partes excindidas do *self* e uma perversa forma de proteção, na qual o indivíduo permanece, em realidade, encarcerado. Por este motivo, Steiner sugere uma pseudo-relação sadomasoquista.

Quando as organizações patológicas de personalidade se rompem, estados de pânico e ansiedade dominam o psiquismo do indivíduo; nestes avassaladores momentos, os estados de refúgios entram naquilo que denomina de *colapso* - emergindo estados de ansiedades insuportáveis.

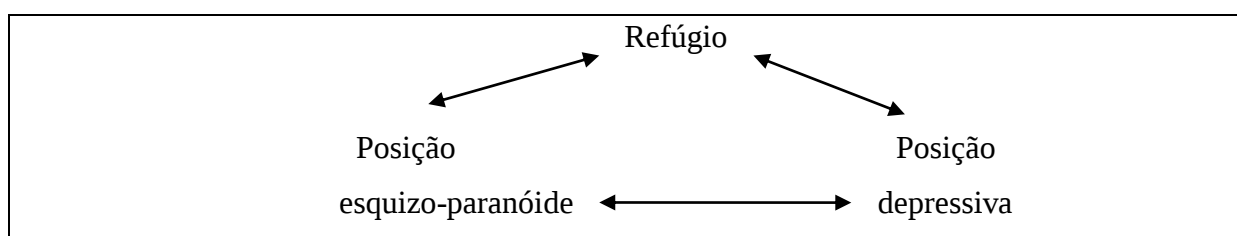
Iniciando pelos conceitos kleinianos relacionados às posições esquizo-paranóide e depressiva, Steiner segue em direção a outros autores na intenção de elucidar como a vivência destas ansiedades leva aos rompimentos dos refúgios psíquicos. Acompanharemos o autor nesta caminhada, com especial enfoque na primeira das posições, a esquizo-paranóide – visto a importância que acreditamos ter esta posição na constituição da subjetividade dos assassinos serials.

O autor salienta que a diferença mais marcante entre as duas posições é exatamente a que conduz à integração crescente da totalidade do *self*, bem como naquilo que concerne às relações objetais, na medida da mobilidade de uma posição em relação à outra. Suas particularidades advêm da própria dimensão da vida mental, especialmente com respeito às especificidades das defesas, fantasias e tipos de relações objetais.

Sobre a posição esquizo-paranóide, destaca a natureza primitiva das ansiedades que atacam o ego arcaico, e que, em consequência, movimentam defesas igualmente primitivas. Nestes termos, esta relação objetal prototipicamente hostil se organiza em torno de projeções de impulsos destrutivos voltados ao objeto, num processo em que a pulsão de morte é defletida, de tal modo que:

Na posição esquizo-paranóide, as defesas principais são cisão, identificação projetiva e idealização. A estrutura do ego reflete a cisão em *self* bom e mau, em relação com objetos bons e maus, e as relações objetais são cindidas do mesmo modo. O ego fica tão frouxamente integrado que não existem recordações de um objeto bom quando este é perdido. (STEINER, 1997, p.44).

Com relação ao refúgio psíquico, seria uma terceira posição, proposta por Steiner diferente das posições esquizo-paranóide e depressiva, que se constituiria enquanto um agrupamento de ansiedades, defesas e relações objetais, no entanto, seria balizado pela rigidez das organizações patológicas da personalidade. Para explicá-la, em seu movimento diante das demais posições, ele sugere o seguinte diagrama:



Fonte: STEINER, 1997, p.46.

Importante salientar é que o estado mental do paciente pode modificar-se ao longo da base do triângulo, explicita Steiner, e que em alguns momentos, ele pode retornar ao refúgio, se as ansiedades de uma das outras duas posições se tornarem excessivas.

Sobre o tema da cisão, mecanismo típico da posição esquizo-paranóide, Steiner destaca que é fato esclarecer que o processo de cisão é parte normal do processo de desenvolvimento do psiquismo e mesmo que: “Se bem sucedida, o ego é reforçado de modo a

conseguir tolerar a ambivalência, e assim a cisão pode diminuir para introduzir a posição depressiva” (1997, p.47).

Por outro lado, a cisão também pode se configurar como fonte de fragmentação patológica a partir do momento em que a ansiedade persecutória se torna excessiva e conseqüentemente, ocorre a cisão de partes cada vez menores. Este seria o fenômeno descrito por Bion (1957) como a criação de aterradores objetos perseguidores geradores de experiências enlouquecedoras, uma: “(...) cisão em partículas minúsculas e projeção violenta de fragmentos”. (STEINER, 1997, p.48).

A cisão e a fragmentação geram uma sensação de caos e medo intensos, um estado confusional se instala de dimensões insuportáveis, que pode chegar aos quadros de despersonalização e mesmo desrealização. Steiner, em acordo com as opiniões de Klein (1957) e Rosenfeld (1950), entende este momento como um colapso, em que são operados ataques destrutivos contra os objetos bons. Deste ponto de vista, as organizações patológicas buscariam lidar com tais ansiedades catastróficas, momento em que o *self* é sentido como estilhaçado e desintegrado.

Por este motivo, é fundamental que passemos a compreender como estas defesas arcaicas se configuram em torno de tais organizações patológicas, para tanto, passaremos a abordar o tema do narcisismo destrutivo.

3.2. Sobre o narcisismo destrutivo - da voracidade à sideração: Klein, a inveja e a voracidade

Desde há muito, a questão da voracidade vem sendo tema de discussão. Lembremos dos escritos de Abraham em *A influência do erotismo oral na formação do caráter* (1924). Na opinião do autor, desde o período do desenvolvimento infantil, as ambivalências do objeto, geram influências em todo seu desenvolvimento psíquico posterior. Assim, passa a estudar os efeitos do erotismo oral no trabalho psicanalítico junto a alguns pacientes – especialmente no que concerne à questão da voracidade, devido ao que ele considera como “efeitos posteriores de um período de sucção não satisfeito” (1924, p.168). Para Abraham, estas são pessoas que se tornam, em suas vidas adultas, exigentes, impacientes, autoritárias,

insatisfeitas e agressivas, chegando a chamá-las de sanguessugas – sem dúvida, se pode identificar os elementos de um narcisismo exacerbado, que se propaga em sua personalidade. Diz-nos o autor:

Em alguns casos, naqueles em que a investigação psicanalítica revela uma regressão do estágio sádico-oral para o de sucção, seu comportamento também apresenta um elemento de crueldade, que os torna para os outros um tanto semelhantes a vampiros. (ABRAHAM, 1924, p.168).

Em seu extenso trabalho *Inveja e Gratidão* (1957), Klein nos aponta as relações entre a inveja e a questão da voracidade oral, além das relações opostas entre a inveja e a gratidão, direcionadas ao objeto primeiro, o seio nutridor e, além disto, retrata as anormalidades da posição esquizo-paranóide, produto da inveja excessiva. A inveja seria, nestes termos, a expressão sádica de impulsos destrutivos orais e anais, presentes desde o início da vida. Destarte, ela muito nos interessa pelo que retrata dos impulsos destrutivos e sádicos impressos nos usos de seus mecanismos.

Não esqueçamos que, ao longo de toda a sua obra, Klein sempre ressaltou a importância da primeira relação de objeto do bebê com o seio materno e, portanto, com a mãe e como tal, o desenvolvimento satisfatório seria a capacidade de introjetar o seio gratificador e com isto, o bom objeto. Para tanto, todo um longo processo ocorre para que esta capacidade se instale e que o ego seja capaz de realizar tal procedimento em segurança.

O próprio nascimento seria a primeira fonte de ansiedade persecutória, além disto, Klein descreve uma série de situações externas geradoras de ansiedades que trariam repercussões negativas à possibilidade da internalização do seio bom, no início da vida. Arelado a todas estas questões está a dinâmica pulsional própria destes estágios iniciais que, movidos pelos impulsos destrutivos de caráter oral (inicialmente) e pela ameaça de aniquilamento do *self*, atribuem ao seio características que vão muito além das nutridoras, donde surgem as fantasias e toda sorte de necessidades pulsionais. Aqui se destaca um mundo primitivo, sobre as mais arcaicas relações de objeto, no qual a linguagem nada pode expressar, mas que Klein define como “lembranças em sentimento”.

A distinção conceitual entre a inveja, o ciúme e a voracidade, esclarece ainda mais a proposta da temática a que pretendemos nos ater. A inveja nos diz Klein, seria um sentimento de raiva direcionado a outra pessoa, que possui algo que desejamos. O impulso invejoso *per si* consistiria em retirar-lhe este “objeto” ou até mesmo estragá-lo. Já o ciúme estaria baseado na

inveja, porém envolveria uma relação entre duas pessoas, dizendo respeito a um amor devido que foi negado ou do perigo de sê-lo, neste caso pela existência de um rival.

No que concerne à voracidade, Klein nos fala do campo da insaciabilidade, ela visa exaurir o objeto, sugar, devorar - no caso, o seio, até a exaustão. O que está em jogo é uma introjeção destrutiva. A inveja, na acepção de Klein, sobrepuja a própria voracidade, pois além deste aspecto visa depositar partes más do *self* dentro da mãe, no objetivo da destruição. Assim, a diferença essencial entre ambas seria que a voracidade, estaria conectada a mecanismos de introjeção e a inveja a mecanismos de projeção.

O sentimento de inveja diante deste primeiro objeto, o seio nutridor, gera sentimentos de ódio, que segundo Klein, tornam-se patológicos, na medida em que traços esquizo-paranóides tornam-se anormalmente intensos. Interessante que Klein faz uma referência, em pequena nota de rodapé, aos escritos de Joan Riviere (*Jealousy as a mechanism of defense* – 1932), em que aquela autora trata do desejo infantil de despojar o seio materno e estragá-lo, mecanismo típico da inveja primária. Lembremo-nos que um dos primeiros procedimentos de Francisco, ao escavar e esquartejar os corpos de suas vítimas, foi a retirada dos mamilos e dos seios destas.

Em seguida, chama atenção do leitor para, em suas palavras descrever: “(...) a escavação voraz do seio e do corpo da mãe, sobre a destruição de seus bebês, bem como sobre a deposição de excrementos maus dentro da mãe, já deixava entrever o que posteriormente vim a reconhecer como o estrago do objeto, por inveja”. (KLEIN, 1957, p. 214).

Percebe-se, pois, que, diante de casos de privação real, as fantasias destrutivas se tornam ainda mais graves, uma vez que giram em torno da “suposição” de que o seio, que é inexaurível, o privou da satisfação, pela simples mesquinhez e maldade que lhe são peculiares, apenas para negar-lhe a bondade e a satisfação. O evento real, nestes termos, piora o quadro da voracidade e da inveja, aqui em discussão. Os sentimentos de amor e ódio cada vez mais se mantêm cindidos entre os objetos bom e mau respectivamente.

A inveja tende a estragar a cada momento o objeto, pois dá força às fantasias sádicas de ataque ao seio. A inveja excessiva torna os ataques mais intensos e duradouros. Para Klein, isto leva à dificuldade do bebê em recuperar, por assim dizer, o objeto bom perdido. A união dos três elementos letais, a inveja, a voracidade e a ansiedade, ampliam a atuação dos impulsos destrutivos a um nível mortífero e patológico, em que a desintegração do ego torna-se praticamente inevitável.

Por outra via, o sentimento de gratidão, derivado da capacidade de amar é o que possibilita o estabelecimento do anseio de unidade com outra pessoa, a base da gratidão é

aceitar o objeto bom e amado sem a interferência da voracidade e da inveja excessivas. O objeto bom estabelece uma relação de amor e proteção entre ele e o *self*, numa base de confiança.

Quando a inveja intensa se instala dirigida ao seio nutridor, o desenvolvimento da capacidade de gratidão desmorona, pois a inveja inibe a capacidade do indivíduo em crer em qualquer coisa que seja boa. A confiança na sinceridade e no amor é destruída. Segundo Klein, essas pessoas estarão sempre à procura de apaziguar seus perseguidores internos e da destruição onipotente, em maior ou menor grau, desde a presença de mecanismos arcaicos de cisão e desintegração até o que ela denomina de “mudanças de caráter”. (KLEIN, 1957, p.221).

A ansiedade primordial do ego arcaico é a ameaça de aniquilamento pela pulsão de morte, por isso ele a deflete. A falta de coesão do ego arcaico, o leva a uma tendência a cindir a si mesmo e aos seus objetos, numa tentativa de preservar-se da ansiedade primordial. O processo específico de cisão entre o seio bom e mau, neste sentido representa o conflito inato entre o amor e o ódio e as ansiedades existentes nesta interrelação. O próprio processo de cisão apresenta uma especificidade interessante, pois há uma internalização voraz e devoradora do objeto, o que leva a uma fragmentação do ego e de seus objetos em vários graus e níveis de dispersão dos impulsos destrutivos e das ansiedades persecutórias internas. Cabe salientar, no entanto que a cisão é peça chave para o desenvolvimento bem sucedido do ego, uma vez que as tendências integradoras dependerão do sucesso deste procedimento entre o objeto amado e o odiado, pois é a preservação do objeto bom que garante o sucesso do processo de síntese dos dois aspectos do objeto.

Já quando uma cisão muito profunda se apresenta há uma indicação de que um objeto está sendo idealizado e outro percebido como extremamente mau, neste caso, os impulsos destrutivos, a inveja e a ansiedade persecutória caminham lado a lado. Pois, Klein salienta que a idealização é uma forma de defesa contra a ansiedade persecutória e neste sentido: “(...) o seio ideal é a contrapartida do seio devorador” (1957, p.224).

A segurança proporcionada pelo objeto bom, devido ao seu poder de criatividade, equilibra perdas ou mesmo privações sofridas pelo bebê. No entanto, a pessoa invejosa, não consegue alcançar este patamar, pois nunca estará satisfeita, movimento que reforçará sua inveja.

O ressentimento diante do objeto originário permanecerá como uma constante, os sentimentos de desprezo e ódio estarão sempre presentes, junto a tentativas de estragar, danificar e desvalorizar o objeto, bem como as constantes tentativas de destruição de suas

capacidades mentais – a partir do que Klein, através dos casos de seus pacientes, demonstra e denomina de virulentos ataques sádico-orais e sádico-uretrais. O que se observa nestes casos, são partes muito destrutivas do *self*, que em ação contra o objeto, visam sua destruição.

Diante de casos desta natureza, em que a pulsão de morte se faz tão presente como ameaça interna a este frágil ego, este lança mão das mais primitivas defesas e de forma excessiva, ao ponto em que a elaboração da posição depressiva se vê prejudicada, por isso nos diz Klein (1957, p. 248):

Em alguns casos, particularmente do tipo psicótico, somos confrontados desde o início com defesas de natureza tão manifestamente impenetráveis que, por algum tempo, pode parecer impossível analisá-las.

Outra defesa importante ressaltada nestes escritos é o abafamento de sentimentos de amor e sua correspondente intensificação do ódio, segundo Klein, esta seria uma forma menos dolorosa de lidar com a culpa proveniente da combinação entre o ódio, o amor e a inveja, uma vez que invariavelmente leva a uma indiferença afetiva. Ela descreve:

Quando predominam traços esquizóides e paranóides, as defesas contra a inveja não podem ser bem-sucedidas, pois os ataques ao sujeito levam a um sentimento aumentado de perseguição, com o qual ele só pode lidar por meio de ataques renovados, ou seja, reforçando os impulsos destrutivos. Desse modo é estabelecido um círculo vicioso que prejudica a capacidade de contrabalancear a inveja. (KLEIN, 1957, p. 252).

É exatamente o estabelecimento deste círculo vicioso que Klein salienta em muitos de seus textos que nos chama atenção no processo compulsivo e seriado no agir homicida dos indivíduos presentes neste estudo. Este estado de coisas, que finda por destruir toda possibilidade do *self* lidar com este insuportável grau de perseguição interna, gera quadros graves de patologias narcísicas graves, tema abordado a seguir.

3.2.1. Kernberg e a síndrome do narcisismo maligno

Outro importante autor que nos traz respeitáveis contribuições ao contexto desta temática é Otto Kernberg (1995), que manifesta a importância dos afetos e seu papel central na formação da personalidade no campo das patologias narcísicas. Seu trabalho traz considerações sobre as relações existentes entre agressão e agressividade e também entre raiva e ódio e como estes fatores atuam no processo de formação da personalidade. Leva especialmente em consideração as experiências afetivas com os primeiros objetos significativos.

O autor indica a compreensão das fantasias e comportamentos sexuais dos indivíduos naquilo que denomina de *síndrome do narcisismo maligno*, o definindo:

Há também um grupo de pacientes que se classifica em algum lugar entre o transtorno narcisista de personalidade e o transtorno antissocial de personalidade caracterizado pelo que denomino de síndrome de narcisismo maligno. (KERNBERG, 1995, p. 72).

Nestes termos, quadros mais graves de transtornos narcísicos podem ser compreendidos por este viés, especialmente se levarmos em consideração, o aspecto da agressividade, a qual se apresenta egossintônica. Há, nos transtornos de personalidade, um processo de deterioração do mundo internalizado de relações objetais.

O transtorno de personalidade antissocial (psicopatia) é definido por este autor a partir do transtorno narcisista de personalidade. Nele se apresentam características de um auto-amor patológico, configurado por uma excessiva auto-referência, egocentrismo, grandiosidade e: “(...) as características derivadas do exibicionismo, e uma atitude de superioridade, atrevimento, ambição extrapolada; superdependência de ser admirado, superficialidade emocional (...)”. (KERNBERG, 1995, p. 79).

Nessas personalidades, destacam-se as incapacidades de estabelecer relacionamentos recíprocos, empatia ou compromisso. Há de se salientar, ainda, o aspecto patológico do superego. A valorização que o indivíduo atribui à vida volta-se, por exemplo, para aspectos superficiais como poder ou beleza física, ao invés de responsabilidades ou ideais. Comportamentos agressivos sádicos e criminosos, além de uma inteligência desenvolvida, completam os traços observados.

Com relação ao tema das fantasias destes indivíduos, salienta:

As fantasias sexuais desses pacientes são surpreendentemente similares às de pacientes portadores de perversões sexuais sádicas e masoquistas, com presença de uma constante agressivização de todos os desejos sexuais. A penetração genital torna-se equivalente à destruição dos genitais, ou preenchimento das cavidades do corpo com excrementos. O pênis como fonte de veneno invadindo o corpo é a contrapartida para os seios provocativos indisponíveis que podem ser incorporados somente por destruição canibalística. A falta de diferenciação de objetivos sexuais (fantasias orais, anais, genitais condensadas, expressando simultaneamente impulsos e ameaças de todos os níveis de desenvolvimento sexual) corresponde a uma indiferenciação das características sexuais masculinas e femininas (impulsos homossexuais e heterossexuais misturando-se caoticamente). (KERNBERG, 1995, p. 260)

A partir de sua experiência clínica, Kernberg (1995) levanta hipóteses sobre o processo de organização psíquica destes indivíduos. Primeiramente ressalta o relato comum de abusos sofridos na infância, fato que os leva a um “desrespeito” por objetos potencialmente bons, donde o sadismo se configura como sintoma. Nos casos de homicidas seriais que investigamos até o presente momento, inclusive aqueles com os quais tivemos contato direto por meio das entrevistas, vale salientar, que o histórico de abusos sofridos na infância é uma realidade patente, seja em termos de abusos físicos ou sexuais, estes últimos, em sua maioria. Nestes termos, a hipótese de Kernberg faz muito sentido, especialmente por tratar deste padrão de desrespeito ao outro, aspecto que muito se relaciona ao estabelecimento de relações objetais narcisistas, tão bem enfocadas por Steiner, tema do tópico a seguir.

3.2.2. Steiner e os refúgios psíquicos

Em seus escritos *Relações objetais narcisistas e as organizações patológicas da personalidade* (1997), Steiner localiza a identificação projetiva como a força de defesa das mais onipotentes nas organizações patológicas de personalidade, resgatando as suas semelhanças sobre a temática a partir da perspectiva de vários autores, o que contribui em muito para o esclarecimento destes pontos em nossa Tese, pois nos permite ter um panorama

geral inicial de discussão sobre o tema das organizações narcísicas. Para então num segundo momento, nos aprofundar nos conceitos dos autores propriamente ditos.

Este tipo de defesa leva a uma relação de objeto de tipo narcisista – na qual a relação não se dá com o objeto, mas em última instância com o sujeito, consigo mesmo. Interessante perceber a conexão com as idéias propostas por Steiner no que se refere a esta relação do sujeito consigo mesmo e o que nos propôs pensar Luís Cláudio Figueiredo, sobre os indivíduos entrevistados neste estudo, que talvez eles nunca tenham chegado a constituir relações de objeto, mas apenas *pseudo-relações* objetais, no sentido de relações parciais de objeto. Sobre isto enfoca Steiner: “Ele pode ignorar aspectos do objeto que não se encaixem na projeção, ou pode controlar, forçar ou persuadir o objeto a fazer o papel que se exige dele” (1997, p.61). Desta feita, entende que os refúgios psíquicos seriam processos de afastamento da realidade, objetivando o alívio da ansiedade e da dor – uma espécie de local de descanso.

Steiner nos lembra que Rosenfeld (1964) chama atenção tanto para as relações objetais narcisistas a partir da identificação projetiva de se ligarem a idealização de aspectos bons dos objetos, como a aspectos destrutivos do *self*. Desta forma, a identificação projetiva não permitiria o espaço para a vivência de separação. Rosenfeld (1983), segundo Steiner, descreve um tipo simbiótico de relacionamento objetal, relação em que se desenvolve uma intrusão destrutiva e um forte ressentimento pelo objeto, esta seria a relação de tipo parasitária.

Quando o tema das relações objetais narcisistas está em debate, está também em discussão as fontes internas de destrutividade tão amplamente salientadas desde os escritos kleinianos, a exemplo da inveja primitiva. Neste sentido, temos no ego partes dissociadas e evacuadas pela identificação projetiva. No processo, esclarece Steiner: “(...) criam-se ansiedades paranóides à medida que impulsos invejosos e destrutivos são sentidos como se atacassem o ego do exterior, e são organizadas defesas a fim de lidar com esse processo” (1997, p.64).

Por sua vez, demonstra Steiner, Meltzer (1968) também trabalhou o tema da organização narcísica, em que a crueldade, a destrutividade e a tirania tornam-se temidas pela parte submissa do *self*, idéias que surgem em concordância com as de gangue de Rosenfeld, assim:

A parte destrutiva do *self* apresenta-se então para as partes boas sofredoras, primeiramente como uma protetora contra o sofrimento, depois como uma escrava para sua sensualidade e vaidade, e apenas secretamente – em face da resistência à regressão – como a malvada, a torturadora (MELTZER *apud* STEINER, 1997, p.63).

Steiner propõe que a descrição de Rosenfeld do narcisismo destrutivo é a base para sua concepção sobre as organizações patológicas de personalidade. Por isso concorda plenamente com as opiniões daquele autor, quando aponta que não apenas os bons elementos do *self* passam pelos processos de idealização, em relação aos bons objetos, mas também as partes destrutivas do *self*, em conjunto com os objetos destrutivos. E que estes podem dominar a personalidade do indivíduo na forma do que Rosenfeld denominou de gangue ou máfia. Assim, numa forma psicótica e delirante, é para este “lugar” que o *self* tende a se retirar, o restante do *self* sadio finda por ser ameaçado e aprisionado, por esta estrutura doentia e criminosa, nos termos de Rosenfeld.

Steiner nos reporta ainda às concepções de Fairbairn (1949) e Guntrip (1968) em que estes relatam estados mentais de pacientes em que a cisão predomina, entendendo-os como um tipo especial de pacientes fronteirizos, que apresentam a tendência a permanecer ausentes do contato consigo mesmos e com os objetos. Para Steiner, permaneceriam em estados de refúgios psíquicos, protegidos das ansiedades, mas com graves problemas de identidade, inclusive da identidade sexual. Os refúgios nos diz Steiner, são construídos, com os tijolos da identificação projetiva, dela advêm a estabilidade e rigidez de sua estrutura.

Sobre este tema Figueiredo (2008) complementa que, nestes casos, as formações superegóicas seriam correspondentes a partes cindidas do psiquismo, refratárias a qualquer tipo de integração, as descrevendo como uma “fortaleza inimiga instalada no território da subjetividade” (p.24). Segundo o autor, este núcleo supergóico nem mesmo atingiria o circuito tradutivo – aproximando-se do conceito laplanchiano de enclaves psicóticos.

Assim sendo, nas organizações patológicas de personalidade, os estados narcísicos destrutivos progridem no avanço sobre as questões referentes à destrutividade interna. A manutenção da identificação projetiva favorece o poder dos objetos destrutivos, sua onipotência e não raro seus comportamentos, ganham força de tons sádicos que visam unicamente sua proteção e a manutenção de sua posição inabalável. Vejamos o que Rosenfeld e Meltzer podem nos esclarecer quanto a esta questão.

3.2.3. Rosenfeld e Meltzer: narcisismo destrutivo, terror, tirania e sideração

Em seus escritos sobre *Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo*, Rosenfeld (1971a), destaca acompanhando o pensamento freudiano, que a pulsão de morte apesar de nunca se manifestar em sua forma original, terá a tendência a se apresentar a partir de um processo destrutivo dirigida contra o *self* e os objetos em situações típicas narcísicas graves.

Por este motivo, neste artigo, o autor passa ao estudo dos quadros que denomina como narcisismo destrutivo, entendendo-os sob a ótica freudiana da questão da fusão e desfusão das pulsões de vida e morte. Além de todo o estudo freudiano sobre as questões do narcisismo, e principalmente após a conexão das idéias referentes aos estados narcísicos de prazer e ódio, especialmente quando o sentimento de ódio volta-se contra o objeto externo na intenção de sua destruição, em suas estreitas relações com a pulsão de morte.

Rosenfeld destaca ainda a importância dos achados de Abraham (1919) sobre os pacientes que apresentavam posturas de um narcisismo mais pronunciado e de como as relações transferenciais com estes pacientes perpassavam pelo viés da depreciação e desvalorização do analista. A conexão clínica e teórica nos diz Rosenfeld, entre narcisismo e agressão, teria sido mérito destas primeiras observações.

Sobre Reich (1933), salienta que este retratou o paciente narcísico como aquele movido por uma atitude de superioridade e imbuído por comportamentos de provocação e sentimentos de inveja e destrutividade.

Porém, é mesmo nos conceitos kleinianos que o autor mais se inspira neste artigo para tratar dos temas referentes ao narcisismo destrutivo. Sabemos que a cisão do objeto idealizado diante do objeto mau é uma característica do desenvolvimento inicial, no objetivo da manutenção de um estado desfusional entre as pulsões de vida e morte. Em presença deste movimento, a teoria kleiniana nos aponta que o passo seguinte será o acontecimento da cisão entre as partes boas e más do *self*.

Durante a posição esquizo-paranóide, salienta Rosenfeld, os mais complexos estados de desfusão pulsional podem surgir, e continua: “Podemos encontrar esses estados em pacientes que nunca ultrapassaram totalmente esta fase inicial de desenvolvimento, ou que regrediram a ela” (1971a, p.248). Assim, a inveja primitiva se constitui como um derivado

direto da pulsão de morte. Não só contra a mãe nutridora, mas também inveja daquilo que a criança gostaria de possuir.

Vale salientar, entretanto, que a cisão é um mecanismo de defesa normal e saudável, constitutivo do início do desenvolvimento e que visa à proteção do *self* e do próprio objeto dos perigos da aniquilação, por meio dos impulsos destrutivos advindos da pulsão de morte.

No entanto, no caso dos quadros narcísicos, o papel da desfusão assume a ação central, a relação objetal onipotente encontra-se envolta na força dos impulsos destrutivos invejosos - casos que Rosenfeld denomina de fusão patológica:

(...) para os processos em que na mistura de impulsos libidinais e destrutivos, o poder dos impulsos destrutivos fica muito reforçado, enquanto na fusão normal a energia destrutiva fica mitigada ou neutralizada (1971a, p.249).

Ao analisar em separado os aspectos libidinais e agressivos, salienta que nos primeiros, a supervalorização do *self*, baseado no mecanismo da idealização, sustenta as identificações projetivas e introjetivas de tom onipotentes como os objetos bons e suas qualidades. O narcisista tem a sensação que o que emana de bom e valioso, seja advindo do mundo externo ou dos objetos externos que a ele pertence ou é onipotentemente por ele controlado.

Já do ponto de vista destrutivo, há também a influência da idealização do *self*, no entanto, de suas partes onipotentes e destrutivas, uma vez que elas permanecem excindidas e distantes dos relacionamentos com o mundo externo e contra qualquer relação de objeto libidinal positiva, ou mesmo qualquer parte libidinal do *self* – o que leva, segundo Rosenfeld, a desvalorização do outro, uma verdadeira indiferença em relação aos objetos e ao mundo – um impeditivo se forma em termos de relações objetais.

Os casos de narcisismo destrutivo são marcados por situações em que gradualmente, as partes libidinais do *self* são aniquiladas restando apenas as destrutivas, pois os elementos que tentam as relações de objeto, nos diz Rosenfeld, são destruídos:

Parece que estes pacientes lidaram com a luta entre impulsos destrutivos e libidinais tentando livrar-se de sua preocupação e amor por seus objetos, matando seu *self* dependente e amoroso e identificando-se quase que inteiramente com a parte narcísica destrutiva do *self*, que lhes fornece uma sensação de superioridade e autoadmiração. (1971a, p.251).

O conceito de gangue ou quadrilha surge a este ponto de seu texto e nos pareceu muito pertinente a nossa pesquisa, pois Rosenfeld o aponta, demonstrando que o narcisismo destrutivo, parece tão organizado em alguns pacientes que simula a situação de uma organização criminosa, em que a existência de um líder garante o controle de todos os demais membros e para que se apoiem mutuamente, assim, o trabalho é mantido de forma destrutiva e eficiente.

Figueiredo (2009), em seus escritos *As diversas faces do cuidar*, no capítulo em que faz considerações sobre os destinos da crueldade como elemento de destruição e transformação de subjetividades a partir dos elementos presentes no filme *Cidade de Deus*, nos mostra como os impulsos destrutivos são capazes de exercer certa atração sobre as personagens do filme – conectando estas situações ao conceito de gangue de Rosenfeld.

A certa altura de seu texto, o autor nos traz a imagem do labirinto, um lugar marcado pela falta de saídas e com ela nos apresenta ao Minotauro – Nêmesis – figura mitológica, guardião do labirinto, que ilustra o anjo da vingança, em outras palavras, o objeto interno persecutório. Labirinto – favela - em que Zé Pequeno, personagem central se coloca como líder da gangue, aquele em que pelo pavor e pelo poder dos impulsos destrutivos tem:

(...) como resposta ‘afirmativa’ ao aniquilamento que a consagração ao mal emerge como a única afirmação possível, e é neste contexto que devemos entender a barganha fáustica que se consuma no beco de Exu de onde Dadinho, virado em Zé Pequeno, parte para a conquista do poder total e para o extermínio em massa. O que se vê então é o mal em dosagem concentrada (o mal em miniatura) em oposição complementar às fantasias de onipotência: desde criança, ficamos sabendo, Dadinho queria ser ‘o dono da Cidade de Deus’. (FIGUEIREDO, 2009, p.174).

Em acordo com tais idéias e com o mesmo conceito de gangue de Rosenfeld, Meltzer, em seu trabalho, *Terror, perseguição, pavor – uma dissecação das ansiedades paranóides* (1967), baseado nos trabalhos de Klein, e em suas experiências clínicas, nos traz a importância da identificação projetiva e dos processos de cisão, no campo das relações objetais. Haveria destarte, segundo ele, uma proteção ilusória sentida pelo indivíduo narcisista contra o terror, a perseguição e o pavor provocados pelas ansiedades persecutórias, advindas das excisões das partes más do *self* e do aprisionamento das partes sadias. Esta onisciência da parte destrutiva levaria à tirania, o que provocaria pavor das partes sadias do *self*, de perder a proteção contra o terror, artifício em verdade ilusório – uma vez que o comportamento do tirano é semelhante à de um perseguidor.

No artigo intitulado *Tiranía* (1968), Meltzer nos revela ter se deparado, na clínica, com pacientes que apresentavam conflito entre a confiança e a dependência dos bons objetos primários e a confluência com os ciúmes possessivos em relação a estes mesmos objetos. Naqueles observou que as fantasias sobre castigos e excisão de partes más do *self* (extremamente cindidas), eram projetadas no mundo externo, o que de imediato nos leva aos efeitos da sideração.

Usando como analogia as situações de guerra, destaca a tirania infligida ao outro, como um prazer na crueldade. Neste sentido, a tirania intenciona infligir ao outro a desonra, a humilhação e o desprazer. Sobre as situações de guerra, citando Engels (1850) em seu trabalho *The Peasant War in Germany*, nos diz:

Muitos prisioneiros eram executados da maneira mais cruel possível, os outros eram mandados para casa depois de terem tido o nariz e as orelhas decepados... os camponeses eram atacados e dispersados por Zapolya; o próprio Dosa foi feito prisioneiro, assado num trono de brasa e comido vivo por seus próprios homens, cuja vida só era preservada sob esta condição. (ENGELS *apud* MELTZER, 1968, p.164).

Nestes escritos, Meltzer discorre sobre a análise de um de seus pacientes psicóticos, que expressava em seus desenhos, fantasias de corpos femininos mutilados. Estas fantasias destrutivas transformavam o mundo interno deste paciente, segundo o autor, num verdadeiro campo de extermínio.

Ao roubar a vitalidade dos objetos e diante da incapacidade de reparar tal fantasia de aniquilamento, se dá a *submissão à tirania*, que consiste na incapacidade de estabelecer vínculos com o objeto bom. Desta forma, surge uma “relação viciosa com a parte má do eu” (MELTZER, 1968, p.169).

A partir de tal relação viciosa, como destaca o autor, se estabelece o terror, o qual, projetado, paralisa e sidera as vítimas dos assassinos seriais. A tirania das partes más do *self* impede a configuração da posição depressiva e fortalece as organizações narcísicas de personalidade.

Voltando a Rosenfeld, esta organização narcísica, na pretensão de manter seu *status quo*, imprime ao sujeito o enfraquecimento de suas próprias defesas, nestes termos, das partes boas de seu *self*, aspecto que fortalece as destrutivas, e manteria o narcisismo. O objetivo, nestes casos, seria o de sustentar a idealização e o poder superior do narcisismo destrutivo, por isso, a ênfase do autor na especificidade desta situação:

Em muitos destes pacientes, os impulsos destrutivos estão ligados a perversões. Nessa situação, a aparente fusão das pulsões não leva a um enfraquecimento do poder das pulsões destrutivas; ao contrário, o poder, e a violência ficam muito aumentados pela erotização da pulsão agressiva. Sinto que é confuso acompanhar Freud na discussão das perversões como fusão entre as pulsões de vida e de morte, porque nestas instâncias a parte destrutiva do *self* tem o controle sobre todos os aspectos libidinais da personalidade do paciente e, portanto, é capaz de distorcê-los. (ROSENFELD, 1971a, p.253).

Obviamente não se pode esquecer, apesar desta importante observação, que este quadro narcísico estará ligado de forma mais consistente às organizações psicóticas, nestas, como bem examina Rosenfeld, prevalece o domínio de partes do *self* onipotentes ou mesmo oniscientes, extremamente cruéis, que chegam a criar a fantasia de que dentro do objeto delirante é possível viver uma realidade plena de ausência de dor e irrestrita quanto às expressões do sadismo. O que se observa é uma auto-suficiência narcísica e a absoluta restrição a qualquer tipo de relação objetal.

De tal sorte que mesmo as ações dos impulsos destrutivos delirantes e extremamente cruéis podem transparecer em atos disfarçados como benevolentes ou salvadores, como salienta o autor. O que se processa, nestes termos, é transformar as partes sadias do *self*, em partes destrutivas, as aprisionando no mundo delirante e onipotente. Não raro iremos encontrar relatos de assassinos seriais que “justificam” seus atos criminosos ao afirmarem, por exemplo, que estão limpando o mundo de pessoas que seriam danosas a este ou as sacrificando por um bem maior. A questão do sacrifício das vítimas é algo presente na narrativa de Marcelo e também de Francisco, tema que pretendemos aprofundar no momento devido.

Para Rosenfeld, este não seria um estado desfusional, mas uma fusão patológica, o estado narcísico gera uma situação de retraimento e as partes sadias do *self*, se tornam dominadas pelas pulsões destrutivas e por todo processo de onipotência, poder este cada vez mais crescente.

Assim, estas partes destrutivas onipotentes do *self* se tornam separadas e controlam a organização patológica – a onipotência observa Rosenfeld: “(...) tem efeito hipnótico sobre todo o *self* (...)” (1971a, p.254). Interessante notar (obviamente guardando-se as devidas diferenças entre os sonhos e as passagens ao ato) que, não raro, nos relatos dos sonhos e fantasias em alguns dos pacientes de Rosenfeld há descrições de assassinatos cruéis e ataques violentos e destrutividade ampla. E ainda, mais uma vez chamamos atenção para a proximidade com o conceito do efeito hipnótico utilizado por Rosenfeld daquilo que

poderíamos aproximar com a capacidade de sideração dos assassinos em série, entrevistados nesta pesquisa.

No constante conflito existente entre as partes psicóticas e as partes sadias da personalidade, o autor enfatiza que as partes psicóticas narcísicas mantêm as tentativas de “dominar, enredar e paralisar” (ROSENFELD, 1971b, p.136) as partes mais sadias do *self*. Os processos de integração do ego precisarão exatamente que estas partes possam adquirir algum espaço no psiquismo, de modo a operar um certo tipo de saída da paralisia. Mesmo porque, em sua opinião, em última instância, a identificação projetiva em termos de relação transferencial, no caso de pacientes psicóticos, sempre se constitui num risco, uma vez que sua forma de relação objetal é arcaica e seu destino será o de buscar o controle do corpo e da mente do analista.

Quando Luís Cláudio Figueiredo nos incentivou a falar sobre a sideração neste estudo ainda não tínhamos muito claro como poderíamos articular de modo conceitual a questão, pensamos que talvez o caminho pudesse surgir, com as idéias de Klein e Rosenfeld sobre a identificação projetiva. Então, passamos a pensar o conceito como uma espécie de capacidade hipnótica de domínio sobre a vítima que tem o assassino serial a ponto de convencê-la a acompanhá-los a locais inseguros para depois torturá-las e matá-las. Vejamos o que nos diz Figueiredo sobre a capacidade que tem alguns pacientes diante do analista (2008, p.29):

O que importa neste momento é recolher a idéia de que, ao tratar um caso de dissociação patológica, o analista deve ser capaz de deixar-se afetar pelas partes cindidas e dissociadas do paciente de um modo muito intenso, e isso significa em muitas circunstâncias abandonar-se ao fascínio quase hipnótico (ora excitante, ora sonífero, mas sempre da ordem do *amortecimento* e da *invalidação* de certas capacidades afetivas ou cognitivas) que algumas partes dissociadas exercem.

Obviamente que aqui Figueiredo retrata uma dissociação terapêutica, como enfoca Khan (1971), no entanto, gostaríamos de chamar atenção exatamente para esta capacidade que têm as partes dissociadas de exercer isto que o autor denomina de fascínio ou capacidade hipnótica e que no nosso estudo denominamos de *sideração*, no sentido que o próprio termo aponta. Pois sideração fala da capacidade de: “aniquilar, atonizar, atordoar, aturdir, estarrecer,

fulminar, paralisar”²⁴. Traduz-se, pela disposição de impossibilitar que qualquer ação seja tomada. Medusa petrificava aqueles que olhassem diretamente nos seus olhos.

No breve artigo intitulado *A cabeça da Medusa*, Freud (1922) salienta: “A visão da cabeça da Medusa torna o espectador rígido de terror, transforma-o em pedra” (p.329). Ao “olhar” (ver, ouvir, falar) no sentido psicanalítico, para a psique de Marcelo ou Francisco, fica-se também petrificado, imobilizado pelo poder de suas sádicas fantasias.

A sideração, pude sentir durante alguns momentos das entrevistas ou mesmo antes de realizá-las, em que tanto Marcelo como Francisco exercem uma espécie de disposição de domínio hipnótico daquele que o ouve, diante do relato de seus feitos. Em alguns momentos, como expectadores paralisados de seus atos, ali permanecemos, subjugados, não por uma força “perversa”, mas pelo poder avassalador dos conteúdos que são excindidos. Assim também, aparentemente, permaneceram suas vítimas, pois no caso de Francisco de Assis Pereira – o *Maníaco do Parque*, por exemplo, as duas vítimas que dele escaparam relatam sensação próxima destas considerações que ora referendamos.

A sideração nos parece traduzir-se pela questão da excisão das partes más do *self* e de como este processo atinge o outro de modo a gerar o que Rosenfeld denomina como esta tentativa de paralisar as partes sadias do psiquismo. Mesmo porque, em última análise, Rosenfeld acredita que a identificação projetiva é, essa tendência que o paciente apresenta, em análise, de repetidamente, excindir e projetar para dentro do analista todo conteúdo danoso.

Ao relatar o caso de um paciente que “força” sua entrada para o psiquismo de outras pessoas, Rosenfeld, ao nosso entender, descreve o contexto da sideração, que nos pareceu bem plausível de ser pensada como esta força de penetração no objeto. Quando Marcelo e Francisco, por exemplo, sideravam suas vítimas, elas eram enredadas, paralisadas e por fim aniquiladas, sem restrições, dando-lhes a segurança de que o objeto persecutório ou quiçá, como já referimos, as partes más de seus próprios *selves* (reeditados naquelas figuras) não lhes poderia causar danos. O ato do domínio é, sobretudo, o exercício que comanda a sideração, no objetivo final do aniquilamento.

Percebe-se, enfim, que a natureza das ansiedades, defesas e especialmente as relações objetais que tratamos neste estudo, as quais se configuram numa tamanha complexidade e envolta por mecanismos tão arcaicos e vivências tão narcísicas, se conjugam num corolário de impulsos destrutivos e de vivências de aniquilação, despedaçamento, voracidade e

²⁴ Edição eletrônica Dicionário Aurélio da língua portuguesa.

desintegração e são de tal monta indissociáveis, que apenas a questão do ódio seja capaz de nos dar um caminho mais próximo para chegarmos à compreensão da significação do lugar das vítimas no psiquismo dos assassinos seriais. Por este motivo, será este o tema de nosso próximo tópico.

3.3. As vítimas-objeto e algumas questões sobre a psicopatologia do ódio

No tópico 3.2 destacamos a posição de Klein (1957) quanto ao papel do ódio e suas relações com a inveja e a voracidade. Percebemos como a inveja se torna uma fonte primitiva de ódio e como este afeto direcionado ao objeto invejado se transforma em medo de seu potencial destrutivo, derivado tanto dos mecanismos projetivos, como das experiências reais de trauma²⁵. Trazemos agora ao leitor, algumas importantes questões discutidas por Kernberg (1995), que complementam estes pensamentos inicialmente expostos e mais diretamente nos faz pensar sobre o papel das vítimas-objeto no psiquismo dos assassinos seriais e na expressão de seus comportamentos destrutivos diante destas.

Em seus estudos sobre a psicopatologia do ódio, Kernberg (1995) o focaliza como um afeto que se põe no cerne dos estados patológicos de personalidade, em especial nos quadros de perversões e psicoses. Configura o ódio como derivado da agressividade (*rage*). Em torno deste afeto primário, a pulsão de agressão se agruparia, segundo o autor.

Em casos patológicos graves, o ódio surge como um afeto nas relações objetais. Por isso, abrimos esta breve discussão, no que concerne ao papel do ódio e suas vicissitudes presentes no psiquismo e comportamentos dos assassinos seriais diante de suas vítimas. Entendemos que as vítimas desempenham uma função no psiquismo dos homicidas em série, funcionando enquanto reedições dos objetos primários, por isso o uso do termo *vítimas-objeto*. Assim, descreve o autor:

Na psicopatologia grave, o ódio pode evoluir para uma dominação esmagadora dirigida contra o *self* e contra os outros. Tratando-se de um afeto complexo que pode transformar-se no mais importante componente da pulsão agressiva, sobrepujando outros afetos agressivos universalmente disseminados como a inveja ou a aversão [*disgust*]. (KERNBERG, 1995, p.24).

²⁵ Salientamos, ainda, que outras contribuições kleinianas sobre o tema do ódio e fantasias sádicas são enfocadas no capítulo quatro.

A partir das observações clínicas em que o ódio se faz presente na transferência, Kernberg propõe pensarmos a agressividade enquanto um estado afetivo básico que ativa reações agressivas na transferência. Desta forma, nos guia até a concepção de que este afeto possui uma função desenvolvimental: a de eliminar um obstáculo para atingir uma gratificação. O bebê sinaliza ao seu cuidador, por meio de um estado agressivo, que aquele precisa contribuir para eliminar o fator estressor – uma espécie de apelo pelo retorno a um estado de gratificação.

Chegamos assim ao ódio (*hatred*), o qual se constitui por um afeto agressivo complexo, com um espectro amplo que envolve elementos cognitivos, crônicos e estáveis, observa o autor – o que estabelece sua diferenciação do quadro agudo da agressividade. Por isso Kernberg (1995, p. 26) ressalta:

O objetivo primeiro do indivíduo consumido pelo ódio é destruir o objeto, um objeto esse específico da fantasia inconsciente e os derivativos conscientes desse objeto; o objeto é, basicamente, não só necessário como desejado, sendo sua destruição igualmente necessária e desejada.

O ódio, ao consumir o indivíduo, dá margem à configuração de quadros psicopatológicos crônicos em que a destruição do objeto se expressa como uma necessidade, as motivações inconscientes intensificam este afeto. Os casos de assassinato e desvalorização do objeto são salientados por Kernberg como parte dessas formas extremadas do ódio – uma demanda pela eliminação do objeto se processa e este movimento finda por generalizar-se para todas as relações objetais, pois ativam a revivência de relações objetais persecutórias e más.

As vítimas-objeto entram no foco dessa discussão na medida em que os homicidas seriais apresentam esta tendência à generalização, em que os objetos são todos percebidos como persecutórios e aterrorizantes. A necessidade de destruição simbólica e efetiva destes objetos, leva aos comportamentos repetitivos – homicídios em série, de um mesmo perfil de vítimas, em que as condutas de sadismo se sobressaem.

Por este motivo as relações sádicas são parte das expressões do ódio contra os objetos, em que o desejo de dominá-lo e fazê-lo sofrer se interpõe ao de sua destruição. Kernberg (1995) aponta que na transferência, se expressa uma tentativa de procurar um estado do *self* primitivo totalmente bom, o que, em contrapartida, aciona um processo de destruição difusa,

ao qual o analista é “convocado” a participar, como vítima, por meio do uso maciço de mecanismos projetivos por parte do paciente.

Da mesma forma, compreendemos que o assassino em série estabelece esta relação com as vítimas, as convocando a assumirem o papel de objetos e por meio do uso da identificação projetiva, as sidera, ao ponto de deixá-las susceptíveis e assim, dar margem às suas fantasias de humilhação e destruição.

No que concerne às relações objetais e suas representações na transferência, Kernberg (1995) faz uma importante observação, que destaca exatamente a posição em que o outro é colocado nesta relação, ou seja, a posição de vítima:

Basicamente o paciente representa uma relação objetal entre o perseguidor e sua vítima, alternando estes papéis em suas identificações, enquanto projeta o papel recíproco em direção ao terapeuta. Nos casos mais patológicos, é como se a única alternativa de ser vitimizado seja através de tornar-se um tirano, sendo que as repetidas atitudes de ódio e sadismo apareceriam como se fossem as únicas formas de sobrevivência e significação (...) (p.29).

Em situações de fixações ao trauma, também se observa o estabelecimento de relações objetais odiosas e nestes casos, o autor exemplifica com casos de crianças que são vítimas de espancamentos ou pessoas que foram submetidas a maus-tratos. As fixações nos traumas são elementos presentes nas histórias dos assassinos em série e parecem se repetir em suas condutas criminosas. Tais fixações podem ser percebidas tanto no caso de Marcelo, como no de Francisco. A fixação no trauma ocorre pela relação traumática desenvolvida com o objeto, por ser necessitado, porém, concomitantemente experienciado como mau e principalmente responsabilizado pela destruição do objeto idealmente bom.

O autor chama atenção para as “implicações dolorosas, impotentes e paralisadoras” (p.31) do objeto perseguidor. Assim o ódio é transformado em identificação com este objeto “cruel, onipotente e destrutivo” (p. 31), como forma de revanche contra ele. Vejamos suas colocações a respeito:

Os pacientes com tal motivação, sadicamente, maltratam os outros, porque eles próprios tiveram a experiência de serem maltratados, igualmente por objetos sádicos; inconscientemente, eles tornam-se seus próprios objetos persecutórios, ao atacarem sadicamente suas vítimas. Eles não podem escapar da contingência de serem vítimas e executores ao mesmo tempo. Como vitimizadores, não podem viver sem sua vítima – o *self* projetado, despojado e perseguido; como vítimas, eles permanecem ligados internamente a seus perseguidores e, algumas vezes, também externamente, quando apresentam

comportamentos que chocam violentamente o observador. (KERNBERG, 1995, p. 31).

Essa descrição de Kernberg parece retratar os casos apresentados nesta Tese de uma forma bastante interessante, na medida em que salienta as duas faces da relação objetal constituída por estes indivíduos, em que os processos de cisão provocados pelos mecanismos projetivos, nos mostra a face das fantasias em que estes ocupam a posição de vítimas, atacadas pelos objetos persecutórios e para deles se defender e se “vingar”, se tornam, eles próprios, perseguidores, vitimizadores.

Nestes termos, o desejo de humilhar a vítima se põe em movimento, no sentido de mais uma manifestação do ódio, no objetivo de apaziguar as demandas do superego arcaico. E exatamente sobre estas demandas, foco deste estudo, Kernberg aponta:

(...) os pacientes mais difíceis são aqueles nos quais a intensa agressão caminha de mãos dadas com a psicopatologia profunda do funcionamento do superego, de tal forma que as restrições internas contra o perigoso estabelecimento da agressão estão ausentes, e o terapeuta pode realisticamente temer a liberação de forças destrutivas, extrapolando a capacidade que o tratamento tem para contê-las. Isso se aplica a alguns pacientes que apresentam a síndrome do narcisismo maligno (...). (KERNBERG, 1995, p.35).

A força do superego arcaico e sua atuação nos comportamentos dirigidos às vítimas, marca não apenas o sadismo presente nos atos dos homicidas em série, mas as características do movimento da compulsão à repetição, em que novas vítimas-objeto são destruídas, de modo que não há barreiras de contenção aos impulsos destrutivos – o que se demonstra pela escalada do sadismo e destrutividade a cada nova vítima. O caso de Marcelo retrata bem esta questão, em que o estupro e espancamento de suas vítimas deram lugar ao estrangulamento e ao vampirismo. Já no caso de Francisco, as condutas sexuais, se tornaram ainda mais violentas até a prática dos dois homicídios, em que o escavamento e esquartejamento dos corpos foram executados.

O que se observa nestes casos, é o prazer contido nas relações odiosas em que as fantasias inconscientes são dispostas na realidade externa. O ódio como uma realidade psíquica, passa a ser expresso na realidade externa, por meio da passagem ao ato em que a identificação projetiva está maciçamente presente e a destruição ao objeto edifica seus contornos. Por este motivo, os comportamentos destrutivos possuem um potencial erógeno,

em que infligir dor ao outro conduz à excitação - configuração do espectro prazeroso do ódio sádico. Por isso: “A ameaça fantasiada de aniquilamento, de destruição física e mental, é a fonte imediata de tentativas de repelir tanto a influência do objeto como a percepção do *self* sob o impacto do ódio”. (KERNBERG, 1995, p.218).

Por esta via, o ódio se constitui como um estado afetivo derivado do prazer sádico de destruição, desprezo, crueldade e humilhação contra o objeto. Este objeto amado, do qual se esperava amor e acolhimento, diante da frustração se torna odiado e persecutório. O ódio advém da incapacidade de lidar com a frustração e se nutre da necessidade de aniquilamento. A compulsão à repetição se instaura e:

(...) o ódio primitivo em um nível intenso, contínuo, cria uma reação circular que não apenas perpetua, mas patologicamente, aumenta o ódio propriamente dito. Através de mecanismos projetivos, particularmente a identificação projetiva, a agressividade diante do objeto frustrante provoca a distorção do objeto, sendo então a frustração agora interpretada como um ataque deliberado. Este sentimento de ser atacado por um objeto anteriormente necessitado e amado é a experiência mais primitiva de amor traído e produz potentes ressonâncias ao longo de toda a sequência de estágios pré-edípicos e edípicos de desenvolvimento. (KERNBERG, 1995, p.219).

As relações objetais são internalizadas de modo distorcido, como salienta o autor, uma vez que o indivíduo vive uma experiência de um *self* agressivo e enraivecido e que se sente depreciado diante do objeto persecutório. O ódio passa a destruir as relações objetais, pela intensificação dos mecanismos de cisão, em que se observa a fragmentação e um mundo dividido em objetos bons e maus. As vítimas-objeto são postas neste jogo em que perseguidor e perseguido são faces de uma mesma situação, em que elas, ao reeditar os objetos internalizados de seus perpetradores, são aniquiladas, repetidas vezes.

CAPÍTULO 4

O SUPEREGO ARCAICO E SEUS MODOS DE FUNCIONAMENTO

Buscamos o apoio dos textos kleinianos para elaboração desta Tese, pois, durante a construção de nossa dissertação de mestrado, percebemos que aspectos mais primitivos do desenvolvimento psíquico não haviam sido contemplados. Ao nos depararmos com o conceito de superego arcaico, observamos a possibilidade de desenvolver o presente estudo, e, portanto, nossa Tese de que: *os assassinos seriais são movidos por este superego primitivo, que sádico, cruel e tirânico, imprime às suas fantasias o mais poderoso e danoso arsenal de armas de destruição contra os objetos, objetos agora reeditados em suas vítimas e por isso de modo serial – aniquiladas.*

Nosso trabalho visa, sobretudo, o entendimento deste fenômeno e as formações psíquicas que nele se encontram intrincadas, a obra de Klein nos traz a esperança de que muito a psicanálise pode fazer pelas crianças que apresentam condutas delituosas; junto a estas há tentativas de transpor a barreira dos objetos perseguidores, pois, sua capacidade de amar permanece ativa e enquanto esta capacidade se fizer presente, muito ainda poderá ser conquistado:

Não se pode negar que é difícil saber se as tendências da criança irão dar num indivíduo normal, neurótico, psicótico, pervertido ou criminoso. Mas justamente porque não sabemos é preciso tentar descobrir. A psicanálise nos oferece o meio para fazer isso. (KLEIN, 1927b, p.213).

Este movimento pulsional, em nossa perspectiva, leva o homicida serial à atuação de suas fantasias no meio externo, pelo exercício sádico de tortura e morte às suas vítimas, movimento este repetitivo, que como num círculo vicioso o impele de modo compulsivo, a toda uma ritualística e “refinamento” de tais práticas sádicas, os tornando mais nocivos mediante o passar do tempo de suas práticas criminosas.

A questão do superego arcaico passou a se destacar como conceito bem mais possível de possibilitar uma discussão sobre os casos presentes nesta Tese. Ele possibilitou realizarmos uma leitura mais atenta sobre os atos praticados por estes indivíduos. Os escritos de Klein, lentamente nos trouxeram elaborações a respeito do tema, de modo a que as fantasias destes indivíduos puderam, de certa forma, ser reveladas em todo seu potencial destrutivo.

Potencial este presente nos relatos feitos durante as entrevistas, as quais consumiram longos períodos de elaboração e assimilação de nossa parte, pelo conteúdo denso que continham e que demonstram a própria violência dos processos psíquicos, como refere Cintra & Figueiredo (2004), os textos kleinianos evidenciam que: “(...) a força da libido, da destrutividade e do superego está na raiz da crueza conceitual e imagética de seus relatos (p. 55). Isto nos leva diretamente às fantasias e desejos mais arcaicos.

Neste primeiro momento destes escritos, nos preocupamos em traçar um ponto de vista, a partir do pensamento kleiniano sobre os conceitos que são importantes para este trabalho. A intenção, neste capítulo, apesar de seguirmos uma cronologia, não é de trazer um referencial histórico do conceito, mas proporcionar ao leitor uma compreensão da evolução deste. Portanto, vale salientar que respeitamos, assim, a linguagem utilizada pela autora, no que diz respeito à definição dos termos de seu caminhar teórico. De tal forma que, por exemplo, só usaremos os termos posição, quando os textos de Klein começam a apontar para esta direção, sempre buscando orientar o leitor no caminho desta construção, mas principalmente, compreender o processo de construção dos conceitos em questão. Quando necessário, enveredaremos nos caminhos pós-kleinianos, auxiliando na compreensão da temática.

Como se sabe, Klein evoca em seus textos as questões referentes à vida mental mais arcaica e toda a situação do animismo infantil, possibilitando-nos a compreensão dos mecanismos mentais mais primitivos e de como atuam essas forças em seus desligamentos pulsionais. As fantasias inconscientes, representantes mentais da vida pulsional, são retratadas por meio das observações clínicas de Klein, ao longo de toda sua obra.

Aquela autora em muito se inspirou nos escritos freudianos, no entanto, buscou respostas sobre o desenvolvimento inicial do psiquismo em períodos bastante anteriores àqueles que a psicanálise freudiana traçou. Para melhor compreendermos a evolução do pensamento kleiniano, retornaremos por vezes, ao próprio Freud.

Em *O desenvolvimento inicial da consciência na criança* (1933), encontramos uma rica descrição a respeito do desenvolvimento do conceito de superego arcaico, ao longo da trajetória kleiniana, iniciando-se pelo fato de Klein (1933), diante da obra freudiana *O ego e o Id*, sobre a temática do superego, revelar novas descobertas que iriam além daquelas desenvolvidas por Freud.

Klein (1933) havia observado, desde seu texto de 1926, *Princípios psicológicos da análise de crianças*, a existência, em níveis embrionários, de sentimentos de culpa em crianças de tenra idade. Naquele momento, ressalta a presença do complexo edípico desde a

época do desmame e explicita suas descobertas, em especial relativas à presença de um superego primitivo composto pela introjeção das figuras edipianas arcaicas.

Em textos posteriores, como é o caso de *Simpósio sobre análise de crianças* (1927) e *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928), demonstra como estas identificações, são distorcidas pelas tendências sádicas e transformadas em figuras aterradoras. Este superego, portanto estaria presente desde o início da conflitiva edipiana, e seu desenvolvimento ocorreria concomitantemente ao Édipo.

As opiniões referentes a um superego primitivo, este ainda mais cruel e excessivo que a severidade dos pais reais, marca sua presença maciça no desenvolvimento sexual e egóico dos indivíduos que praticam atos antissociais, como também daqueles que apresentam quadros psicóticos, idéias estas presentes em *Tendências criminosas em crianças normais* (1927), *Personificação no brincar das crianças* (1929) e *Sobre a criminalidade* (1934). Neles aponta ainda que o superego seria a causa da ansiedade mais patente presente no psiquismo.

Em *A psicanálise de crianças* (1932), faz a diferenciação entre o superego arcaico e suas formas posteriores, em que é impressa a passagem da crueldade e tirania para o movimento da consciência moral. Neste texto, refere inclusive uma desvinculação do superego do complexo de Édipo, compreendendo-o como um movimento anterior, em que o objeto seria incorporado, logo após o nascimento, assumindo, assim, a função de superego, tema que reformulará mais adiante. Em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), adverte sobre o desligamento total da gênese do superego de raízes edipianas.

No artigo de 1933, *O desenvolvimento inicial da consciência na criança*, faz uso mais patente do conceito de projeção, dando lugar às posteriores concepções sobre a identificação projetiva. Destarte, o superego seria constituído mediante uma divisão do id, visando defender o ego, em que as figuras polarizadas são sintetizadas e o superego assimilado pelo ego. Aqui explicita a passagem do medo para a culpa, episódio que assinala o acesso à posição depressiva.

Por fim, em *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental* (1958), se separa em definitivo das idéias dos últimos quarenta anos, afirmando que as figuras ameaçadoras e severas não são a base do superego; assim, explicita a concepção de que as figuras mais aterrorizantes, ocupam um espaço em separado na mente, dando continuidade às idéias inicialmente expostas em 1932.

Então, iniciaremos este capítulo tratando sobre pontos que são centrais para a compreensão da constituição do superego precoce. Num primeiro momento, abordaremos a

questão do sadismo, aspecto central da estrutura do superego arcaico. Em seguida, chegaremos ao ponto da tendência criminosa, momento em que Klein, em um de seus artigos, retrata rapidamente, um caso de homicídio em série, chegando também a fazer breve referência aos episódios criminosos envolvendo o famoso caso de Jack, o *estripador*. Por fim, discutiremos a compulsão à repetição estabelecida tanto na dinâmica do superego precoce, quanto nos atos de assassinatos em série.

4.1. O sadismo e suas relações com a constituição do superego arcaico

Segundo Freud (1905), o sadismo pode ser analisado como um componente agressivo da pulsão sexual. O conceito de sadismo abrange desde atitudes violentas para com o objeto sexual até a satisfação sexual obtida por meio da sujeição e maus tratos impostos a este objeto.

No caso do masoquismo, a satisfação sexual é condicionada pelo padecimento da dor física ou anímica do objeto sexual. Portanto, no masoquismo, a dor é superada como possível resistência. O mesmo ocorre com o asco e a vergonha. Tais perversões, na perspectiva freudiana (pares de opostos) possuem sempre uma face passiva e outra ativa, que mutuamente se implicam no jogo de identificação imaginária, pelo qual o sádico se identifica com o masoquista e este com o sádico.

A libido, porque possui um “fator agressivo”, devido ao movimento de fusão e des fusão pulsional, promove o estabelecimento de relações próximas entre a pulsão sexual e a crueldade, as quais, por sua vez, ligam-se às fases pré-genitais do desenvolvimento sexual. Por isso, há no aparelho psíquico, resistências que lutam contra a pulsão sexual. São elas: a vergonha e o asco e as normas estabelecidas pela moral. Freud destaca, ainda, a importância da influência de fatores externos e da educação no desenvolvimento de tais resistências.

Cada passo no processo de desenvolvimento da sexualidade pode vir a gerar pontos de fixação e conseqüente processo de dissociação da pulsão sexual. Refere Freud (1905, p. 225): “Todos os fatores nocivos ao desenvolvimento sexual externam seu efeito promovendo uma regressão, um retorno a uma fase anterior do desenvolvimento”. Estas fixações irão marcar os diferentes destinos das pulsões.

Neste sentido, a depender das vicissitudes da pulsão sexual, a evolução ulterior pode levar a sexualidade para três diferentes caminhos:

1. O estabelecimento da perversão, quando a primazia da zona genital fracassa e as atividades sexuais são isoladas;
2. O recalçamento de algumas moções pulsionais, levando ao surgimento dos sintomas neuróticos. A neurose substitui a perversão da infância;
3. A sublimação, que possibilita certo escoamento das pulsões sexuais orientando seus objetivos para uma satisfação outra que não a satisfação sexual.

A psicanálise freudiana ainda nos lembra que moções perversas se expressam através de traços de caráter como, por exemplo, o erotismo anal com sua obstinação e comportamento metódico ou a ambição oriunda do erotismo uretral.

As barreiras contra a sexualidade, aqui entendida como perversa, se constituem no período de latência, se processando a esta época, um desvio das finalidades sexuais, surgindo então os sentimentos sociais e com isto o estabelecimento da formação reativa (asco, culpa, medo, etc.). Neste caso, haveria a influência dos processos culturais, surgindo também, inclusive, a tendência à neurose. Desta forma, a puberdade traz consigo dois eventos importantes: a primazia da zona genital e a escolha do objeto sexual.

Freud (1905), explicita que na sexualidade pré-genital, o órgão sexual é, pois, excluído como caminho ao orgasmo. Assim, este tipo de postura se estende para as relações objetais como um todo. As relações sócio-afetivas deste indivíduo são moldadas num estereótipo: frias, superficiais e pouco afetadas pela interação com o outro ou outros.

As zonas erógenas, assim, constituem-se por “órgãos” substitutos dos órgãos sexuais propriamente ditos. Por exemplo, a pele (nos casos de dor e crueldade) assume o papel de zona erógena. As pulsões são, inicialmente, parciais.

Contudo, a vida sexual infantil, apesar de suas características auto-eróticas e centradas em zonas erógenas específicas, apresenta componentes que envolvem outras pessoas como objetos sexuais. É o que ocorre com as pulsões de olhar e de exhibir e de crueldade, as quais, em princípio, independem das zonas erógenas. Isto se explicita na curiosidade das crianças em ver as genitálias de outras crianças e dos adultos, bem como no exibicionismo, em se exporem nuas.

Freud demonstra que o desenvolvimento libidinal, ao fixar-se no estágio anal-sádico, destina este indivíduo à construção de uma organização psíquica narcisista, na qual a analidade se sobressai a partir da pulsão de domínio. Desta forma, o ideal do ego, por causa

das questões pré-genitais, ganha contornos especiais, sobretudo porque a lei paterna - aspecto fundamental de sua formação – é recusada como agente da castração.

A pré-genitalidade, como o próprio termo denomina, significa presença de moções pulsionais parciais e, especialmente, desfusionadas. No indivíduo adulto, podem se refletir em comportamentos sexuais bizarros, como os apresentados pelos assassinos em série. Nestes, a marca das pulsões parciais é dominante e aparece quando, por exemplo, as partes dos corpos das vítimas, após processo de mutilação, são utilizadas com fins de gratificação sexual.

Baseada nas idéias freudianas, em que o dualismo pulsional ganha força, Klein (1926) nos fala que indivíduos fixados nestes estágios pré-genitais desenvolvem uma relação parcial de objeto, de tal forma que precisam dele se apoderar (matando, despedaçando e devorando) - o objeto, assim, passa a ser consumido.

No domínio das fantasias primitivas, que são representantes pulsionais, estas dão alguma figurabilidade aos objetos das pulsões. Elas são baseadas em vivências somáticas, assim sendo, geram pelo mecanismo da expulsão do sadismo um movimento que suscita o ciclo interminável e repetitivo das angústias, em que: “Todo o mal posto do lado de fora vem tornar ameaçador e persecutório o ambiente” (CINTRA & FIGUEIREDO, p.87).

São nos escritos sobre os *Princípios psicológicos de análise de crianças* (1926), que Klein abordará, pela primeira vez, a existência de um superego primitivo, sendo ele composto pelas identificações com os objetos e possuindo contornos cruéis e bastante pesados ao frágil ego.

Neste momento, ainda está muito próxima ao pensamento freudiano, no entanto, desarticula o início do complexo edipiano para um período bastante anterior, levando exatamente à concepção de que o psiquismo infantil se vê às voltas com o complexo e consequentemente com a formação do superego arcaico, situação que se localizaria por volta do segundo ano de vida²⁶.

Neste texto, Klein (1926) trata do tema da relação da criança com os objetos, explicitando que esta é sempre de tom narcisista, seja a um nível inanimado ou diante de objetos reais, esta é a forma primeira, inclusive, de seus laços com a própria realidade externa. O modo como irá lidar com as frustrações provenientes, em especial da situação edipiana,

²⁶ Este movimento, posteriormente, encontrará em seu texto novos caminhos de articulação, visto que, gradativamente, reduzirá a idade de surgimento do complexo edipiano até o ponto em que mesmo desistirá da idéia de que o superego se articule ao complexo edípico, demonstrando que ele ali se encontra desde o início. Mas prosseguiremos com o pensamento kleiniano, tal qual ele foi construído no entorno desta temática, neste momento, para compreendermos o caminho traçado pela autora sobre o tema.

segundo a autora, norteará a posterior adaptação à realidade e sua capacidade de lidar com privações reais na vida futura.

Desde esta época da vida, a criança, ao lidar com os traumas provenientes do complexo, inclusive de castração, compõe a figura da mãe como aquela que também é castradora, por isso Klein (1926) nos diz:

Esses traumas, que abrem caminho para o complexo de castração, procedem da mãe. Esse também é o motivo, como já observei, pelo qual nos estratos mais profundos do inconsciente em ambos os sexos, a mãe é a figura mais temida como castradora (p.154).

Todo este estado de coisas leva a criança a comportamentos e atitudes ambivalentes, em que ao mesmo tempo é atacada e ataca o objeto, de modo que o medo passa a ser aspecto presente ao lado do complexo de castração. Ações punitivas ganham contornos a partir do superego arcaico. Klein (1926) passa a perceber que seus pequenos pacientes apresentavam-se sob a influência de um superego extremamente cruel e severo, produto das interdições maternas e da figura materna introjetada, a qual não guarda necessárias relações com a figura real.

Guardadas as devidas proporções, isto nos faz relacionar ao comportamento dos homicidas em série, em que seus jogos de poder estão repletos de situações em que, ao mesmo tempo encontram-se personificadas as figuras que punem e as que são punidas. Neste contexto, um ciclo vicioso se instala, pois ao punir (neste caso as vítimas com sessões de tortura e sevícias), ao mesmo tempo está no papel da criança punida, que se “vinga”, com as mesmas armas de terror utilizadas, desta feita pelos objetos (agora agressores). Toda esta correnteza de fantasias desemboca num superego arcaico, cruel e sádico, que utiliza as mesmas armas com as quais é atingido pelas figuras introjetadas.

Destarte, Klein (1926) observa que o sentimento de culpa se manifesta numa idade tenra, assim como os mecanismos de tentativa de resolução do Édipo, fazendo surgir o superego. Demonstra que seus efeitos são semelhantes aos apresentados pelos adultos, no entanto tornam-se: “(...) um fardo bem mais pesado para o ego infantil, mais fraco que o adulto” (1926, p. 158). Desta forma, as fantasias infantis ganham formas sádicas e destrutivas, são colocadas em prática no mesmo modo arcaico de expressão dos sonhos. Este parece constituir-se pelo modo predominante na atuação de fantasias dos assassinos seriais, em que a expressão de seus desejos de tom sádico e destrutivo, emergem diante das vítimas, inclusive em fantasias e ações de caráter até mesmo canibalístico. Por isso ressalta Klein (1926):

Ao brincar, as crianças representam simbolicamente suas fantasias, desejos e experiências. Elas empregam então a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão arcaico, filogeneticamente adquirido, que já conhecemos nos sonhos (p.159).

Esta representação trata de um modo arcaico de conceber uma ação, precursor do pensamento. Este modo parece trazer grande relação com o modo de agir dos assassinos seriais, pois suas ações destrutivas, representam seu psiquismo arcaico.

Outro ponto fundamental ressaltado neste texto são as fantasias infantis de tom sádico-orais, que apresentadas em forma de ações, encontram-se sob o julgo da compulsão à repetição – um modelo baseado no princípio do prazer. Estas se encontram direcionadas aos objetos reais: “Nesse ponto, já ouvi crianças muito pequenas fazerem piadas sobre o fato de que algum tempo antes elas realmente queriam comer a mãe ou cortá-la em pedaços” (KLEIN, 1926, p. 163). Isto nos leva novamente ao funcionamento do psiquismo dos assassinos em série, em especial do caso de Marcelo, com suas fantasias sádico-orais de sucção vampiresca de suas vítimas ou outros inúmeros casos de práticas canibalísticas, atividades não raras nos casos de assassinatos em série.

Em *Simpósio sobre análise de crianças*, Klein (1927) continua suas considerações sobre a questão do superego arcaico, enfatizando não apenas sua forma severa e cruel, mas sua lenta passagem para uma consciência moral. Dessa forma, as características de rigidez e punição deste superego precoce são produto, numa espécie de reflexo, dos impulsos sádicos e canibalescos da própria criança.

Este pensamento defende as ideias do próprio Freud (1930), a respeito do tema e expressas em *O mal estar na civilização*, em que se refere a Plauto (254-184 A. C.) em sua obra *Asinaria*, sobre o provérbio por ele criado: *Homo homini lupus*. Neste ponto de seus escritos, Freud (1930) adverte sobre a característica humana do uso de poderosas cotas de agressividade, destrutividade e crueldade contra seus próprios semelhantes e o papel da questão pulsional na origem do sadismo. Diz-nos:

(...) Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa cota de agressividade. Em resultado disto, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial de um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar a sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe

sofrimento, torturá-lo e matá-lo (...) Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais que são contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma ‘fera selvagem’²⁷ a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho (FREUD, 1930, p. 133).

Os materiais clínicos analisados por Klein (1927) demonstram a dominação do psiquismo infantil por impulsos pulsionais e cotas imensas de ansiedade e sentimentos de culpa, uma vez que a experiência de privação do desmame favoreceria a instalação do complexo edípico.

Esta ansiedade será responsável por uma profunda resistência de transformação em associações verbais. Tais ansiedades, ao impedirem os movimentos representacionais, findam por permitir que ações se ponham no exterior, ações estas que traduzem as fantasias inconscientes mais plenamente sádicas e destrutivas, e que por sua vez: “(...) procuram repudiar tudo que não está de acordo com seus impulsos inconscientes, o que inclui a realidade no seu sentido mais amplo”. (KLEIN, 1927, P. 178).

Ao tratar mais especificamente sobre a questão do superego, passa a observar seu profundo domínio em crianças com três, quatro anos, em que há a presença de um quadro de severidade tão marcante, que chega a ser incongruente com as figuras reais dos pais.

Fantasias de despedaçamento de corpos e devoramento são partes deste conjunto de eventos, por outro lado, tais fantasias se voltam contra o próprio sujeito, fazendo surgir o medo de que estas sejam praticadas contra si – gerando o círculo vicioso da compulsão à repetição, bem como o distanciamento dos objetos reais daqueles da fantasia. Tais tendências, provenientes destas primeiras privações orais passam a alimentar o ciclo da hostilidade, ou seja: fantasias agressivas – medo - novas fantasias.

Destacam os autores Cintra & Figueiredo (2004), que as etapas pré-genitais, por serem dominadas pelo ódio, voracidade e destrutividade, trazem ao superego precoce as mesmas características. Tanto mais frustrações sofridas, mais severo e cruel se torna o superego, e mais fortes serão as demandas das relações objetais parciais, marcadas pelo ódio e voracidade.

Desta forma, as excessivas frustrações orais ocorridas no início da vida geram a intensificação do sadismo, por meio da presença de mecanismos de defesa radicais, que provocam, para proteção do frágil ego, a expulsão deste sadismo para o meio externo. Motivo que leva à paralisação da exploração do mundo e dos processos simbólicos, que Klein

²⁷ Observamos que na língua alemã, encontramos a expressão *wilde Bestie*, que seria melhor traduzida por “fera selvagem”, por isso optamos por seu uso, em lugar de “besta selvagem”, tal qual presente no texto ora utilizado.

denomina como inibição intelectual, tema que trataremos em breve. Este mecanismo de expulsão do sadismo constitui-se para Klein, como um precursor da identificação projetiva, visando à redução das cotas de ansiedade, ele faz retornar sobre o sujeito a destrutividade projetada nos objetos.

A ansiedade seria como uma mola propulsora para a formação do superego podendo vir a se tornar o modo de funcionamento deste diante de processos identificatórios mal-sucedidos, momentos em que: “(...) a pressão externa se torna mais pesada, o superego passa a funcionar com mais força”. (KLEIN, 1927, p. 186).

Nesta acepção, encontramos os traumas sofridos pelos homicidas em série entrevistados, bem como tantos outros casos que investigamos que apresentam este quadro como um freqüente relato, especialmente traumas de tom sexual, abusos sofridos na infância, que levam ao acúmulo desta pressão externa à qual se refere Klein (obviamente internas também) e que findam por gerar no superego ações extremamente destrutivas, por isso, sentimentos de ódio e culpa precisam ser analisados em suas raízes mais remotas, nos lembra Klein.

A idéia de Klein exposta em *Simpósio sobre a análise de crianças* (1927), de que o Édipo tem seu início ainda no primeiro ano de vida durante o processo de desmame, continua a ser trabalhada em *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928). Nesta fase, há a predominância de impulsos sádico-orais e sádico-anais, as situações genitais apenas se prestam numa época posterior, coincidindo com as descrições freudianas. Assim, essas tendências se apresentam numa época de imaturidade egóica e sob a presença do esmagador superego primitivo.

Há sentimentos de dor, ódio e ansiedade²⁸ e suas conseqüências para o desenvolvimento sexual e epistemofílico são ressaltadas pela autora. Além destes, os sentimentos de culpa advêm do próprio superego arcaico, diante, vale salientar, da imaturidade egóica. Neste contexto, a ansiedade presente nesta etapa do desenvolvimento advém das imagos internalizadas e formadas sob a égide dos ataques à mãe, imagos estas que a traduzem como hostil, ameaçadora e fálica.

Klein (1928) nos explica que as tendências edipianas, a serem liberadas pelas frustrações ocorridas com a situação do desmame, já se manifestam no primeiro e segundo anos de vida. Estas são reforçadas pelas frustrações sofridas posteriormente, quais sejam,

²⁸ A esta fase de seus escritos, a autora se concentrava no estudo sobre o ódio, pois o conceito de ansiedade era bastante genérico e portanto ainda não havia operado a distinção entre ansiedade persecutória e depressiva.

àquelas relativas ao treinamento de toalete, seguidos, enfim, pelos conflitos referentes às diferenças anatômicas entre os sexos.

Assim, surgem as fantasias canibalescas, fantasias estas que Abraham já havia descrito ao tratar do tema. Mas Klein (1928) discorda das idéias de Abraham quanto a um segundo ponto, qual seja, o de que o sentimento de culpa surgiria apenas no momento sádico-anal. Ela demonstra o sentimento de culpa como implicação da própria conflitiva edipiana.

Os desejos edipianos, desde sua fase inicial encontram-se repletos de medo – da castração – e sentimentos de culpa, estes ainda numa etapa embrionária. O sentimento de culpa em suas ações com as demandas pré-genitais demonstram a formação do superego, resultado da operação de introjeção dos “objetos amorosos edipianos”, presentes, pois, desde o sadismo-oral.

As fantasias canibalísticas da criança de morder, cortar em pedaços e devorar dão vazão à emergência das ansiedades iniciais do Édipo: “A criança passa a temer um castigo que corresponda à ofensa: o superego se torna algo que morde, devora e corta”. (KLEIN, 1928, p.217). Destarte, as primeiras expressões das tendências edipianas se dão sob a forma de impulsos sádico-orais e sádico-anais.

É no contexto da pré-genitalidade, que surge o superego precoce, composto de identificações presentes nas fases sádico-oral e sádico-anal. Na posição oral, a criança constrói uma imago devoradora, imago esta que se torna seu algoz posteriormente, esta seria a primeira “camada” do superego. Já a fase sádico-anal, tem como características as pulsões de domínio, marcando a “camada” posterior:

Essa primeira dimensão do superego acenava com a ameaça de ser devorado, ao passo que as outras camadas acenavam com o risco de ser paralisado, controlado, queimado, invadido ou penetrado, nivelando os demais traços sádico-anais, uretrais e fálcos. (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004, p.70).

Há segundo Klein (1928), uma conexão direta entre a fase pré-genital e o sentimento de culpa, pois afirma que as frustrações orais e anais são o protótipo de todas as demais, são elas que originam a necessidade de punição e, portanto, a ansiedade. Surgem, então os impulsos epistemofílicos, do qual o corpo da mãe passa a ser o principal alvo, a partir dos impulsos sádico-anais, que invariavelmente ligam-se à necessidade de domínio e controle.

Entendemos que o comportamento de Francisco em despedaçar os corpos e retirar suas entranhas, muito se assemelha a este movimento. Este processo lembramos, se inicia com a retirada dos seios e escavamento dos corpos. Ao destituir as partes dos corpos de suas vítimas,

ele se apodera delas para fazer o que seu desejo comandar, mas acima de tudo, os destrói. Klein (1928, p.218) evidencia: “A criança deseja tomar posse das fezes da mãe, penetrando no seu corpo, cortando-o em pedaços, devorando-o, destruindo-o”.

Em meio à conflitiva edipiana, o superego tece seus primeiros movimentos, no sentido de associar-se a estes impulsos sádicos tendo em vista que este é o momento de seu auge, pois agora os objetos são introjetados como castradores e cruéis. Ambos, tanto a mãe como o pai passam a ser assim percebidos, o que Klein (1928) denomina como a figura dos pais combinados. A criança, ao tentar se libertar das tendências genitais, se agarra aos impulsos sádicos. Quanto ao menino, em especial, seu temor é de que seja castrado, de onde advêm as fantasias de mutilação e desmembramento.

Igualmente, as tendências pré-genitais, de certo modo, engolfam as tendências ainda embrionárias, genitais. Refere Klein (1928):

Quanto maior for a preponderância das fixações sádicas, mais a identificação do menino com a mãe corresponderá a uma atitude de rivalidade em relação à mulher, com sua mescla de inveja e ódio; pois devido à vontade de ter um filho, ele se sente em desvantagem e numa posição inferior à mãe (p.220).

A personalidade com alto nível ético, só é formada, segundo a autora, a partir do momento em que o superego atinge seu auge, qual seja, no estágio genital, momento que as identificações sádicas tornam-se menos poderosas. Do contrário, identificações desta natureza levam a uma fixação do desenvolvimento da sexualidade em estágios pré-genitais, fixação esta que finda por atingir o superego, uma vez que ele também se encontra em processo de formação. Klein (1928), no entanto, chega a reconhecer a importância de mais estudos sobre o tema.

Nos escritos sobre a *Personificação no brincar de crianças* (1929), Klein nos aponta que os personagens presentes nos jogos infantis, tratam-se de personificações das imagens internalizadas, produtos dos processos de cisão e introjeção. O artigo visa clarificar o papel destes mecanismos de defesa, e de que modo eles se põem contra a ansiedade. Esta defesa, de modo mais específico será trabalhada no artigo *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930), texto que comentaremos em seguida.

Esclarece ainda a origem da ansiedade vinculada aos primeiros estágios de desenvolvimento superegógico e mais uma vez, reforça o papel deste nos casos do psiquismo dos criminosos. Além disto, destaca as relações entre o superego primitivo e a psicose.

As brincadeiras infantis, quando repetidas, geram a possibilidade de descarga dos conteúdos fantasmáticos. Seus jogos estão repletos de figuras personificadas a partir das imagos introjetadas. Neles, a criança se torna capaz de realizar seus desejos. Assim, no ambiente analítico o outro é convidado a ser um interlocutor destas fantasias, agora “encenadas” no *setting*.

Em seus jogos, relata Klein, sempre dois papéis são atribuídos, o do superego perseguidor e do ego ou id ameaçado, mas vale lembrar, tão cruéis quanto o primeiro, uma vez que o id irá buscar gratificações sádicas voltadas aos objetos. As tentativas de superar as ansiedades e medos põem a criança no papel do perseguidor. Assim descreve a autora: “A satisfação narcisista obtida pelo ego ao derrotar inimigos internos e externos também ajudava a apaziguar o superego e conseguia reduzir consideravelmente a ansiedade” (KLEIN, 1929, p.230). Observamos que esta redução da ansiedade, após o assassinato de uma vítima, imprime aos assassinos seriais uma certa “calmaria pulsional”, até que novo ciclo de demanda destrutiva se apresente. Não raro, assim como feito por Marcelo, voltam à cena do último crime a fim de reviver o ocorrido.

A partir do caso da pequena Erna, Klein nos demonstra que as tentativas destas duas forças em criarem um pacto entravam em crise, de tal modo que o sadismo excessivo presente no id levava o ego a se aliar ao superego, tentando punir o id por suas demandas. O inimigo é sempre tratado como o inimigo “mau”. Este fracasso do ego parece também se presentificar nos casos estudados, em que o ego falha nesta “sociedade” com o superego, de modo que o aspecto sádico sempre prevalece, pois o próprio superego responde às demandas do sadismo, tanto quanto o id.

Para Klein (1929), as imagos com características boas e más são representantes dos estágios iniciais do superego, um superego distante da realidade, verdadeiramente dela dissociado. Estas imagos explicita Klein, são figuras intermediárias, que apenas se aproximam das imagos reais num estágio posterior.

Assim, reinam absolutas as tendências sádicas pré-genitais e apesar do complexo de Édipo fluir juntamente com a formação do superego, as tendências genitais ainda estão em embrionária formação. Tudo finda por se relacionar, em termos do funcionamento superegóico futuro, nas fixações ocorridas, se estão ao nível da oralidade de sugar ou morder. Pois, se as fixações permanecem ao nível do sugar as chances de identificações com a mãe que gratifica são bem mais fortes de se constituírem saudáveis ao se unirem às tendências genitais, de tal sorte que o primado da genitalidade se volta para a sexualidade e para o superego.

Do contrário, temos uma organização psíquica baseada em modos pré-genitais, assim, encontramos aquilo que Hinshelwood (1992) denomina de “estados excitados de destrutividade” (p.419), ou seja, em que as tendências sádicas são predominantes, de modo que as fixações permanecem, ao contrário da primeira situação apresentada, vinculadas ao estágio oral de morder e neste não há espaço para a identificação com outro objeto que não a mãe que frustra as gratificações orais e por assim ser, segue vítima dos ataques destrutivos.

Do mesmo modo, parece se configurar o psiquismo dos homicidas em série entrevistados nesta pesquisa, em que a destrutividade ganha um caráter erótico. Diante disso, salienta Klein (1929): “Esses níveis mais iniciais são responsáveis pelas imagos fantásticas que devoram, cortam em pedaços e dominam. Nelas podemos perceber uma mistura de vários impulsos pré-genitais em ação” (p.234).

O processo de síntese do ego, diante de todas estas identificações é um intrincado processo, e quando as imagos apresentam-se extremadas, a síntese finda por fracassar, assim como falham os laços entre o superego, o id e a realidade - gerando uma relação com a realidade comprometida, de modo que há fortes tendências às ambivalências e às ansiedades. Opera-se destarte, uma cisão no superego que favorece o afrouxamento dos laços de tensão entre este e o id, deslocando o conflito intrapsíquico para o mundo externo por meio das atuações. Por sua vez, o ego, aliviado, passa a entender esta operação como redutora de ansiedade e se assim lhe parecer benéfica.

Esse intrincado processo exposto através das idéias kleinianas, abre espaço para compreendermos as dificuldades das relações de objeto destes indivíduos e a completa ausência de sentimentos empáticos ou de remorso para com suas vítimas. Assim como George, caso relatado pela autora, Francisco e Marcelo – apesar da atuação no meio externo - promovem aquilo que denominou como um *isolamento da realidade*, que especialmente em Marcelo se torna claro em seu discurso, amplamente embasado no funcionamento ativo das fantasias, como refere Klein (1929) no caso George: “Isso lhe dava grande liberdade em suas fantasias, que se viam livres do sentimento de culpa justamente por estarem tão distantes da realidade” (p.236).

Pioneira, Klein em *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930a) nos traz o primeiro relato de caso de psicose infantil publicado. As idéias de Klein (1930a) ali apresentadas demonstram as estratégias utilizadas pelo ego no processo de defesa contra a ansiedade, através da expulsão do sadismo, por este motivo, o psiquismo se torna desprovido de experiências de ansiedade, exploração do mundo e formação de símbolos.

Neste artigo, também trata sobre o momento embrionário do conceito de identificação projetiva²⁹, que posteriormente fará parte dos estudos referentes à posição esquizo-paranoíde. A identificação projetiva se coloca desta forma, como o primeiro método de defesa do ego. Assim, este mecanismo se põe como defesa:

(...) contra a agressividade e ansiedade que esta provoca: o sadismo é percebido como um perigo para o *self*, ao mesmo tempo em que teme a retaliação dos objetos atacados, o que leva o ego a expelir o seu sadismo para o objeto não só a fim de se defender, mas também para destruí-lo (KLEIN, 1930a, p.250).

Klein (1930a) inicia seus escritos explicitando a idéia de que, no início do desenvolvimento, o sadismo é a força prevalente em todas as fontes de prazer libidinal. O ponto de auge nas tendências sádicas coincide com a fase dos desejos orais de devoramento do seio e do corpo maternos: “(...) o principal objetivo do individuo é se apossar do conteúdo do corpo da mãe e destruí-la com todas as armas ao alcance do sadismo” (p.251).

Posteriormente o pai também se torna alvo de tais tendências. As fantasias a estes objetos direcionadas são destrutivas, no sentido do cortar, devorar ou esmagá-los. Tais ataques são geradores de ansiedade, o medo invade a criança, que agora receia ser punida pelos pais. Esta mesma ansiedade é internalizada e por fim dirigida ao superego arcaico.

O excesso sádico gera uma ansiedade profunda que mobiliza as mais arcaicas defesas egóicas. Klein (1930a) nos indica que o próprio Freud já lembrara sobre o caráter violento do uso de tal defesa. Esta implica na destruição do objeto por meio da expulsão das tendências sádicas do próprio psiquismo. O objeto atacado se torna fonte de perigo, pela possibilidade da represália, esta ansiedade se torna, desta feita, insuportável ao frágil ego. Assim, as fantasias sádicas se constituem pela primeira fonte de relação com a realidade.

Klein (1930a) aponta que apenas a capacidade do ego de tolerar tais fantasias, o conduzirá a um desenvolvimento saudável e elucida o aspecto benéfico destas fantasias. Afinal a ansiedade, por elas evocadas, é necessária para o estabelecimento da formação de símbolos, na medida em que se torna paulatinamente mais amena e suportável ao ego.

A projeção do sadismo para o exterior protege o frágil ego das imagos terroríficas, no entanto, quando as tendências sádicas perpassam a capacidade de sustentabilidade do psiquismo, encontramos nos indivíduos deste estudo, o excesso da ansiedade, naquilo que Robert Keppel (1997) passou mais de duas décadas estudando: as motivações e métodos dos

²⁹ Descrito aqui, ainda, em termos de projeção do sadismo.

assassinos em série. Para ele o processo do assassinato é algo que está para além de nossa percepção. A motivação para os crimes perpetrados por estes indivíduos parece encontrar-se para além do próprio assassinato. O que Keppel (1997) denomina *overkill*³⁰ traduz o que um dos assassinos seriais, por ele entrevistado, disse: “O assassinato não acaba até que eu diga, acabou”.

O conceito de *overkill* remete-nos à pulsão de morte em sua força de destruição. O propósito do homicida serial, não é o ato de matar, mas o de fazer a vítima sofrer até sua destruição total, vale dizer até a “aniquilação do objeto” (MONTEIRO & ROCHA, 2007). Voltaremos a este conceito mais adiante.

As fantasias de Dick, relatadas por Klein (1930a), mais uma vez corroboram suas observações, de que quando o ego consegue suportar esse jogo de equilíbrio feito pelos mecanismos da introjeção e da projeção, o resultado é que o superego (em sua contínua formação), gradativamente se afasta do primitivismo sádico e se aproxima de uma consciência moral e ética, em que os sentimentos de culpa começam a ganhar vulto e concomitantemente, a empatia e o remorso. O quadro clínico de Dick se caracterizava por:

(...) ausência quase total de afeto e ansiedade, considerável afastamento da realidade, inacessibilidade, falta de ligações emotivas, comportamento negativo em alternância com sinais de obediência automática, indiferença à dor, repetição - sintomas típicos da demência precoce (KLEIN, 1930a, p.261-262).

Na opinião de Klein (1930a) inclusive estes quadros são facilmente confundíveis com os quadros de psicopatia. Impressionante como esta descrição do caso Dick traduz alguns elementos como a ausência do afeto, os traços dos automatismos e repetições e a *distorção da afetividade* no sentido da indiferença à dor, não apenas diante do sofrimento imposto às suas vítimas, mas ainda nos relatos de suas próprias e traumáticas histórias de vida, inclusive, se pensarmos em alguns históricos de homicidas em série.

A empatia é pois, o resultado do afastamento dos impulsos destrutivos. Momento em que a ansiedade é suportada pelo ego, derivando: “(...) o estabelecimento das relações simbólicas com as coisas e os objetos”. (KLEIN, 1930a, p.259). Nos casos estudados não observamos o estabelecimento destas relações simbólicas por meio da empatia, motivo pelo

³⁰ Termo de difícil tradução para a língua portuguesa, mas que poderia ser compreendido com uma espécie de “super matança”, algo que está para além do ato homicida, neste sentido, o processo aniquilatório, por meio da atuação das mais sádicas fantasias, de cortar, morder, despedaçar, esmagar.

qual muito comum é a prática dos assassinos seriais em infligir os piores castigos a suas vítimas, sem, no entanto apresentarem remorso ou sentimentos de culpa diante dos atos praticados.

Em *A psicoterapia das psicoses*, Klein (1930b) ao tratar do tema da análise de crianças pequenas, expõe a opinião de que a realidade externa, no início do desenvolvimento, espelha a vida pulsional. Assim, retoma o tema dos anseios sádicos, os quais ganham força maior diante de situações de frustrações e privações. Nestes termos, a ativação de impulsos sádicos se volta contra os objetos, se constituindo pelas mais variadas formas: sadismo uretral, anal e muscular. Suas fantasias, como já referimos, são povoadas de medo de que este sadismo que dirige aos objetos seja aplicado contra si.

Para Klein (1930b), a principal defesa presente nos quadros psicóticos são exatamente aquelas que se contrapõem ao sadismo, uma vez que: “(...) para o psicótico, o mundo ainda é uma barriga povoada por objetos perigosos” (p.268). Para a autora, o medo psicótico é avassalador, por isso o estabelecimento das defesas, na tentativa de bloqueá-lo.

No texto *Uma contribuição à teoria da inibição intelectual*, Klein (1931) explicita o efeito inibidor das fantasias agressivas. A presença, como enfoca a autora de um “superego sádico primitivo”, provoca a inibição intelectual por meio de ansiedades de caráter persecutório, em que o corpo da mãe apresenta-se como grande perigo. Ao trabalhar com o conceito freudiano de pulsão de morte, Klein passa a examinar mais detidamente não exatamente as questões do sadismo isoladamente, mas a interação entre amor e ódio. Em seguida, já nestes escritos, observamos a divisão entre ansiedades persecutórias e depressivas. Este é seu único artigo a respeito especificamente deste tema.

Assim, as ansiedades persecutórias ligadas ao corpo materno provocam uma inibição da exploração da realidade externa, enquanto que a atuação do superego primitivo, gera a inibição do ponto de vista do próprio *self*.

Klein salienta o papel das fantasias sádicas presentes nos quadros paranóicos, em que a figura do perseguidor ganha importância de destaque. Relata o caso de John, em que tais fantasias encontram-se fixadas no estágio sádico-anal, sendo, portanto, este a base para a formação dos quadros de paranóia. Fantasias em que as fezes se transmutam em animais perigosos ou substâncias malévolas são típicas desta fase, nos diz Klein (1931):

Nestas fantasias, ele transforma suas próprias fezes em coisas que perseguem seus objetos, recorrendo a uma espécie de magia (que, na minha opinião, é o fundamento da magia negra), ele as introduz secretamente no ânus ou em algum outro orifício dos objetos, alojando-as dentro de seus corpos (p.273).

Assim, o corpo da mãe se configura pelo primeiro objeto do impulso epistemofílico, o fato dele ser considerado como um local povoado pelas coisas mais odiosas que suas fantasias podem criar, findam por estabelecer os processos de inibição.

Para a autora, o caso John nos mostra duas importantes situações, a primeira referente ao fato da criança rezear sofrer a mesma destruição que imagina ter sofrido o corpo materno e ainda o medo de padecer ataques dentro do próprio corpo, provocados pelo pênis do pai. Assim, esta ansiedade inibe a capacidade de perceber com nitidez os conteúdos tanto do corpo materno quanto de seu próprio. As fantasias sádicas impedem a elaboração que encaminham o sujeito para as relações de objeto e a adaptação à realidade. Assim, o tema da inibição também se traduz como importante na análise dos casos em questão.

Nos primeiros estágios do desenvolvimento, o pênis é equiparado, em fantasia, como o órgão executor das tendências sádicas, motivo pelo qual estaria a ele vinculado um sentimento inicial de onipotência.

Essa importante influência exercida pelo superego diante do ego, bloqueia as fontes de estímulo externas ao ego, as influências exercidas pelos objetos reais (agora identificados com os aterrorizantes objetos internos) passam a ser duvidosas, dessa forma, há a projeção no mundo externo de tentativas de rebelar-se contra os objetos reais, fazendo surgir as inibições intelectuais e impedindo a expansão de ação do ego voltado à adaptação para com a realidade externa. Por este motivo Klein (1931) defende:

Em certos casos, graves inibições em torno do aprendizado se combinam a uma grande intratabilidade e a uma resistência generalizada à educação ao mesmo tempo em que o indivíduo assume uma postura de superioridade intelectual. Descobri, porém, que o ego se sente oprimido e paralisado pela influência do superego que lhe parece tirânico e perigoso (...) (p.280).

Quanto a esta questão da postura de superioridade intelectual, percebemos o fato de Francisco sempre tentar demonstrar-se elevado intelectualmente, porém sem evidenciar conhecimento profundo sobre os temas; nos relatou, por exemplo, ter lido *Crime e Castigo*, romance de Dostoiévsky em apenas uma noite, ou se resume a citar os títulos da literatura russa, como se dela fosse grande conhecedor. Vale salientar que esta aparente superioridade intelectual, se traduz por uma fina camada, como um verniz que disfarça as deficiências da madeira. Parece-nos esta ser uma defesa contra o assenhoreamento do superego com suas primitivas formas de expressão, em que o ego tenta se livrar de seu aprisionamento deste superego ameaçador.

No artigo *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego* (1932), Klein refere que os capítulos que se seguem a esta obra marcam contribuições que visam ao estudo da origem e estrutura do superego. Chega a conclusões teóricas com base em casos clínicos diversos, em que no centro da questão, encontram-se os processos mais arcaicos, segundo ela, do desenvolvimento mental. Neste momento de suas idéias, acredita que as frustrações orais liberavam “impulsos edipianos”, como os descreve, levando à formação do superego. A conflitiva edípica propriamente dita se estenderia, portanto, dos seis meses de vida até em torno do terceiro ano. Devemos nos recordar, no entanto que este pensamento é alterado por volta de 1935, quando as ligações do superego arcaico são repensadas em suas relações com a conflitiva edípica. Tema explicado mais adiante. Muito mais nos interessa na abordagem deste artigo, a exposição dos mecanismos relacionados aos sentimentos de ódio e fantasias sádico-orais e de destrutividade e aniquilação do objeto, o que invariavelmente nos leva ao funcionamento do superego arcaico.

A partir da compreensão das idéias de Abraham (1924)³¹ sobre o erotismo oral, Klein avança em suas considerações sobre o prazer do bebê em sugar ser substituído paulatinamente pelo prazer em morder – fazendo-nos compreender que a insatisfação do primeiro momento levaria à eclosão do segundo, eclosão esta podendo ser marcada por fixações bastante fortes e comprometedoras em termos do desenvolvimento, por isso completa: “Sabemos também que essa situação é um dos fatores fundamentais nas doenças e nas deficiências de desenvolvimento das crianças” (KLEIN, 1932, p.145).

Seriam estas situações em que o mecanismo do sugar, ligados a esta forte experiência de frustração interna, traria conseqüências bastantes danosas relacionadas ao desenvolvimento de um sadismo oral, que segundo Klein poderia ser denominado como “anormalmente aumentado”, demonstrativo claro da expressão da polaridade pulsional – especialmente dos aspectos pulsionais destrutivos em desequilíbrio, motivo que a leva à seguinte advertência:

As deficiências mais sérias de desenvolvimento e doenças psíquicas surgem ali onde as frustrações externas – isto é, condições de alimentação desfavoráveis – coincidem com um sadismo oral constitucionalmente fortalecido que prejudica o prazer do bebê no sugar. (KLEIN, 1932, p.146).

Quando pensamos nos modos de atuação do superego arcaico na constituição da subjetividade dos assassinos em série, um importante questionamento nos vem à tona, embasados nas considerações de Klein, pois o incremento das tendências sádico-orais, quando

³¹ Dispostas, inclusive, no capítulo 3 desta Tese.

ocorre de forma excessiva e violenta, como propõe a autora, repercute no estabelecimento das próprias relações objetais, que extremamente narcísicas, encontram no sadismo uma forma de funcionamento, apoio e atuação no meio externo importantes. São, em realidade, acúmulos de tal monta que exigem liberação. Liberação esta que impulsiona comportamentos disruptivos: “(...) não apenas reações de ansiedade, mas também de fúria”. (KLEIN, 1932, p.147).

Assim, para que o ego também em seu desenvolvimento primitivo tente dar conta de tamanho aporte pulsional, ele mobiliza parte dos impulsos destrutivos que permanecem no organismo como uma defesa contra outras partes. Esta cisão operada no id seria, segundo Klein o protótipo das inibições pulsionais, neste sentido, em suas palavras, a repressão primária. Assim, o próprio Freud (1926), em *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, havia tratado do tema, referindo que as primeiras ansiedades são decorrentes de um excessivo estado de excitação, em que há ruptura de escudos protetores, num tempo ainda de indiferenciação do ego.

Neste ponto, Klein destaca tanto a ansiedade evocada pelas moções pulsionais destrutivas advindas do próprio corpo da criança, constituindo, o perigo pulsional interno; quanto o medo advindo dos objetos externos, contra os quais são dirigidos, portanto, o sadismo, pois se constituem como fonte de perigo. Conclui tal pensamento afirmando:

A esse respeito pareceria que ela reage ao seu intolerável medo de perigos pulsionais transferindo o impacto maciço dos perigos pulsionais para o seu objeto, transformando, desse modo, perigos internos em perigos externos. Contra esses perigos externos, seu ego imaturo procura então defender-se por meio da destruição do objeto. (KLEIN, 1932, p.149).

A deflexão da pulsão de morte para o meio externo causa, neste sentido, grande repercussão nas relações objetais, não apenas por atingir, o auge do sadismo oral, mas por tornar esta relação narcisista e parcial. As fantasias de esvaziamento do seio e próprio corpo materno se tornam cada vez mais poderosas. Despojar e destruir os conteúdos presentes neste se torna alvo das tendências mais sádicas, de usurpar, lembremos, seus conteúdos mais preciosos também. No entanto, as fantasias ganham contornos cada vez mais sádicos, segundo a autora. O que ativa este movimento é exatamente a frustração libidinal, até que o intento final seja alcançado - o aniquilamento do objeto. Este seria exatamente o ponto que percebemos do refinamento dos atos sádicos praticados pelos assassinos seriais contra suas vítimas, em que há uma crescente, como tão bem explicita Klein (1932, p.154):

Na parte final da fase sádica, os ataques imaginários da criança a seu objeto, que são de uma natureza muito violenta e perpetrados por todos os métodos à disposição de seu sadismo, são ampliados, de modo a incluir ataques secretos e sub-reptícios por meio de métodos particularmente sutis, que os tornam ainda mais perigosos.

Os desejos sádicos e destrutivos aos poucos passam nesta fase a serem dirigidos ao que Klein denominou da figura dos pais combinados, tornando-se esta uma espécie de entidade hostil. Momento em que o conflito edipiano se instaura composto por sentimentos de ódio pelo pênis do pai, o qual a criança supõe encontrar-se dentro do corpo da mãe, por isso, os impulsos destrutivos a ele dirigidos.

Estas são fantasias arcaicas de destruição que se põe em ação no psiquismo, movidas por toda sorte de tendências sádicas. É fato, no entanto, que parte destas ansiedades e sentimentos de ódio são deslocados para os objetos internalizados, fantasiados; aos quais, também se pode atribuir sentimentos positivos.

A esta fase de suas idéias sobre a conflitiva edipiana e modos de funcionamento do superego, Klein considerava que esta surgia exatamente à época em que as tendências sádicas encontram seu ápice. Assim, os impulsos de ódio dariam início à conflitiva edipiana e à própria formação do superego arcaico – fato de corrobora a opinião de Freud de que o ódio, enquanto relação de objeto precederia o desenvolvimento do amor, sendo disposto, desta forma, na base das relações objetais inicialmente sustentadas por tendências sádicas.

As relações objetais de caráter parcial marcadas nesta fase do desenvolvimento são de importância ímpar na dinâmica do funcionamento do superego arcaico, em especial a fase canibalística vivida pela criança, retrata Klein, que carrega consigo a constituição das imagos arcaicas pré-genitais e assim funda o superego marcado pelas tendências sádicas e ansiedades insuportáveis.

Relembramos os escritos de 1928, em que Klein retrata a fase quando a criança passa às tentativas de destruição do objeto, através das mais variadas práticas de morder, devorar ou cortá-los; este mesmo objeto, agora introjetado, se torna um perseguidor, do qual, aliás, se espera uma punição à altura da ofensa perpetrada – assim, o superego também se torna devorador, cruel e tão sádico quanto suas mais terríveis fantasias de aniquilação.

O ego lança mão de mecanismos de defesa primitivos, porém violentos, passando então a expelir³² os objetos internalizados para o meio externo. Ao projetá-los, tenta defender-

³² O que mais adiante se tornará o mecanismo da identificação projetiva.

se do superego e de suas tendências destrutivas e, portanto, da ansiedade gerada por tais tendências. Este interjogo de defesas marca não apenas a qualidade da relação objetal, como já discutimos, mas ainda as formas de adaptação à realidade, trazendo consequências em seus modos de atuação no meio, levando Klein à seguinte afirmação:

Assim, pareceria que nas pessoas em quem as situações de ansiedade arcaicas são excessivamente poderosas e que retiveram os mecanismos defensivos pertinentes àquele estágio arcaico, o medo ao superego, se por razões externas ou intrapsíquicas ultrapassar certos limites, as compeliará a destruir o objeto e formará a base para o desenvolvimento de um tipo criminoso de comportamento (1932, p.164).

Klein assinala um importante pensamento para compreendermos o modo de funcionamento do superego arcaico, referindo que, ao projetar o superego aterrador sobre os objetos, o sentimento de ódio é então intensificado, mas o medo diante dos objetos também o é, de modo que se a agressividade e ansiedade direcionadas aos objetos forem extremadas, o mundo externo finda por se tornar um lugar ameaçador, habitado por objetos persecutórios, tanto aqueles provindos do mesmo mundo externo, quanto àqueles internalizados. Devido às poucas forças de proteção do ego, os mecanismos de ação projetivos, por sua vez também se tornam métodos mais violentos de aniquilação ao objeto.

O seio da mãe, na medida em que se projeta para o meio externo, ganha um sentido mais extenso. O interior do corpo materno traça, a partir de então, a relação com o mundo externo e com a realidade, os espaços se ampliam, porém as fantasias e ansiedades também. Mundo, objetos e imagens são perigosos demais diante do auge do sadismo presente no psiquismo. O superego arcaico inicia sua constituição nesta interação de influências, por isso a relação com a realidade externa se torna algo suscetível às interrupções, como as que se apresentam nas configurações subjetivas que marcam o agir dos assassinos em série.

Em realidade, desde os primórdios de seu desenvolvimento, o ego está submetido a diversas situações de ansiedade arcaicas e suas pressões. Na tentativa de domínio da ansiedade, se vê diante das exigências do id e do superego, tal qual já havia tão bem descrito o próprio Freud, em muitos de seus artigos. Klein (1932) agora, em seus escritos sobre *A importância das situações de ansiedade arcaicas no desenvolvimento do ego*, apenas enriquece esta assertiva, nos fazendo compreender que as exigências do superego arcaico são ainda de uma ordem mais primitiva e sádica que a do superego moral.

Na tarefa do domínio das violentas formas de ansiedade, a intenção é, em realidade, transformar experiências desprazerosas em situações geradoras de prazer. A falta de domínio de tais eventos desagradáveis ao psiquismo gera não apenas o desprazer, mas um quadro de intolerância às frustrações, uso de mecanismos sádicos nas relações com o outro e com o meio - movimento tipicamente observado nos quadros das patologias narcísicas (descritas no capítulo anterior deste estudo). Os medos pulsionais, como tão bem salienta Klein e os perigos internos passam a ser projetados no meio externo, este deslocamento da ansiedade, justaposto à deflexão da pulsão destrutiva reforçam as tendências sádicas, gerando as patologias.

Todavia, cabe esclarecer o quão importante e estruturante é a vivência de tais ansiedades para o desenvolvimento saudável do ego. Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) relaciona a compulsão à repetição com a pulsão de morte. O famoso “jogo do *fort-da*”, no qual uma criança faz desaparecer um carretel de linha e depois faz reaparecer, simbolizava, de um lado, a angústia da separação que a invadia por causa da ausência da mãe, ausência esta traduzida pela palavra *fort* (foi embora), e, de outro lado, a superação deste sentimento de angústia pelo gesto de fazer reaparecer a mãe, simbolizada pelo brinquedo com a expressão *da* (ei-la presente).

Passando da passividade da experiência traumatizante para a atividade de domínio do brinquedo, a criança “transfere” para um objeto substituto as causas de seu conflito. Fazendo o brinquedo desaparecer ela estaria também de um certo modo se “vingando” da mãe que a deixou sozinha. “*Eu também posso fazê-la desaparecer*”.

Assim, a importância destes escritos é esclarecer, sobretudo o papel das ansiedades como estruturantes no desenvolvimento egóico, uma vez que Klein ilustra que o medo que a criança tem dos objetos introjetados e dos perigos internos, aumenta a necessidade que esta tem, em contrapartida em relação à figura materna de amor e auxílio. Sentir falta de alguém a quem se ama e ansiar por este alguém, nos fala não apenas das ansiedades arcaicas, tão bem descritas pelo próprio Freud (1926) em *Inibições, sintomas e ansiedade*, mas principalmente, do medo de perder o que há de bom do objeto, de ser deixado sozinho, do desamparo.

Esta capacidade materna, por sua vez, tão fundamental ao desenvolvimento saudável do ego infantil, é abordada por Klein – diante de suas observações clínicas - no sentido de que a mãe precisa constantemente provar que sua presença não é má e de que não irá atacar a criança, de forma a reassigurá-la constantemente. Desta forma, a mãe deve ter a capacidade de auxiliar a criança contra o medo que a domina, medo este proveniente das fantasias

repletas de impulsos destrutivos típicos desta fase, em que os objetos se tornam persecutórios e o superego ainda mais cruel.

Klein salienta que enquanto o senso de onipotência estiver a serviço dos impulsos destrutivos, estes estágios arcaicos persistirão, tornando mais forte as demandas do superego. Enquanto não houver o desejo de restituição do objeto e restauração do seu corpo e de suas partes, nos diz a autora, não há como haver o controle das ansiedades arcaicas. Este senso de onipotência nos parece peça central na dinâmica das organizações patológicas de personalidade, tais como as denomina Steiner (1997), e como entendemos a configuração daqueles que cometem os homicídios seriados. Parece se estabelecer nestes casos, a impossibilidade de restaurar, de restituir, como a potencialidade do objeto enquanto capaz ser acolhedor e bondoso.

Em *O desenvolvimento inicial da consciência na criança* (1933), Klein salienta que a internalização das figuras parentais ocorre de modo que as transforma em uma parte indiferenciada do superego, impondo ao ego suas exigências. Por sua influência inconsciente, se distancia da idéia de consciência. No entanto, adverte Klein (1933), este superego é ainda mais cruel e rigoroso que o superego de crianças maiores ou mesmo de adultos.

O superego infantil é repleto de fantasias que geram o medo da criança ser despedaçada e devorada ou mesmo perseguida por figuras aterradoras, por isso:

(...) também sabemos que o lobo devorador de homens, o dragão que cospe fogo e todos os monstros malignos dos mitos e contos de fada florescem, e exercem influência inconsciente, na fantasia de cada criança, que se sente perseguida e ameaçada por esses entes maléficos. (KLEIN, 1933, p.287).

Interessante perceber que no caso de Marcelo, tem-se a figura do dragão, figura mítica e fálica, imago da maldade, figura esta que é combatida por São Jorge, que protege toda a cidadela. Marcelo, em seu discurso junto aos meninos, os convencia que o acompanhassem com o propósito de acender uma vela para São Jorge. Perguntamo-nos até que ponto a figura maléfica do dragão exercia forte influência no inconsciente de Marcelo. O dragão, lembremos da lenda, foi morto por São Jorge por meio de um golpe na garganta, uma lança que a atravessou, fazendo dali jorrar muito sangue (AUGRAS, 2005). Esta era a forma pela qual Marcelo feria suas vítimas, delas bebendo o sangue.

Duas acepções importantes são retratadas neste texto, a primeira de que o superego precoce é constituído pelas imagos que a criança introjetou, não correspondendo às figuras reais. A segunda, de que a ansiedade fóbica provocada pelos objetos reais, tem sua origem na

própria situação fantástica do superego. Mas antes de continuarmos com o pensamento kleiniano, vale ressaltar algumas concepções freudianas a respeito do tema.

Freud (1920) salienta que no amor objetal apresenta-se a polaridade entre o amor (afeição) e o ódio (agressividade). Exemplo da segunda possibilidade é o componente sádico da pulsão sexual. Ele, tornando-se independente, pode dominar toda a atividade sexual de um indivíduo.

Desta forma, antes da organização genital, quando predominam as pulsões parciais no processo do desenvolvimento libidinal, mais facilmente o componente sádico, que prevalece no ato de domínio erótico do objeto, converte-se em pulsão de destruição. Na fase da primazia genital, a função principal do componente sádico da pulsão sexual é a de “dominar” o objeto.

Diante do exposto sobre o pensamento freudiano a propósito das pulsões agressivas, Klein (1933) apenas acrescenta perceber haver, uma tensão presente no ego, pela intensa necessidade de mobilizar a libido contra a pulsão de morte, porém, devido a fusão pulsional já não há mais condições de distinção entre ambas, movimento que leva a uma divisão no id. Assim, uma cota dos impulsos pulsionais é dirigida contra a outra. A grande quantidade de impulsos agressivos presentes neste estágio, leva àquilo que Klein (1933) nomeou como a “pedra fundamental do desenvolvimento do superego” (p.288), ou seja, esta seria a primeira defesa criada pelo ego para se proteger de tão fortes demandas pulsionais.

As imagos aterradoras assim o são nas fantasias infantis, por nelas ter sido projetada toda a força das pulsões destrutivas. É exatamente esta operação que faz com que o medo da criança de ser atacada seja proporcional aos seus próprios impulsos sádicos.

O caráter irreal destas imagos, já havia sido descrita por Freud (1930) em *O mal estar da civilização*, quando refere que a questão da severidade do superego representa, na realidade, a agressividade dirigida ao próprio indivíduo. Por isso, as relações de objeto deficientes advêm do medo que o superego inflige ao ego, em que há a tendência ao afastamento do objeto gerador de ansiedade. Este afastamento, em nossa perspectiva poderia ocasionar a indiferença afetiva que os homicidas em série apresentam diante de suas vítimas.

Quando Klein (1935) escreve o artigo *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, marca o início de uma nova estrutura teórica. Não apenas pelos novos pensamentos a respeito do complexo de Édipo e superego, mas sobre as noções conceituais de objeto interno, fantasia inconsciente, agressividade, introjeção e projeção. Nestes escritos faz a interposição de duas teorias: sobre o desenvolvimento inicial e sobre a origem dos quadros maníaco-depressivos.

Aqui apresenta as mudanças do sistema defensivo do ego diante da transformação já referendada da relação parcial de objeto para a relação total. Assim, ao identificar-se com o objeto, o ego apresenta uma mudança de posição. As ansiedades deixam de ser de tipo paranóico e gradativamente passam a ser de tipo depressivo, dando lugar ao surgimento dos sentimentos de culpa.

Nasce assim o conceito de posição depressiva, momento este em que o ego lança mão de defesas maníacas para destruição de seus algozes, vivenciando experiências de culpa e desespero. Assim, o conceito de posição passa a ser entendido como uma “unidade de desenvolvimento”. Numa nota de rodapé, pela primeira vez, Klein (1935) emprega o termo posição para descrever as ansiedades e defesas psicóticas no início de seu desenvolvimento, substituindo os antigos termos de fases ou estágios. Ainda neste primeiro momento, surgem em separado, as posições: paranóide, depressiva e maníaca³³. Além disto, uma definição mais clara a propósito das formas de ansiedade tanto paranóide como depressiva, também pode ser vista neste artigo.

Klein (1935) inicia o texto explicitando a questão do sadismo presente nas fases iniciais do desenvolvimento, descrevendo a presença destes impulsos desde a mais tenra infância, impulsos estes direcionados para o seio materno e para o interior de seu próprio corpo - jogo dos mecanismos de introjeção e projeção, a introjeção dos bons e maus objetos, inclusive. Desta forma, especifica a autora: “(...) o objeto é bom quando a criança consegue obtê-lo e mau quando ela o perde” (p.304). Os objetos perseguidores, através do mecanismo da incorporação, se instalam também no interior de seu próprio ego.

As defesas típicas dos quadros paranóicos, neste sentido, visam à eliminação dos perseguidores. Essas idéias estão todas embasadas, segundo nos ensina Klein (1935), na concepção de que os perseguidores devoram suas vítimas. Tal situação, não rara é vista nos casos de assassinatos em série.

Sobre o papel dos maus objetos na dinâmica constitutiva do superego, Klein (1935) afirma:

As perseguições e as exigências dos objetos maus internalizados: os ataques desses objetos uns contra os outros (principalmente aquele representado pelo coito sádico dos pais); a necessidade premente de cumprir as exigências rigorosas dos ‘objetos bons’, além de protegê-los e apaziguá-los dentro do ego, com o resultante ódio ao id; a constante incerteza a respeito da ‘bondade’ do objeto bom, o que faz com que ele rapidamente se transforme num objeto

³³ Apenas no artigo de 1946, *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*, situação em que finaliza as concepções sobre a questão do desenvolvimento inicial, passa a utilizar em definitivo o termo posição esquizo-paranóide, após uso de algumas nomenclaturas intermediárias a esta.

mau – todos esses fatores se combinam para produzir no ego a sensação de estar preso entre reivindicações contraditórias e impossíveis de se realizar, condição sentida como um peso na consciência estão associadas à perseguição de objetos maus (p.309).

Na situação dos quadros depressivos, em que as ansiedades têm características mais intrincadas, há o medo de que os objetos bons sejam destruídos junto com os maus, assim como o próprio ego. O ego se depara com o medo do despedaçamento, da desintegração. Neste sentido, surgem os sentimentos de culpa em relação ao objeto bom pelo medo de sua desintegração, além do remorso e tristeza pela “possibilidade” de perdê-lo, que marcam a capacidade de por ele sentir amor - afeto que sinaliza o estabelecimento da relação de objeto total.

Já no caso dos quadros maníacos, Klein (1935) refere que o amalgamamento entre ego e ideal de ego (proposto por Freud, quando estudou o caso da mania), faz com que:

O ego incorpora o objeto de forma canibalesca (o ‘banquete’), no termo que Freud emprega ao falar da mania), mas nega sentir qualquer preocupação por ele (...) Essa depreciação da importância do objeto e o desprezo por ele, em minha opinião, é uma característica específica da mania e permite ao ego atingir a indiferença parcial que percebemos lado a lado com sua fome de objetos. (KLEIN, 1935, p.320).

Segundo Klein, aos poucos, o superego se torna mais suave, momento em que fará exigências suportáveis ao ego. Neste ínterim, os impulsos genitais começam a se destacar, dando lugar ao surgimento de imagos boas, mais próximas inclusive das figuras reais, estas formadas no período de fixações da fase sádico-oral do sugar, em que uma mãe generosa, provia as necessidades do bebê, sem frustrá-lo. Neste momento, tem-se o advento do superego enquanto consciência moral.

Neste momento de transformações, novos modos de funcionamento do superego surgem, seus efeitos sobre o ego e mecanismos de defesa utilizados passam a ser de outra ordem. Os sentimentos de empatia ganham força como uma reação à crueldade, tema já tratado por Freud anteriormente. Neste sentido, o superego impõe ao ego castigos (por conta dos ataques imaginários efetuados), movimento este gerador do sentimento de culpa, que impelem a criança a buscar formas de reparar os danos causados. Todos estes eventos se realizarão à medida que a criança atinge uma relação total de objeto, momento da primazia

genital. Contudo, vale salientar a opinião de Klein (1935): “(...) a análise nunca pode eliminar por completo o núcleo sádico do superego” (p.293).

Assim, a capacidade de amar e tentar reparar os danos imaginários causados aos objetos conduz à passagem para a posição depressiva. O amor gradativamente atinge não apenas os objetos, mas a própria confiança interna desta competência. Direcionado aos objetos bons e reais, este amor permite desenvolver formas de lidar com as pulsões agressivas, gerando a redução dos impulsos sádicos, tudo isso possível pelos novos mecanismos de defesa utilizados pelo ego e sua nova posição diante dos objetos.

No entanto, em *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental* (1958), encontramos uma mudança radical na postura de Klein sobre a origem da constituição do superego arcaico, nele enfatiza o papel da fusão pulsional em sua compleição, separando as figuras internas persecutórias deste processo e reservando para esta um lugar em separado no psiquismo. Estas figuras, na opinião de Klein, agora permanecem excindidas tanto do ego quanto do superego, mais adiante, explicaremos o modo de funcionamento destas novas propostas.

Ressalta, ainda, que a força das figuras internas permanecerá sempre presente no psiquismo, em especial nos casos de esquizofrenia, referindo desta feita ser este quadro originado por um desenvolvimento anormal do superego em si.

Inicia o artigo, explicitando a necessidade de complementação de algumas propostas metapsicológicas freudianas, especialmente presentes em *Além do princípio do prazer* (1920) e *Novas conferências introdutórias* (1933), em que Freud salienta os processos fusionais e defusionais das pulsões e que o processo de deflexão da pulsão de morte para o exterior seria efetuado pelo organismo, como forma de proteção - postura da qual discorda Klein, referindo ser esta uma tarefa do ego.

Esta seria, inclusive, a ansiedade primordial combatida pelo ego, desde o início de seu desenvolvimento, em que sua tarefa consiste em mobilizar libido contra a pulsão de morte: “O processo primário de projeção é a maneira de defletir a pulsão de morte para o exterior” (KLEIN, 1958, p.272). Desta forma, as questões que envolvem os sentimentos de amor e ódio, se constituem por termos que ganham grande força em sua teoria, momento em que os conceitos de posição esquizo-paranóide e posição depressiva marcam, claramente, modos de funcionamento mental.

Diferentemente de Freud, que acreditava que o processo de deflexão pulsional consistia no fato de que a pulsão de morte – dirigida ao *self* – se transformaria em agressão contra o objeto, Klein acredita que um processo duplo ocorre, qual seja que parte da pulsão é

projetada para dentro do objeto, o tornando um perseguidor, enquanto que a outra parte do processo de deflexão é retida no próprio ego, agora direcionada à agressão para com os objetos.

Assim, desde o início da vida, pela necessidade de domínio da ansiedade persecutória, se dá o processo de cisão do seio materno, momento em que ocorre a introjeção do seio que nutre. Este investimento libidinal do seio, aliado a experiências de gratificação, dariam forma à introjeção do objeto bom. Por sua vez, a projeção de impulsos destrutivos levaria à internalização do mau objeto. Quando as duas imagos se fazem presentes no interior do ego, passam a coexistir as pulsões de vida e de morte. Este seria, pois, o protótipo de todos os demais processos de internalização.

Mesmo diante da preponderância das pulsões de vida, o processo de reintrojeção³⁴ de objetos persecutórios sempre irá ocorrer, pois o ego permanecerá em constante flutuação em suas relações com os objetos internos e externos, sejam eles bons ou maus, a depender das formas de relação com as experiências externas e suas fantasias.

Nesta concepção, o núcleo do ego seria exatamente o objeto bom, que agora internalizado o tornaria capacitado ao exercício de sua tarefa – a da preservação da vida, atividade possível por meio das ligações pulsionais agora operantes em seu interior. Desta forma, estas primeiras introjeções possibilitariam a constituição, ainda, do superego, por isso Klein (1958) enfoca:

O superego antecede de alguns meses o início do complexo de Édipo, início que eu situo no segundo trimestre do primeiro ano de vida, junto com o começo da posição depressiva. Portanto, as primeiras introjeções do seio bom e do seio mau formam o alicerce do superego e influenciam o desenvolvimento do complexo de Édipo (p.273).

Com as operações de cisão sofridas pelo ego, o superego começa a tomar forma, a partir deste novo ponto de vista, a conflitiva ocasionada pela polaridade pulsional seria a mola propulsora deste acontecimento. Esta operação, de forma mais explícita, consistiria na parte propriamente excindida do ego, a partir da projeção das pulsões de morte. Esta parte, a qual se põe em oposição ao resto do ego, seria, pois, o superego. Porém o processo tem continuidade, juntamente com estas deflexões, partes dos objetos bom e mau são excindidas do ego para

³⁴ Nomenclatura utilizada pela própria Klein, para explicar os constantes movimentos de introjeção destes objetos no psiquismo.

dentro do superego. Dessa maneira, o superego adquire qualidades tanto protetoras quanto ameaçadoras (p.274).

No entanto este intrincado processo ainda não finda, pois diante da ação da integração, a pulsão de morte passa a ser ligada, e como tal, influencia os objetos bons agora introjetados no superego, assim, este desenvolve tanto as empreitadas de conter os impulsos destrutivos e o ódio, visando o amparo deste objeto, mas também de promover os conteúdos persecutórios. Sob este prisma, ele é o representante da mãe boa, provedora e da frustradora – portanto das pulsões de morte – que, de toda forma, submete o bebê a algumas proibições, favorecendo o controle de suas próprias tendências destrutivas.

A função do superego é pois, ser rigoroso, se preciso sádico e cruel ao controlar a voracidade, amenizando os impulsos destrutivos, protegendo, desta feita, o seio bom e assim, sendo capaz de refrear as ansiedades persecutórias. Sobre esta complexa operação, refere Klein (1958):

No entanto assim que os impulsos destrutivos do bebê e sua ansiedade são despertados, o superego é sentido como rigoroso e despótico e o ego, então, como Freud o descreveu, ‘tem que servir a três amos severos’ o id, o superego e a realidade externa (p. 274).

No que concerne às figuras aterrorizantes, nota-se nova forma de construção do pensamento de Klein, pois estas figuras, promovedoras dos conflitos e ansiedades no ego, porém no auge da ansiedade, sofrem processo de excisão, e diferentemente do superego, passam a “habitar” camadas mais profundas do inconsciente. Nesta operação, ao invés de nos depararmos com o processo fusional ocorrido no superego, o que se dá é a predominância das ações desfusionais.

A tênue margem que separa as figuras excindidas daquelas que são toleráveis ao ego, nos dá o caminho para a compreensão dos quadros abordados neste trabalho, uma vez que Klein (1958) demonstra que o processo de cisão, apresenta um êxito apenas temporário, gerando um vivo quadro de ansiedade persecutória, de tal sorte que este se constitui exatamente pelo primeiro momento do desenvolvimento, falamos então da posição esquizo-paranóide, a qual Klein presume se desenvolver aos três ou quatro meses de vida, em que a mente do bebê passa a ser povoada por objetos bons e maus, que em realidade coexistem. Por isso acreditamos, em ambos os casos estudados, que a dinâmica psíquica destes indivíduos apresenta-se povoada e mergulhada neste intenso quadro de ansiedade persecutória.

Em *O desenvolvimento inicial da consciência na criança*, Klein (1933), chega à seguinte conclusão:

(...) enquanto a função do superego for principalmente causar ansiedade, ele desperta no ego os violentos mecanismos de defesa (...) e cuja natureza é antiética e antissocial. No entanto, logo que o sadismo da criança se reduz e o caráter do superego se modifica de tal forma que este passa a gerar menos ansiedade e mais sentimento de culpa, os mecanismos de defesa que formam a base da atitude moral e ética são ativados. A criança passa, então, a ter mais consideração pelos seus objetos e se torna sujeita ao sentimento social (p.290).

Diferentemente da posição depressiva, na posição esquizo-paranóide não há ponto de equilíbrio entre as ansiedades e a capacidade de amar, pois como ressaltado por Freud:

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. (FREUD, 1914, p. 101).

Por fim, nesta situação, o frágil ego não encontra formas de conter tão fortes demandas pulsionais e se vê impossibilitado de lidar com a realidade tanto interna como externa. Nele a pulsão de morte se faz presente em toda sua dimensão de agressividade. Defesas arcaicas são ativadas em busca do alívio das ansiedades, no entanto apenas conduzem a estados de desintegração, em que as demandas pulsionais encontram-se sempre associadas aos objetos persecutórios, sendo, assim, predominantes.

Desta forma, nos lembra Klein (1958), entre os objetos excindidos, portanto ameaçadores e aterrorizantes ao ego arcaico, coexistem também aqueles sentidos como danificados ou mortos e estes se transformam em poderosos perseguidores, motivo pelo qual entendemos o caráter serial dos crimes em questão. No momento em que uma vítima é “aniquilada” e diante da impossibilidade egóica de integração dos impulsos destrutivos e síntese das diferentes faces dos objetos, estes passam a ser ainda mais ameaçadores, gerando nova cota de destrutividade, num infundável círculo maligno. Tema que aprofundaremos um pouco mais a partir das considerações de Rosenfeld, no tópico a seguir.

4.1.1. Rosenfeld e algumas considerações sobre o superego arcaico

Rosenfeld (1968), em seu livro *Estados Psicóticos*, nos traz algumas contribuições específicas acerca do estudo do superego arcaico, em especial no capítulo dedicado a *Notas sobre a psicanálise do superego num paciente esquizofrênico em fase aguda* (1952). Neste trabalho, o autor expõe que sua experiência clínica o levou a perceber a importância do superego na dinâmica psicopatológica da esquizofrenia, tanto em suas fases aguda quanto crônica.

Ao retomar os conceitos de Klein sobre o superego, Rosenfeld esclarece que no incremento da agressividade na fase paranóide e consequentemente das ansiedades, provenientes tanto de causas internas quanto externas, haverá a predominância de fantasias de objetos persecutórios, impossibilitando que os objetos bons sobrevivam e com isso possa se dar o desenvolvimento normal não apenas do ego, mas também do próprio superego, motivo pelo qual o ego não consegue elaborar a posição depressiva.

Desta forma, o próprio superego, reterá as características da posição esquizo-paranóide, portanto, a dos objetos bons e maus, nos diz o autor. Os objetos maus, configurados como persecutórios e extremamente maus e os bons como idealizados, e extremamente bons. Diz-nos Rosenfeld:

(...) podemos observar que alguns objetos idealizados e também alguns persecutórios têm funções de superego. Na análise de muitos pacientes esquizofrênicos em fase aguda, encontramos dificuldade para descobrir os objetos idealizados que funcionam como superego e, apenas, nos impressionamos com a qualidade persecutória do superego (1952, p. 83).

O superego persecutório é *per si* constituído por esta luta entre os objetos internos que atacam e criticam, além de punir. Nestes termos os próprios mecanismos esquizóides, ou seja, a divisão do ego e dos objetos está no cerne dos estados psicóticos, reflete Rosenfeld. O processo de divisão do ego, motivado pela deflexão da agressividade contra o próprio *self* e da projeção de suas partes sobre os objetos externos e internos, dá forma ao mecanismo da identificação projetiva.

As fantasias de incorporação oral, tão frequentes nestes casos, tratam não apenas da identificação introjetiva, mas como descreve o autor: “(...) de impulsos e fantasias de penetração dentro do objeto com todo o seu eu ou com partes dele, que redundam na

identificação projetiva”. (ROSENFELD, 1952, p. 85). Nesta, sendo a relação de objeto mais primitiva, estaria presente também os mecanismos de defesa projetivos em seus aspectos mais maléficos – consequentemente atingindo situações mais comprometedoras de desintegração do *self*.

Em casos de esquizofrenia aguda retratados pelo autor, este descreve ter podido perceber não apenas mecanismos projetivos de objetos internos, mas sobretudo que projeções do superego estavam conectadas a projeções maciças de partes do *self* nos objetos externos, levando a um maior quadro de divisão e desintegração egóica. Tais projeções demonstram as características da rigidez e da persecutoriedade deste superego arcaico - como por exemplo, as fantasias de penetrar para “dentro” do corpo do analista.

Ao relatar o caso de um paciente esquizofrênico de 21 anos, expõe as vivências fantasiosas agressivas e assassinas daquele jovem, direcionadas à figura materna ou outras figuras femininas – inclusive por vezes, atuadas contra as profissionais do hospital sob a forma de comportamentos extremamente violentos. Num destes episódios ele atacara uma freira. Acompanhemos o relato de Rosenfeld:

Alguns dias antes do ataque, ele parecia preocupado com fantasias de atacar e de morder os seios e de medo de mulheres (‘de bruxarias’). Estava desagregado e difícil de se compreender. Falava de “três bolos” que, provavelmente, significavam três seios, mas, não estava claro, então porque seriam três. De repente, ele ataca a Freira X, quando tomava chá com ela e o pai, batendo-lhe, com força, na frente, no instante em que ela, carinhosamente, lhe punha as mãos sobre os ombros. A agressão se deu no sábado, e na segunda e terça-feira eu o encontro silencioso e desconfiado. Na quarta fala um pouco. Diz que destruíra o mundo todo, mais tarde, agrega – ‘com medo’. Acrescenta diversas vezes ‘Eli’ (Deus). Ao falar, parecia muito abatido e com a cabeça inclinada sobre o peito. Interpretei que ao atacar a Freira X sentiu que destruíra o mundo todo e que só Eli poderia refazer o que destruíra (1952, p.93-94).

Percebe-se nessa passagem da descrição clínica dois temas que pretendemos discutir no que se refere à compreensão da “pressão” exercida pelo superego arcaico nos casos estudados também nesta Tese. Num primeiro momento, seria a questão da percepção quanto ao objeto, não apenas referente aos processos de cisão, mas da desvalorização do objeto e diante disto do que tais processos evocam em termos de fantasias destrutivas e de despedaçamento – de tom canibalístico inclusive – que vemos aqui presentes no caso relatado pelo autor e em tantos outros descritos por Klein e outros teóricos.

O segundo ponto que nos parece importante ressaltar seria a questão do ato aniquilatório, que exatamente pela força de garantia de sobrevivência do *self*, passa a se configurar, muitas vezes, como um ato quase que sagrado, no sentido do sacrifício da vítima – etimologicamente falando – um santo ofício – ele, o assassino em série, passa a atuar numa espécie de “trabalho sagrado” de manter vivo, em realidade, isto sim, o próprio *self*. Por isto, no caso do paciente de Rosenfeld, surgiu a figura de Eli e por isso em Marcelo o sacrifício dos meninos enviados aos céus ou em Francisco o sacrifício das mulheres.

Nestas situações, a desintegração do ego se torna cada vez mais patente pela força descomunal pela qual o superego gera ansiedade e culpa persecutórias. O ego cada vez mais projeta, e a cada nova projeção se divide um tanto mais. Nesta operação, as partes más se sobressaem, penetra os objetos, os envenena, corta, despedaça, mata e os come – dando fim à sua existência, os aniquilando. Assim:

Isto nos leva à divisão do ego, à perda do eu e à perda dos sentimentos. Desencadeia-se simultaneamente, a nova situação de perigo e ansiedade, que conduz a um círculo vicioso e desintegração ulterior. Pela projeção do ego mau e de todos os seus conteúdos num objeto, este se afigura transmutado para o paciente e se torna mau e perseguidor (...). A perseguição esperada, em seguida a essa forma de projeção, é o reentrar agressivo e forçado do objeto dentro do ego. Durante essa fase, portanto, pode haver uma inibição da introjeção, numa tentativa para barrar a entrada do objeto perseguidor. (ROSENFELD, 1952, p.97).

Com estas palavras, retornamos, como nos lembra Rosenfeld, ao círculo vicioso descrito por Klein e já referendado em capítulo anterior e que nos parece expressar o fundamento da repetição do ato homicida serial. O desencadear das novas situações de ansiedade despertadas pelo deparar-se com a vítima ou por outros “gatilhos” que o inconsciente dispara, evoca no assassino serial o novo ciclo do mecanismo projetivo dos conteúdos maus do *self*.

Para lidar com o superego aterrador, o indivíduo lança mão da projeção no meio externo, de partes más. São estes objetos externos que se tornam os “depositários” de suas fantasias. No caso dos assassinos seriais, as *vítimas-objeto* – como as denominamos – são estas projeções das imagos internalizadas que agora sofrem os ataques aniquilatórios pela via da destruição. No entanto, como nos lembra Rosenfeld (1952), como no caso do seu paciente que ataca a Freira X, ele projeta agressivamente seu *self* neste objeto externo, no entanto, tal

movimento, implica, destaca o autor, na “piora” do quadro de divisão do ego e sobretudo no incremento das fantasias persecutórias.

Assim, quando parte para a projeção, o ego tenta se proteger da aniquilação, mas finda por fragmentar-se: “Isto significa que nos defrontamos não exatamente com um movimento de divisão, projeção e introjeção, mas com um processo em que podem ocorrer, num lapso de tempo muito breve, projeções e introjeções múltiplas”. (ROSENFELD, 1952, p.97). Além disto, cabe referendar que quando o objeto persecutório é introjetado, esta imago, melhor dizendo, é ela quem fundamenta o superego primitivo. Assim sendo, o ego sofre um terror inimaginável que o atormenta e está ali, dentro dele mesmo. Por isso, tentativas de apaziguar os objetos perseguidores representam, ao mesmo tempo, a tentativa de apaziguar o próprio superego, pois tal qual a pena de talião, refere Rosenfeld, o superego é persecutório e ameaçador.

As fantasias ou atos dos pacientes, segundo o autor, podem tentar retratar a tentativa de expulsão do superego ou mesmo fragmentos dele. Para isso, faz referência ao já citado neste estudo artigo de Abraham (1924), no qual aquele autor descreve casos de melancolia em que fantasias relacionadas a atos de coprofagia³⁵ ou mesmo sua prática são descritas. Situações, pois, que revelam o desejo de se fazer retornar para dentro do corpo do objeto, outrora expelido, sob forma de excrementos. Rosenfeld continua suas considerações não apenas explicitando que Abraham acreditava ser a coprofagia uma espécie de simbolismo típico da melancolia, mas que: “Descreve os impulsos expulsivos (no sentido anal) e de destruição (o homicídio): o resultado de tal assassinio – o cadáver – identifica-se com o produto da expulsão – com os excrementos” (ABRAHAM, 1952, p.112).

No que concerne à questão da inveja, Rosenfeld (1952), nos lembra que esta, como representante de uma parte mais agressiva dos impulsos hostis contra o objeto, torna difícil a este tipo de paciente perceber coisas boas no objeto. No entanto, nos casos que focamos neste estudo, como bem salienta o autor: “A inveja, porém, e o ciúme com que, na fantasia, a criança entra no corpo da mãe, originam imagens de mãe destruída” (p.109).

Para Rosenfeld, apenas quando o analista é capaz de reconhecer e reter tanto o amor como o ódio, como o superego primitivo dos pacientes, num processo que ele denomina de reassseguramento, apenas assim, os níveis de ansiedade podem ser contornados de modo mais eficaz e o rigor e ameaças do superego do paciente passam a ser menos aterradores ao próprio analista. Sobre isto nos diz:

³⁵ Ingestão de fezes.

Minha finalidade, aqui, foi mostrar que a análise da transferência de um esquizofrênico profundamente regressivo é possível e que ela pode lançar alguma luz sobre os objetos introjetados mais primitivos e sobre suas funções de superego. (ROSENFELD, 1952, p. 120).

Do que se trata neste momento não é apenas dos níveis regressivos destes pacientes, mas, sobretudo da dificuldade de representações simbólicas, fixadas em uma superestrutura patológica como bem define o autor, de modo que os perseguidores internos permanecem num fluxo contínuo de atuação e o ego em tentativas de defesa, que frustradas o levam à divisão em minúsculos pedaços. Essas partículas do *self* passam a ser “engolfadas” pela onipotência do superego arcaico, que dominador e cruel, sustenta o ciclo da destruição aniquilatória dos objetos para o mundo externo, esta é de todas a maior dificuldade no lidar com as situações ligadas ao superego arcaico.

O superego persecutório força a deflexão dos conteúdos destrutivos por meio da passagem ao ato homicida, mas não o ato homicida por si só. Enfocamos, isto sim, o ato aniquilatório, que habita o terreno das fantasias sádico-orais, sádico-anais e sádico-uretrais mais arcaicas e cruéis, em busca da sustentação do *self*, que absorto em sua fragilidade, trama armadilhas, em que o outro é capturado, desvalorizado e, sobretudo desvitalizado, movimento em que a relação objetal se torna parcial, falseada pelo enredo do narcisismo destrutivo, que impera como ordem suprema no caos pulsional destes psiquismos. Este é o motivo de tratarmos, no próximo tópico, sobre a questão da tendência criminosa.

4.2 A tendência criminosa, implicações do superego arcaico no psiquismo dos assassinos em série

Os primeiros estágios da organização libidinal, assinala Klein (1933), a partir das observações feitas por Freud e Abraham, é o momento da pré-genitalidade, em que a libido está fundida à pulsão destrutiva e, portanto, os impulsos sádicos ganham prevalência. Neles as fantasias canibalescas têm destaque, pois são típicas do estágio sádico-oral, estas se dirigem à necessidade da destruição por meio do devoramento e não possuem relação apenas ao desejo se ser alimentado, mas visam também satisfazer os impulsos destrutivos vigentes em seu psiquismo.

Em *Criminosos em consequência de um sentimento de culpa*, Freud (1916), refere que observou em sua prática clínica a frequente ocorrência daquilo que denominou “ações proibidas”, ou seja, furtos, fraudes, incêndios, etc. Situações ocorridas na época da adolescência em pessoas que quando adultas, demonstravam comportamentos normais. Relata, contudo, que ao surgirem casos de tais “práticas” com indivíduos que se encontravam em tratamento, o fato começou a chamar-lhe a atenção. Concluiu desta forma que: “(...) tais ações eram praticadas principalmente por serem proibidas e por sua execução acarretar para seu autor, um “alívio mental”. (FREUD, 1916, p. 375).

Em realidade, o mecanismo aqui em questão parece traduzir-se pela existência de um forte sentimento de culpa de motivação desconhecida pelo indivíduo; que, no entanto, o impele à prática de tais ações como forma de punição, o que consequentemente amenizaria tal “culpabilidade” – por isso Freud denominá-los “criminosos em consequência de um sentimento (inconsciente) de culpa”.

Então Freud faz aos seus leitores a seguinte indagação: “Qual a origem deste obscuro sentimento de culpa antes da ação; é provável que esta espécie de causação desempenhe um papel considerável no crime humano?” (1916, p. 375).

A inegável inclinação humana para a agressão é expressa por Freud em diversos momentos de sua obra. Neste sentido, o sadismo se constitui como um investimento diretamente ligado às pulsões de domínio e, como tal, relacionado, no próprio texto freudiano, às neuroses traumáticas e às “afecções fronteiriças às psicoses”, assim como as próprias psicoses.

Ao abordar o tema da *reação terapêutica negativa*, Freud (1924, p. 49) pontua a questão do sentimento inconsciente de culpa:

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque (sob a influência da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (*conscience*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa.

Freud achava mais adequada a expressão *necessidade de punição* para traduzir o “sentimento inconsciente de culpa”, porque na língua alemã a expressão “sentimento de culpa” se diz “consciência de culpa” (*Schuldbewusstsein*) e a expressão “consciência de culpa inconsciente” parecia uma contradição nos termos. Ao satisfazer esta necessidade de punição,

o indivíduo estaria alimentando tendências masoquistas. Neste sentido, refere Freud (1924, p. 208):

Atribuímos a função da consciência ao superego e reconhecemos a consciência de culpa como expressão de uma tensão entre o ego e o superego. O ego reage com sentimentos de ansiedade (ansiedade de consciência) à percepção de que não esteve à altura das exigências feitas por seu ideal, o superego.

Nos obsessivos e naqueles que cometem crimes movidos pela necessidade de punição, tem-se, segundo Freud, um conflito entre o ego e o superego, e o ego é subjugado masoquisticamente por um superego sádico e cruel.

(...) o masoquismo cria uma tentação a efetuar ações ‘pecaminosas’, que devem então ser expiadas pelas censuras da consciência sádica (como é exemplificado em tantos tipos caracterológicos russos) ou pelo castigo do grande poder parental do Destino. A fim de provocar a punição desse último representante dos pais, o masoquista deve fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real. (FREUD, 1924, p. 211)

Portanto, ao se deparar com estes pensamentos freudianos, Klein (1927b) concorda em parte, quando compactua com o mesmo princípio que a culpa é decorrente não do cometimento do crime, mas anterior a ele, ou seja, que o crime é motivado por um sentimento de culpa inconsciente. Mas diferentemente do superego moral freudiano, Klein (1927b) propõe o papel do medo e da culpa provenientes do severo superego primitivo. É a partir desta premissa que entende o comportamento criminoso em crianças e adultos – o que constrói íntima relação com esta Tese.

Desta forma, Klein (1927b) entende que, ao contrário do pensamento geral, voltado ao aspecto moralizante da culpa, o criminoso possuiria uma consciência cruel e destrutiva, por isso cometeria crimes, impelidos pelos sentimentos de medo e ansiedade impostos, isto sim, pelo superego primitivo, estado bastante anterior à consciência moral.

Assim, *Tendências criminosas em crianças normais* (1927b), juntamente com o texto *Sobre a criminalidade*, são os únicos dedicados, pela autora, à temática, porém, muito importantes para este trabalho. No primeiro enfoca:

É possível encontrar, reprimidos e inconscientes, os estágios que ainda observamos em povos primitivos: canibalismo e tendências assassinas da mais ampla variedade. Essa parte primitiva da personalidade está em contradição direta com sua parte civilizada, que é de onde parte a repressão. (KLEIN, 1927b, p 199).

Segundo a autora, após a criança passar pelo estágio de fixação oral de sugar e chegar ao momento da fixação oral de morder passa a vivenciar tendências canibalescas. Todos estes movimentos ocorridos no primeiro ano de vida, posteriormente dão lugar ao erotismo sádico-anal, fixações plenamente acopladas às fantasias de domínio, crueldade e posse. Para Klein (1927b), a este momento de seus escritos, no instante em que os estágios iniciais sádico-oral e sádico-anal se apresentam isto significa que o complexo edípico também se presentifica.

Ao relatar o caso do menino Gerald, como uma situação que pode ser pensada como repleta de mecanismos que alicerçam as tendências antissociais, Klein (1927b) nos aponta os rumos das tendências sádico-orais, em que as fantasias do pequeno paciente giravam em torno da castração paterna, por meio da ação de morder, cozinhar e devorar seu pênis: “(...) pois a criança, não possuindo nenhuma outra defesa, usa os dentes de forma primitiva como arma” (p.201). Gerald também apresentava fantasias de despedaçamento de corpos e ações de caráter anal, como sujá-los com fezes.

Interessante notar que podemos encontrar relatos importantes dos casos de homicidas em série que põem em ação suas fantasias canibalísticas e de despedaçamento de corpos, como é o caso de Francisco de Assis Pereira, o qual recebeu a alcunha de *Maníaco do Parque*. Francisco chegou ao ponto de retirar parte dos órgãos sexuais de uma de suas vítimas, através desta prática (MONTEIRO, 2005)³⁶. Michael Klein, outro assassino em série por nós entrevistado, segundo relatos periciais, realizou a prática canibalística em três dos crimes perpetrados³⁷.

Segundo Kernberg (1995), os quadros em que se manifestam os comportamentos agressivos, apresentam espécies de gradações relativas à economia da agressão e à posição do outro na dinâmica psíquica.

Aquele autor demonstra, ainda, que o papel da agressão assume escala cada vez mais proeminente nos quadros de maior comprometimento da organização psíquica. Daí sua

³⁶ Sobre este caso, sua análise encontra-se em nossa dissertação de mestrado, sob o título: Assassinos seriais: uma abordagem psicanalítica (UNICAP, 2005).

³⁷ A entrevista realizada com Michael não fará parte deste estudo de modo efetivo, pois o entrevistado a todo momento se furtou a falar sobre os atos cometidos, inclusive os negando veementemente, desejava ter ganhos financeiros ou midiáticos com a entrevista.

denominação: *síndrome do narcisismo maligno*. A síndrome do narcisismo maligno se constituiria, pois, por um quadro patológico do superego em que os estados agressivos poderiam atingir o ápice, ou seja, o homicídio.

Como vimos anteriormente, há uma fase em que os objetos agora odiados pela criança, pela tentativa de fugir do conflito, são os mesmos a quem ama e isto implica ao frágil ego carregar um peso que é incapaz de suportar. Além disto, surgem ansiedades relativas ao fato de que suas fantasias sejam levadas à “revanche” pelos objetos, de tal sorte que teme tornar-se alvo de suas próprias práticas sádicas, desta vez postas em ação pelos objetos. O movimento deste superego primitivo, finda por recomençar o ciclo de “injúrias” aos objetos, defendendo-se destes por meio da crueldade e destrutividade típicos dos estágios pré-genitais, em que a compulsão à repetição expressa seus contornos.

O mundo de tais fantasias infantis sádico-orais e sádico-anais é povoado por situações em que a sexualidade é interligada a atos de destruição:

(...) comer, cozinhar, bater, cortar (...) atos sádicos de todos os tipos, desempenham o papel mais importante. Gostaria de enfatizar *como a conexão entre essas fantasias e a sexualidade se torna importante num estágio posterior da vida*. Todas essas fantasias (...) tem grande importância na frigidez, na impotência e em outros distúrbios sexuais”. (KLEIN, 1927b, p. 204).

Nestes termos, quando estas fantasias atingem etapas posteriores da vida, podem fazer surgir os casos de homicídios em série e toda sua estreita relação com a questão da sexualidade, que encontram, na infância características marcantes de sua motivação, apesar de, em absoluto, não os justificar.

Assim, o comportamento criminoso se constitui mediante uma escalada, que tem início desde a infância desses indivíduos. Os eventos estão ligados a comportamentos destrutivos como práticas de tortura e morte a pequenos animais ou mesmo fantasias canibalísticas, como as apresentadas por Jeffrey Dahmer (1960-1994), que referiu, certa feita, ter tido o desejo de se alimentar da carne de seus coleguinhas da pré-escola. Além disto, comumente decapitava pequenos roedores ou dispunha carcaças de cães presos em árvores (NEWTON, 2005).

Aliás, todo seu histórico sexual é permeado por situações de intenso sadismo e agressividade, como já destacado anteriormente. Este aspecto é corroborado por Klein (1927b, p. 204), quando retrata o emblemático caso de homicídios em série ocorrido na

Inglaterra em 1888: “Irei me referir aqui ao fato de que fantasias deste tipo de fato são postas em prática por criminosos: basta lembrar o caso de Jack, o *estripador*”.

Neste texto, numa comunicação feita para a Sociedade Psicanalítica De Berlim, a autora passa a uma breve descrição dos episódios que envolveram Fritz Harmann (1879-1925)³⁸, para em seguida, desenvolver uma analogia com o episódio de um de seus pacientes, de nome Peter. Relata a seguinte fantasia do menino, direcionada a seu pai:

Depois de expressar o desejo de masturbação mútua e de outras ações, ele cortou a cabeça de um bonequinho e vendeu o corpo para um açougueiro de faz-de-conta, que deveria trocá-lo por comida. O menino guardou a cabeça, que queria comer sozinho, pois era o melhor pedaço. No entanto, ele também se apropriou dos pertences da vítima. (KLEIN, 1927b, p. 206).

Peter apresentava atitudes de inibição e inquietação, era incapaz de brincar e sempre quebrava seus brinquedos, suas fantasias estavam fortemente conectadas à fixações sádico-orais e sádico-anais - ele sempre se deparava com a expectativa de ser punido. Em outra de suas cruéis fantasias, esta “encenada” no *setting*, trazia Peter e seu irmão mais novo na figura de dois bonequinhos que matavam sua mãe e em seguida seu pai, depois, cortavam e devoravam seus corpos. Após o episódio, surge a ansiedade e com ela os pais retornam à vida, estes matam os meninos e dispõem de seus corpos tal aqueles o fizeram antes, desta feita, foram cozinhados e comidos.

Os atos ganham o tom da repetição, ora pela destruição dos objetos, ora como vítima de suas próprias fantasias aniquilatórias, sobre isto a autora propõe:

³⁸ Nossas pesquisas sobre o caso apontaram ter ocorrido em Hanover, Alemanha, no século XX, (por volta de 1918 e 1924). Harmann atraía meninos e jovens rapazes, realizava práticas sexuais com os mesmos e em seguida os matava. Mordia suas gargantas, cortava-lhes as cabeças e despedaçava seus corpos, jogando-os no rio Leine. Depois, se apoderava de suas roupas e as vendia, com ajuda de outro criminoso de nome Hans Grans, com o qual comumente cometia delitos. Há relatos de que mantinha uma relação amorosa com Grans.

O assassino, ainda, utilizava a carne de suas vítimas no fabrico de salsichas, vendendo-as como carne de porco, uma vez que era conhecido comerciante de carne no mercado negro. Chegou a matar mais de vinte e sete pessoas entre meninos e jovens. Ganhou a alcunha de o *Carniceiro ou o Vampiro de Hanover*. Foi julgado por 24 dos homicídios cometidos e condenado à guilhotina em 1925. Durante muito tempo foi informante da polícia nazista, o que, em princípio o salvou das investigações por algum tempo. A cabeça do assassino foi preservada em formol na escola de medicina de Gottingen, para estudos sobre seu cérebro (SACE, 2006).

Em seu texto, Klein refere-se a um outro caso em que o assassino usava a carne humana – de suas vítimas – na fabricação de salsichas. Porém, diante de nossas pesquisas, evidenciamos tratar-se do mesmo criminoso, Harmann.

É um traço típico – e eu gostaria de chamar atenção para este fato – que depois de pouco tempo os atos ruins são repetidos novamente, talvez até em ações diferentes; a agressão contra os pais é retomada e as crianças são punidas outra vez. (KLEIN, 1927b, p. 206-207).

Nestes termos, tem-se um superego tão sádico quanto as próprias fantasias, o frágil ego não suporta tamanhos aportes e finda por sucumbir a eles. Este superego, afirma Klein (1927b), não é idêntico aos pais, mas se fundamenta nas fantasias sádicas da criança. Assim, o desejo de punição, descrito no início da análise deste tópico, leva o criminoso a cometer atos delituosos, e no caso específico em questão, leva o homicida à prática dos assassinatos de modo repetido, seriado e infundável. A compulsão à repetição se estabelece sob a égide do poder do superego arcaico e desta forma: “Aqui já percebemos muitas diferenças entre a criança normal e a criança neurótica: a intensidade das fixações, a maneira e a época em que essas fixações se ligam às experiências, a severidade e o tipo de desenvolvimento do ego”. (KLEIN, 1927b, p.208).

O que se percebe, nestes casos, é uma adaptação da realidade ao mundo de fantasias de destruição e morte, assim, nos ensina Klein (1927b), não há uma demonstração do sofrimento interno no meio exterior, o que parece ter muita relação com a idéia que desenvolvemos em nossa dissertação acerca da *distorção da afetividade* apresentada pelos assassinos seriais, que, em princípio, parece protegê-lo das investigações policiais e do meio social, mantendo uma conduta pacata e discreta diante destas esferas, além de manter certa egossintonia com seus atos. Este seria, segundo Klein (1927b), o uso do mecanismo de fuga da realidade. Em muitas situações, quando este mecanismo se torna muito forte, a passagem para as psicoses estará aberta. Quanto às crianças, Klein enfoca:

(...) sua capacidade de se consolar constantemente pela frustração de seus desejos, provando a si mesma através de suas brincadeiras e de sua imaginação que tudo está e sempre estará bem. Essa atitude dá facilmente aos adultos a impressão de que a criança está bem mais feliz do que é na verdade (1927b, p.209).

Klein (1927b), passa ao relato do caso de um menino de 12 anos com histórico de abandono e cuidados de diversas pessoas. Na tenra infância foi vítima de abusos sexuais. O garoto constantemente praticava arrombamento de armários e roubos na escola, além de agressões sexuais contra as meninas. Refere:

É obvio que agora repetia com as pequenas meninas os ataques sádicos que ele próprio havia sofrido, mudando a situação apenas no sentido de que agora era ele o agressor. O arrombamento dos armários e o roubo dos diversos artigos, assim como suas outras tendências destrutivas, tinham as mesmas causas inconscientes e significados simbólicos de seus ataques sexuais (p.211).

Há, nestes casos, o bloqueio das fantasias, pelos artifícios utilizados pelo superego tirânico e cruel, pois o medo e as ansiedades as ativaram e estas, impedidas de serem sublimadas por meio da elaboração de tais fixações, levaram à expressão do ódio.

Em *Sobre a criminalidade*, Klein (1934), para participar de um simpósio sobre o tema, reapresentou suas conclusões sobre o texto já referendado - *Tendências criminosas em crianças normais* (1927b), porém, neste artigo elabora idéias que ligam os comportamentos criminosos à psicose.

Inicia sua apresentação se reportando aos escritos anteriores e o importante papel do superego primitivo no comportamento antissocial infantil, de modo que a criança, movida por suas próprias fantasias dirigidas aos objetos, passa a sofrer o medo e a ansiedade de ser retaliada por suas “más ações”, de tal sorte que repete os atos antissociais. Enfaticamente propõe que é exatamente a “severidade avassaladora” do superego a responsável por seus atos criminosos, contrariamente ao pensamento freudiano de que haveria, nesses casos um enfraquecimento dos laços superegóicos, ou mesmo ausência de sua atuação. Neste sentido, para Klein (1927b), a acepção freudiana sobre a perversão, a qual deriva de uma ausência de inibição, seria, isto sim, o efeito de um superego rigoroso como qualquer outro, mas com um funcionamento diferente.

Nesta medida, a criança, sob influência deste superego austero, lança mão de mecanismos de projeção – ao projetar nos objetos suas fantasias mais terrificantes – desenvolvendo imagos distorcidas da realidade, inclusive. Mas por outra via, também se utiliza do mecanismo da introjeção, pois essas imagos, agora internalizadas, passam a ser tão ameaçadoras e terrificantes quanto suas fantasias, por isso Klein (1934) descreve esta operação como: o superego dentro de si mesmo (p.297).

Esta fase sádica, explicita a autora, protege a criança do medo de ser vítima destes objetos perseguidores, neste sentido, ela se empenha, em seu mundo de fantasias e também atuando na realidade por meio de condutas antissociais, em realizar os ataques violentos a estas figuras:

Forma-se, então um círculo vicioso, onde a ansiedade da criança a impele a destruir os objetos, provocando um aumento da ansiedade, o que por sua vez a empurra novamente contra os mesmos objetos. Esse círculo vicioso constitui o mecanismo psicológico que me parece estar por trás das tendências criminosas e antissociais do indivíduo. (KLEIN, 1934, p.298).

As pulsões agressivas presentes no psiquismo infantil a dirigem, comumente, a comportamentos destrutivos como rasgar, cortar, morder, quebrar, queimar. Os objetos destruídos, com uso de poderosas forças de aniquilamento, são representantes daqueles objetos ora odiados, pois foram introjetados como elementos odiosos e maus.

Esta compulsão a destruir os objetos, parece se constituir como a base para os comportamentos criminosos, especialmente destes em questão neste estudo, uma vez que são compulsivamente repetidos, inclusive ao ponto de se tornarem seriados, nestes casos, tanto Marcelo como Francisco apresentaram um mesmo *modus operandi*, diante do ataque, morte e disposição dos corpos das vítimas - apresentam inclusive toda uma característica ritualística em suas condutas.

Quando esta ansiedade e o sadismo são extremos, percebe-se uma impossibilidade do sujeito quebrar este círculo vicioso, de modo que perpetua o uso destes mecanismos em sua vida posterior, em que o ódio, a ansiedade e a destruição permanecem parte de suas fantasias e de suas ações na realidade externa, já que esta se adaptou a sua vida interna.

Por isso Klein (1934), enfatiza que este tipo de situação, qual seja o impulso destrutivo, passa a ser direcionado para duas vias possíveis - o comportamento criminoso ou a psicose e como referenda a própria Klein (1934): “Certos fatores no segundo caso levarão a uma maior tendência no criminoso para suprimir as fantasias inconscientes e concretizá-las na realidade (p. 299).

Assim, as fantasias persecutórias ocupariam lugar central. Por se sentir perseguido, o criminoso parte em direção à destruição do outro, se tornando, desta feita o agressor. Por isso Klein (1934), explica que toda a capacidade de amar do criminoso é suprimida, tendo em vista sua posição defensiva de ódio e perseguição aos objetos:

Se não há no mundo além de inimigos, e é assim que o criminoso se sente, então seu ódio e espírito destrutivo, no seu ponto de vista, estão em grande parte justificados – atitude que alivia até certo ponto seu sentimento de culpa inconsciente. O ódio é muitas vezes usado como disfarce mais eficiente para o amor; no entanto, não podemos nos esquecer de que para a pessoa que se encontra sob pressão contínua da perseguição, a segurança do próprio ego é a primeira e única consideração. (KLEIN, 1934, p.299).

Enfim, a segurança do próprio ego é o único refúgio possível encontrado por estes indivíduos. E se assim o é, que tipo de segurança este frágil e debilitado ego pode oferecer, senão o uso de defesas primitivas e aceitar-se sob o julgo de um superego feroz e destrutivo? A ansiedade gerada por esse superego, apenas conduz o ego por um caminho cego em que as defesas, como esclarecem Klein (1934), são de tom antiético e antissocial, por isso, “ouvi” apenas um vazio muito grande nas expressões de Marcelo quando lhe indaguei sobre remorso, o vazio de não poder sentir o amor. Francisco foi mais além e nos diz: “ou eram elas ou eu”.

Apenas no momento em que o sadismo infantil arrefece, o ego se fortifica e o superego passa a gerar menos ansiedade e uma dose maior de sentimentos de culpa, levando a uma posterior etapa de reparação, de tal sorte que emergem sentimentos éticos e sociais, falamos aqui do aspecto moral do superego, evento que possibilita a permanência pacífica, ao menos em termos, do outro em seu mundo psíquico - momento que não parece ser atingido pelos indivíduos deste estudo. Contudo, Klein (1934), nos traz esperança: “Parece-me, então, que o melhor remédio contra a delinquência seria analisar crianças que mostram sinais de anormalidade numa ou noutra direção”. (KLEIN, 1934, p.301). É esta exatamente a justificativa deste estudo, não apenas a análise, mas pensar outras várias formas de intervenções sociais, inclusive.

4.3. O agir compulsivo dos assassinos seriais: algumas questões importantes sobre a compulsão à repetição, o *overkill* e a assinatura

No predomínio das pulsões parciais no processo do desenvolvimento libidinal, mais facilmente o componente sádico, que prevalece no ato de domínio erótico do objeto, converte-se em pulsão de destruição. Tais vicissitudes do componente sádico da pulsão sexual lançam alguma luz sobre o agir compulsivo dos homicidas em série.

O traço de repetição compulsiva das fantasias é marcante nos comportamentos dos homicidas em série, que repetem, como num ritual, a atuação de fantasias sádicas de captura, sodomização e morte de suas vítimas. Esta característica também se inscreve em suas atitudes ritualísticas, auxiliando a constante reconstrução da fantasia aniquilatória. Os rituais se fazem presentes desde a escolha de um mesmo perfil de vítimas, até as práticas empregadas na tortura e morte daquelas.

Freud (1920) denominou de *atualizações* este mecanismo repetitivo, ou seja, a revivência de experiências passadas traumáticas na realidade atual. Assim, a descarga pulsional se faz pela via da passagem ao ato, que repete as experiências desprazerosas, em virtude da conexão com o fenômeno da compulsão à repetição. Tais experiências são então repetidas sob a pressão de uma compulsão.

Em *As origens da transferência*, Klein (1952) lança mão da hipótese de que são exatamente as influências e pressões exercidas pelas primeiras situações de ansiedade que constituem um dos fatores que fazem aflorar a compulsão à repetição. Diante de tal hipótese, compreende que apenas a partir da amenização das ansiedades persecutórias, a tendência à repetição pode ser abrandada.

Desta forma, a compulsão à repetição inscreve-se a partir das fantasias sádicas, compulsivamente direcionando estes indivíduos para a prática de novos crimes, que em sequência, se repetem. Portanto, o exercício do sadismo tende a uma escalada gradual de imposição de sofrimentos e humilhações às vítimas, neste sentido, os homicidas seriais desenvolvem “técnicas”, em seus *modus operandi*, que se tornam cada vez mais destrutivas.

A compulsão do assassino em série baseia-se, também na necessidade de proteger-se deste fantasma do objeto persecutório, de onde provém a prática das fantasias. A atuação destrutiva no meio externo se traduz pela impossibilidade da contenção pulsional, permeada por outra necessidade mais drástica, a de aniquilação do objeto. A partir desta necessidade, o sadismo e os impulsos destrutivos se estabelecem como marcantes na dinâmica psíquica destes indivíduos.

Em *Princípios psicológicos da análise de crianças*, Klein (1926) ressalta que sob o comando da compulsão à repetição, as fantasias infantis são traduzidas em ações no meio externo. Este, um mecanismo primitivo, sobrepõe a importância do princípio do prazer sobre o da realidade e demonstra a face sádica e cruel de tais fantasias.

Quanto à questão do sadismo, este foi descrito por Freud (1924, p. 204), no processo de projeção na realidade externa:

A libido tem a missão de tornar inócua a pulsão destruidora e a realiza desviando esta pulsão, em grande parte, para fora – e em breve, com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo externo. A pulsão é então chamada de pulsão destrutiva, pulsão de domínio ou vontade de poder. Uma parte da pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito.

Keppel (1997) revela que há algo mais que os assassinos em série pretendem além do homicídio. Há a intenção de infligir repetidas injúrias à vítima, de modo que o assassinato é apenas um ato incidental. O propósito do crime é verdadeiramente a imposição da sodomização extrema. Algo que está “para além do assassinato”. É este o conceito de *overkill*. No início das práticas criminosas, o assassinato propriamente dito é o objetivo, com o passar do tempo o mais importante são os atos sádicos, o assassinato passa a ser uma mera consequência da sodomização.

É este movimento que estabelece a crueldade, como elemento importante da sexualidade pré-genital, assim descrita por Freud (1905, p. 180):

A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de se compadecer – tem um desenvolvimento relativamente tardio (...). Podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram o seu papel posterior.

Assim, o assassino em série atua suas fantasias, inclusive sexuais e põe em prática toda a capacidade de destruição, sodomização e uso do outro como objeto. As pulsões *parciais* dominantes “tiranizam”, como revela Freud (1917), a economia libidinal. Não sendo organizadas sob o primado da genitalidade, elas permanecem caoticamente “exigindo” plena satisfação. Por isso, o sadismo adquire posição de destaque, ganha espaço no íntimo de uma relação reificada – em afinidade com a destrutividade e o erotismo.

Os traços da sexualidade pré-genital marcam o campo sexual propriamente dito. A satisfação do assassino em série não está exatamente no ato sexual que comumente impõe às vítimas, mas no sofrimento imposto a elas nestes momentos.

Depois da captura, o homicida serial “arma o terreno” para a segunda parte do seu domínio sobre a vítima, ou seja, o momento da sodomização. As pulsões destrutivas atacam os objetos e são “atuadas”, mediante a ativação muscular e a partir da passagem ao ato violento e cruel imposto à vítima.

É exatamente esta perda de controle (ou descontrole) dos impulsos, outra das principais características desses quadros. A força pulsional é que comanda a ação homicida e há uma perda de controle do ato violento. A pulsão destrutiva, neste sentido, passa a servir à função sexual e constitui o sadismo propriamente dito. A destruição do objeto (das vítimas-objeto como as denominamos) é investida com uma carga erótica plena, objetivando

exclusivamente a satisfação pulsional. Após a satisfação, eles retomam sua máscara social para se desfazerem dela quando as pulsões ordenarem. Assim, Marcelo e Francisco mantinham certo controle dos impulsos nos intervalos entre os crimes.

A pulsão de domínio, pulsão parcial presente nos comportamentos sádicos pré-genitais é exercida e literalmente posta em prática pelo assassino em série nos rituais de sodomização de suas vítimas, num mecanismo de atuação da cota de agressividade, necessidade de domínio e poder exercidas por esses indivíduos no contexto da relação que estabelece com elas.

Ao pensarmos sobre a organização psíquica dos assassinos seriais, falamos de uma ruptura que marca um afastamento da realidade. Pontuamos um afastamento da ordem do deslocamento, uma maneira “astuta”, como bem definiu Freud (1917), de lidar com a realidade, sem que esta construa barreiras de contenção pulsional, por suas intrincadas relações com o mundo das fantasias.

Diante de tais questões, a “função” do objeto fetiche, também como proteção contra o aniquilamento, parece explicar outro comportamento comum aos homicidas seriais: a captura de objetos da cena do crime. De um modo geral, ao matar suas vítimas, os assassinos seriais apossam-se de objetos que lhes pertenciam ou partes de seus corpos. Estes são denominados: *troféus* ou *souvenirs*. Estes “objetos” são guardados em locais seguros, deixando seus esconderijos nos momentos em que os assassinos em série necessitam reviver as gratificações conquistadas nos momentos dos crimes.

Deste modo, podemos perceber que estes objetos passam a ser revestidos de uma importância erótica, permitindo a revivência da satisfação pulsional, o que faz com que os compreendamos como objetos-fetiche. Ao manipular estes objetos-fetiche, o assassino em série pode, além da rememoração da gratificação alcançada, dispor da certeza, mesmo que provisória, de livrar-se do desprazer causado pela angústia do aniquilamento. Preservando sua posição de poder diante das vítimas-objeto, os *souvenirs* são tratados pelos assassinos em série, como *troféus*, que marcam sua vitória diante do fato de não mais ocuparem, eles próprios, a posição de vítima, sendo agora os perseguidores.

Nos escritos sobre *As atividades sexuais das crianças*, Klein (1932) enfoca o papel da ansiedade e suas relações com a compulsão à repetição, especialmente nos casos em que:

Quando a ansiedade diz respeito a um perigo irreal dirigido ao interior do seu corpo, o indivíduo se vê impelido a transformar aquele perigo em um perigo real e externo (...). Ele continuamente criará uma situação externa de perigo desse tipo, de um modo compulsivo, na medida em que o medo da situação de perigo real, de qualquer forma, não é tão grande quanto à ansiedade que ele

sente a respeito do interior de seu corpo, e com a qual também pode lidar de uma maneira melhor (p.137).

Neste lugar idealizado de suspensão da dor, “não tocar os pés no chão” ao mesmo tempo em que imprime uma superioridade ao indivíduo, protege-o dos perigos, do medo, o protege de alguém, ou de algo mais poderoso que ele próprio. Freud (1927, p. 181) esclarece: “O significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do feticista; é facilmente acessível e pode prontamente conseguir a satisfação sexual ligada a ele (...)”.

Um troféu marca uma vitória, um feito importante, marca um momento de glória é assim que o assassino em série nomeia seus atos criminosos. Ele marca seus feitos com sua identificação própria - particularidades de sua própria organização psíquica. A esta característica de individualização, de marca, de assinatura, denomina-se *calling cards*, ou seja, cartões de visita – que nomeiam, identificam. (KEPPEL, 1997). Por isso, repetem o ritual dos assassinatos, da mesma forma, com o mesmo *modus operandi*.

Os assassinos em série têm a necessidade de deixar uma “marca pessoal” e é a isto que se chama de *assinatura*, Keppel (1997, p. 5) ressalta: “(...) uma marca deixada por ele na cena é psicologicamente compelida para satisfazê-lo sexualmente”³⁹. A assinatura dos homicidas em série também se relaciona a este comportamento de levar *souvenirs* de seus crimes.

Destarte, a assinatura fala de uma forma de expressão, ela traz a “mostra-ção”, como definiu Queiroz (2000), no sentido da passagem ao ato. Ao “assinar” seus atos, firmam a possibilidade de surgimento de uma identidade, de um ego que seja capaz de lidar com a angústia do aniquilamento.

Os elementos da assinatura não se modificam, mas podem sofrer “aprimoramentos”, na medida em que, quanto mais praticam seus atos cruéis e quanto mais isto lhes traz satisfação, “aperfeiçoam” sua assinatura, seu toque pessoal de terror, tornando-se ainda mais sádicos e violentos a cada nova vítima. O que demonstra, ainda, sua onipotência.

Em *Tendências criminosas em crianças normais*, encontramos a seguinte passagem no texto kleiniano: “O desejo de punição que é um fator determinante nos casos em que a criança repete constantemente seu mau comportamento, encontra seu análogo nas infrações repetidas pelo criminoso (...)”. (KLEIN, 1927, p.208). Os sentimentos de culpa e ansiedade geram a

³⁹ No original: “(...) an imprint left by him at the scene is psychologically compelled to leave to satisfy himself sexually”. (KEPPEL, 1997, p. 5).

necessidade da repetição das ações, diante da fragilidade do *self*. Mata-se a *mesma* vítima-objeto quantas vezes a compulsão à repetição exigir.

De um assassinato para outro, podem ser percebidos traços dos mesmos aspectos psicopatológicos da personalidade do assassino em série. O mais comum é que as vítimas sejam da mesma etnia, idade ou aparência pessoal, mas normalmente em casos, por exemplo, de vítimas que são prostitutas, esse traço pode não aparecer porque o que está em jogo é esta especificidade (ser prostituta) e não o aspecto físico.

Enfim, o agir compulsivo dos assassinos seriais é marcado por esta condição, a de que seus atos não são inadequados, muito pelo contrário, tanto que, não raro, apresentam relatos de que o assassinato de suas vítimas “limpa o mundo” de pessoas indesejáveis à sociedade ou entendem a morte das vítimas como atos de sacrifício. Desta forma, a egossintonia aliada à distorção da afetividade, geram condutas sadicamente orientadas à aniquilação do objeto.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

ASSASSINOS SERIAIS E O PAPEL DA SIDERAÇÃO NO PSIQUISMO DIANTE DAS DEMANDAS DO SUPEREGO ARCAICO

A pergunta retorna, o que os assassinos seriais teriam a dizer à psicanálise? Não só à Psicanálise a pergunta retorna, mas a todos que enveredarem por estas linhas. Percorrido todo este caminho, surgem novas indagações. Assim penso que devem finalizar os estudos, sempre com novas perguntas: O que sentem os assassinos seriais? Daquilo que disseram, o que revelaram? Do que foi revelado, o que se pode compreender? Como interpretar? Quais os limites de compressão para as questões que mobilizaram esta pesquisa? Mais uma vez será necessário me colocar na primeira pessoa, para fazer essa tarefa, não poderia ser diferente, é uma aproximação inevitável, guardados os devidos cuidados, o leitor logo compreenderá.

Os dois entrevistados deixaram de ser meros personagens, mitos de histórias policiais, livros ou documentários e se tornaram sujeitos desta pesquisa, mais do que isso, eles tiveram voz. Eles disseram o que sentem e o que se passara e se passa em seus pensamentos, afetos e atos. Mais do que estar frente a frente com esses sujeitos, escutei-os com o auxílio do método psicanalítico. Por isto, não foram apenas com palavras que eu me deparei. Ouvi mais, muito mais.

Muito mais vi, escutei e senti, por isso, precisei me resguardar bastante em muitos momentos para não sucumbir ao que vim a descobrir com o decorrer da pesquisa, aquilo que seria o mais danoso de todos os efeitos de suas condutas – o efeito da sideração.

Efeito este decorrente do poder exercido pelo superego arcaico em seus psiquismos e na forma como estes o configuram. Partindo de minha Tese, descobri não apenas sua confirmação, mas algo para, além disto. Fui surpreendida pelo efeito da sideração. Efeito este que provoca tanto na vítima direta de seus atos, como no espectador – vítima indireta, pois se não morta fisicamente, é psiquicamente afetada de modo destrutivo – a incapacidade de existir, de pensar, de ser, e assim, de lutar por sua sobrevivência física e/ou psíquica. Descobri que este é o mecanismo que, efetivamente, aniquila.

Como descrito anteriormente, e agora retomo, para enfatizar o conceito ao qual me propus trabalhar, o termo *sideração* fala da capacidade de: “aniquilar, atonizar, atordoar,

aturdir, estarrecer, fulminar, paralisar⁴⁰. Siderar, assim, se traduz pela capacidade de impossibilitar que qualquer ação seja tomada e sobretudo, pela capacidade de despertar no outro o horror, que o paralisa e o deixa vulnerável à aniquilação. Como descreve Freud sobre o uso da cabeça da Medusa como uma arma, tal qual descrito na mitologia: (...) o que desperta horror em nós próprios produzirá o mesmo efeito sobre o inimigo de quem estamos procurando nos defender. (FREUD, 1922, p.330).

Quantas vezes me senti petrificada diante da transcrição das entrevistas? Ou do material de estudo como um todo? Quantos momentos foram necessários para respirar um pouco e finalizar este último capítulo? Aqueles conteúdos me deixavam paralisada, às vezes por semanas, para que os escritos pudessem ser retomados, de algum ponto possível. Em outros tantos momentos, me perguntava se seria possível mesmo dar conta. Felizmente foi possível sobreviver àqueles ataques e lutar contra os efeitos da sideração.

Aquelas narrativas, em seus jogos de significações, trouxeram elementos de puro sadismo, terror e destrutividade. Delas surgiram novas significações que hoje aqui aponto como tentativas de compreensão deste fenômeno. Foram necessários muitos momentos de integração destas experiências para que o trabalho de elaboração pudesse ser processado na construção deste último capítulo.

A sobrevivência foi possível pela capacidade de amar! Amor pelo tema de pesquisa, que mesmo gerando abjeção em muitos, rejeição em alguns e resistência em tantos outros, me motivou a seguir adiante e não desistir diante do insuportável. Mobilizou-me a enfrentar a sideração, da qual eu mesma fui *vítima* em alguns momentos. Foi preciso sair de sua teia, elaborá-la e utilizá-la para compreender de que forma a sideração é empregada pelos assassinos seriais diante de suas vítimas. Consegui, então, manter a distância “satisfatória” para poder movimentar-me em busca destes significados, que neste capítulo pretendo discutir.

Isso ocorreu no próprio movimento da entrevista, como por exemplo, através de um ato falho meu apresentado na primeira transcrição do áudio e identificado numa das orientações de Tese. Em determinado momento da entrevista, Marcelo me pediu para desligar o gravador e me perguntou se poderia lhe dar algum dinheiro para comprar pilhas para seu rádio, ao que eu me neguei e solicitei continuarmos a entrevista, mas na primeira transcrição do áudio, ao invés de escrever: “Digo que não seria possível”, eu escrevi, “digo que seria possível”, em meu ato falho, percebi ter mesmo “pago pilha” para ele, o que significaria estar siderada por seu discurso, assim como também suas vítimas ficaram.

⁴⁰ Edição eletrônica Dicionário Aurélio da língua portuguesa.

A sideração empregada pelos assassinos em série foi a maior descoberta desta Tese, sem dúvida. O que está conectado ao poder de uma constituição psíquica fundada nos moldes do superego arcaico, no caso dos assassinos em série é sua capacidade de sideração, indiscutivelmente presente em Marcelo e Francisco. Assim, neste capítulo, retorno ao início deste estudo, mergulhando no conteúdo das entrevistas e naquilo que elas suscitam, agora de modo a trazer as análises e conexões entre estas experiências e a Tese propriamente dita, ou seja, a Tese de que *os assassinos seriais são movidos por um superego primitivo, que sádico, cruel e tirânico, imprime às suas fantasias o mais poderoso e danoso arsenal de armas de destruição contra os objetos, objetos agora reeditados em suas vítimas e por isso de modo serial – aniquiladas*.

Desde o início da pesquisa, o propósito do uso do método psicanalítico vislumbrava a possibilidade de entrar em contato com as narrativas das experiências de vida dos entrevistados. Isso foi possível ao fazer uso da escuta flutuante e da livre associação. No entanto, percebo depois de todo caminho percorrido, que isso foi possível, porque ao me colocar na posição de pesquisadora e ir em busca do objeto/objetivos/sujeitos de pesquisa, estive, de certa forma a mercê deles também.

Por isso, estive nesta posição em muitos momentos e não consegui me livrar da força destruidora dos ataques da sideração de Marcelo e Francisco e isto possibilitou, ao me afastar deles, a perlaboração dos conteúdos ouvidos e vivenciados. Considero que esta Tese não poderia ter sido desenvolvida, se eu não tivesse participado dessa experiência de proximidade com os sujeitos da pesquisa. Embora eu não soubesse disso quando fiz as entrevistas, foi uma descoberta essencial que somente pôde acontecer mediante a experiência viva. Minha proximidade desses sujeitos foi o elemento *sine qua non* para que eu pudesse alcançar as elaborações no *a pres coup*. A elaboração se deu em função dos efeitos da sideração sofrida no meu encontro com eles. Permitiu compreender do que eles falavam e projetavam. Em realidade, permitiu compreender a proporção das fantasias que assolam seus psiquismos.

Durante todo o tempo do percurso desta pesquisa, estas forças me acompanharam, a cada vez que trabalhava com suas entrevistas, elas eram ativadas, assimiladas e só assim possíveis de serem interpretadas. Geravam vários efeitos, o mais óbvio sempre foi mesmo o da sideração e com ele, esta sensação de confusão e atordoamento, de paralisia e incapacidade de pensar. Primeiro é preciso sobreviver a estes ataques para depois produzir, pensar e existir. Este é o resultado principal desta Tese que aqui apresento ao leitor, por isso este estudo estará sempre dedicado às vítimas de Francisco e Marcelo, que infelizmente, não puderam sobreviver aos seus ataques.

5.1. Pensando sobre o caso Marcelo: São Jorge entre a Medusa, o vampiro e o dragão

O caso de Marcelo – *O Vampiro de Niterói* – me impactou antes mesmo do contato pessoal. O leitor teve a oportunidade de conhecer todos os questionamentos pelos quais passei naquela noite que antecedeu nosso encontro. As ansiedades despertadas, hoje tenho plena consciência, eram produto da sideração que evoca o caso em si. Talvez por serem crianças as vítimas em questão e pelo seu elevado número ou pela forma com que foram torturadas e mortas. Em realidade, aquele estado de confusão e atordoamento que tomou conta de mim desde o primeiro instante, traduzia o efeito da sideração, efeito que experimentei mais fortemente, em seguida, em sua presença. Sua forma pausada, tranquila e monocórdica de falar possuía um efeito hipnótico, bem como aquela postura inflexível do seu corpo.

É notável em Marcelo uma estratificação de seu discurso, a concretude de seu pensamento também é patente. Em outros momentos, pude me deparar com uma sensação de desprezo pelo outro. Bem como um ar de sadismo, mais adequado mesmo seria falar na vivência de fantasias arcaicas sádicas. No relato daqueles eventos, há uma constante repetição de palavras, como se a repetição daquelas memórias, diante do relato, garantisse a ele uma revivência de satisfação, movimento típico da compulsão à repetição.

Sobre a concretude de seu pensamento e os conteúdos presentes em sua narrativa, um efeito é gerado naquele que se propõe a escutar seus relatos ou a ler suas histórias - a abjeção. Esta vem por meio de sensações inclusive físicas como náuseas e mal-estar, havendo uma incapacidade de continuar a tarefa, comumente me deparei com estes relatos das pessoas que estiveram em contato com o material de pesquisa.

As palavras de Marcelo falam claramente de uma excitação, mas relacionada a um corpo em partes, ele não consegue perceber ali meninos, mas apenas partes de seus corpos, suas pernas, nádegas e rostos, os quais nomeia sempre de bonitos. A “beleza” que parece ver naqueles corpos (em partes) está relacionada a uma parcialidade, que se sobressai em seu discurso em várias, inúmeras, passagens. Estas passagens são repetitivas, como se aquelas cenas habitassem seu psiquismo, numa realidade interna e fossem encenadas na realidade externa, eram fantasias colocadas em prática.

A narrativa de Marcelo é repleta de situações traumáticas, que se iniciam desde o abandono parental, em todos os níveis. A situação o levou a viver primeiro em abrigos, depois nas ruas, na mais completa situação de desamparo emocional e social. O “menino de rua” sofreu abusos sexuais e depois desenvolveu uma sexualidade marcada pelos distúrbios. Primeiro se viu “atraído” pelos meninos, como relatou. Meninos estes que frequentavam aquela mesma região que ele tão bem conhecera, naquela mesma situação de risco. Inicialmente pagava pelo sexo, depois passou a estuprá-los. Aquela crescente excitação, mistura de prazer e morte, atrelada, obviamente a uma série de outros fatores, sobre os quais pensaremos no decorrer das próximas linhas, o levou aos homicídios. Obviamente as situações traumáticas vivenciadas por Marcelo são apenas uma parte de toda a configuração deste psiquismo, que não encerra a discussão, apenas a inicia.

Com o passar do tempo, o desejo de agressão aos meninos perpassava o da prática sexual à força, o estupro passou a ser seguido do estrangulamento. Nos casos seguintes, o espancamento fazia parte do ritual de sodomização. Foi então que o crescente desejo de beber o sangue lhe ocorreu. Sua narrativa sendo concreta e detalhada sobre este desejo, não demonstrava qualquer alteração do seu tom de voz ou de sua postura, qualquer expressão de empatia ou remorso.

Quando viajava para outros lugares do Brasil, fugia de sua realidade, se afastava. Que outro lugar (psíquico) seria este que conseguia o distanciar, ao menos em parte, daqueles desejos? Naqueles lugares, segundo referiu, como “lugares diferentes”, apesar do desejo assassino ter ocupado suas fantasias, Marcelo conseguia controlar seus impulsos. Naqueles momentos era possível manter certo distanciamento de sua realidade, mesmo porque a realidade interna e externa encontram-se amalgamadas. As viagens se tornaram um *hobbie* para ele e sua lembrança é que lá fazia “uma alimentação boa” (sic). Nestes outros lugares era possível a Marcelo experimentar conteúdos bons. Tanto que estes desejos continuam muito vivos ainda hoje – refúgios psíquicos em que se sente menos ameaçado.

Quando ainda criança, antes de morar no abrigo, viveu alguns anos na companhia dos avós paternos, numa pequena cidade do Ceará, onde refere, vivia feliz, pescava, andava de canoa e tomava banho de açude – o nome da cidade? Sangrandouro. Foi exatamente para Sangradouro que Marcelo se destinou quando fugiu do Manicômio Judiciário em 1997, ele disse que queria apenas ver seu pai, que estava com saudades. Marcelo buscava a segurança

de seu lar? Como tentava fazer quando era criança e fugia de um lugar para outro? Não teve vontade de matar nestes dias.

Durante inúmeras passagens da entrevista é possível perceber como a narrativa está fixada entre dois pólos, que em realidade trata-se de um único. Ao falar sobre os meninos, Marcelo invariavelmente cola seu discurso com sua história pessoal, trazendo dados de sua infância, do abandono. Esta associação poderia nos fornecer indícios importantes de como esta relação de ataque aos objetos externos se processou.

O abandono, a falta de um ambiente acolhedor, de estrutura familiar e emocional, aparece como uma “fala-experiência” amalgamada ao contexto de sua excitação. Um ódio erotizado transparece em suas condutas de sideração e morte. As vítimas-objeto traduzem-se como uma representação de sua própria trajetória. Os meninos são por ele punidos. As figuras de perseguidor e do perseguido se põem em cena, tal qual as fantasias mais arcaicas, em que estas figuras são parte de uma mesma trama e configuradas pelos processos de cisão.

A excitação que surge junto aos “meninos de pernas bonitas e lisinhas” e aqui quero chamar novamente a atenção do leitor para mais uma experiência. Nos momentos iniciais da entrevista, aquela frase, repetida, ecoava em minha mente, a despeito de continuar ouvindo Marcelo relatar os fatos, não conseguia figurar aquela frase, mas ela não cessava de se repetir. Com a constante movimentação da compulsão a repetição, estava incomodada.

De repente, tudo fazia sentido, Marcelo falava, reiteradamente, que sua excitação tratava de uma parcialidade tamanha que não abarcava mesmo figurações ou representações, as “pernas lisinhas” eram o indicativo de que aqueles meninos eram pré-púberes, este era o perfil de suas vítimas, também, por muitas vezes por ele nomeadas, “meninos de cinco a treze anos” (sic). Meninos como ele, que um dia também esteve na mesma situação de risco, nas ruas, sem apoio e da mesma forma foram abusados. Ele repetia um padrão, mas agora era o agressor.

Não havia ódio nem vingança, relata Marcelo, quando menciona a motivação dos crimes perpetrados, interessante perceber logo de imediato, a presença destas duas palavras em seu discurso, proferidas na negativa. Pode-se pensar numa carga de erotização do ódio em suas palavras e ações, ódio este que parecia o mobilizar a uma espécie de caça predatória a estes meninos, alimentada por um desejo sexual que não encontrava contenção e explodia em

direção ao estupro e morte daquelas crianças. Mais tarde, a destrutividade ganhou contornos mais extremos, pois passou a beber o sangue das vítimas e à prática da necrofilia.

Pode-se pensar em vingança contra um mau objeto (persecutório) introjetado? Matar esses meninos para enviá-los para o céu remete a uma tentativa de colocá-los em lugar seguro, após os abusos e morte sofridos? Ao mesmo tempo poderia purificá-los por terem fantasiado vingança contra o perseguidor? Estes meninos representariam o próprio Marcelo, que agora, diferentemente, ocupa a posição de agressor? Pensamos que *sim* é uma resposta possível para essas indagações.

As fantasias de Marcelo atingem um nível de excisão tão violento, ou melhor, dito, há um uso tão maciço do mecanismo da identificação projetiva, que tais conteúdos passaram a constituir, a fazer parte – a figurar – a realidade externa, no entanto, a partir de mecanismos de passagem ao ato.

Inegavelmente havia uma busca - busca da realização de suas fantasias de sexo, destruição e morte, uma vez que estes são temas que parecem constituir-se por um trinômio, nas fantasias de Marcelo, fantasias constantemente, repetidamente reeditadas, em treze casos, até sua prisão.

Marcelo apresenta-se indiferente aos apelos do outro. Na indiferença ao outro, abrem-se as portas para a realização plena de suas fantasias de aniquilamento e destruição, contra a sua própria história de vida; estuprando e tirando a vida das crianças, para que elas conquistem o “reino dos céus”, céus estes habitados idealmente por bons objetos. Realizando os sacrifícios, o trabalho sagrado – santo-ofício – tal qual São Jorge, munido de se sua espada, Marcelo atacava o monstro, cortava-lhe a garganta. Ao aniquilar o representante do objeto persecutório, aniquilava seus próprios pavores. Sua atitude é hedionda, à altura de seu pavor.

A indiferença àqueles meninos, sua falta de sentimentos de empatia ou remorso, encontram par em sua indescritível capacidade de siderar o outro em seu discurso, que, hipnótico, nos faz adentrar no obscuro abismo de sua psique, na medida em que suas fantasias se tornam parte da realidade. O efeito da sideração talvez venha pela grande influência do mundo das fantasias, que nele parece encontrar-se à flor da pele. As executa de forma plena, levando suas vítimas e aqueles que se propõe à escuta ou leitura de seus relatos, a um estado de petrificação e impotência. No caso das vítimas, a morte foi o desfecho, no caso dos que o

ouvem ou leem, o desfecho vem pela abjeção, que *a posteriori*, marca um acordar após um estado de transe hipnótico.

O sagrado e o profano vivem juntos nestas fantasias em questão. Marcelo convencia os meninos a acompanhá-lo com a suposta proposta de acender uma vela para São Jorge, santo guerreiro que precisa matar um dragão. O ato religioso se transforma num ato de profanação.

De acordo com a lenda, a figura do dragão representava o demônio, o qual exigia o sacrifício de crianças em troca da salvaguarda da cidadela. São Jorge foi assim, convocado a matar o dragão. São Jorge, segundo Augras (2005), foi canonizado pelo Vaticano II, através do Papa Gelásio I, em 484. Como um santo lendário, sua mitologia encontra-se mesclada a outras, como a de Perseu, por exemplo. Já no sincretismo religioso, ele representa Oxossi, orixá guerreiro que mata uma mítica serpente. Mais uma vez nos deparamos com a simbologia da morte à maldade.

A palavra dragão tem origem no grego: *drakôn*, termo utilizado para definir grandes serpentes, era considerado, pelas mais antigas civilizações, como um ser maléfico e egoísta, símbolo do caos. Na psicanálise, pode-se pensá-lo como um ser fálico, poderoso e cruel.

A esta figura se mistura o romance *Conde Drácula*, de Bram Stoker (1897), que foi inspirado na história verídica do príncipe Vlad Tepes, poderoso e temido governador da Transilvânia (atual Romênia) no século XV. Vlad pertencia à Ordem do Dragão, sociedade cristã que lutava contra os turcos e era conhecido como *Draculea*, filho do dragão. Sua fama de praticante do vampirismo e impiedoso assassino de seus inimigos assombrava os camponeses daquela região, fazendo surgir inúmeros mitos sobre Vlad - o *vampiro empalador de cabeças*. Não se pode esquecer que vampiros, são essencialmente, assassinos seriais.

Assim, ressalta Augras (2005), ainda sobre São Jorge: “É riquíssima a iconografia do santo, que o representa sempre nas feições de um cavaleiro medieval, coberto por armadura, montado em um cavalo branco, com o dragão agonizante em seus pés” (p.118). Dragão este que matou com um golpe na garganta, da qual jorrava sangue. A eterna luta de Jorge seria contra o dragão da maldade. Seria esta também a maldade combatida pelo superego implacável de Marcelo?

A lenda de Jorge, ainda traz uma morte dolorosa, digna das piores fantasias sádicas pré-genitais. Jorge, que por um ato de rebeldia, rasgara um cartaz que condenava àqueles que acreditavam em outros Deuses, foi condenado à morte. Assim, ele foi torturado em uma roda

de navalhas, depois, atirado em chumbo derretido, para posteriormente seu corpo ser decapitado e arrastado pelas ruas.

Na oração de São Jorge, registra-se um importante trecho, que marca a presença do sangue de Cristo, o sangue que restaura e purifica dos pecados: “Chagas abertas, sagrado coração, todo amor e bondade, o sangue do meu senhor Jesus Cristo no meu corpo se derrame, hoje e sempre”. Ao derramar o sangue de suas vítimas, Marcelo o bebia, na intenção de se alimentar e ficar jovem – num pleno mecanismo de introjeção e também incorporação. Quando Marcelo toma o sangue seria uma forma de se fortalecer contra a ameaça de despedaçamento do *self* arcaico. Ao mesmo tempo, derramar este sangue, consiste no significado de sacrificá-las, as purificava, para enviá-las aos céus.

Por ser um santo guerreiro, São Jorge se tornou padroeiro das corporações militares do Rio de Janeiro. É o santo de devoção dos cariocas, sua procissão, refere Augras (2005), pára o centro da cidade, motivo pelo qual, a partir do ano de 2002 foi decretado feriado no dia 23 de abril. Há inclusive uma associação de devotos na cidade de Niterói, cidade natal do entrevistado; o que marca não se pode deixar de registrar, a importância sociocultural desta figura no imaginário de Marcelo.

Claro está que há toda uma questão cultural envolta na situação que ora é analisada, mas não se podem desperdiçar as informações que aproximam a figura de São Jorge e toda sua mitologia, da escolha de Marcelo em utilizá-lo como motivo para que suas vítimas o acompanhassem, além dos significados desta figura no seu inconsciente. Este mecanismo era parte da sideração que exercia.

Pode-se notar como duas referências interessantes se cruzam com a forma de atuação de Marcelo junto a suas vítimas. No “sacrifício” que inflige a elas, ao matá-las para ascenderem aos céus; e na morte do dragão, que por ter um corpo inviolável, tem em sua garganta um ponto de vulnerabilidade, fazendo jorrar sangue, tal qual fez com suas vítimas. Vale recordar que o sangue também aparece como referência na oração de São Jorge, o sangue de Cristo, que purifica dos pecados.

Em seu discurso religioso, que se mostra desagregado inclusive, Marcelo fala dos “(...) homens maus e matadores que estão na cadeia” (sic), figuras aterradoras, para as quais estará reservado o fogo do inferno, com castigos infundáveis. Já as pessoas assassinadas, em sua perspectiva, assim o foram, pois:

As pessoas que foram assassinadas, se tivessem com Deus, vivendo como Deus quer, agradando a Deus, indo na Igreja Evangélica, lendo a Bíblia Sagrada, né? Sendo santo, aí Deus dá o livramento a essas pessoas, né? Para não ser assassinada por gente ruim, entendeu? (...). (Entrevista Marcelo, p. 178).

A questão do dualismo entre bondade e maldade se perpetua na mente de Marcelo. “Bom” é aquele que faz o malfeitor sofrer e pagar por seus pecados. Ao mesmo tempo, Marcelo busca preservar aqueles que denominou de inocentes, os “encaminhando” para o céu, lugar de proteção e acolhimento.

A necessidade que Marcelo apresenta, no decorrer da entrevista de repetir a descrição do ato das penetrações anais e de como seu esperma invadiu suas vítimas, faz-nos compreender o quanto esta atuação é ainda mais destrutiva, em suas fantasias, que o próprio ato homicida *per si* – o que nos leva ao conceito do *overkill*, já discutido anteriormente. Em suas palavras: “(...) Ai eu introduzi meu pênis nas nádegas dele, né? Até eu gozar lá dentro com o meu esperma, com meu esperma, e não alguém gozando em mim. Dentro das nádegas dele, né? Ai quando eu gozei lá dentro né? (...)” (Entrevista Marcelo, p. 172). O pênis é, ainda, utilizado como uma arma sádica.

Atacar a vítima com este “esperma venenoso” que destrói, que fere e ao mesmo tempo, que faz o perpetrador entrar em estado de satisfação plena, é o objetivo. Não nos esqueçamos da narrativa de Marcelo de que aquela era uma experiência em que: “ (...) Eu sentia prazer também, sexual, né? Também tinha prazer de matar ele (...)” (Entrevista Marcelo, p. 176). Isto eleva a fantasia de destruição a uma escalada em que somente o ato final “sacrificial” parece traduzir o apogeu de seu sentimento de mais valia diante do objeto persecutório, pois ele esclarece que era *seu* esperma que estava dentro do corpo da vítima (e não o contrário) e que era muito mais forte que os meninos. Porém, a sensação não dura por muito tempo, pois o fantasma volta a assombrar o assassino serial e o ciclo retoma seu ritmo.

O caso de Marcelo torna clara esta necessidade exponencial que se instala junto a este que Klein (1957) denomina de ciclo maligno. O sexo com menores, antes realizado em troca de dinheiro, deu lugar a condutas violentas, ao estupro e logo a seguir a comportamentos mais destrutivos. As práticas vampírescas tiveram início e sobre elas se põem, na narrativa de Marcelo, arcaicos mecanismos de defesa – a incorporação e a introjeção. Relembro, ele me disse que se sentia mais jovem e que o sangue o alimentava. Dizia-se endemoniado, mas

reconhece que sua excitação sexual era tamanha que não conseguia conter seus impulsos, inclusive chegando à prática da necrofilia, conforme descreve:

M⁴¹ - (...) Aí teve outro lá em Santa Cruz, né? Que eu conheci ele, ele tava de bermuda, ele era bonito, né? Ele tinha o rosto bonito, Aí eu convidei ele para acender vela para São Jorge, né? Aí ele tinha as pernas bonitas e tudo, né? Aí eu já tava de pênis duro por causa dele e tudo, né? Aí eu levei ele para um lugar deserto, né? Aí agarrei ele a força, né? Aí tirei a bermuda dele, né? Aí no começo botei meu pênis nas coxas dele aí depois molhei com cuspe meu pênis, né? Aí botei dentro do ânus dele, né? Aí meti durante muito tempo dentro do ânus dele, né? Meu pênis bem duro mesmo, aí gozei lá dentro, né? Meu esperma, né? Aí eu tirei, aí passou uns vinte minutos, mas eu ficava sempre segurando o braço dele para ele não fugir. Aí botei ele para chupar meu pênis, né? Meu pênis ficou duro de novo, né? Aí ele ficou chupando meu pênis até eu gozar dentro da boca dele. Aí gozei meu esperma dentro da boca dele, né? Aí foi quando eu matei ele enforcado, com a camisa dele, para ele ir para o céu, né? Aí passou uns três ou quatro dias, não me lembro bem, né? Ele tava ainda lá, morto, aí eu vi que ele tava morto há uns quatro dias, né? Aí eu acariciei as pernas dele, né? Ele tinha as pernas bonitas, né? Aí vi que já tava dando bicho na boca dele, né? Aí botei meu pênis assim mesmo na boca dele, já morto, né? Aí fiquei metendo meu pênis dentro da boca dele, a boca dele já tava dando bicho, né?

E- Como você se sentia?

M- Aí eu sentia prazer sexual, né? Aí fiquei metendo meu pênis bem duro, né? Dentro da boca dele já dando bicho, né? Até eu gozar, né? Aí gozei dentro da boca dele, né? Ele já morto, né? Aí passou um tempo, né? Aí, depois de um tempo, tirei a bermuda dele. Aí botei meu pênis na bunda dele, meu pênis tinha ficado duro de novo, né? Aí depois de um tempo metendo bem dentro do ânus do garoto, né? Aí gozei de novo, botei a bermuda de novo nele, aí deixei lá e fui embora. (Entrevista Marcelo, p.179-180).

Vale ressaltar que Marcelo coletava as bermudas das vítimas e as levava consigo. Estes *souvenirs*, eram utilizados como objetos-fetiche para a prática masturbatória e com aquelas peças de roupas, revivia as cenas dos crimes, alimentava o sentimento de onipotência. Em realidade, as bermudas já chamavam sua atenção desde o momento que procedia a escolha dos garotos nas ruas, referia que via a beleza dos meninos através das bermudas que eles usavam, por poder perceber suas pernas. A sexualidade pré-genital dá mostras de sua configuração, mais uma vez.

A prática de visitar os locais dos crimes também passou a se tornar uma constante, além da necrofilia. Aquelas visitas poderiam apaziguar a ansiedade? Penso que sim, até que um novo homicídio pudesse ser perpetrado. O superego arcaico poderia ser apaziguado por meio da revivência das fantasias de derrota infligidas às vítimas-objeto.

⁴¹ Legenda: M=Marcelo; E=Entrevistadora

Endemoniado, como a figura do dragão, assassino em série como o vampiro, o sacrifício das vítimas vinha em benefício próprio, para dar fim à sede de destruição e agressividade que sentia. Sentia-se alimentado com o sangue que bebia e mais forte que os meninos que atacou, como o dragão ou o vampiro, que ao derramar e se alimentar do sangue das vítimas, ganha a possibilidade de continuar vivendo através do mesmo sangue.

Como Medusa, petrificando suas vítimas para fazer delas o que melhor lhe aprouvesse, Marcelo projetava os conteúdos aterrorizantes, as partes más de seu *self* sobre elas, as paralisando diante de seu discurso, de sua proposta, fazia-se criar um ambiente de segurança e acolhimento e então as aniquilava.

O que o *Vampiro de Niterói* sentia era plena excitação sexual, descrita com riqueza de detalhes e descrevia cena por cena, olhando bem nos meus olhos para ter a exata dimensão da sideração, efeito este que movido pela compulsão à repetição, o fez convencer treze crianças a o acompanharem rumo ao caos e à morte: “(...) Já saía com esse pensamento, de fazer sexo e depois matar. Isso me satisfazia sexualmente”. (Entrevista Marcelo, p. 180).

Entre São Jorge, a Medusa, o vampiro e o dragão, a história de vida e crimes de Marcelo se escreveu, de figura indesejada pela família, a menino de rua, de sodomizado a sodomita, de assassino a vampiro, do caos ao êxtase de suas fantasias, fala sobre aniquilar, destruir os inimigos, como São Jorge, Medusa e como Vlad.

O sagrado e o profano, neste caso, são partes de uma mesma psique, seguindo rumo à destruição do outro em detrimento de sua alimentação psíquica, alimentação do ódio que, erotizado, parte em busca da satisfação plena de fantasias de aniquilamento, pela via de um superego arcaico, sádico, cruel e impiedoso.

5.2 Pensando sobre o caso Francisco: Chico e Francisco entre Raskólnikov, o lobo e o cordeiro

A entrevista de Francisco – O *Chico Picadinho* - diferentemente da experiência com Marcelo, não apresentava uma linguagem concreta, nem a mesma forma de projeção das fantasias. Francisco possui um tom de voz firme, usava da ironia e do sarcasmo, especialmente nos momentos iniciais do encontro:

É estou dizendo o que penso, não tô usando um raciocínio assim, que a Sr^a quer ouvir história (dá uma gargalhada) também tem isso né? A Sr^a veio aqui para ouvir história, a minha história pelo menos, então eu desejo sucesso para a Sr^a. (Entrevista Francisco, p. 188).

O processo de transcrição de sua entrevista necessitou de longos períodos de assimilação/ elaboração do conteúdo para ser finalizado. Invariavelmente uma parte do áudio se tornava sem sentido aos ouvidos, noutro momento que me deparava com o material, aquela mesma passagem se tornava clara, audível e principalmente, assimilável. Vale dizer, eu não estava mais siderada, paralisada ou atordoada diante daquelas passagens, daquela narrativa em especial, por isso elas foram elaboradas.

A capacidade de sideração de Francisco está também disposta na sua forma de falar, ele é enérgico ou sensível conforme convém na sua narrativa, gesticula de forma calculada, chora estrategicamente, estes modos de atuação dão o tom desta capacidade. Do tema dos homicídios sempre escapava, era escorregadio. Descreve uma “falha de memória”, em que refere apenas *flashbacks* das situações. A capacidade de siderar de Francisco é menos óbvia que a de Marcelo, ela é, de certa forma, mais elaborada. Há em suas formas de agir, constantes tentativas de engodo, de disfarce.

Francisco relata e demonstra no decorrer de toda sua entrevista, uma sensação de cisão, em que confere à “figura” de Francisco, a idealização do lado saudável de seu *self*. Em Francisco estão dispostas as imagos boas, o próprio Francisco como vítima de Chico. Já na “figura” de Chico, o assassino é vislumbrado - o perseguidor, as imagos más. Chico põe em prática aquilo que ele mesmo denominou de “fantasias de ostentação” (sic).

Sobre seu pai se ressentia do abandono. Também no discurso sobre sua mãe e sua avó, a mágoa e raiva se sobressaem. Sentimentos estes que algumas vezes transparecem *travestidos* de amor ou piedade. Quando, por exemplo, retrata que vivia com sua mãe em uma “porca miséria” (sic), suas palavras demonstravam a raiva, a seguir tentava evidenciar o “lado bom” da convivência com sua mãe, por exemplo quando diz que sua “mãe o deu uma educação brilhante” (sic). Expõe, ainda, o quanto está implicado nestas relações de dualidade, quando fala sobre si mesmo como: “uma criança endiabrada” (sic). Este discurso começa a dar a noção de que “demônios” Francisco se reportava.

Ele não foi uma criança desejada, sua mãe abortou duas vezes antes de sua gestação, por imposição de um pai que possuía uma família “oficial” em outra cidade. Os primeiros anos de sua infância foram marcados por abusos e violências, levava surras, impostas pelo casal de empregados do pai, o qual recebia uma quantia em dinheiro para “cuidar” do menino, enquanto sua mãe estava internada em um sanatório e passava longos dois anos em tratamento de saúde, por problemas pulmonares.

Sentia-se como um objeto, vendido a poucas moedas para pessoas que não lhe davam carinho, atenção. Da afetividade, nada conhecia, como narra. Os sentimentos de abandono e desamparo o assombravam e isso trouxe uma série de sintomas como enurese e pavoros noturnos. O psiquismo de Francisco denunciava suas dificuldades, não havia formas de contenção daqueles aportes.

O conjunto de tais experiências reflete em Francisco a incapacidade de estabelecer relações objetais saudáveis, uma vez que estas sempre se mostram como *pseudo-relações* (o que garante, por sua vez, sua sobrevivência social), em realidade estas se tratam de relações objetais de tom narcísico e são o centro da configuração deste psiquismo. O mundo interno, povoado por objetos dominadores e persecutórios, encontra na realidade externa os mesmos objetos. O superego arcaico passa a ganhar contornos cada vez mais rigorosos em termos de sadismo e crueldade no enfrentamento destas demandas reais, inclusive.

Assim as condutas antissociais se tornaram cada vez mais marcantes, desde então o relacionamento com outras pessoas passou a ser evitado, o menino dispendia horas na mata observando e caçando pequenos animais. Os atos sádicos já se presentificavam de modo importante, Francisco “testava” a teoria das sete vidas dos gatos. O afastamento do meio social se consolidava, é quando presencia um suposto ato de pedofilia na escola.

As questões da sexualidade surgem para Francisco através de uma correlação com a violência. Quando adolescente, conheceu o sexo por meio do grupo de garotos delinquentes com os quais passou a interagir. As práticas sexuais se davam em meio a espancamentos. A partir de então, abuso e violência passavam a fazer parte da excitação sexual, além do uso do outro como objeto. Chegou a ter alguns relacionamentos homossexuais, que lhe garantiam benesses financeiras ou sociais.

Francisco enfoca em sua narrativa certo estranhamento diante de suas próprias emoções, pois por um lado há uma frieza nos temas referentes aos homicídios cometidos e se diz, por outro, muito emotivo, ao lidar com os fatos traumáticos de sua vida. Essa, que prefiro denominar como já assinalado, de *distorção da afetividade*, demonstra que a expressão de seus afetos, parece não se encaixar com as situações vivenciadas, especialmente quando se reporta àquelas que refere terem sido traumáticas. Quando discorre a respeito de suas vítimas, nem mesmo pronuncia seus nomes e demonstra um claro descaso por elas, perceptível inclusive no seu tom de voz e em sua postura.

Francisco repetia a história de sua mãe, história que ele tanto abominava, em que as relações objetais ganham características cada vez mais narcisistas. Ainda adolescente e adulto jovem, tentou estabelecer limites para sua própria conduta, pois desejava servir às forças armadas, porém fora impedido por sua mãe. Tentou diversas outras vezes, sem sucesso. Tornara-se insuportável para ele lidar com figuras de autoridade.

Os sentimentos de onipotência e a impossibilidade de configuração de relações objetais saudáveis, levaram-no ao estabelecimento de uma vida adulta pautada na boemia, uso de drogas e sexo violento. As relações afetivas sempre tiveram um tom superficial, em que os benefícios financeiros ou sociais estavam em primeiro plano. Esta superficialidade das expressões afetivas pode ser sentida nos momentos da entrevista. Francisco se expressa muito bem, sua apresentação pessoal é boa, há nele grande capacidade de sedução, ou melhor dizendo, de sideração. Mas, quando nos aprofundamos em temas mais complexos, sempre deslizava e mudava o foco, chorava ou entrava em silêncio – como forma de evitar atingir aquele espaço.

Ele estabeleceu a relação comigo como um jogo de gato e rato, e imagino ser esta a mesma forma que estabelecia a relação com suas vítimas. E este jogo parecia trazer a ele muito prazer. Falar, calar, sorrir de modo irônico ou mesmo chorar.

Dos crimes pouco falou, referindo que havia lacunas de memória sobre os fatos. Suas tentativas de controlar minha demanda pela entrevista e pelos dados referentes a estas passagens de sua vida me fazia, por muitas vezes, precisar lutar contra os efeitos da sideração, que eram muito poderosos. Ele tentava a todo o momento demonstrar seu controle, poder, onipotência. E isto não quer dizer que em alguns momentos não tenha mesmo sucumbindo. Noutras situações, eram claras estas tentativas de manipulação, como por exemplo de encontrar temas em seu discurso que buscassem despertar meu interesse, como o fez nesta passagem:

Dizer um monte de coisa, né? Sobre a vida, sobre relacionamento humano, sobre o ser humano, sobre mim mesmo... sobre aquele mito... neurótico, vamos dizer assim, né? Aquela oscilação. A neurose é mais ou menos isso, né? Aquelas guinadas entre uma coisa e outra, né? Ou não? (Entrevista Francisco, p. 187).

Mas esta capacidade de Francisco é a todo momento disfarçada por uma personalidade de características perversas, em que não apenas a sideração está presente, mas principalmente o prazer que esta traz para Francisco em ver o espectador de seus atos perversos siderado. Isto se clarifica em seu discurso, quando não consegue atingir o nível de sideração satisfatório junto a mim e refere: “ Um olhar firme! (...) É ... um olhar profissional , né? Então ... De querer ver além. A boca tá falando mas será que lá por dentro também tá falando a mesma coisa? Ou lá por dentro é outra coisa? (...)”. (Entrevista Francisco, p. 194).

Naqueles momentos eu o incomodava profundamente, ele se perguntava o que eu estaria pensando a seu respeito, onde eu queria chegar com determinada pergunta, caso percebesse que não estava no controle daquele jogo que estabeleceu, ficava perdido.

Retrato isto porque num primeiro momento de análise do material da entrevista, ainda à época das orientações de Tese, já sentia o impacto daquele conteúdo me paralisando e me deixando confusa – um efeito parecido com um estado de atordoamento, em que em várias passagens não conseguia efetuar interpretações condizentes com a situação, como se os pensamentos não conseguissem se conectar. Francisco apresenta esta capacidade, de paralisar a disposição de pensamento. Esta sensação me acompanhou em muitos momentos da elaboração deste estudo. Francisco e Marcelo possuem esta característica em comum.

Em momentos em que a entrevista atingia temas e situações mais aprofundadas e Francisco se via envolvido pela livre associação, então recuava, me olhava fixamente e se

punha em silêncio. Nestes instantes, as palavras não se fizeram necessárias, ele parecia tentar encontrar um tempo, o tempo do seu jogo sádico para estudar a estratégia de sua próxima “jogada”. Eu me defendia de seus ataques, me restabelecia e novamente seguia adiante na entrevista.

Quanto ao tema dos crimes, como Francisco poderia se deter neles? Ele, a todo momento, reporta-se à figura de Chico como o assassino, o mau irreparável dentro dele mesmo. No entanto, depois se coloca como: “o lobo em pele de cordeiro”(sic). Francisco fala da potencialidade, como humano, do exercício da destrutividade. O *lobo* Chico, na pele do *cordeiro* Francisco, que se punha a seduzir, a siderar suas vítimas, que assim foram aniquiladas. Ele refere não se lembrar dos fatos com clareza, mas ao relatá-los retrata importantes detalhes e demonstra certo tom de prazer em sua voz, em seus gestos, quando descreve o estado em que ficou o corpo de uma de suas vítimas após o esquartejamento, e diz: “(...) Morreu de tal jeito que ficou aquela interrogação, morreu de que?” (Entrevista Francisco, p. 191).

Morreu de que a vítima de Francisco? Pois foi por tantas vezes assassinada naquilo já descrito como o *overkill*, em que o excesso de sodomização e usurpação do corpo foi tamanho que a *causa mortis* se torna indeterminada, naquilo em que o ato do homicídio é apenas um detalhe no contexto da sodomização imposta às vítimas. Diria, morreu muitas vezes, reiteradas vezes, pois seu ódio as aniquilou, excindiu, despedaçou suas partes. Com aquela narrativa, Francisco choca o espectador e ao mesmo tempo tenta impor seu lugar de destaque na cena, sua onipotência diante da vítima e demonstrar suas fantasias de “ostentação”, como nomeou.

As fantasias de usurpação dos corpos das vítimas se põem em ação por duas vezes, com o mesmo *modus operandi*. Francisco seduz suas vítimas, as leva para seu apartamento, passa com elas longas horas, faz sexo violento, as estrangula e depois passa ao ataque de seus corpos. Extirpou-lhes os mamilos, os seios e depois escavou seus corpos, retirando inclusive os genitais, seguindo com o esquartejamento. As partes foram descartadas em baldes e tentou também fazê-lo na privada. As partes dos corpos das vítimas se tornam, assim, espécies de dejetos, produtos da expulsão das partes más de seu próprio *self*.

Um ponto importante das associações de Francisco é o momento em que ele define como a *claridade*, ele acredita que o segundo homicídio trouxe-lhe uma luz para seus comportamentos, assim descreveu a situação. O segundo episódio homicida o fez

compreender que vinha passando por uma situação comparável – assim fez sua analogia – a um copo que transborda a água após a última gota nele ser disposta.

Ele refere que então compreendeu porque agia daquela forma. Esta *luz*, diz respeito ao fato de que um impulso vinha tomando seus comportamentos há muito tempo, como um carro sem freio ou um copo que vai enchendo aos poucos e transborda, foram estas as analogias que utilizou. Francisco fala dos aportes pulsionais que não consegue dominar que tomam conta do seu *self*.

A claridade à qual se refere com o advento do segundo episódio, é referente ao fato de que o ato homicida seria um ato de holocausto, pois se não fossem as vítimas a serem sacrificadas, sentia que ele mesmo seria morto e refere: “Era eu ou ela” (Entrevista Francisco p. 149). Continua a associação e menciona apenas não compreender porque tudo se deu de modo tão intempestivo e brutal. Mas a compreensão se dá pela força pulsional envolvida em tal movimento. Aquele, em fantasia, que não consegue liquidar seus perseguidores, finda sendo aniquilado. A saída encontrada por Francisco, então, era aniquilar, para isso, despedaçou suas vítimas, em partes que não poderiam mais se articular.

Assim como na narrativa de Marcelo, as vítimas de Francisco também aparecem como elementos de um sacrifício. Para ele, na vida é sempre preciso abrir mão de um *bem*: “(...) pode ser pessoal ou uma pessoa (...) talvez tenha um pouco de fantasia, poesia, né? Ostentação sei lá, não sei mesmo, com certeza é brutal, animal, não resta a menor dúvida, agora porque se deu desse jeito, brutal. Ai é que tá”. (Entrevista Francisco, p.190).

Deste *bem*, do qual Francisco “abriu mão”, percebe-se o quanto ele é coisificado, as vítimas, são tratadas enquanto meros objetos que servem apenas à encenação de suas fantasias, mesmo que Francisco ainda hoje não seja capaz de compreender a brutalidade presente em seus comportamentos, como ele mesmo descreve. Pois ainda se pergunta sobre suas condutas nos momentos posteriores aos atos homicidas, em que apresentou um quadro de despersonalização, como uma espécie de colapso, operado após o ataque destrutivo contra o objeto persecutório, em que o *self* não suporta a ansiedade. O sadismo prevalece no processo de incorporação do objeto, quanto mais despedaçado e fragmentado, mais o ego passa por processos de cisão.

Interessante é também notar que Francisco relata um tamanho esgotamento físico após o assassinato de suas vítimas, que dormiu por algumas horas após o primeiro assassinato, enquanto o corpo de sua vítima jazia despedaçado no banheiro do quarto. Esta vivência somática de esgotamento pode assinalar o movimento da intensa identificação projetiva.

Francisco entrou em estado de confusão, não sabia muito bem onde estava e não conseguia sair do quarto, finda por arrombar a porta pelas dobradiças, por horas ficou preso no apartamento, não conseguia encontrar as chaves. Teria ficado incapacitado de pensar naqueles momentos? Pela cota extrema dos aportes pulsionais em questão? A verdade é que Francisco refere que não tinha domínio sobre si mesmo naqueles instantes, apesar de agora acreditar compreender porque o fez.

O uso da racionalização, ou uma tentativa falseada dela transparece nas narrativas de Francisco. Ele tenta aparentar possuir uma cultura e inteligência para além dos padrões da normalidade, no entanto, isto também parece se tratar de um engodo. Há uma tentativa da utilização de um português culto, mas o tropeço na gramática o denuncia. Ou leitura da obra *Crime e Castigo* em apenas uma noite! São engodos na tentativa do enredamento. Ele estudou vários temas, de filosofia a religião, de literatura russa a sociologia, mas todos de uma forma superficial. Assim consegue propor discussões horizontais. Esta parece mais uma defesa junto à fragilidade de um *self* incapaz de lidar com seus próprios aportes pulsionais. Mais uma vez cabe destacar que estes elementos findam por trazer às vítimas diretas ou indiretas de seu poder de sideração, a poderosa expressão de seus efeitos.

À noite Francisco se transmutava em Chico, este relato é muito importante para compreensão dos processos de cisão aqui envolvidos. Em suas palavras, “estourava fisicamente e financeiramente” (sic). A vida boêmia o permitia vivenciar seus desejos, sem amarras, sem máscaras sociais, sem barreiras; as fantasias eram permitidas e vivenciadas. Naqueles momentos, ele refere, era feliz. Mas a vida boêmia passou gradualmente a ser vazia de sentidos, ainda não dava conta de seus desejos, não era mais suficiente.

A impossibilidade de estabelecer vínculos afetivos seja com os companheiros da noite, com as duas esposas, seja com os filhos, também se faz presente na história de Francisco. Ele propõe que seu filho enveredou pelo caminho do crime porque não lhe foi possível contar com ele como “exemplo” de pai, uma vez que a família da mãe do garoto o impediu de visitá-lo no presídio e, portanto, de conviver com ele. No entanto, alude: “Deram tudo para ele, menos um pai” (Entrevista Francisco, p. 197). Relembro ao leitor que Francisco se ressentia do fato dele próprio não ter podido contar com seu pai, apesar deste ter, por muito tempo, apresentado condições financeiras. E assim a situação se repete, ele também teve tudo (financeiramente) por um tempo, menos um pai, depois, como enfatizou apenas a porca miséria lhe restou.

Francisco ora se põe como repetindo a história de sua mãe e de sua avó. Vê seu filho repetindo sua história e afasta a possibilidade de sua filha a repetir já que esta teria recebido sua “afeição” e supostos cuidados, ao contrário do filho. Que tipo de olhar diferenciado recebeu a filha de Francisco?

Como numa arcaica fantasia, uma imago idealizadamente boa e perfeita se põe diante desta filha – o *Francisco-mãe-bom*, que acolhe e protege. Esta criança cresce saudável e feliz, distante da imago de Chico. Porém seu filho, que não teve a mesma “oportunidade”, tolhido que foi de tal convivência, repete o legado de Chico. Seu filho, apesar de “tudo que lhe foi dado”... Nada seria tão suficiente quanto seu bom pai. Nas fantasias de Francisco se dá a repetição do legado das fantasias persecutórias, Chico ataca de novo e renasce em seu filho, é então reeditado, produto de seus perseguidores internos.

Sobre a questão da sexualidade, Francisco a descreve como um tormento e como uma atividade compulsiva e dissociada - que a buscava como uma válvula de escape. Entende-se que a sexualidade compulsiva dava vazão a muitas de suas fantasias de destrutividade. Nelas, a escalada de comportamentos agressivos a destrutivos e aniquilatórios se solidificaram com o passar das experiências de sua vida, desde as primeiras situações vivenciadas neste campo.

Ele apenas conheceu a sexualidade pela via dos atos violentos, assim, a erotização se deu, pois, acompanhada de comportamentos sádicos e de destruição em que o sofrimento imposto ao outro lhe trazia excitação sexual. Destarte, se tornou comum a prática da hipoxifilia, mordeduras e sevícias a suas companheiras sexuais. Sabe-se, inclusive, que pouco antes do segundo episódio homicida, uma delas chegou a ser atendida numa emergência hospitalar com um quadro de perfuração intrauterina – imediatamente nos recordamos dos relatos de fantasias de força-se para dentro do corpo do objeto, em que há uma falta de limites entre *self* e a imago dos objetos. (JACOBSON, 1967).

As patologias narcísicas denotam estes comportamentos de passagem ao ato brutais e impulsivos, em que a satisfação de desejos se impõe como meta prioritária e o princípio do prazer se instala como referência. Os elementos presentes na configuração do superego arcaico colaboram nesta dinâmica, fortalecendo os efeitos da sideração sobre as vítimas.

O sentimento de remorso não existe no discurso ou no psiquismo de Francisco; ele chega a declarar que “absolveu o ser humano”. (Entrevista Francisco p.189). Em suas

metaforizações, expõe que o lobo não pode devorar o cordeiro, mas também o cordeiro não pode amansar o lobo.

Francisco se identifica com Raskólnikov, personagem do romance *Crime e Castigo* de Dostoiévski. Naquela história, tem-se a prostituta, com a qual a personagem se envolve, a velha usurária e a filosofia de Napoleão, neste tripé identificado por Francisco, sua história de vida sofre uma aproximação e seu padecimento vem pela falta de amor, desde a tenra infância e continua com as relações amorosas malsucedidas. Mas é mesmo a incapacidade de amar que traz o adoecimento de Francisco, de enxergar-se no outro, ou nele compadecer-se, tal como um dia nos lembrou o próprio Freud (1914), que adoece aquele que é incapaz de amar. Francisco refere que faltou a ele conhecer o significado do amor, faltou a ele uma *Sônia* em sua vida (sic).

Ele tem consciência de sua incapacidade de amar, não que o fato gere padecimento pelo outro, já que disso ele se absolveu, seu padecimento vem de ser perseguido por partes internalizadas de si mesmo que nunca o deixarão escapar. E estas partes são tão fortes, tão poderosas, que fazem sofrer àqueles com os quais interage, fazendo com que estas pessoas, estes objetos, sejam vítimas diretas ou indiretas de seu poder de sideração, da projeção efetiva das partes más de seu próprio *self*. Francisco descreve que foi tomado pelo ódio, ressentimento e sentimentos de frustração que aos poucos o destinaram aos rumos de sua vida. Não tem arrependimentos de seus atos e diz que isto seria masoquismo.

Assim, ele não se considera uma pessoa normal e diz que isto seria absurdo demais, acredita ser um psicopata e culpa os profissionais que o avaliaram e deferiram seu pedido de liberdade condicional no primeiro caso de homicídio, por não ter dado este diagnóstico e terem permitido sua libertação, por isso, desabafa em tom de raiva:

(...) A Sr^a veja bem, com relação ao segundo delito, sabe quem deveria estar em cana no meu lugar? Deveria ser o psicólogo, o psiquiatra, eles é que deveriam estar no meu lugar! Não sou eu que tô dizendo, pega o documento referente à tipologia criminal previsto no Instituto de Psicologia Criminal, que não existe mais, veja o parecer que me deram quando eu pedi comutação da pena, quando eu pedi progressão do regime, quando eu pedi a liberdade condicional, a Sr^a vai ver porque e como eles erraram. Eles não viram a minha problemática! (Irritado). Então se a Sr^a pegar, lá vai dizer taxativamente, não é palavra minha, é o que tá escrito lá: nenhum vestígio, ou melhor, nenhum indício de psicopatia, de personalidade psicopática, inteligência superior à média, com relação à população em geral, me deram como portador de conflitos não superados e profundamente neurótico, não me negaram nada,

pedi comutação individual e deram, passei por esses exames todos, pirâmide, Rorschach e eletroencefalograma, mais de uma vez, tal, favorável. Remoção de Bauru, em regime semiaberto, favorável. Quando eu pedi a liberdade condicional, um dos conselheiros, do conselho penitenciário de São Paulo, pediu parecer da psicologia, não sei se ele era médico, ele deve ter farejado alguma coisa, esse negocio tá meio... pediu, deu favorável de novo e eu saí em condicional. Só que dois anos e meio depois cometo outro delito com as mesmas características do anterior, então é lógico que quem faz uma coisa dessa não é normal (silêncio). A Sr^a entende? A culpa é toda minha não vou dizer que não, mas por esse ângulo, por esse ponto de vista, quem deveria tá preso aqui eram eles, não eu. Por que soltaram a fera? Por que soltaram o monstro. Por que soltaram o psicopata? Não viram a fera? Não viram o monstro? Não viram o psicopata? E olha que eu tinha interrogação. Eu perguntei isso para a minha psiquiatra, quando eu... Se bem que a gente não devia estar em lugar nenhum, por que no final ninguém tem culpa de nada! Em última análise ninguém tem culpa, mas se fosse o caso, tinha que dividir a pena (...). (Entrevista Francisco, p. 194-195).

No entanto, a raiva de Francisco parece se concentrar muito mais no fato de hoje seu diagnóstico ser o de psicopatia, e por isso mesmo contar com uma pena tão rígida não podendo mais se beneficiar com os “erros” processuais ou diagnósticos do passado que o puseram em liberdade. Pois atualmente é exatamente seu diagnóstico que o impede de ter acesso à comutação de sua pena.

Francisco se diz violentado pela vida - em sua infância, em sua adolescência, em sua vida adulta e também pela sociedade, que queria lhe impor moldes de como viver a vida. Queixa-se que a sociedade queria impor a ele o que seria certo e o errado. Ele se negou a isso, pois se sentia podado como ser humano, queria exercer toda sua potencialidade como tal. E por isso, ao sair da prisão: “tropeçou na mesma pedra pela segunda vez” (sic), e não conseguiu conviver com as normas sociais.

Ao fim da entrevista, Francisco ainda tenta siderar, demonstrar seus conhecimentos sobre a problemática do sistema penitenciário no país e trazer seu sentimento de superioridade de sua situação diante da minha demanda por sua entrevista. Ao mesmo tempo esclarece que se Chico não for feliz, Francisco também não poderá sê-lo, e para Chico ser feliz, sabemos que suas demandas pulsionais precisam ser satisfeitas, mas como mesmo Francisco revelou: “Mais coisas vos diria se as suportasse”. (Entrevista Francisco, p. 200).

Entre Raskólnikov, que sempre se questionara sobre o bem e o mal, Francisco se vê diante da eterna dualidade. Ela nunca o abandona. O objeto perseguidor e o persecutório, que o espreitam como o lobo na pele de cordeiro. Chico Picadinho e Francisco. Se ele suportasse,

talvez pudesse dizer mais sobre o dualismo pulsional que o invade, mas a cisão é tamanha que o insuportável o impede.

5.3. Entre *Marcelos* e *Franciscos*: considerações finais e algumas indagações aos campos da clínica e da sociedade

Entre e Marcelo e Francisco muitas semelhanças e diferenças, dois homens com histórias tão distintas, duas configurações de personalidade diversas, um mesmo fenômeno. Duas histórias de vida repletas de situações de abandono, desamparo, maus-tratos, violências física, sexual. Na configuração psíquica, dois caminhos díspares se processaram: com Marcelo, as de uma psicose se estabelecem; com Francisco, um quadro perverso. Uma semelhança se interpõe: a permanência na posição esquizo-paranóide e com ela traços de uma sexualidade pré-genital, fantasias de caráter sádico, ansiedades insuportáveis, processos de cisão constantes e os efeitos da sideração sob suas vítimas.

Em Marcelo, as fantasias arcaicas são muito marcantes, de tom sádico-oral, quando envolvem o vampirismo. Sugando o sangue de suas vítimas e assim, seus conteúdos bons. Desta maneira, Marcelo poderia se sentir alimentado e jovem. Já as fantasias de tom sádico-uretral e sádico-anais, dão conta das substâncias – como o esperma – expelidas de seu corpo e injetadas nos corpos dos objetos. As necessidades de controle e dano ao objeto se põem em jogo, ao mesmo tempo.

Em Francisco, as fantasias também de caráter arcaico, marcadamente voltadas ao controle muscular e posterior escavação e despedaçamento dos corpos. As penetrações violentas, o uso do pênis como órgão sádico, dão o tom, da mesma necessidade de controle e dano ao objeto.

Muito provavelmente por estes motivos, a trajetória da configuração psíquica de ambos os levaram a um caminho semelhante, ao estabelecimento de um superego arcaico cruel e implacável, que em um mundo das fantasias se apossou de seus psiquismos, e no qual aportes insuportáveis não simbolizáveis eclodiram em passagens ao ato no meio externo, por meio de um mesmo fenômeno – os homicídios seriais.

A configuração dos homicídios de modos muito específicos em cada caso, bastantes relacionados às suas tramas vivencias e através do ciclo infundável da compulsão à repetição, reproduziram seus próprios traumas na cena externa. Assassinaram - reiteradas vezes - o objeto dominador, como uma forma de apaziguar o padecimento gerado pelas pressões internas. As vítimas-objeto foram, assim, em ambos os casos, sacrificadas, com esta finalidade e por isso, foram submetidas aos danosos efeitos da sideração, em que o domínio necessário à execução, ao aniquilamento do perseguidor se processou, depois de fazê-lo sofrer.

Entre Marcelo e Francisco percebi esta incapacidade do ego em seguir adiante, os medos persecutórios os prendem a este ciclo repetitivo descrito por tantos autores, vivenciado por suas vítimas e mesmo por mim, no contexto da sideração e que por fim contamina seus psiquismos de tal modo, que os tornam incapazes de amar, de desenvolver a confiança no objeto. O objeto bom e inteiro, não parece ter em seus casos se estabelecido, mas apenas um objeto parcial, por isso todo o quadro de desintegração se apresenta. Faz-me pensar num caleidoscópio que produz a repetição de imagens. Neste caso, não seria de um mesmo objeto inteiro, mas de um objeto partido. Cada parte um pedaço de um mesmo objeto. Por mais que se gire o caleidoscópio, ele nunca faz desaparecer as múltiplas imagens. No caso de Marcelo e Francisco, por mais que se gire este caleidoscópio, ele nunca fará a imagem integrar-se.

O ato final de aniquilamento do objeto não se processava quando Francisco estrangulava suas vítimas, mas continuava por meio do procedimento de escavação e despedaçamento dos corpos. Assim como no caso de Marcelo, o retorno aos locais dos crimes e a prática da necrofilia, dava continuidade às fantasias de destruição das vítimas-objeto. Ataques repetidos, a outras vítimas se processaram em ambos os casos.

Importante ressaltar é a questão da fixação da sexualidade em etapas pré-genitais – o que confere ao superego arcaico toda a característica do sadismo. Etapa em que poderosas cotas de ansiedade invadem o *self* e o desintegram, pelos intermitentes processos de cisão sofridos. O que reforça os efeitos da sideração sobre as vítimas dos homicidas em série.

Ódio, voracidade e destrutividade são características das etapas pré-genitais e portanto, das relações objetais parciais. Assim são as relações estabelecidas pelos assassinos seriais. A infundável tarefa de expulsar o sadismo para o meio externo se torna não apenas um mecanismo de defesa tão radical, mas paralisa os processos de simbolização responsáveis pela possibilidade de ascensão à posição depressiva. Estes psiquismos permanecem enredados nas

teias da identificação projetiva e nelas prendem as vítimas, como representantes dos objetos, por meio da sideração.

Quando Francisco, em um determinado momento da entrevista se incomoda com o meu olhar e refere que eu tenho um *olhar firme* (sic), isto me remete ao processo em que o paciente, em acompanhamento, se sente ameaçado pela desintegração. O olhar firme que “invade” Francisco talvez pudesse quebrar suas defesas, o despedaçar, desintegrar – e remete à figura de um objeto ameaçador que poderia aniquilar partes do frágil *self*.

As vítimas dos assassinos seriais, ao se tornarem um “produto” de suas identificações projetivas, perpassam o espectro do uso de uma defesa psíquica apenas e se tornam reais passagens ao ato no meio externo. Isso é inegável, há mais questões que precisam ser reveladas, o fenômeno ainda requer investigação, não apenas da psicanálise, mas de vários outros campos do saber. Os efeitos hipnóticos da sideração podem levar a que outros tipos de consequências?

Os efeitos da sideração no psiquismo são nefastos não apenas para as vítimas, que sofrem o aniquilamento, mas, sobretudo para aquele que sidera, que igualmente fica sem saída, pois também se paralisa, uma vez que, ao se refletir nas águas de seu próprio espelho narcisista nele se afunda, e sem respirar sucumbe à força destruidora do movimento pulsional.

Nova pergunta, nestas linhas finais do estudo, é formulada: é a sideração um mecanismo que pode se presentificar em outras delineações psicopatológicas, em que quadros narcísicos se instalam e a identificação projetiva tenha destaque? Quadros estes, que diante dos estudos realizados a partir desta Tese, observou-se, se configurem a partir dos moldes do superego arcaico?

Após toda esta trajetória, após elaborar os efeitos da sideração, hoje entendo melhor porque os assassinos seriais não sentem remorso ou culpa, e percebo isso porque eles sentem muitas outras coisas, anteriores a estes sentimentos, que o impediram de atingir a profundidade destes primeiros. Eles sentem e se ressentem do impedimento de não poder simbolizar o que é sentido.

As relações com a realidade, tanto interna como externa se tornam superficiais, distantes e sem espontaneidade, pelas graves perturbações do próprio *self*, ou como tão bem descreveu Klein (1946) do *sentimento do self*. A inexistência de fronteiras entre o *self* e as imagens objetais, amplia as características narcísicas destas configurações de subjetividade e motivam as passagens ao ato. Na projeção de tais impulsos para o interior do corpo das vítimas, as fantasias de esvaziamento, despedaçamento, envenenamento ou de incorporação se processaram em Marcelo e Francisco.

Realidade e fantasia são amalgamados num único espaço, espaço este em que a simbolização não cabe. Um narcisismo onipotente, maligno e destruidor ocupa todo este lugar, ora vazio pela impossibilidade de representação. As partes más do *self* exercem um domínio onisciente, em que tudo se torna possível.

Nisto é possível encontrar ressonância com o caso de Marcelo, matar as crianças, como equivalência a matar partes de sua personalidade, partes estas insuportáveis, partes más de seu próprio *self*, excindidas no meio externo, na figura daqueles meninos. Suas violentas fantasias destrutivas eram levadas a cabo por meio da voracidade oral com que sugava o sangue das vítimas e com a força uretral-anal com que invadia seus corpos, injetando-lhe doses letais e venenosas de seu esperma. Isto se sobressai no concretismo do seu discurso psicótico – um ego regredido aos mecanismos esquizo-paranóides.

Toda esta voracidade se põe como produto da inveja, que excessiva, se torna a expressão de impulsos destrutivos de um mundo arcaico, de um mundo em que a linguagem sobre ele nada pode expressar, repleto de *lembranças em sentimento* (KLEIN, 1957). A inveja, mecanismo que se torna patológico quando conectado a sentimentos de ódio, visa à destruição do objeto, intenciona estragá-lo.

A imago internalizada é devoradora, esta projetada nas vítimas, alimenta o jogo compulsivo de morte imposto pelos homicidas seriais. Elas se tornam, então, personagens de um sacrifício, em seus rituais, em ambos os casos, por uma necessidade de punição e de libertação, que antagônicas, coexistem. Ao mesmo tempo presente se fazem o superego perseguidor e o ego ameaçado. Diante de tais processos, a cisão é inevitável.

Mas o que pensar sobre configurações de estruturas psicopatológicas, entre conceitos de psicoses ou perversões? Seria mais produtivo perceber como concorrem entre si as configurações das fantasias, das defesas, das ansiedades mais primordiais e relações objetais e de como estas questões fazem eco com as situações vividas na *pele*, nas realidades interna e externa. Como elas marcam as experiências, as trajetórias destas pessoas, que as levam a caminhos tão distantes da capacidade de amar o outro, de compadecer-se de seu sofrimento, de simbolizar suas dores.

Dá-se, por sua vez, o aprisionamento das partes boas do *self*, as qualidades do objeto tendem a desaparecer, o *self* libidinal se perde e as fantasias de destruição e aniquilamento ganham cada vez mais força no psiquismo e na própria realidade externa, ressaltada, por sua vez, pelas vivências traumáticas. A impossibilidade de simbolizar estes aportes pulsionais finda por gerar o fenômeno que ora se estuda, configurando um superego arcaico, cruel e tirânico, mas muito diferente e muito mais sádico que qualquer outro já visto. Nos casos em

estudo, parece haver uma prevalência de objetos maus em que os estados de perseguição se sobressaem e o *self* mau se separa do *self* bom, diante da cisão egóica. Neste sentido, a própria relação objetal é cindida e como tal se impõe de modo narcísico.

A experiência do pensar sobre estas entrevistas me levou a atingir um outro ponto de indagação. Porque Marcelo apresentou todo um *modus operandi* organizado no decorrer do tempo das ações criminosas praticadas e Francisco, um *modus operandi* desorganizado? Explicamos a indagação.

Na perspectiva da psicologia criminal, assassinos seriais desorganizados, em geral, tratam-se de indivíduos psicóticos, são descritos como mais impulsivos no momento do crime e por este prisma, não conseguiriam manter um padrão organizado quanto ao seu *modus operandi*. As cenas dos crimes são repletas de provas incriminatórias de suas ações, os locais são escolhidos ao acaso, o perfil das vítimas, inconsistente.

Assim, a psicologia criminal tipifica os assassinos seriais em organizados e desorganizados, exatamente pelas configurações das práticas delituosas de captura, planejamento, homicídio, ocultação dos corpos e provas incriminatórias, como armas dos crimes e *souvenirs*.

Os organizados apresentariam transtornos de personalidade antissocial - psicopatas (ou como queiramos denominar, perversos), são percebidos como indivíduos que agem de forma mais articulada e premeditada, por isso, seu *modus operandi* apresenta-se organizado, com escolha do local, perfil de vítimas e cautela estremada na ocultação de provas incriminatórias.

Verifiquei ao menos nos casos estudados nesta Tese, que esta situação se põe de modo inverso, pois Marcelo, nestes termos, apresentou-se como um assassino serial organizado, apesar de seu quadro psicótico, conseguindo ocultar as provas de seus crimes por longos meses, chegando a cometer treze homicídios.

Por sua vez, se pensarmos no caso de Francisco, mesmo com sua capacidade de percepção do meio, astúcia e certa dose de inteligência, seu *modus operandi* foi amplamente desorganizado, especialmente com relação ao local de cometimento dos crimes – seu próprio apartamento – além da “inoperância” quanto à ocultação dos cadáveres e provas incriminatórias. Destarte, o *modus operandi* foi nas duas vezes, insuficiente para fazê-lo despistar as investigações policiais e propiciar o cometimento de novos delitos.

Este fato me leva a tantas outras perguntas na conclusão desta jornada. Ainda não há muito mais a estudar sobre este fenômeno? Sobre a análise das cenas dos crimes e o *modus operandi* dos homicidas em série, a psicanálise não teria ainda um vasto território de investigações? Este é um campo que continua sendo de meu interesse de pesquisa.

Insisto por isso: tipificar e classificar não está muito distante de apreender o que realmente se passa com o psiquismo e com a história individual de cada caso em questão? Compreender este fenômeno apenas pelo viés estrutural não seria cair no risco do reducionismo? Ao menos os casos de Marcelo e Francisco nos mostraram que estas indagações são pertinentes.

No entanto, do que valeria este estudo se ele não pudesse nos fazer pensar em algumas contribuições para a clínica e para a sociedade? Que tipo de pensamentos ele poderia nos suscitar? Algumas esperanças? Sempre é possível uma esperança.

No início deste capítulo lembrei que este estudo estaria sempre dedicado às vítimas de Marcelo e Francisco, por não poderem ter sobrevivido aos seus ataques. Mas este estudo também se dedica àquelas crianças e adolescentes que atravessam situações de risco, maus-tratos, violências, desamparos e que passam a apresentar tendências e comportamentos antissociais. Não se pode deixar de contribuir para esta parte da população, que demanda que algum tipo de trabalho preventivo possa ser desenvolvido e seja vislumbrado.

Não se trata de prever comportamentos homicidas seriais, isto não seria possível em se tratando do agir humano, e consistiria num reducionismo, numa tipificação classificatória equivocada, nem mesmo essa é a pretensão. O estudo das configurações psíquicas dos assassinos seriais e da questão das tendências criminosas como um todo, pode auxiliar a possibilidade de entrever um horizonte possível de atuação junto a estes que apresentam traços precoces - comportamentos disruptivos.

Somos expostos, cotidianamente a uma infinidade de casos de crianças e adolescentes que atiram em seus colegas na escola, em seus professores; que matam seus pais; ou jovens de classes sociais abastadas que põem fogo em pessoas em situação de risco nas ruas. Há poucos meses tomei conhecimento de um garoto de apenas nove anos com dificuldades graves de relacionamento e problemas na escola; as últimas notícias dão conta de que o quadro de maus-tratos a animais evoluiu para uma tentativa de atear fogo em sua irmã. Apresenta-se calmo, orientado e indiferente afetivamente aos apelos do outro.

E assim, a sociedade cultua a violência, o bizarro, ou mesmo o vampirismo em filmes e séries de TV, já os assassinos seriais são considerados *pop stars* do mundo contemporâneo. É preciso ampliar este espaço de discussão social. Por sua vez, qual a implicação das configurações sociais neste fenômeno?

Para tanto, não seriam necessários novos questionamentos sobre a temática? Mas, sobretudo, um olhar mais cuidadoso sobre o fenômeno precisa ser descortinado para que novas indagações possam surgir: tendo em vista a especificidade deste quadro de tendência criminosa.

Por este motivo, enfoco que esta Tese não se atém a uma preocupação diagnóstica diante dos casos estudados, pois o conceito kleiniano de posição esquizo-paranóide nos foi útil o suficiente para tratar deste ponto de vista no que concerne à situação psicopatológica, por isso o desenvolvi no capítulo terceiro, entendendo que posição já descreve o conjunto de defesas e ansiedades específicas que retratam as características mais importantes dos dois casos em estudo. Há uma gama muito mais ampla e complexa de discussão sobre o fenômeno a ser desvelada.

Há de existir esperança para aqueles que ainda podem navegar por águas menos turvas, ter acesso a um *self* libidinal, a este lado saudável, ir em busca das boas relações objetais, não se pode fechar-se em paradigmas tipológicos ou classificatórios, ou de visões negativistas sobre a natureza humana. Já é hora de discutir questões dolorosas para a sociedade e enxergar que crianças e adolescentes, pequenos *Marcelos* e *Franciscos* existem muitos ao nosso redor, que novas histórias sobre eles ou elas podem ser relatadas, em entrevistas diferentes. Novas visões dadas às suas narrativas, às suas existências, novas formas de contar suas histórias de vidas podem ser escritas, por que não?

Enfim, em lugar de simplesmente reduzir a discussão ao campo das estruturas, preferimos dar lugar a novos questionamentos sobre as organizações patológicas narcísicas de personalidade, em que estados narcísicos destrutivos estão a serviço da manutenção da identificação projetiva, e, portanto do superego arcaico. Por sua vez, tal configuração, gera, como efeito, a sideração das vítimas de seus atos, favorecendo o poder dos objetos destrutivos internalizados sobre o psiquismo e com isto, suscitando o ciclo vicioso das passagens ao ato sádicas e repetitivas, nos meios interno e externo. Talvez seja possível pensar o fenômeno dos assassinos seriais como uma organização psíquica específica, pela configuração diferenciada e excessiva dos processos apresentados? O que mais os assassinos seriais teriam a dizer à psicanálise? Abrem-se novas portas para meus próximos estudos.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Karl. **Teoria Psicanalítica da libido. Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

_____. **A influência do erotismo oral na formação do caráter** (1924). Teoria Psicanalítica da libido. Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

AUGRAS, M. **Todos os santos são bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

CINTRA, E. & FIGUEIREDO, L. C. **Melanie Klein. Estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2004.

FIGUEIREDO, Luís.C. **Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica**. Revista de Psicanálise. Ano VIII. Nº 16. 1º sem. 1996.

_____. **Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2008.

_____. **As diversas faces do cuidar**. São Paulo: Escuta, 2009

FIGUEIREDO, L. & MINERBO, M. **Pesquisa em psicanálise: Algumas idéias e um exemplo**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 39 (70): 257-278, jun. 2006.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. VII.

_____. **Totem e tabu** (1913). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XIII.

_____. **Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico** (1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XIV.

_____. **Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais** (1917). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XVI.

_____. **Além do princípio do prazer** (1920). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XXI.

_____. **A cabeça da Medusa** (1922). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XXI.

_____. **O problema econômico do masoquismo** (1924). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XIX.

_____. **Inibição, sintomas e ansiedade** (1926). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XX.

_____. **O fetichismo** (1927). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XXI.

_____. **O mal-estar da civilização** (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XXI.

HERRMANN, F & LOWENKRON, T. **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HINSHELWOOD, R. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KERNBERG, O. **Agressão nos transtornos de personalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KEPPEL, R. **Signature Killers**. New York: Pocket Books, 1997.

KLEIN, M. Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas (1926) **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Simpósio sobre análise de crianças** (1927a). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Tendências criminosas em crianças normais** (1927b). Amor, culpa reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Estágios iniciais do conflito edipiano** (1928). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Personificação no brincar de crianças** (1929). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego** (1930a). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A psicoterapia das psicoses** (1930b). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Uma contribuição à teoria da inibição intelectual** (1931). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego** (1932). A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **A importância das situações de ansiedade arcaicas no desenvolvimento do ego** (1932). A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **As atividades sexuais das crianças** (1932). A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **O desenvolvimento inicial da consciência na criança** (1933). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Sobre a criminalidade** (1934). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos** (1935). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Notas sobre alguns mecanismos esquizóides** (1946). Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

_____. **As origens da transferência** (1952). Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

_____. **Sobre a identificação** (1955). Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

_____. **Inveja e Gratidão** (1957). Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

_____. **Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental** (1958). **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

MELTZER, Donald. **Terror, perseguição, pavor – uma dissecação das ansiedades paranóides** (1967). Estados sexuais da mente. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.

_____. **Tiranía** (1968). Estados sexuais da mente. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.

MINERBO, M. **Estratégias de investigação em Psicanálise**. Pesquisando com o método psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MONTEIRO, K. **Assassinos seriais: uma abordagem psicanalítica**. 2005. 143f: Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2005.

MONTEIRO, K. & ROCHA, Z. **O agir perverso dos assassinos seriais**. Pulsional Revista de Psicanálise. São Paulo: ano XX, n. 189, março, 2007, p. 52-61.

MORANA, H. et al. **Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers**. In Revista Brasileira de Psiquiatria. 28(supl.2): S74-S79, out. 2006

NEWTON, Michael. **A enciclopédia de serial killers: um estudo de um depressivo fenômeno criminoso**. São Paulo: Masdras, 2005.

QUEIROZ, Edilene F. **O Discurso Perverso na Clínica Psicanalítica. O Estudo sobre o efeito da Verleugnung no discurso**. 2000. 189 f: Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

REA, S. **Considerações sobre transformatividade: aproximações entre artes plásticas e Psicanálise**. Pesquisando com o método psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ROSENFELD, Herbert. **Notas sobre a psicanálise do conflito do superego num paciente esquizofrênico em fase aguda**. Os estados psicóticos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

_____. **Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo** (1971 a). Melanie Klein Hoje. Desenvolvimentos da teoria e da técnica. Volume1:Artigos predominantemente teóricos.Rio de Janeiro:Imago Editora ,1991.

_____. **Uma Contribuição à psicopatologia dos estados psicóticos: a importância da identificação projetiva na estrutura do ego e nas relações de objeto do paciente psicótico** (1971 b). Melanie Klein Hoje. Desenvolvimentos da teoria e da técnica. Volume1:Artigos predominantemente teóricos.Rio de Janeiro:Imago Editora,1991.

_____. **Impasse e Interpretação. Fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirios**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SACE, Elder. *Murder, denunciation and criminal policing in Weimar Berlin*. *Journal of contemporary history*. Cambridge, Julho, 2006 ,v. 41, p.401-419.

STEINER, John. **Refúgios psíquicos. Organizações patológicas em pacientes neuróticos, psicóticos e fronteiriços**. Rio de janeiro: Imago Editora, 1997.

_____. **Uma teoria dos refúgios psíquicos** (1997). Refúgios psíquicos. Organizações patológicas em pacientes neuróticos, psicóticos e fronteiriços. Rio de janeiro: Imago Editora, 1997.

_____. **Relações objetais narcisistas e as organizações patológicas da personalidade** (1997). Refúgios psíquicos. Organizações patológicas em pacientes neuróticos, psicóticos e fronteiriços. Rio de janeiro: Imago Editora, 1997.

_____. **Revisão: as relações objetais narcisistas e as organizações patológicas da personalidade** (1997). *In* Refúgios psíquicos. Organizações patológicas em pacientes neuróticos, psicóticos e fronteiriços. Rio de janeiro: Imago Editora, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista com MARCELO DA COSTA ANDRADE- “Vampiro de Niterói”
Local: MANICÔMIO JUDICIÁRIO HEITOR CARRILHO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO NA ÍNTEGRA

E- ENTREVISTADORA M-MARCELO

E- O que você imagina que eu vim fazer aqui?

M-Não sei, acho que você é uma doutora que veio falar comigo.

E- O que mais?

M – É sobre minha perícia? Você é doutora psicóloga?

E- Não é sobre sua perícia. Sou psicóloga e estou fazendo um trabalho na Universidade sobre pessoas que cometeram assassinatos em série.

E- Você pode ficar à vontade para falar o que lhe vier à mente, sem se preocupar com nada, pois não vou fazer juízo de valores do que contar.

M- Por exemplo, quando eu era menino, né? Aí eu tinha dez anos de idade, né? Aí eu saí da casa dos meus pais. Aí eu fiquei na rua, né? Aí na rua, lá na Cinelândia, Central do Brasil, eu fiquei me prostituindo com os homens pra ganhar dinheiro, aí eu fiquei assim dos dez até os dezoito anos de idade.

E – Você passou dos dez aos dezoito anos nas ruas, direto, esses oito anos?

M- É eu tava ganhando dinheiro de prostituição, ganhava até um dinheiro, né? Eu até viajava e tudo.

E- Você se prostituía?

M- Por causa do dinheiro.

E – O que você fazia com esse dinheiro?

M-Alimentação assim, né? Viajava, por exemplo.

E- Como foi a primeira vez que isso aconteceu?

M- Eu vivia na rua.

E- Tinha um lugar especial?

M – Eu dormia no hotel, hotel, pagava com meu dinheiro.

E- Você encontrava os homens onde?

M – Era lá na Cinelândia.

E – O que você achava disso?

M- Eu gostava, pra ganhar dinheiro.

E- E como você se sentia com isso?

M- Eu não achava ruim não. É porque tem muita gente que gosta de garoto novo, né? Bonito, né? Fazendo sexo, né? E tem as pernas bonitas, né? Lisinhas, né? Rosto bonito, as nádegas bonitas, né? Aí tem muita gente que gosta de sexo com garotos por causa disso.

E- Você acha que aqueles homens gostavam de fazer sexo com você por causa disso?

M- Era... Aí eu... tinha fugido da casa do meu pai que morava (inaudível) com minha madrasta né?

E- Você fugiu de lá por quê?

M-É porque eu não tava gostando de ficar lá não. Aí eu fugi e fui pra rua.

E- Porque você não gostava de lá?

M- Eu não sei não, eu só tinha vontade de ir embora mesmo. Aí eu cresci né? Aí eu passei a gostar de garoto novo também, bonito também, pra sexo, né?

E- Você percebeu isso quando?

M-Quando eu aprendi né?

E- Qual foi a primeira vez que teve contato sexual com esses homens?

M-Quando eu tinha dez anos.

E- Foi logo que você foi morar nas ruas?

M-É... Aí quando eu andava nos arcos da Lapa, de noite... (silêncio).

E- Você tinha quantos anos nessa época?

M- Eu tinha uns vinte anos mais ou menos. Aí eu andando nos arcos da Lapa de noite, né? Um garoto bonito lá. Porque lá nos arcos da Lapa é ponto de travesti, né? Aí tinha um garoto bonito lá que tava de saía, ele tinha uns quatorze anos mais ou menos. Aí como ele ficou me seduzindo, mostrando as pernas bonitas dele, lisinhas né? Aí eu não resisti à tentação, vi que ele tinha um rosto bonito né? Fui no motel de cama redonda com ele, né?

E- Como foi essa experiência para você?

M-É, com um garoto, né? Aí paguei dez reais a ele na época, né? Motel de cama redonda, né? Aí eu transei com ele durante umas três horas mais ou menos. Aí passei a mão nas pernas dele, nas nádegas dele, chubei as pernas dele, as nádegas dele, beijei muito na boca dele, no rosto dele, né? Ele tinha o rosto bonito, né? As pernas bonitas, as nádegas bonitas, né?

E- Bonito como?

M-Assim, as pernas lisinhas, bonitas, ele tinha, né?

E- Por as pernas lisinhas são bonitas?

M- Por que ele era novo, ele tinha uns quatorze anos.

E-E os meninos mais velhos?

M- Eles têm pêlos, né?

E- Por isso você achava as pernas lisinhas bonitas?

M-É... Aí meu pênis, tava duro né? Aí eu introduzi meu pênis nas nádegas dele, né? Até eu gozar lá dentro com o meu esperma, com meu esperma, e não alguém gozando em mim. Dentro das nádegas dele, né? Aí quando eu gozei lá dentro né? Aí... eu esperei mais meia hora, Aí ele chupou meu pênis, ficou duro de novo, né? Aí gozei dentro da boca dele

E- O que você achou dessa experiência?

M- Aí depois eu paguei a ele, foi... cinquenta reais na época. Aí eu gostei, achei bom, né? Aí ele foi embora, né? Depois que ele chupou meu pênis e eu gozei dentro da boca dele, ele... ele foi embora, né? Aí nunca mais vi ele não, dei cinquenta reais a ele e nunca mais vi ele não. A partir daí comecei a gostar de garoto novo, né?

E- A partir daí você notou que começou com esse gosto? Antes você não tinha tido esse gosto?

M-Não.

E- Você prestava atenção nas mulheres?

M- Tinha umas mulheres que eu achava bonitas, que via na rua.

E- Você tinha desejo sexual com relação a elas?

M- Tinha vontade

E- Você chegou a se relacionar com mulheres?

M- Tinha uma na praça Tiradentes, a Sra. conhece?

E- Não conheço.

M- Aí tinha uma moça lá de uns vinte anos, né? Que tava de saia, bonita, né? Aí levei ela para o motel lá, Aí paguei o motel, Aí transei com ela, meti meu pênis bem duro dentro da vagina dela, até eu gozar, né? Aí quando eu gozei dentro dela, nem me lembro mais quanto, parece que foi trinta reais.

E- Isso foi antes ou depois daquele garoto?

M- Acho que foi depois. Aí dei os trinta reais a ela, né? Aí ela foi embora, nunca mais vi ela não. Eu transei com muitas outras.

E- Você me disse que depois que transou com aquele menino, você começou a gostar de transar com meninos também, e daí em diante, como foi?

M- Aí, por enquanto eu gostei de transar com algumas mulheres, né? Aí tinha um garoto lá também em Itaboraí, né? Que ele tinha mais ou menos uns dez anos. Aí vi que ele era bonito, né? Vi através da bermuda que ele tava usando, né? Que ele tinha as pernas bonitas, lisinhas, né? Aí eu convidei ele pra fazer sexo comigo, né? Aí ele aceitou. Aí ele chupou meu pênis, né? Até eu gozar dentro da boca dele, né? Aí quando eu gozei dentro da boca dele, dei vinte reais a ele. Ele morava ali por perto.

E- E ele foi embora?

M- Foi, era bonito ele.

E- O que você acha bonito nesses meninos? Por que eles te chamam atenção?

M-É porque o rosto bonito, né? Aí quando o meu pai se separou da minha mãe, né? Quando eu tinha cinco anos de idade, porque antes eles moravam na rocinha, né? Aí meu pai me mandou para casa dos meus avós, lá no Ceará, né? Minha avó me levou para a casa dela, né? Lá no Ceará.

E- Você já conhecia o Ceará?

M-Não, com cinco anos eu fui pra lá, né? Aí lá em Sangradouro tem um açude grande. A senhora conhece? Já ouviu falar?

E- Não, não conheço.

M-Sangradouro, onde tem um açude grande, né?

E- Sangradouro é a cidade?

M-É, é pequena. Aí lá o pessoal pescava peixe, andava de canoa lá, banho de açude. Aí eu tava achando bom lá.

E- Sua vida era boa lá?

M- Era

E- Você vivia bem com sua avó?

M- Vivia

E- Vocês se davam bem?

M- Ela me tratava bem.

E- Só eram você e ela?

M-Só, não, meu avô também. Aí eu fiquei lá até os nove anos, Aí minha mãe foi me buscar lá Aí ela me trouxe de volta pro Rio.

E- Você se lembra de como era quando você vivia com sua mãe e seu pai?

M-Não me lembro muito não

E- Do que você se lembra?

M- Lá na Rocinha tinha menos gente que hoje

E- E você vivia bem com seus pais?

M- Vivia

E- Eles te tratavam bem?

M- Tratavam

E- E depois que sua mãe foi lhe buscar?

M- Ela foi me buscar no Ceará, Aí eu vim morar com ela aqui no Rio, em São Gonçalo. Ela morava com outro moço. Aí da casa dela, eu fui morar na casa do meu pai.

E- E você passou quanto tempo lá? Morando com sua mãe e seu padrasto?

M- Acho que alguns meses.

E- O que você se lembra dessa época?

M-Não era ruim não.

E- E por que você foi morar depois com seu pai?

M- Por que... hã... acho que meu pai me levou para morar com ele lá.

E- Mas por que motivo?

M-Não sei, acho que ele pegou mesmo para morar lá.

E- E como foi nessa época?

M- Aí eu cheguei a ajudar um pouco na escola também, né? Aí foi quando eu fugi de casa, para as ruas, em dezembro.

E- Por que você fugiu?

M-Não sei, acho que...

E- O que te passava na cabeça?

M- Eu achava melhor ficar na rua. Não sei dizer.

E- E Aí você foi morar nas ruas e...

M-E Aí com 18 anos, eu fui morar com a minha mãe, ela tinha uma casa. Aí fui morar com minha mãe lá em Itaboraí.

E- Como era nessa época?

M- Ela arranjou um trabalho para mim. Ela tava trabalhando em Copacabana. Eu trabalhava dando panfleto na rua, para o pessoal comprar ouro.

E- Como era trabalhar?

M-Não era ruim não, eu ganhava meu dinheiro. Era trabalho sem carteira assinada.

E- O que você fazia com seu dinheiro?

M- Às vezes eu comprava alimentação, ia ao cinema. Cinema com ar condicionado, poltrona alcochoada, aqueles cinemas confortáveis. Passava um filme novo, escolhia um filme bom.

E- O que é um filme bom?

M-O que eu achava que era bom; zero zero sete, por exemplo, Homem Aranha.

E- Por que você gostava desses filmes?

M- Por que era bom né? Pelo cartaz eu via que era bom.

E- O que te chamava atenção?

M- Eu me divertia... ia na praia também, de Copacabana (silêncio). De vez em quando eu ia para São Paulo, Belo Horizonte.

E- O que você fazia nessas viagens?

M- Passear, turismo, conhecer os lugares de turismo de lá, né?

E- Como você sabia desses lugares?

M- Tinha uns folhetos ali na rodoviária, desses lugares diferentes.

E- O que você fazia nesses lugares diferentes?

M- Passeava, fazia uma alimentação boa lá também. Eu pagava com o dinheiro do trabalho (silêncio).

E- Que mais que você acha importante falar sobre sua vida?

M-(Silêncio) Aí... quando eu cresci, né? Foi quando eu comecei a gostar dos garotos novos (silêncio).

E- Você disse que já tinha 20 anos, como foi que você percebeu que gostava dos garotos novos?

M- Fazer sexo mesmo.

E- Como assim?

M- Alguns eu paguei, agora tem outros que eu não paguei não.

E- Como aconteceu?

M- Aí eu fiz sexo a força mesmo, Aí eu convidava eles para acender velas num lugar deserto, né? Para São Jorge, né? Isso foi dentro de um ano, né?

E- Dentro de um ano?

M-É Aí eu acabei matando treze meninos. De cinco anos a treze anos.

E- Como foi para você matar esses meninos?

M- Mas eu não matei os garotos assim por ódio nem vingança não, entendeu? Foi mais para eles irem para o céu, entendeu? E também sentindo prazer sexual, né?

E- Por você acha que eles iam para o céu?

M- Por que eles ainda eram crianças. O padre falou que criança inocente quando morre vai para o céu, né?

E- Onde escutou isso?

M- Na missa. É... aí não senti pena de matar eles não.

E- Quando foi que você passou a ter as ideias de matar esses meninos?

M- Foi com um garoto lá em Niterói. Eu vi ele ali na parada da Rodoviária de Niterói, né? Ele tinha mais ou menos uns treze anos. Doze ou treze anos, né? Aí convidei ele para acender umas velas para São Jorge, né? Vi que ele era bonito, né? Aí lá num lugar deserto, eu agarrei ele a força, né? Aí tirei a bermuda dele, Aí meti meu pênis bem duro dentro das nádegas dele, né? Até eu gozar lá dentro dele, meu esperma, né? Aí depois quando eu gozei, matei ele enforcado, com a camisa dele.

E- O que você sentia?

M- Eu tava endemoniado mesmo. Eu sentia prazer também, sexual, né? Também tinha prazer de matar ele, também, eu não me importava porque eles iam para o céu. Aí depois eu ia embora, deixava eles lá. Aí teve alguns que eu até bebi o sangue deles também. Teve alguns que eu não bebi o sangue não.

E- Por que só alguns você bebeu o sangue?

M- Por que não tinha passado na minha cabeça ainda. Aí o sangue caía dentro da vasilha, e eu bebia o sangue deles.

E- Até então você tinha bebido o sangue?

M-Não.

E- Como você fazia isso?

M- Eu cortava com um canivete. Aí aparava na vasilha e bebia o sangue.

E- Como você se sentia quando bebia o sangue?

M- Eu não tinha nojo não, porque era de garoto novo, né? Eu achava que ficava bem alimentado. Eu achava bom beber, ia ficar novo também (silêncio).

E- Por que você achava isso?

M- Por que eu ia ficar bem alimentado (silêncio). Eu matei treze, é por isso que tô preso aqui. Eu achava que sangue alimentava.

E- Fale mais de como você se sentia nesses momentos?

M- Os outros (meninos) eu peguei na rua também, eu vi que era bonito né? Aí eu só escolhia os garotos bonitos, né?

E- Como eram garotos bonitos?

M-O rosto bonito, as pernas bonitas, né? ... Era tudo garoto não tinha nenhuma garota não. Eu só gostava de garotos (silêncio).

E- E então, o que acontecia, como você se sentia diante daqueles garotos?

M- Eu via os garotos bonitos e ficava excitado. Eles não podiam fazer nada, eu era mais forte que eles.

E- Você se sentia mais forte que eles?

M- Era Aí eu fazia sexo à força. Eu só queria fazer sexo mesmo. Mas tinha a macumba também eu cheguei a frequentar algumas vezes, né? Ali perto do Jornal O Dia, naquela parte ali, tem terreiro de macumba, né? Aí, de vez em quando eu ia lá.

E- Como você se sentia lá?

M-Lá os espíritos da macumba matam pessoas de zero a cem anos.

E- Como assim?

M-Através dos trabalhos, né? Lá tinha pessoas que conseguiram o marido de volta, o emprego de volta e outras coisas mais, mas tinha que pagar né?

E- O que você foi fazer lá?

M- Achava bom as músicas que eles tocam lá.

E- Nessa época você já matava os meninos?

M-Não. Aí tem pessoas que vão lá para matar os inimigos, fazer trabalhos para isso.

E- E o que você acha disso?

M-É a preferência do pessoal, né? (silêncio).

E- O que mais você gostaria de falar?

M- Aí minha mãe não sabia de nada disso não, que eu fazia essas coisas.

E- Que coisas?

M- De matar os garotos, ninguém sabia só eu.

E- Por que ninguém sabia?

M- Porque eu não falava para ninguém.

E- Por quê?

M- Para não ser preso, né? Ser denunciado para a polícia.

E- Se você fosse preso, o que aconteceria?

M- Eu ia ficar muito tempo na cadeia, tem consequências. Por exemplo, lá nos Estados Unidos tem cadeia perpétua, né? Cadeira elétrica, câmara de gás, injeção letal, né?

E- O que você pensa sobre isso?

M- Aqui no Brasil não tem, nem cadeia perpétua não tem. Lá na penitenciária a pessoa pode pegar mil anos de condenação, em vários processos, né? E o máximo que a pessoa fica preso é trinta anos, Aí o juiz autoriza a soltura do réu e o réu é posto na liberdade, né? Mesmo com mil anos de cadeia que ele pegou. No Brasil não tem cadeia perpétua não. Agora tem os condenados no manicômio, da cadeia, né? Se não tiver bom ele continua lá preso ainda.

E- Como é isso para você?

M- Eu já tô a mais de dezesseis anos preso, né? Eu tô achando que vou ficar muito mais tempo ainda. Eu tô cheio de processo.

E- Como é essa experiência?

M-É triste, né? Ficar preso, sem a liberdade, né? (silêncio)

E- Se você tivesse liberdade um dia, como seria?

M- Eu ia arranjar um bom dinheiro, uns vinte milhões de reais, né? Render juros e correção monetária, né? Acertar na sena, por exemplo, Aí não ia precisar trabalhar mais.

E- O que mais você faria?

M- Umas viagens, né? Uns cruzeiros marítimos. Arranjar uma garota, para casar com ela.

E- Você ia querer casar?

M-É para não ficar sozinho, para não vir mais essa tentação de fazer sexo com os garotos, né?

E- Você acha que a vontade de matar viria de novo?

M- Com a garota acho que não ia mais ter a tentação de matar os garotos de novo não. Ia só fazer o sexo mesmo.

E- Por que você acha que não ia fazer mais?

M- Por que não, não ia fazer não. Aí eu ia fazer isso se tivesse na liberdade. Conseguir os vinte milhões, fazer um cruzeiro marítimo, viajar, né? (silêncio).

E- Você pensa nos garotos que você matou?

M- De vez em quando eu penso

E- O que você pensa?

M-Que fiz sexo com eles, né? Aí... Aí... as delegacias, penitenciária do Rio tão lotadas de presos, de gente presa. Muitos matadores cruéis. Eles matam pessoas para roubar, qualquer coisinha quer matar os outros, né?

E- Quando você pensa nessas pessoas, pensa em você também?

M- Eu vi que errei também, que fiz essas coisas erradas. Por exemplo, a Bíblia Sagrada, a palavra de Deus, fala muito sobre os homens maus, né? Os homens maus, os arrogantes, os matadores, então eles são presos nas cadeias, né? A palavra de Deus fala sobre essas pessoas. Os incrédulos são aquelas pessoas que não acreditam na palavra de Deus, eles vão direto para o inferno. Aí do inferno as pessoas vão passar pelo julgamento, Aí de lá vão ser lançados no lago de fogo e enxofre. Aí lá, eles vão ficar sofrendo atormentados para sempre. Aí não tem mais volta não. Aí aquelas pessoas que na terra obedeceram a palavra de Deus, ao Evangelho,

ao Nosso Senhor Jesus Cristo, Aí quando morre vai para o paraíso de Deus. O paraíso é um lugar de descanso, Aí lá no paraíso, no grande dia do julgamento de Deus, né? No trono branco de Deus, né? Essas pessoas vão morar no novo céu, na nova terra. Lugar onde vão viver felizes para sempre, né?

E- E quando você pensa sobre você?

M-A Bíblia diz que se a pessoa se arrepender do que fez de errado, né? Não importa o que a pessoa fez né? Se obedecer a Deus, Aí morrendo consegue a salvação eterna.

E- Você se arrepende?

M- Se eu me tornasse um homem santo, né? Como Deus quer, de obedecer a palavra de Deus, né? Até o fim de coração. Aí ainda tem a salvação eterna para mim. Essas coisas ruins acontecem, o mundo é os diabos, os demônios ruins, as pessoas que não obedecem as palavras de Deus. As pessoas incrédulas, que não tem parte com Deus. Por exemplo, os desastres, né? Os terremotos, maremotos, doenças, pessoas assassinadas.

E- O que têm elas?

M-É as pessoas que não tem parte com Deus. Aí, às vezes, os que matam também não tem parte com Deus também não.

E- Por quê?

M- Porque não obedece a palavra de Deus, para Deus dar livramento, né?

E- E as pessoas assassinadas?

M- As pessoas que foram assassinadas se tivessem com Deus, vivendo como Deus quer, agradando a Deus, indo na Igreja Evangélica, lendo a Bíblia Sagrada, né? Sendo santo, Aí Deus dá o livramento a essas pessoas, né? Para não ser assassinada por gente ruim, entendeu?

E- As pessoas foram assassinadas por que não estão com Deus?

M-É. Porque, são vítimas de pessoas ruins, porque não estão com Deus, né? Aí as pessoas que cometem assassinatos, às vezes é o diabo usando as pessoas, né?

E- E no seu caso?

M-O diabo usava minha mente.

E- De que jeito?

M- Fazendo eu gostar de fazer essas coisas erradas, né?

E- Você pode desligar um pouco para eu falar uma coisa para você?

Neste momento ele pede para parar um pouco a gravação e me pergunta se posso dar algum dinheiro para ele comprar pilhas para seu rádio. Digo que não é possível. Com seu consentimento, continuamos a entrevista.

E- Fale um pouco sobre os assassinatos, o que você se lembra?

M- oram treze garotos mesmo, de cinco anos a treze anos.

E- Em um período de quanto tempo de um para o outro você matou?

M- Um mês mais ou menos.

E- Como você se sentia durante esse mês que se passava?

M-E só tinha medo de ser preso, só.

E- Por quê?

M- Porque não podia matar mais e também ia passar muito tempo na cadeia.

E- E para não ser preso, o que você fazia?

M- Eu não falava com ninguém (silêncio).

E- Como você planejava os assassinatos?

M- Eu via eles na rua, Aí eu levava para lugares desertos, né?

E- Como você convencia os garotos a irem com você?

M- Oferecia dinheiro para eles para ir acender vela para São Jorge, né? Nos lugares desertos não tinha ninguém vendo, né? Aí lá eu fazia sexo com eles à força, né?

E- Isso te deixava excitado?

M- Eles eram bonitos, né? Eu fazia com eles à força.

E- Era melhor assim?

M- Era eles não iam querer fazer de consentimento, por isso era à força.

E- E porque você matava os garotos depois?

M- Para eles irem para o céu, eu pensava assim. Se não fosse isso eu não tinha matado eles não.

E- Isso o quê?

M- Eles irem para o céu, se não fosse isso eu não matava eles não. Deixava eles vivos. Depois eu bebia o sangue.

E- Por que beber o sangue?

C- Eu achava que ficava bem alimentado, com o sangue deles.

E- Em que sentido?

M- Eu via que o sangue deles alimentava, eles eram garotos novos, bonitos, né? Aí eu não tinha nojo, né? Aí eu bebi o sangue deles.

E- Como você se sentia?

M- Era bom. Eu achava bom. Eu achava que ia ficar bem, me sentir bem.

E- Como é se sentir bem?

M- Ficar bem alimentado, não sentir mais fome.

E- Fome de quê?

M- De comida, de alimentação (silêncio).

E- O que mais você se lembra?

M- As bermudas, eu guardava de recordação.

E- Recordação de quê?

M- De que eu conheci eles. Aí eu guardava de recordação. As bermudas deles. Eu levava para casa escondido. Aí guardava bem escondido lá em casa para ninguém ver, deixava lá guardado.

E- Elas ficavam guardadas e Aí?

M- De vez em quando eu dava uma olhada.

E- Como você se sentia?

M- Eu achava bom olhar, né? Saber que eles tinham ido pro céu, né? Eu ficava excitado quando via as bermudas, às vezes me masturbava.

E- O que as bermudas significavam para você?

M- Era me lembrava de que tinha transado com eles já mortos também. Por que teve um que depois de três dias que ele já tava morto eu fui lá e Aí meu pênis ficou todo duro, pode falar?

E- Pode falar o que você quiser.

M- Aí ele já tava morto há três dias, né? Aí botei a bunda dela para cima, Aí meti meu pênis, bem duro, meu pênis todinho dentro das nádegas dele, né? Aí fiquei metendo durante algum tempo, né? Aí eu gozei dentro da bunda dele, né? Meu esperma, né? Aí depois, quando eu gozei, né? Aí deixei o garoto lá. Aí esse, que eu gozei dentro dele já era morto, já.

E- Quando você começou a ter essa ideia?

M- Depois que eu já tinha matado alguns.

E- O que te fez voltar lá? (ele voltou em alguns casos)

M- Para ver se ele ainda tava lá.

E- O que você imaginava?

M- Se alguém tinha descoberto, levado o corpo dele já. Para o IML, né? Tem uns mortos ali, na geladeira, né? Aí teve outro lá em Santa Cruz, né? Que eu conheci ele, ele tava de bermuda, ele era bonito, né? Ele tinha o rosto bonito, Aí eu convidei ele para acender vela para São Jorge, né? Aí ele tinha as pernas bonitas e tudo, né? Aí eu já tava de pênis duro por causa dele e tudo, né? Aí eu levei ele para um lugar deserto, né? Aí agarrei ele a força, né? Aí tirei a bermuda dele, né? Aí no começo botei meu pênis nas coxas dele Aí depois molhei com cuspe meu pênis, né? Aí botei dentro do ânus dele, né? Aí meti durante muito tempo dentro

do ânus dele, né? Meu pênis bem duro mesmo, Aí gozei lá dentro, né? Meu esperma, né? Aí eu tirei, Aí passou uns vinte minutos, mas eu ficava sempre segurando o braço dele para ele não fugir. Aí botei ele para chupar meu pênis, né? Meu pênis ficou duro de novo, né? Aí ele ficou chupando meu pênis até eu gozar dentro da boca dele. Aí gozei meu esperma dentro da boca dele, né? Aí foi quando eu matei ele enforcado, com a camisa dele, para ele ir para o céu, né? Aí passou uns três ou quatro dias, não me lembro bem, né? Ele tava ainda lá, morto, Aí eu vi que ele tava morto há uns quatro dias, né? Aí eu acariciei as pernas dele, né? Ele tinha as pernas bonitas, né? Aí vi que já tava dando bicho na boca dele, né? Aí botei meu pênis assim mesmo na boca dele, já morto, né? Aí fiquei metendo meu pênis dentro da boca dele, a boca dele já tava dando bicho, né?

E- Como você se sentia?

M- Aí eu sentia prazer sexual, né? Aí fiquei metendo meu pênis bem duro, né? Dentro da boca dele já dando bicho, né? Até eu gozar, né? Aí gozei dentro da boca dele, né? Ele já morto, né? Aí passou um tempo, né? Aí, depois de um tempo, tirei a bermuda dele. Aí botei meu pênis na bunda dele, meu pênis tinha ficado duro de novo, né? Aí depois de um tempo metendo bem dentro do ânus do garoto, né? Aí gozei de novo, botei a bermuda de novo nele, Aí deixei lá e fui embora.

E- Por que você não levou a bermuda dessa vez?

M- Esse eu não levei não. Por que não passou na cabeça não. Esse foi o décimo segundo, esse eu já gozei dentro da boca dele já dando micróbios.

E- E você se preocupou com esses micróbios?

M-Não, não.

E- Você acha que conforme você foi matando os meninos, foi te dando outras vontades?

M- Foi, para transar com eles assim, depois dele morto. Eu sentia prazer sexual.

E- Mais do que eles quando eles estavam vivos?

M-Não era a mesma coisa (silêncio).

E- Você sempre os matava nos mesmos lugares?

M-Não eram lugares diferentes. Dependia onde eu conhecia os garotos.

E- Você já saía de casa com essa ideia ou ela surgia depois?

M- Eu já saía de casa com a ideia, eu procurava o garoto pra fazer isso. Já ia com esse pensamento, de fazer sexo e depois matar. Isso me satisfazia sexualmente.

E- Te satisfazia sexualmente?

M- Era. Aí teve outro em Pavuna, que eu conheci também. Esse foi mais no começo, ele tinha uns dez anos, né? Aí foi lá na estação de trem. Aí tem uma ponte lá. Aí eu levei ele para lá. Aí eu tava já de pênis duro, ele tinha umas pernas bonitas, né? Aí meti meu pênis dentro das nádegas dele, né? Aí eu tirei a bermuda dele, né? Aí fiquei metendo dentro das nádegas dele até eu gozar dentro, né? Aí quando eu gozei lá dentro, com meu esperma. Aí depois de um tempo, eu botei ele para chupar meu pênis, até eu gozar dentro da boca dele, né?

E- Como você conseguia que eles fizessem isso?

M- Às vezes eu batia neles.

E- Você gostava de bater neles?

M- Era para eles deixar eu fazer sexo.

E- Você se incomodava de bater neles?

M-Não. Eu queria fazer sexo. Aí depois que ele chupou meu pênis, eu matei ele, enforcado com a camisa dele.

E- Todos você matou enforcados?

M- Todos.

E- Por que você matava enforcando?

M- Para eles irem para o céu, né?

E- Por que só matava desse jeito?

M- Por que era melhor né? Eu achava melhor do que de outro jeito, né? Aí esse, eu tava com um canivete, Aí cortei as nádegas dele, para sair sangue, Aí bebi o sangue dele, já morto.

E- Essa foi a primeira vez?

M- Não teve outras antes, os outros eu cortei no pescoço.

E- Por que aquele você cortou nas nádegas?

M- Por que eu gostava de beber o sangue. Era diferente.

E- Diferente por quê?

M- Era diferente. Aí bebi o sangue das nádegas dele, Aí dos outros eu cortei no pescoço.

E- Ele estava morto ou vivo?

M- Morto já. Teve um em Niterói que escapou, eu matei o irmão dele, que tinha cinco anos, enforcando. Ele tava junto com o irmão dele.

E- Você chamou os dois, nesse dia?

M- Foi. O outro tinha doze anos. Aí matei o de cinco anos enforcado e fiquei só com o de doze. Aí meti meu pênis dentro das nádegas do de doze anos, né? Até eu gozar lá dentro, Aí depois bati uma punheta, né? Dentro do rosto dele, Aí gozei dentro do rosto dele, né? Aí levei ele pro meu trabalho, não cheguei a matar ele não.

E- Por quê?

M- Por que tava na hora de eu pegar no trabalho. Aí levei ele para o meu trabalho, que eu distribuía panfleto para vender ouro, com aquele pessoal da rua, né? Mas Aí ele fugiu.

E- Por que você o levou?

M- Por que deu na cabeça de pegar ele de novo depois do trabalho. Eu pensava que ele ia me obedecer, de não fugir, né? Eu ia fazer mais e depois matar ele, de noite. Eu deixei para matar ele de noite, porque tinha que ir para o trabalho. Aí ele fugiu né? Acabou que ele levou a polícia aonde eu tava, disse que eu tinha matado o irmão dele. Aí a polícia me prendeu.

E- Essa foi sua última vítima?

M- Foi, o de cinco anos que matei, mas queria o grande, o pequeno só matei, não fiz sexo não. Eu queria o maior mesmo, o de doze anos.

E- Por que não se interessou pelo menor?

M- Por que ele era muito pequeno. O de doze anos era mais bonito. O rosto bonito, as pernas bonitas.

E- Por que as pernas deles eram bonitas?

M- Por que era novo, lisinha, né?

E- Por que a perna lisinha é bonita?

M- É por que é perna de garoto, não tem pêlo, por que quando é mais velho não é lisinha, já é homem, já. Aí ele levou a polícia lá Aí eu acabei preso.

E- Como você se sentiu nesse dia?

M- Foi um susto para mim, né? Eu ficar preso lá em Niterói. Eles me prenderam por causa disso mesmo.

E- E desde esse dia você está preso?

M- É eu fugi uma vez daqui.

E- Fugiu?

M- É para ir embora. Eu queria fugir.

E- Você pensava em matar?

M- Não, dessa vez não era para matar não. Eu fiquei um mês lá fora.

E- Teve vontade de matar?

M- Não fiz sexo só. Pegava mulher lá na central do Brasil. Eu via os meninos lá.

E- Chegou a levar algum?

M- Não, não tive vontade não. O que eu queria mesmo era ver meu pai lá no Ceará.

E- Por que você queria ver seu pai?

M- Eu tava há muito tempo sem ver ele. Queria ver ele, eu sentia saudades.

E- Por que nesse tempo você não teve vontade de fazer sexo com os meninos e matar?

M- De matar não tinha não. Só de fazer sexo. Não passou essa vontade não.

E- Não passou essa vontade?

M-Não, não passou pela cabeça. Igual ao tempo que fazia essas coisas erradas, que matava os garotos, por que agora tô preso. Aí fui lá para o Ceará de ônibus. Aí lá no Ceará eu apareci na televisão. Aí fui preso e me trouxeram de volta para o Rio. Eu não tenho mais esse desejo de matar eles, mas hoje é só de fazer sexo com eles. Aí tinha uma mulher na central do Brasil, né? Ela era bonita, né? Aí eu convidei ela para ir no motel comigo, né? Ela era bonita, bem branca. Aí paguei cinco reais ao hotel, né? Aí ela chupou meu pênis, né? Tudo, né? Aí botei meu pênis dentro da vagina dela, né? Aí ela ficou sentando em cima do meu pênis bem duro, né? Até eu gozar, né? Aí depois de um tempo ela ficou chupando me pênis até eu gozar dentro da boca dela (*Neste momento, foi preciso trocar a fita*).

E- O que mais?

M- Aí tem pessoas que gostam de garoto novo e bonito, né? Meu caso foi triste, né? Matando e fazendo sexo à força.

E- Por que foi triste?

M- Por que acabei fazendo sexo à força e matando os garotos. Hoje em dia não tenho vontade de matar. Esse de cinco anos foi o último. Mas não fiz sexo com ele não.

E- Você levou a bermuda dele?

M-Não.

E- Por que você trouxe as bermudas dos outros?

M- Por que eles foram diferentes, eu matei. Deixava em casa, escondidas num isopor junto com umas revistas.

E- Revistas?

M- É, revista manchete, veja. Aí deixava bem em baixo, para ninguém saber.

E- Por quê?

M- Por que se ninguém soubesse eu podia fazer mais (silêncio).

E- Você sofreu algum abuso sexual na infância?

M-Quando eu tinha dez anos aos doze anos eu me prostituía, eu morava na rua.

E- O que aconteceu?

M-O rapaz me chamou para eu ir no motel com ele fazer sexo. Ele gostava muito de beijar na minha boca, meu rosto todo, minhas coxas.

E- Como foi para você?

M-Não gostei, mas era para ganhar dinheiro. Aí depois eu comecei a gostar também.

E- De quê?

M- Do sexo. A minha mãe e a minha avó não tinha condições de pagar advogado para mim. Ela vai me visitar lá em Niterói. Aí por exemplo, na hora do julgamento, no Fórum, né? Aí tem o promotor que acusa né? Aí se você tiver dinheiro para pagar advogado, ele te defende, na hora, né? Quem não tem dinheiro para pagar o advogado tem defensor público.

E- Por que se lembrou disso agora?

M- Porque tem o juiz que vai passar a sentença, o veredicto, né? Por exemplo, assalto a mão armada, parece que é quinze anos, né? De morte assim, parece que é trinta anos. Aí quem tem muitos processos... Aí quem tem processos leve de roubo, artigo 55, aí parece que fica cinco anos para ser julgado. Mas quem tem muitos processos de morte, né? Aí fica muito tempo. Aí tem a progressiva, tem outros que saem na sexta feira e volta na segunda. Aí fica um tempo saindo assim, até sair de vez. Eu vim aqui pro Rio para fazer os exames para levar para o juiz para o novo julgamento de outro processo.

E- Como é isso para você?

M- Eles mandam para o juiz, né? Eles chamam para o julgamento de outro processo.

E- Ainda faltam quantos processos?

M- Acho que faltam oito ainda. Fui julgado, parece que em seis, pelo 121 que é de morte e o 214, que é de estupro. Foram estes dois juntos. Eu fico lá nas palestras lá. No fim eles dão a sentença lá.

E- O que você espera naquela hora, da sentença?

M-É melhor ficar aqui do que ir para a prisão. Eu preciso ficar aqui para fazer tratamento.

E- Você se acha doente?

M- Eu tenho uma doença, acho que por essas coisas erradas que fiz, de matar os garotos, né? Acho que fiz isso por causa da doença mental. Eu nunca usei drogas, cigarro também nunca fumei. Nunca usei essas coisas não. Nem bebida alcoólica.

E- Você gostaria de dizer algo mais?

M-Quando eu viajava assim, por exemplo, eu via os garotos bonitos de lá?

E- Das cidades que ia?

M- Era.

E- Você matou algum desses meninos?

M- Nas outras cidades?Não.

E- Por quê?

M - Para matar não. Eu também gostava de ver as garotas bonitas, as mulheres bonitas daqueles lugares.

E- Mas você não sentia vontade, com relação aos meninos?

M- Sentia vontade, né? Mas eu tava só de passagem só.

E- Era diferente?

M- Era, eu tava só de passagem, não ia dar não. Não conhecia lá não. Nenhum lugar deserto por lá não.

E- E se você conhecesse?

M- Aí até dava.

E- Você já pensou em matar algum garoto num lugar que não fosse deserto?

M-Não. Por que eu ia ser pego.

E- O que você fazia quando saía desses lugares desertos, depois de matar os garotos?

M- Eu ia pro trabalho, ou ia para casa. Para ninguém descobrir. Era longe, alguns eu pegava condução.

E- Você saía de casa nessa intenção?

M- Era. Eu ia conversando com os meninos, fazendo amizade com eles. Para eles se sentirem à vontade. No começo eu oferecia para eles um dinheiro para acender vela para São Jorge, era sempre assim.

E- Por que acender vela para São Jorge?

M- Para eles acreditarem que era verdade. Para dar a desculpa para eles me acompanhar.

E- Por que São Jorge?

M-Não tem nada não. Tem um texto que Deus fala num anjo da guarda que é São Jorge, né? Eu sabia de São Jorge da Igreja Católica. Aí também eu vi um menino lá em Belo Horizonte que tinha nove anos. Ele tava lá na rua. Aí eu chamei ele para fazer um sexo oral em mim, foi num banheiro ali por perto, dei dinheiro a ele e ele saiu.

E- Você deixou ele ir?

M- Deixei.

E- E você ficou chateado?

M-É... Não. Eu fui embora. Ele era até bonito. Era moreno.

E- Parecia com os outros que você matou?

M- Parecia. Mas de treze anos para cima eu não matava mais não.

E- Por quê?

M- Por que eu achava que os de quatorze, se eu matasse, eles não iam para o céu não. Eles já não eram mais inocentes.

E- O que é ser inocente?

M- Viver sem pecado, né? Esses outros tinham pecados. Por isso não iam para o céu. Eles já eram adolescentes, maiores, né?

E- Você se preocupava se eles não fossem para o céu?

M- Era. Porque eles iam ficar sofrendo, atormentado. Aí... Nessas viagens, eu ia ver filme de sexo também. Eu ficava excitado. Eu gostava de ver esses filmes também.

E- O que mais gostaria de dizer?

M- Aí... Eu já tô aqui esse tempo todo já. Há mais de quinze anos.

E- Como tem sido esse tempo?

M- É triste ficar preso, né? Mas pessoas que é assim igual a eu é um bom tempo. Uns quinze, vinte anos. Assim, pessoas erradas como eu erro, né? Leva uns vinte, vinte e dois, vinte e cinco anos. Eu já conheci pessoas que era assim como eu. Teve um aqui que chamavam de Pedrão. Disseram que ele matava os meninos e comia a carne dos meninos todos. Aí ele ficou aqui.

E- E o que você acha disso?

M- Mas ele ficou aqui em outro tempo, isso foi há uns quarenta anos atrás. Foi um funcionário que me contou a história.

E- Por que essa história te chamou atenção?

M- Fiquei pensando que uma pessoa assim como eu leva vinte, vinte e cinco anos. Porque os crimes deles foram parecidos.

E- Você teve vontade de comer a carne deles?

M- Não. Nunca passou pela cabeça não. Se eu conseguir ficar em liberdade, eu queria fazer uns cruzeiros marítimos, conhecer Nova York, conhecer Los Angeles, São Francisco.

E- O que você iria fazer nesses lugares?

M- Para passear, conhecer outras pessoas, ir no Japão, conhecer Tóquio. Teve uma época também que eu morei na casa dos meninos.

E- Casa dos meninos?

M- Era um internato da Igreja Católica, os pais deixavam lá. Eles iam para a escola, lá tinha que escovar os dentes. Meus pais me mandaram para lá.

E- Por quê?

M- Para ficar internado lá. Mas eu fugi de lá. Por que eu não gostava de lá. Aí os pais trabalhavam, não tinham onde deixar os filhos, Aí deixava lá.

E- Você passou a infância toda indo morar em vários lugares diferentes, não?

M- Era. Eu não ligava. Eu me lembro que cheguei a trabalhar com meu pai também, num restaurante na Barra da Tijuca, ele era garçom. Ele servia cafezinho, refrigerante. Aí ele me dava cinquenta reais, eu trabalhava dia de sábado. Minha mãe era empregada doméstica. Eu estudei até a quarta série, sei ler e escrever (silêncio).

E- Você gostaria de dizer algo mais?

M- Aí a Sr^a. é doutora, né? Da Universidade, qual Universidade?

E- Numa Universidade em São Paulo.

M- É Psicologia? O que faz a Psicologia?

E- O que você acha?

M- Acho que é para estudar a cabeça das pessoas, a Sra. falou que ia fazer um trabalho no começo para seus estudos.

E- Isso mesmo. Como foi para você essa entrevista?

M- Não achei ruim não, seu nome é Marcela, né?

E- É isso. Bom, agora vamos encerrar a entrevista, gostaria que você lesse este papel, informando sobre a pesquisa, me pergunte se tiver alguma dúvida, e se concordar, pode assinar para autorizar que use sua entrevista em minha pesquisa.

M- Eu li, vou assinar.

E- Obrigada pela sua disponibilidade.

M- De nada.

(Ao entrevistado foram dadas todas as informações necessárias para que conhecesse os objetivos da pesquisa, riscos, benefícios, etc., respeitando a portaria que trata sobre a pesquisa com seres humanos para assinatura do termo de consentimento esclarecido. Ele efetuou a leitura e assinou o termo. Também a Instituição, assinou toda a documentação necessária).

ANEXO 2

Entrevista com FRANCISCO COSTA ROCHA - “CHICO PICADINHO”

Local: MANICÔMIO JUDICIÁRIO DE TAUBATÉ (SP)

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO NA ÍNTEGRA⁴²

E - ENTREVISTADORA

F - FRANCISCO

E - Por que o Sr imagina que eu esteja aqui?

F- Me disseram que você é Psicóloga e está fazendo um estudo (o diretor havia explicado a ele que eu viria, inclusive para saber se estaria disponível para a entrevista).

E - O que o Sr pensa sobre isso?

F- No momento nada! Não penso nada, estou à disposição (irritado)!

E - O Sr pode ficar livre para falar o que quiser, não terei juízo de valores sobre o que falar.

F- Nada de especial vem à minha cabeça, quero dizer que a brisa está agradável, a paisagem, só. Não estou tô com nenhum pensamento especial (silêncio).

E - O que o Sr poderia relatar sobre sua história de vida?

F - É ... mas aí já começa... sob que aspecto?

E - Pode ser sobre o que o Sr desejar

F- Qualquer coisa? Por onde eu começar tá bom?

E - Sim

F- É hum... por onde a Sra. gostaria que eu começasse?

E - Como foi sua infância, como foi o menino Francisco?

F- (Silêncio) É aí já é ir lá nas raízes, né? Desde a infância, né? Olha... sinceramente pra mim não me traz assim, bem-estar, falar sobre a minha infância... é uma coisa que... são lembranças doloridas.

E - Foram momentos difíceis estes que o Sr. viveu?

F - Muitos... muitos (silêncio). Eu tive uma infância pobre e rica ao mesmo tempo, em termos materiais eu tô falando, então, segundo consta, segundo me disseram, eu nasci em condições privilegiadas, meu pai tinha uma situação financeira muito boa, social ... era um dos mandantes do Estado, eu sou do Espírito Santo. Então, vivi muito bem até uma determinada idade, né? Até uns quatro anos e meio por aí, aí houve perdas materiais, financeiras, do meu pai, tal, econômicas, ouve influência por parte da minha mãe, ela adoeceu. Isso aí trouxe uma reviravolta.

E - E então aconteceram essas mudanças?

F- E então eu passei a um outro tipo de vida completamente oposto, minha mãe teve que ser internada em hospital especializado em Minas Gerais, aí eu já fiquei por conta de terceiros, não recebi um tratamento, faltou a parte afetiva, né? A pessoa pega uma criança para cuidar simplesmente para ganhar um trocado, é bem diferente da pessoa que pega uma criança para cuidar, eu sofri... de afeto, de troca de calor humano, tal, a diferença é muito grande. Esse foi um dos primeiros choques, assim (silêncio).

E - Quantos anos o Sr tinha, tinha irmãos?

F - Eu tinha quatro anos e meio, sou filho único.

E -E a pessoa que cuidou do Sr, era alguém de sua família?

F- Não era. Era empregada de meu pai.

E - Quanto tempo o Sr ficou com essa pessoa?

⁴²Os números existentes, ao lado das legendas, são referentes ao tempo, necessários no caso de retorno aos áudios.

F - Quase dois anos, dois anos praticamente (silêncio).

E - E o Sr via sua mãe?

F- É ela retornou. Aí já aquela vida difícil, por que aí meu pai já não tinha mais aquelas condições, para manter a família, até porque ele tinha outra família, né? Por parte de pai, eu tenho seis irmãos, eu sou o sétimo.

E - Como era isso para o Sr, o seu pai ter outra família?

F – É, enquanto criança, isso para mim não queria dizer nada! Mesmo quando jovem também não me dizia nada, até uma determinada idade, né? Aí passou a dizer muita coisa.

E -Dizer o quê?

F - Dizer um monte de coisa, né? Sobre a vida, sobre relacionamento humano, sobre o ser humano, sobre mim mesmo... sobre aquele mito... neurótico, vamos dizer assim, né? Aquela oscilação. A neurose é mais ou menos isso, né? Aquelas guinadas entre uma coisa e outra, né? Ou não?

E – Me explique o que pensa sobre isso.

F - Porque eu sempre fui um crente e um descrente ao mesmo tempo

E -De que?

F - De tudo! (silêncio)

E -O Sr está falando de uma ambiguidade? De crer, de não crer?

F- É ... (risos) .. é de ser ou não ser, aquelas coisas todas (Ele dá uma gargalhada) Eram conflitos, né?

E -Como era para o Sr viver estes conflitos?

F- Olha, sempre foi muito difícil, vencer isso aí, sempre foi muito difícil. 07.58 Talvez eu nem tenha vencido, tenha sido justamente derrotado, por estes x's fatores, externos e internos, dessa coisa toda que veio a resultar num crime, como consequência.

E -Como seria esta relação entre a história da sua vida e os crimes que o Sr praticou?

F- É tudo isso faz parte, disso eu não tenho a menor dúvida quanto a isso. A mente é... tem um provérbio chinês que diz assim: a mente tem um passo ligeiro, mas o coração segue adiante. 09.06 Então ... depende de ser racional em determinado plano e de emoção, sentimento em outro.

E -O Sr fala de planos diferentes, da razão e da emoção.

F- Eu vejo, assim, eu sinto como uma descarga.

E -Como é esta sensação?

F- 09.27Oh... Oh! Era eu ou era ela um dos dois tinha que ir.

E -Um dos dois teria que ir? Como esta sensação surgiu?

F- Ah! Isso aí veio bem posteriormente. Isso não foi, não é, não é um pensamento daquela época, foi um pensamento que veio bem depois, só depois do segundo sacrifício, foi que veio isso.

E -Sacrifício em que sentido?

F- Sacrifício ... foi assim uma espécie de holocausto, parecia fantasia minha, assim, minha, mas é... (silêncio).

E -Sacrifício em benefício de que? Pois um sacrifício vem em benefício de algo, não?

F- É aí é que tá, em benefício de que? Aí a Sra. sabe como é que é, a coisa pode ser vista sob muitos ângulos, muitos pontos de vista, né?. Aí a Sra. pode pegar por um ângulo, mas não é só aquele, pode ser visto por outro. Aí a coisa se perde, ela fica, vamos dizer que ela tenha ido em sacrifício no sentido de ... de revelar algo além, algo além!

E -Que tipo de revelação?

F- Sra.?

E -Que tipo de revelação?

F- Algo além!

E -Além em que sentido?

F- Além do simples existir humano!

E -Além da compreensão humana?

F- Isso mesmo! Por aí! Olha, aí é complicado, a história se complica entende? O meu caso já foi assim diagnosticado por um psicólogo como ... um, um caso de compulsão, um outro já me disse que o meu caso é de rejeição... é compulsão, é rejeição , é... já chegaram até a dizer que o meu caso, era coisa de espírito... então cada pessoa tem um tipo de observação, de análise, agora, eu desde de sempre, há vários anos, não me atenho em nenhum, desse por exemplo que eu acabei de citar, que a Sra. veja bem, tem muita diferença, a Sra. falou que está fazendo um estudo com pessoas que cometeram assassinatos em série. Olha, se eu fosse um *serial killer*, eu não teria assassinado duas mulheres, duas pessoas. Eu teria assassinado umas trinta, cinquenta, umas cem mulheres. Se eu fosse realmente um assassino em série, eu não teria assassinado a minha vítima dentro do meu apartamento. Eu não teria feito isso. Então essa rotulação de assassino em série, de *serial killer*, isso então, essa rotulação eu acho que é uma rotulação abominável!. Eu não aceito isso. Eu matei duas mulheres. Assim como uma pessoa pode sair e matar cinco, seis pessoas, dez e ninguém chamar de serial killer, por que eu sou chamado de *serial killer*?

E -Por que o Sr acha que é chamado de *serial killer*?

F- Não é uma questão de denegrir, veja bem, eu sempre procurei a verdade, em tudo, então faz parte dessa procura da verdade. Aí é que tá, eu acho que essa classificação que se tem, veja bem, cada pessoa é uma pessoa, não existe um ser humano igual ao outro, acho que a Sra. sabe disso, É mais simples, né? É mais fácil para a ciência fazer essa rotulação.

E -O Sr. fala de uma rotulação que a ciência pode fazer, com o uso de manuais, como o Sr. lembrou, não sei se é mais fácil para a ciência, mas, o que importa nesta pesquisa é ouvir o que essas pessoas, inclusive o Sr. tem a dizer, quais as histórias envolvidas nesta situação. Quais são suas ideias, sobre estas experiências.

F- 16.30 Ah! Aí mas... (silêncio, ele me olha profundamente) já começa por aí, numa análise científica ... o livre arbítrio e o determinismo. Existe o livre arbítrio? Existe ... Existe um determinismo? Existe, existe as duas coisas (silêncio). Então vamos dizer... meus atos podem ser analisados, por uma linha de raciocínio do determinismo, não pode? E pelos fatores. E o livre arbítrio, não é?

E -Sim! Qual sua posição diante disso?

F- Então, o sujeito que cometeu um crime e depois outro crime, ele vai continuar sempre cometendo crimes? É um determinismo marcante? Ele nunca vai parar?

E -Foi assim que aconteceu com o Sr.?

F- 18h25Então aí é que está. Se diz, personalidade psicopática! É um psicopata! Eles falam isso ... pelo menos é o que eu entendo. Não há ainda interesse, assim, não há ainda capacidade. Tô aqui falando com a Sra., mas o que está se passando aí na sua mente eu desconheço totalmente, a Sra. também não sabe o que está se passando na minha cabeça, aliás nem eu tô sabendo, tô falando talvez meio, guiado pelo, pela parte inconsciente, é uma coisa, meio, meio nebulosa, assim... o que vem na minha cabeça eu tô falando.

E -É assim que o Sr está sentindo agora?

F- É estou dizendo o que penso, não tô usando um raciocínio assim, que a Sra. quer ouvir história (dá uma gargalhada) também tem isso né? A Sra. veio aqui para ouvir história, a minha história pelo menos, então eu desejo sucesso para a Sra. (Neste momento nos olhamos fixamente) Para que eu possa contribuir de alguma forma para o bem-estar social (Ele chora).

E -Parece que o Sr ficou emocionado agora?

F- É, eu sou emotivo. Eu sou assim.

E -Como se sente diante de alguém que veio até aqui ouvir sua historia? Parece que algumas pessoas já vieram aqui para isso.

F- Seria por aí, mas não exatamente assim, agora, a Sra. tem um interesse, a outra pessoa que esteve aqui teve um outro interesse, já tiveram outras pessoas com interesses variados, já tiveram algumas que se tornaram amigas, na área de psicologia, na área de assistência social, na área médica também, então é relativo tudo isso aí, sobre isso que estou dizendo à Sra. Mas a Sra., como estudiosa, vai chegar as suas conclusões, se guiar pelo manual de psicologia norte-americana, talvez a Sra. chegue a melhores conclusões. E -Por isso que preciso, para realizar meu trabalho, que o Sr fale sobre suas experiências a este respeito, porque meu objetivo não é usar o manual mas compreender a situação a partir de seu pensamento e suas ações.

F - Ah! Não? Parabéns então! É meio complicado, porque é uma coisa mais extensa, se pudesse detectar aquilo que é do interesse da Sra. mais específico seria uma boa Mas acontece que, de repente eu não estou no divã, eu tento...mas passo a estar e falando né? Eu já fiz um pouco assim de... na verdade seria até uma boa, deitar, relaxar, falar um bocadinho de abobrinha, tudo que viesse à cabeça, aliás, eu já tive uma recomendação, não assim verbalmente, mas depois eu vi, por escrito, isso foi uma psicóloga que eu considero muito, uma pessoa ... (chora novamente) foi lá na outra 23m40 instituição, na penitenciária do Estado, antes de eu vim para cá. Por determinação do juiz eu fiz um exame, não sei se a Sra. teve acesso a isso, mas se não teve vai ter, tem uma cópia aqui, tem a parte de estudo social, que eu vi, um estudo psicológico e a conclusão, então essa psicóloga, Magali, até gostaria de uma hora entrar em contato com ela, escrever, tomar um café, ela me deu um tratamento super profissional, fiz um teste... aquele Rorschach, aquele da pirâmide, já tinha passado também por outros exames. Enfim, um estudo psicológico, e ela apresentou aquela análise que ela fez e tal e eu olhei e disse, poxa isto é incrível, como ela conseguiu me ver assim, eu me identifiquei. É extenso ela fez o diagnóstico, falando da minha problemática e tal e concluiu, porque ela fez o diagnóstico e também o prognóstico, né? E ela concluiu, lamentando que o sistema prisional não tivesse local adequado para determinados tipos de análise e que no meu caso seria bem possível o trabalho de análise comigo, para que eu tivesse contato com as raízes de minha problemática, né? Do meu problema e tivesse uma vida mais saudável, mas como o sistema prisional não oferecia essas condições, provavelmente, em condições semelhantes às anteriores, eu voltaria a cometer homicídios.

E -Parece que o Sr. identificou com aquelas palavras?

F- Foi sim, agora, antes de eu vim para aqui, eu tô aqui desde 1995, minha pena tá vencida desde o dia 07 de junho de 1998, de interdição, agora eu tive que fazer uma nova perícia, desta vez com todos os atendimentos, previsto em lei, fizeram até uma sacanagem, mas isto é outra história, para que em definitivo seja visto e analisado em determinados pontos, da periculosidade, enfim, minha problemática, para uma eventual desinterdição.

E -Como o Sr. sente diante disso, sua problemática, esta questão da interdição?

F- 28h23 Olha é o seguinte, eu não sou bom, também não sou mal, eu posso tanto ser bom como mal, posso ter tantos motivos para salvar uma pessoa como para matá-la, isso aí eu sei, que é da na minha natureza e até aceito isso aí, convivo com isso.

E -Convive com isso?

F- Convivo! Até porque venho me dedicando ao estudo do taoismo, da filosofia taoista. Tem sempre ... ele diz que o ser humano tem o lobo e o cordeiro, mas seria que o bom ou a sabedoria seria a não permitir que o lobo devore o cordeiro e que o cordeiro não amanse o lobo, certo? Nada disso, simplesmente um homem é capaz de coisas boas, mas conforme as circunstâncias, conforme o momento, qualquer momento, mas cheguei a estas conclusões e absolvi o ser humano.

E -Que conclusões o Sr chegou até esta absolvição?

F- Que o ser humano é inocente!

E -Baseado nesta ambiguidade?

F- Aí é que está a problemática, tá? Essa ambiguidade é determinada, pelo o que? Por um monte de coisas, pelo próprio existir humano, por que eu estou aqui, para onde eu vou, de onde eu vim.

E -Dentro desta filosofia, onde se encaixam as pessoas que foram assassinadas?

F- As pessoas que foram assassinadas? É... como vitimas né? De um sacrifício.

E – Qual sua concepção de sacrifício?

F- 31.33 Uma coisa da qual a gente abre mão, certo?

E -Abre mão?

F - Abre mão, por exemplo como a gente abre mão de um bem, pode ser pessoal ou uma outra pessoa

E -Neste caso, o Sr abriu mão de quê?

F- Aí é que tá! Falar de sacrifício é uma coisa meio assim ... meio cartesiano, talvez tenha um pouco de fantasia, poesia, né? Ostentação, sei 32.27 lá, não sei mesmo, com certeza é brutal, animal, não resta a menor duvida, agora porque se deu desse jeito, brutal. Aí é que tá.

E -Como o Sr se sente diante deste aspecto animal e brutal e desta fantasia?

F- É .. aí é que tá, quer dizer, ou era eu ou era ela

E -Elas tiveram que morrer para o Sr viver?

F- Isso ! Isso! Exatamente. Ou era eu ou era ela (silêncio)

E -Como um sentimento de morte, de finitude?

F- É... era eu ou ela (silêncio). [Ele não fala mais sobre o tema]

E -Como foi no dia? O que o Sr sentiu? O que aconteceu naquele dia?

F- Naquele dia? Bem há certas coincidências entre o primeiro e o segundo e também muitas diferenças, então por exemplo, no primeiro crime, no primeiro delito foi de tal jeito, em tais circunstâncias que eu não tinha, posteriormente, após a prática, entendimento do que havia acontecido, porque havia acontecido, era uma interrogação muito grande que me acompanhou até eu cometer o segundo crime, aí clareou.

E -34.03O que clareou?

F- Por aí eu tive consciência, de mim, do que eu tava fazendo, só que eu não tinha domínio.

E- Domínio sobre seus atos?

F- Isso! ao passo que no primeiro eu não tinha consciência plena, era tudo muito nebuloso (silêncio). [Não fala mais sobre o tema].

E -Como era sua vida naquela época?

F- Era uma vida boemia, noturna, com muitas amizades, amizades noturnas, era uma vida assim, louca, neurótica, sexo por compulsão. O sexo para mim não era bem um prazer, era um tormento, era algo assim dissociado, então eu tinha uma busca, neste sentido, como qualquer outro relacionamento assim normal, tinha facilidade por um motivo ou por outro, porque era um negocio ... muito louco, então eu usava bebidas, usava drogas, tinha uma vida noturna, vamos dizer como uma forma de escape, como forma de fuga, fuga no caso de mim mesmo, mas para onde a gente vai a cabeça vai junto.

E -Do que o Sr fugia?

F- Dos meus problemas, das minhas neuroses, a gente descarrega, em alguma coisa né? A gente procura alguma coisa para se distrair. Um vai ao cinema, outro vai a igreja rezar. Se fosse em outro caso, se eu fosse um homem de fé talvez eu procurasse através da fé, enfim, em outras condições (silêncio).

E -O que é ter fé? [Ele chora, permanece em silêncio]

E -36.26Como o Sr conheceu aquela primeira moça?

F- Na mesma noite, no mesmo dia.

E -Como tudo se deu naquele dia?

F- Olha, eu nem sei exatamente (silêncio). Olha, nem sei exatamente, era uma companhia, nem sabia o que ela fazia, só vim saber depois. Era uma mulher com a qual eu fiquei no meu

apartamento, só que ela era uma mulher conhecida do pessoal com o qual eu estava, fiquei por ali trocando umas ideias aquela coisa toda, de um quarto fomos para outro, depois para outro, beber, comer, aquela coisa toda e até que ...

E -O que aconteceu?

F- 37.40 Morreu de tal jeito que ficou aquela interrogação, morreu de que? Podia ser estrangulamento, podia ser esganadura, ninguém nunca chegou a uma conclusão sobre a causa da morte, ficou em tal estado, que nem a chave eu sabia onde estava, a chave do quarto. Era uma sala, quarto, banheiro, nem a chave do quarto eu sabia onde estava, eu abri a porta pela dobradiça, por ali que eu abri a porta, para sair de dentro do quarto, por aí a Sra. vê como eu estava.

E -Do que o Sr se lembra?

F- Deixei marcas, tirei aquele pino da dobradiça, o Pedro (amigo) disse que depois a policia fotografou, tirei para poder descolar a porta e depois fiquei várias horas para procurar a chave do meu apartamento, para poder sair de lá de dentro, eu não sabia onde que tava.

E -Como o Sr se sentia naquela hora?

F- Eu não tinha noção, agora eu usava bebida alcoólica, também usava anfetaminas na época, né? Aí tudo isso se somou, se bem que diziam que o traumatismo também podia levar ao esquecimento, sei lá, tudo por conta disso aí. Eu sofri um traumatismo, de leve, quando fui atropelado. Por um carro na Ipiranga com a Rio Branco, por ali, coisa rápida, só que impressionante, interessante no momento do atropelamento eu me lembrei da minha vida desde o dia que eu nasci até aquele 40.17 momento, interessante isso, como é que pode? Eu só sei que fui atropelado por um DKW- Vemag. Era um dia chuvoso, de madrugada, eu tava lá com uns companheiros, uns amigos da vida noturna, não sei o que deu na cabeça que eu disse: vou lá em casa para trocar de roupa, eu trabalhava no comércio, como representante-corretor, então eu usava terno, gravata, pasta, aqueles negócios todos. Quando chegava de noite eu já me transformava, num boa, botava uma roupa, sabe como é que é? Bem a vontade, tal

E -Qual era a sensação dessa transformação?

F- Era, eu me transformava, negócios já era! (Ele dá uma gargalhada). Pasta já era, compromisso já era, eu agora vou me divertir, ia para farra, que tanto podia terminar naquela noite como podia terminar depois de dois ou três dias, isso aí, enquanto tivesse dinheiro para gastar, enquanto eu tivesse oportunidade, na hora que tivesse estourado fisicamente ou financeiramente, aí sim nesse momento esquecia meus problemas, o álcool leva a pessoa, a pelo menos naquele momento, a pessoa sai fora, faz aquela amizade, fica no há, há, há, mas é tudo falso. 42.51 Eu me sentia feliz só naquele momento, eu era infeliz.

E -Fale sobre esta infelicidade

F- 43.05 Claro, era tudo falso, no sentido de dar risada que nem um idiota, deixar compromissos as vezes para ganhar dinheiro, quantas vezes eu fiz isso! Marcava compromisso para o dia seguinte para ganhar dinheiro, deixava de ir porque tava bêbado ou porque tava drogado ou porque fazia farras no meu apartamento, enfim, se eu tivesse naquela de ter um objetivo, um ideal, um sonho, né? Acho que eu não tinha sonhos, vai ver que era pela falta de sonho, é isso ...falta de sonho.

E -Como se dá esta falta de sonho?

F- É que nem um animal, que nem... sabe como é que é? Não leva a nada, a não ser à destruição.

E -44.00 Que nem um animal predador?

F- É aí já é o crime em si, né? Eu tô falando da vida noturna, o ambiente que eu frequentava, a bebida, as companhias, a pessoa perde sua posição social, os lugares, eu frequentava um circulo boêmio, eu não tinha um bom relacionamento, embora em termos de educação, de cultura eu não tivesse a altura deles, mas talvez por uma questão de sorte nos negócios eu saía para gastar, para comprar, não tinha sentido assim de ter filhos, escrever livros, entende?

Convivíamos na noite, numa loucura. Você sabe um bancário pode ficar até x horas porque não vai trabalhar as oito horas da manhã, vai trabalhar de meio dia, 45..48 uma hora da tarde, outro era advogado. Naquela época eu era corretor de imóveis, e eu tinha sorte, hein? Se eu tivesse assim um sonho, um objetivo e tal, eu certamente teria me tornado outro homem.

E -Porque faltava o sonho, objetivo?

F- Aí é que tá, eu não via sentido na vida em si, sabe? No existir humano, não tinha construção de sentido, eu não encontrei parece que a vida realmente tem um sentido, a vida é para ser vivida, não é para ser questionada, faz parte, vocês da psicologia, tem uma corrente que fala a respeito disso.

E -46.58 O Sr fala de um existir animal e de um existir humano

F- É animal, no bom sentido, mas também não era. O crime foi um ponto culminante a Sra. entende? Aquilo foi enchendo, enchendo, enchendo, uma gotinha é suficiente para transbordar, certo, mas precisa ver tudo isso aqui, para então chegar a essa gotinha. Não é só despejar uma gotinha aqui (aponta para o copo de água sobre a mesa) que vai fazer transbordar, é um somatório dessas coisas todas, então analisar essa gotinha e dizer foi isso, foi aquilo, sim e o que levou essa gotinha a cair? Foi essa água toda que está aqui.

E -48.00 Havia uma força, uma condição no Sr. há muito tempo se formando, é isso que o Sr. quer dizer?

F- Isso! Havia coisas que foram se somando no meu imaginário, na minha vida em si, tem certas coisas que juntam, por exemplo, na área da literatura tem em comum, mas ao estilos diferentes, primeiro tem o Dostoiévsky, Crime e Castigo, que me impressionou bastante, eu li assim numa noite, naquela noite eu não quis saber de nada, nem de bebida, nem de mulher, só Dostoiévsky, se bem que foi uma mulher que havia fornecido o livro para mim, era uma namorada que eu tinha, russa, por sinal, o irmão dela tinha uma biblioteca vastíssima.

E -Por que esse livro específico?

F- Tinha um motivo especial, eu me identifiquei ali na hora com um personagem, hora com outro, a Sra. leu Crime e Castigo?

E -Sim, li.

F- 50.00 O Raskólnikov, a Sonia, os personagens eu me identifiquei, com eles.

E -Como era essa identificação?

F- Não sei, vou lá saber por que, eu sentia o que sentia, a natureza do ódio do Raskólnikov e tal, da irmã dele que ia casar, mas não ia casar por amor, da mãe, da velha judia, usurária, que vivia de juros, tal da filosofia em si de Napoleão, ousar ou não ousar, quantos homens Napoleão levou a morte? Quantas famílias destruiu? Quantas vidas ele tirou? (Silêncio) Por que ele não podia tirar uma vida se ele não tinha um objetivo nobre (silêncio) A Sra. leu não precisa eu entrar em detalhes, né? E a Sônia que era a mulher mais pura que ele encontrou (chora), era uma prostituta. Não tive a sorte de encontrar uma Sônia.

E -Como seria se tivesse encontrado?

F- Eu estaria salvo (sussurra), não estaria assim. Foi amor que faltou, (chora) vê como sou emotivo? É um problema sério.

E -Faltou amor?

F- 52.48 Ah! Certamente, sem dúvida, desde o começo faltou, principalmente saber o que é o amor, que até hoje eu não sei... eu sei o que não é, mas o que é eu não sei (chora). Mas isso não me incomoda mais hoje em dia.

E -Não mais hoje?

F- Porque eu cheguei num entendimento tal que ... entende? Eu fui deixando me influenciar por aquilo, aquilo que era contrário ao amor

E -O que era contrário ao amor?

F- O ódio por exemplo, o horror, o ressentimento ... a frustração, eu acho que tudo isso tem relação.

E- O Sr faz alguma relação destes sentimentos com sua história de infância?

F- Ah sim, tem relação sim (silêncio). O meu pai por exemplo... Ah! O meu pai! Olha, ele era um tipo sanguíneo, forte, era culto, meu pai era maçom, dono de um monte de coisas, um homem bastante ativo.

E- Ele era afetivo?

F- Não, não era desse tipo não, era guerreiro, sabe como é que é? Gostava de beber, isso ele gostava e de gastar, comer, beber, era com ele mesmo.

E- 55.42 Como era o relacionamento de vocês?

F- Lembranças de papai eu tenho poucas, até os quatro anos e meio era mais próximo, depois eu estive com ele uma vez... umas... três, quatro vezes, muito pouco. A vida dele desandou, ele não tinha mais posses, para custear, para bancar, enfim, ele sofreu um impacto, né? Então ele abandonou inclusive o Espírito Santo, foi para o Rio de Janeiro, aonde tava a primeira família, mas também não ficou com a primeira família, ficou sozinho. Eu tive no apartamento dele uma vez e... se bem que ele dizia que era pobre mas tava morando em Ipanema, não era tão pobre, assim! Eu morava com minha mãe, agora sim, com a minha mãe eu morava na pobreza, na porca miséria, ela já é falecida. Sabe como é uma porca miséria?

E -Como é?

F- 57.26 Tem alguma coisa que possa ser mais ... do que uma porca miséria? (ele ri). Do que uma porcária? Minha mãe buscou me dar uma educação brilhante, só que ela não tinha condições de bancar de uma forma sistemática, e até porque também eu já era uma criança endiabrada.

E -Como assim, endiabrada?

F- Estudar não era comigo! E ... meu negocio, na época, era ... o que eu gostava de fazer era andar no mato, eu adorava andar no mato, gostava, eu sempre gostei.

E -Como o Sr. se sentia, andando no mato?

F- Eu gostava, sempre gostei, eu via cobra, lagartos, queria mais era ver esses bichos, via, observava, tal. Fui escoteiro, mas era uma vida muito chata, muito certinha, eu era indisciplinado, eu gostava de andar no mato e gostava de andar por onde eu quisesse andar, gostava de fazer o que eu quisesse fazer, não ficar sob ordens, isso era muito chato. Eu gostava de ver essas coisas, gostava por exemplo de ver um mamão maduro, aí eu não queria saber de quem era o mamão, eu ia lá e pegava, para mim era um presente, uma jaca mole, jaca dura, jaca manteiga, uma manga, manga espada, manga rosa, de preferência espada, bom, nem lavava nem nada, só subia na árvore e pegava.

E- Era um prazer?

F- 1.0.25 Oh! Um caju, araçá, tudo enfim, uma cana, jogava numa pedra, ela racha e o resto vai no dente. Isso aí era uma coisa boa, enfim. Eu passava lá o dia inteiro, saía de manhã e voltava para casa já tarde.

E- E na adolescência?

F- Na adolescência, um.... um tanto quanto, aí tinha outra atração que era o mar, gostava do mar, pescar, mergulhar, pegar um siri, um caranguejo, mergulhar bastante, ninguém mergulhava mais do que eu!

E - Qual era a sensação?

F- Gostosa, nossa! Mergulhava até! O mar deixa a gente mergulhar, né? Aventuras, esse tipo de coisa, da minha infância eu tenho alguns momentos felizes, só que assim, de pouca comunhão, assim, com outras pessoas.

E - Era solitário?

F- As vezes solitário, as vezes não, tanto fazia, eu ia, quem quisesse me acompanhar na caminhada, eu ia!

E - O Sr. tinha amigos?

F- Sempre tive, (chora) eu sempre tive amigos, até hoje (chora, silêncio, nos olhamos firmemente)

01.02.48 F- Um olhar firme!

E -Eu tenho um olhar firme?

F- É ... um olhar profissional , né? Então ... De querer ver além. A boca tá falando mas será que lá por dentro também tá falando a mesma coisa? Ou lá por dentro é outra coisa?

E -O Sr. está falando sobre seus sentimentos?

F- É... essa parte emotiva é que, a Sra. entende? Esse impulso assim, até hoje, eu vejo que não é uma coisa permanente. É uma coisa que eu estou sujeito, como um curto-circuito, não há uma programação, a Sra. entende? Daí porque essa parte de serial killer não ser bem visto devido a isso. Eu sou capaz de dar a vida para salvar uma pessoa, mas também, sou capaz de tirar a vida de uma pessoa. Só que do jeito que eu fiz, eu dou como encerrado, o problema é que os outros não dão como encerrado.

01.04 M -O Sr. me fala de duas possibilidades, o que fez o Sr. ser capaz de matar?

F- Aí eu tô me referindo no aspecto potencial, mas isso, no meu caso, representa uma anormalidade, lógico, eu não posso me considerar uma pessoa normal. Seria absurdo demais, né? Se eu me achasse uma pessoa normal. Eu considero anormalidade a minha vida pregressa, boa parte dela, né? A Sra. veja bem, com relação ao segundo delito, sabe quem deveria estar em cana no meu lugar? Deveria ser o psicólogo, o psiquiatra, eles é que deveriam estar no meu lugar! (Ele foi liberto após cumprir a pena referente ao primeiro crime e depois cometeu o segundo, sendo preso pela segunda vez).

E – O que o faz pensar assim?

F- Porque eles erraram!

E- Erraram?

F- Aí é que tá! Não sou eu que tô dizendo, pega o documento referente à tipologia criminal previsto no Instituto de Psicologia Criminal, que não existe mais, veja o parecer que me deram quando eu pedi comutação da pena, quando eu pedi progressão do regime, quando eu pedi a liberdade condicional, a Sra. vai ver porque e como eles erraram. Eles não viram a minha problemática! (Irritado). Então se a Sra. pegar, lá vai dizer 01.07.53 taxativamente, não é palavra minha, é o que tá escrito lá: nenhum vestígio, ou melhor, nenhum indício de psicopatia, de personalidade psicopática, inteligência superior à média, com relação à população em geral, me deram como portador de conflitos não superados e profundamente neurótico, não me negaram nada, pedi comutação individual e deram, passei por esses exames todos, pirâmide, Rorschach e eletroencefalograma, mais de uma vez, tal, favorável. Remoção de Bauru, em regime semiaberto, favorável. Quando eu pedi a liberdade condicional, um dos conselheiros, do conselho penitenciário de São Paulo, pediu parecer da psicologia, não sei se ele era médico, ele deve ter farejado alguma coisa, esse negocio tá meio... pediu, deu favorável de novo e eu saí em condicional. Só que dois anos e meio depois cometo outro delito com as mesmas características do anterior, então é lógico que quem faz uma coisa dessa não é normal (silêncio). A Sra. entende? A culpa é toda minha, não vou dizer que não, mas por esse ângulo, por esse ponto de vista, quem deveria tá preso aqui eram eles, não eu. Por que soltaram a fera? Por que 01.10.10 soltaram o monstro? Por que soltaram o psicopata? Não viram a fera? Não viram o monstro? Não viram o psicopata? E olha que eu tinha interrogação. Eu perguntei isso para a minha psiquiatra, quando eu... se bem que a gente não devia estar em lugar nenhum, por que no final ninguém tem culpa de nada! Em última análise ninguém tem culpa, mas se fosse o caso, tinha que dividir a pena, por que ... aí então o primeiro psiquiatra me perguntou: o que o Sr. acha que o Sr. tem? Coisa de louco! Eu respondi assim. Primeira entrevista minha com o psiquiatra, no Instituto de Psicologia Criminal, ele arregalou os olhos, ajeitou o óculos, acendeu um cigarro, ficou me olhando, tal e depois disse, deixa eu pedir uns exames aqui, para esclarecer melhor, depois a gente conversa. Aí eu fiz eletroencefalograma,

fiz o teste de Rorschach, o da pirâmide, tinha um outro, um questionário, com mais ou menos umas duzentas perguntas, para responder só sim ou não. Me chamou de novo, aí depois o outro psiquiatra do regime semiaberto me chamou e tal e disse, tudo bem, mas não vai beber não, hein. Só um *whiskizinho* né doutor? Não nem *whisky*.

E -E esses dois anos em liberdade, como foram?

F- Casei! Descasei! Fiquei pouco tempo.

E -Não deu certo?

F- 01.12.33. Aí é.... (dá uma gargalhada) já um outro capítulo, é um outro capítulo (silêncio). É não tendia a dar certo, né? Bom, sei lá se tendia ou não tendia, tem coisas que a gente domina sobre certos acontecimentos, certas coisas da vida, tem coisas que também a gente não tem, né? Então ocorreu coisas assim, agora, me casei com quem eu bem deveria me casar, uma moça que me acompanhou, na Casa de Detenção, na Detenção do Estado.

E -O Sr. disse que se casou com quem deveria

F- É eu a conheci antes de ser preso, antes do crime, tive relacionamento com ela, conheci, uma vez, duas, a deixei de lado por verificar que ela era uma moça... direita... Eu me afastei para não prejudicá-la, porque eu já tinha feito algumas besteiras, tinha, é... desvirginado uma outra moça, não ia repetir isso daí, principalmente com ela, né? Além do que ela era também russa, já tive umas três namoradas russas, eu gosto da alma russa!

E -O que tem a alma russa?

F- Tem, é diferente a alma russa (silêncio, ele chora), é um povo... Eu tava na detenção, né? Aí deram uma ideia do... entrou um judeu, em cana, né? Isso faz muitos anos, ele ia fugir no aeroporto, deu uns tiros lá, três tiros num cara, não matou, mas foi preso, em cana, passou uns dias lá e ele tinha bem mais idade do que eu, era a minha primeira prisão. E nós ficamos na mesma cela, na detenção chama xadrez, era coletiva, tinha uns doze, quatorze, por aí. Então a gente conversava, gostava de jogar xadrez, e... ele contava coisas muito... da vida dele, né? Estado de Israel, passando pela Rússia, época de guerra, da segunda guerra, tal. Ele contou algo que diz bem do comportamento do russo e do norte-americano, disse que quando entrava em determinados campos de concentração, quando libertavam, via o pessoal tudo com fome, gritavam, fome! Fome! Fome! Então já vinha a ordem do russo, mata um boi! Aí o pessoal se deu conta, aí o pessoal se deu mal, porque comeram demais, né?, Era aquela fartura, né? Aí já o americano dizia: não pode comer agora! Vai fazer mal! Dois comportamentos, então o russo tem isso, ele tem uma coisa que é... ele é capaz de 01.16.53 matar e se jogar contra a vítima e chorar, só que ele matou, é uma coisa assim, de guerra, de crença, de descrença.

E -Seria uma identificação com a vítima?

F- Sei lá, eu sei que eu gosto da alma russa. Noites brancas, leu essa coisas? Recordação da casa dos mortos (nomes de livros).

E -Não, não li

F- 1.17.49 Onde estávamos? Ah sim, eu tava falando sobre o livro, o atendimento no Instituto de Psicologia Criminal, o casamento, eu não vou entrar em detalhes, senão a Sra. vai passar um mês aqui! (sorri). O que aconteceu? Não deu certo, né? Aí eu ... retornei, pro mesmo caminho, aí tropecei na mesma pedra, algo de estúpido né? Mas, o que ocorreu? Eu, anormal, quis me tornar uma pessoa normal. Eu procurei me auto 01.19.30 podar, né? O que a sociedade faz nada mais é do que isso, podar o ser humano desde a hora que nasce, o que ele vai viver, o que ele não vai viver, o que ele vai fazer, o que não vai fazer, o que é certo, o que não é certo. Acontece que eu não pensei nesse ponto, assim mesmo não foi normal, a minha infância não foi normal, a minha juventude não foi normal, a minha vida adulta não foi normal! Eu me violentei! Se tivesse dado certo, tudo bem, acontece que não deu! Dificuldade de se enquadrar nos moldes da sociedade, e ver isso como uma violência.

E -O Sr. fala que se violentou para tentar entrar nos moldes da sociedade, o Sr. , em algum momento, se sentiu violentado também?

F- Sim, pelas circunstâncias. É uma violência, né? Me violentaram, né? Era uma violência diária, de manhã, de tarde, de noite, em todos os sentidos.

E -Em que sentido?

F- (Ele chora e não responde)

E -Como era o relacionamento com sua mãe?

F- O relacionamento com a minha mãe era um relacionamento problemático.

E -Ela era agressiva?

F- Não, ao contrário! Minha mãe me nunca bateu, sabe essas pessoas, que nunca gritam, nunca falam alto? (chora) Só que meu relacionamento com ela sempre foi assim a desejar, já com características até ... (não completa a frase) tem a ver com minha avó? Sabe como é que é? Historia pregressa é com a minha avó, que eu sei.

E -O que tinha ela?

F- É onde começa minha história, (sua voz fica aqui agressiva) porque o estilo de vida, a vida da minha avó, tal, influiu sobre a vida da minha mãe, que por sua vez influiu sobre a minha.

E -Que estilo era esse?

F- Minha mãe sempre teve aversão pelo casamento, tanto que ela não casou, teve um companheiro dela, por mais de trinta e cinco anos, nunca se casou, com meu pai também não, com outros que ela conheceu também não. É um trauma, alguma coisa que tem a ver com a vida da minha avó. Foi, a minha avó, ela se casou com treze anos, só que ela se casou, na verdade ela foi comprada, depois ela ficou viúva, pelo menos dois ela conseguiu levar pro brejo, né? (dá uma gargalhada), ficou viúva duas vezes, o homem era muito bem de vida, era governador, sabe como é que é, desgraçou com a minha avó, ela tinha treze anos, se casaram, tiveram cinco filhos, aí ele faleceu. Minha avó ficou bem, só que depois ela se casou com um que era o contrario do primeiro. Então minha mãe não via com bons olhos o casamento, mas também, sei lá, não posso dizer muita coisa, porque não conheci a minha avó direito. Lembro dela de uma forma assim... só sei que ela se casou com quem ela não queria se casar. A minha mãe, não sei exatamente porque, no caso, mas ela tinha aversão a casamento, não sei se ela queria manter a independência, sei lá. Oportunidades ela 1.25.02 teve, varias só que ela nunca quis. Então também para mim, incluía isso, uma noção negativa sobre casamento, nunca vi com bons olhos o casamento.

F- (continua) Aliás nem hoje, independente de ter papel assinado, independente de bênção do padre, é lógico que os papeis são necessários, para se ter direitos, uma serie de coisas, mas assim mesmo eu casei, eu tive uma filhinha, 1.17.49 Onde estávamos? Ah sim, eu tava falando sobre o livro, o atendimento no Instituto de Psicologia Criminal, o casamento eu não vou entrar em detalhes, se não a Sra. vai passar um mês aqui! (sorri). O que aconteceu? Não deu certo, né? Aí eu tropecei num mesmo caminho, na mesma pedra, algo estúpido né? Eu, anormal, queria me tornar uma pessoa normal. 1'25''56''' Então eu casei. Aí conheci outra menina. Eu tenho um filho também. Tenho uma menina... (chora).

E -O senhor os vê?

F - Não. Minha filha eu não vejo já faz mais de dez anos.

E -Mas teve contato com eles?

F - Com a minha filha?

E -Sim.

F - Tive. Ela vinha aqui.

E -Ela vem até hoje?

1'26''23''' F – Não, aqui não, mas ela na Penitenciária do Estado, também na Detenção. A mãe dela tentou me acompanhar mesmo assim. Eu é que brequei.

E -Por quê? 1'26''46'''

F - Isso é vida para oferecer a alguém? (Silêncio) Aí ela saiu fora e deixou de vir. (Silêncio) Fora a menina eu tenho um menino, só que aí é com outra mulher.

E -Também não tem mais contato com ele?

F - Não. E esse pirou. “1’27’46””

E -Ele o quê?

F - Pirou. Ta lá em Franco da Rocha.

E -Ele cometeu um crime?

F - Não! Foi para as drogas e infelizmente conheceu o crack e estourou a moringa (no sentido de enlouquecer).

E -Já faz muito tempo?

F - Faz um tempinho. Já teve na detenção, já teve na Penitenciária, passou por aqui só ficou 45 dias e mandaram ele para lá.

E -E como é que o senhor se sente com isso?

F - Com a história dele? (Silêncio) O que é que a gente pode fazer, né? (Silêncio) Agiram de um modo que deram tudo para ele, menos um pai (silêncio). Vê só como são as coisas. Sempre ouvi dizer que criança em cadeia isso aí não eram bom, não sei o quê... Eu tenho dois exemplos: o da minha filha, outro do meu filho. Minha filha sempre me visitou. A partir de determinada idade a mãe levou, tal e logicamente ia na Penitenciária, na Detenção ela continuou indo, outra penitenciária continuou indo, vim para cá e ela continuou vindo.

E -O Sr acredita que este contato fez diferença?

F - É o que estou dizendo, eles afastaram ele de mim e olha no que deu! (silêncio). 1’29”41””
Minha filha se formou

E -E ela é o quê?

F - Ela se formou em jornalismo. Fez estágio numa ‘multinternacional’ (sic), ganhou bolsa de estudo em inglês, já conhece a Europa. Que eu saiba ela já teve lá duas vezes, talvez já tenha ido mais vezes. É inteligente, inteligente. Minha filha é... (chora). Já o menino, a família (silêncio) isolou. E a família por parte de mãe é classe média bem, sabe como é? Lá do Cambuci, tal. Ele tem o quê... três tios e mesmo assim a mãe dele levou para ‘mim’ (sic) conhecer lá na Detenção, na época. Só que aí a família veio atrás e isolou. Não deixaram o menino retornar e tal. A mãe acabou pirando. Então eu deixei quieto o contato com ele, para não provocar a ira da família (1’31”32””), já que a mãe dele tava sob a custódia da família dela. Conclusão: o menino se tornou rebelde, a certidão de nascimento, onde é para constar o nome do pai dele, ta lá pai ignorado (silêncio). E foi crescendo com esse juízo, aí foi para as drogas, nessa de droga, tal, acabou indo para o furto. Furtou, cadeia. Aí foi indo, foi indo. Tá preso por causa de um toca-fitas de carro, vê só?! Por causa das drogas, por causa do crack (silêncio). Viu a diferença? A menina foi na cadeia e... O menino não, não vai... coisa e tal. (Silêncio) nem só de pão vive o homem, né?

E – Há muitas outras coisas?

F - Sem dúvida. Olha, eu me sinto bem (1’33”07””). (Silêncio) Muito bem comigo mesmo, tô tranquilo.

E -O senhor tem algum arrependimento das coisas que se passaram na sua vida?

F - Lógico que tenho. Só que não vou ficar nisso, vivendo todo dia em espera de tormento, de arrependimento. Tudo isso é masoquismo. O homem não precisa se arrepender toda hora, não precisa de... (silêncio). Senão ninguém... Vai viver de arrependimento? Vai viver de lamento? Vai viver do passado? (Silêncio) Isso não funciona.

E -E como está sendo o seu presente?

F - O meu presente é ativo. Primeiro a levantar sou eu, faltando cinco minutos para as cinco horas da manhã. Vou ver a vista na janela, lavo o rosto, tomo um copo de água, faço um pouco de física.

E -E o amanhã?

F - Como assim?

E -E o amanhã?

F - Amanhã (1'34"34'')? Nem quero saber do amanhã. Me interessa o hoje, o agora, esse momento. O amanhã... Daqui a meia hora não sei o que pode me acontecer. E nem quero saber também. Só sei que estou preparado para tudo (silêncio) para tudo, até para morrer mesmo, para morrer agora. Beleza, tá tudo certo. Se for pra morrer, beleza. Isso não é indiferença. Isso é a minha forma de encarar... (silêncio).

E -(1'35"10'') O senhor quer dizer mais alguma coisa? Perguntar alguma coisa?

F - Por mim mesmo, não.

E -Eu poderia vir aqui outras vezes?

F - Aí depende da senhora, porque papo nós temos até mais ou menos fim do ano (risos) e aí pode sobrar, ficar até para o carnaval.

E -O senhor gostaria, então? Poderia vir outras vezes?

F - Aí eu deixo com a senhora. Para mim é até uma boa... Desabafo, exorcismo.

E - Como o Sr se sentiu durante a entrevista?

F- Falo um monte de abobrinha, coisa que dá para aproveitar, coisa que não dá para aproveitar. Só que eu tô sendo natural, sincero, não quero enganar ninguém. É isso aí (1'36"05'') Talvez se eu estivesse aqui fazendo um teste pra ir embora, anos atrás eu ficaria com respostas prontas, entende? E no meu caso, não. A dona Edna disse que a senhora viria, tal, tudo bem. Não me preparei nada sobre o que vou falar, sobre o que vou deixar de falar, nada disso, normal. Só pedi pra ela que avisasse, com um pouquinho de antecedência, para trocar de roupa porque as vezes eu fico com uma roupa mais... mais de briga, a senhora sabe como é que é? Por que eu costuro bola, tomo conta de biblioteca...

E -Eu soube que o senhor pinta também

F - Pinto. Na medida do possível eu procuro pintar. Aliás, o que eu mais gostaria de fazer seria isso, só que... não tem condições no momento aqui pelo ambiente. O ambiente da custódia dá a desejar (1'37"05''). Já teve melhor. É... houve uma rebelião de louco aqui entende? E a coisa ficou tudo... entende? Até voltar tudo ao normal demora um pouco. O sistema prisional tá entupido, tá lotado. É uma das coisas desumanas que tem é o sistema prisional brasileiro. (1'37"37'') Uma fábrica de criminosos. O PCC nasceu aqui, no anexo. Criação do Estado. O Estado é que criou. Não, não é palavra minha não. É palavra de quem entendeu, se aprofundou nessas causas. Agora, o que tá acontecendo no Rio de Janeiro, esse negócio todo, tem até um livro a respeito, falando sobre tudo isso aí e o que tá acontecendo lá no Rio de Janeiro, o autor previu isso tudo. O homem parece um profeta. Previu. Acorda Brasil! Aqui, por exemplo, o Geraldo Alckmin negou. Não, não existe crime organizado em São Paulo. Você chegou a ouvir isso? Que não existia crime organizado. O governador disse isso. Tudo veio provar o contrário. Os caras tão até derrubando helicóptero. É isso....

E -(1'39"40'') Bem, Sr Francisco, eu não vou mais tomar o seu tempo hoje.

F - Pelo contrário. A senhora está preenchendo o meu tempo. Já que eu não sou visitado, a vinda da senhora aqui é uma visita, né? Uma troca... a Sra. é uma pessoa que eu sinto que... (silêncio) é humana (chora).

E -Como o senhor também é.

F - É... mas em mim já é mais difícil ver meu lado humano, né?

E - O Sr tentou mostrar sua humanidade no que disse, não?

F- Tomara eu tenha conseguido. Obrigado. É. O Francisco, o Chico. Ou conhecer os dois, né? O Chico Picadinho (1'41'00'') e o Francisco. É, porque eu tenho que aceitar, né? Ele é o outro, não posso condenar o outro. Ao contrário. Se o outro não for feliz, eu posso não posso ser.

E -É um impasse do senhor? A felicidade deste “outro” que o Sr fala é diferente da sua?

F - É. A forma de ser feliz... (silêncio). Eu vejo a senhora assim e sinto que vou lá para o norte, lá para o Recife

E -Então o senhor acertou mesmo.

F - Ah, é? É de lá?

E -O senhor conhece Recife?

F - Não. Conheço uma pessoa de lá. É o sotaque, a voz. Ela era do Recife, mais precisamente de Exu.

E -Exu, interior. Terra de Luiz Gonzaga. Quem foi essa pessoa? Amiga?

F - (silêncio) Olha é um problema. Ela é de uma família muito poderosa. Tem duas, né? É uma das... Só não vou dizer qual é, né? (risos)

E -Foi uma pessoa importante na sua vida?

F - É, de fato foi. Aliás, na minha vida e eu na vida dela. Ela sofreu transformações, porque os costumes de lá, né? Então ela veio aqui para São Paulo em férias. Essas férias que duram meses. E tinha parentes em São Paulo, capital, parentes bem classe média, né? E aí nós nos conhecemos. Na época eu estava desempregado, tinha sido demitido da Gessy Lever e recebi uma boa indenização, né? Aí a gente se conheceu e fomos curtir, né? Ela de férias, eu cheio da grana (risos). Aí ficamos curtindo, curtindo, curtindo, aí aconteceu, né? Ela era virgem, né? E acabamos também conhecendo outras pessoas, parentes dela, que eram de lá, né? Que ficaram cientes, até pelo nosso tipo de comportamento, nosso dia-a-dia, tal, perceberam que ali tinha acontecido alguma coisa. Então o retorno para ela... Pô, ela queria me levar para lá, disse que não precisávamos casar no civil, só no religioso.

E -E casaram no religioso?

F - Nem no civil, nem no religioso. Naquela época eu lá queria saber de casamento... Eu tava com 20, 22 anos de idade.

E -E ela voltou para Exu?

F - Voltou. Só que ela não morava em Exu, era a família dela. O trabalho dela era em Recife. Ela era funcionária pública lá em Recife. Duas famílias. Só que eu não vou falar o sobrenome... Ela era de uma dessas duas famílias. Aí ela veio de mala e cuia para São Paulo.

E -Para ficar com o senhor?

F - E aí não ficamos. De São Paulo fomos para o Rio de Janeiro e no Rio de Janeiro nos separamos. Eu fui bem cruel com ela, eu fui bem... Fiz ela chorar

E -Então ela o amou?

F - Eu não sei bem. Isso aí foi em 1963 (silêncio).

E -O senhor tem quantos anos hoje?

F - Quase 70. Tô com 67. Mais para lá do que para cá (1'46''48'''). Faz muito tempo. Os costumes mudaram, não sei se ainda tem disso por lá, mas na época era forte. Ela queria, se eu quisesse. Mas eu não pensava nisso, casar... Essas coisas... A senhora entende? Eu não tinha essa programação, essa intenção. Eu lamento por ela, por que eu sei que ela ficou numa situação difícil. Ela não voltou para Pernambuco. Ela ficou no Rio de Janeiro mesmo, alugou um quarto numa pensão lá em Copacabana. A gente se despediu na beira do mar, para a senhora ter uma ideia. Ela não falava nada, só chorava (silêncio) É... Espero que ela tenha dado um jeito, ficado feliz, né? Eu fiz muita desgraça... Quer dizer, se bem que isso aí não é bem uma desgraça, mas... Sei lá, eu não forcei, né? Ela quis... Mas que ela já veio de lá para cá com essa ideia... Não sei... Mas senti isso aí. Eu senti. Não senti na época, né? Senti depois. A senhora entende? Eu já estou com uma idade, assim. Acho que velho gosta de contar história, né? Tem a ver com a idade, né? Eu to numa idade assim que as vezes o pensamento pega. É, e me atormenta (1'48''51''') (silêncio). Aí eu peço perdão, entende?

E -Pede perdão a quem, Sr. Francisco?

F - Pra pessoa. Pra tudo. Peço perdão. Só não peço para Deus porque não acredito nele (1'49''15''') (silêncio). Pelo menos do jeito que ele nos é apresentado, né? Que há algo além eu sei que existe. Isso aí... (silêncio) lógico que existe. Não teria nenhuma lógica achar que não existe. Lógico que existe, agora o que é, como é, isso aí não vem me dizer que alguém sabe por que eu não acredito. Ninguém sabe e é bom mesmo que não saiba. Se não complica,

né? Se não começa a fazer comércio, tal. Aliás, o comércio é feito, né? A Igreja Universal que o diga. O Papa também que o diga. E outras mais. Comércio. É ilusão também, né? Isso aí é no mundo inteiro, não é só aqui, né? No mundo todo. Os hindus também, com aquelas lá de faquir, de ioga, tudo bobeira. Pois é....

E -Ok, Sr. Francisco. Eu agradeço novamente sua disponibilidade para esta entrevista.

F - Ok.

E -Eu acho que para a minha pesquisa, talvez seja necessário um outro encontro, se for o caso, o Sr está de acordo?

F - Lógico. É um prazer. Quando quiser, a hora que quiser. É, porque senão fica incompleta, né? Tem que ver a parte boa, a parte que já não é muito boa, né? Porque eu também não vou querer... não sou nenhum santinho, né? (1'51"44")

E – Parece que o Sr está falando do Francisco e do Chico Picadinho, das ambiguidades que o Sr falou durante a entrevista, é isso?

F - Isso. O lobo e o cordeiro... (silêncio).

E -Esse antagonismo, a gente poderia falar sobre isso para ajudar na minha pesquisa, acho que seria muito interessante.

F - Tudo bem, eu tô à disposição da senhora, nesse sentido da senhora assim, entende? Fazer sua pesquisa, fazer seu doutorado. Eu, naquilo que eu puder... né? Com a minha história, com o que eu posso dizer. Agora é lógico, é o tal caso (1'52"36") o que é mais importante... É aquilo que não é dito. Tem sempre uma coisa que... né? Que a pessoa não diz, não consegue dizer. É tem sempre um bloqueio, né? Uma coisa que por dentro da gente, né? As vezes o próprio eu assim, tal, diz vê aí senão você vai se desestruturar (1'53"13"), vai...

E -Tem um medo de se desintegrar?

F - É, de desintegrar é um risco também, pode deixar a gente meio reticente... quer dizer uma coisa, acaba dizendo outra (1'53"48") Aí como diria o Cristo, né? Mais coisas vos diria se as suportasse. Tá escrito isso, né?

E – Há coisas que não podem ser ditas ou não podem ser compreendidas, não é?

F - Então, tem esse aspecto todo aí, isso é um problema, mas podemos falar disso um outro dia.

E -Sim, talvez sim. Até mais Sr Francisco.

F- Até mais.

(Ao entrevistado foram dadas todas as informações necessárias para que conhecesse os objetivos da pesquisa, riscos, benefícios, etc., respeitando a portaria que trata sobre a pesquisa com seres humanos para assinatura do termo de consentimento esclarecido. Ele efetuou a leitura e assinou o termo. Também a Instituição, assinou toda a documentação necessária).

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título provisório do projeto: As dimensões do ataque pulsional na constituição de subjetividade dos assassinos seriais (título provisório)

Grau: Tese de Doutorado

Pesquisador: Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro, Psicóloga Clínica, Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. Luís Cláudio Figueiredo

Solicitamos que você leia este documento e tire qualquer dúvida que surgir antes de concordar em assiná-lo para fazer parte do estudo.

Estou ciente que o estudo tem por objetivo pesquisar como se formam os processos psicológicos e de personalidade de pessoas que cometeram assassinatos em série, a partir dos relatos de suas experiências.

Aceito participar deste estudo, que tem por procedimento, a realização de uma ou mais entrevistas, relatando minha história de vida, até a execução dos homicídios em série e as repercussões desses atos para minha vida atualmente.

Fui devidamente informado que estudo tem o risco de gerar certa fragilidade emocional, dado o relato da história de vida e dos assassinatos praticados, por este motivo, o pesquisador se responsabiliza em disponibilizar atendimento psicológico caso necessário. Fui informado que a pesquisa tem o benefício de contribuir para o conhecimento científico, em um estudo inédito no Brasil sobre o tema.

Estou ciente de que a confidencialidade dos meus relatos será garantida, inclusive poderá ser utilizado um nome fictício que preserve minha identidade, se assim eu o desejar. Os fatos relatados serão utilizados apenas para a atividade científica em questão.

Minha decisão em participar desta pesquisa é autônoma, podendo desistir desta participação a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer consequência para mim na Instituição. Recebi uma cópia deste documento.

- ☐ Autorizo que a entrevista seja gravada em áudio, para garantia da fidedignidade dos relatos.
- ☐ Não autorizo que a entrevista seja gravada em áudio.

Eu li todas as informações. Eu tirei minhas dúvidas e recebi respostas satisfatórias. Eu consinto em participar do estudo.

Assinatura: _____

Local: _____ Data: ____/____/____

Testemunhas: _____

Pesquisador responsável:

Eu, *Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro*, responsável pelo projeto “As dimensões do ataque pulsional na constituição de subjetividade dos assassinos seriais” (Título provisório), declaro que obtive espontaneamente o consentimento do entrevistado para realizar este estudo.

Tel. de contato.: (011) 35691131 – E-mail: kmarcela@oi.com.br

Assinatura: _____

Local: _____ Data: ____/____/____